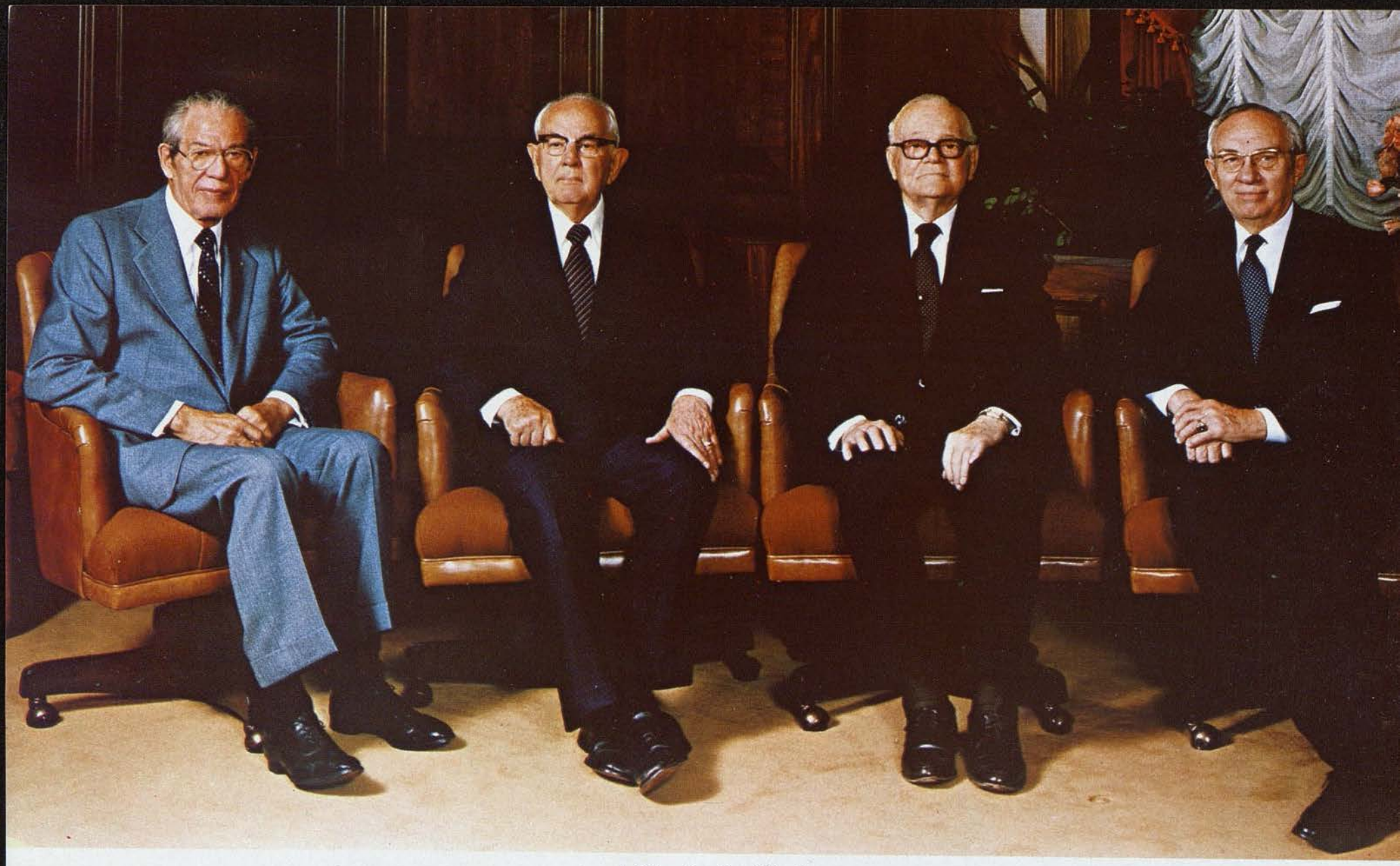
A Liahona • 35/2 FEVEREIRO 1982

A Liahona







A Primeira Presidência:

(a partir da esquerda) Presidente N. Eldon Tanner, primeiro conselheiro; Presidente Spencer W. Kimball; Presidente Marion G. Romney, segundo conselheiro; e Presidente Gordon B. Hinckley, conselheiro.

(a partir da esquerda) Presidente N. Eldon Tanner, primeiro conselheiro; Presidente Spencer W. Kimball; Presidente Marion G. Romney, segundo conselheiro; e Presidente Gordon B. Hinckley, conselheiro.

Relatório da 151.ª Conferência Geral Semi-anual de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Sermões e procedimentos dos dias 3 e 4 de outubro de 1981, no Tabernáculo da Praça do Templo, Cidade do Lago Salgado, Utah.

Membros e líderes da Igreja procedentes do mundo inteiro voltaram a reunir-se na Cidade do Lago Salgado, no histórico Tabernáculo da Praça do Templo e outros edifícios adjacentes, para a 151.ª conferência geral semi-anual de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Entretanto, neste outono, as sessões dos dias 3 e 4 de outubro foram marcadas pela ausência do Presidente Spencer W. Kimball, décimo segundo presidente da Igreja, que ainda continuava no Hospital SUD da Cidade do Lago Salgado, onde se internara no dia 4 de setembro.

Foi a primeira conferência geral desde outubro de 1969, quando o Presidente David O. McKay não pôde comparecer à conferência geral por motivos de saúde, que se realizou sem a presença do Presidente da Igreja.

Todas as sessões da conferência de outubro de 1981 foram presididas pelo Presidente N. Eldon Tanner, primeiro conselheiro na Primeira Presidência, e dirigidas por ele e pelos presidentes Marion G. Romney, segundo conselheiro, e Gordon B. Hinckley, conselheiro.

Estiveram presentes todas as Autoridades Gerais, com exceção do Presidente Kimball e dos élderes G. Homer Durham e Theodore M. Burton, ambos hospitalizados, e do Élder F. Burton Howard, que preside atualmente a Missão Uruguai Montevidéu, na América do Sul.

Nesta conferência, não houve o costumeiro seminário para representantes regionais; contudo, está programado um para a conferência geral de abril de 1982.

Como no passado, a íntegra ou partes das sessões da conferência geral foram transmitidas em numerosos idiomas para todos os cantos do mundo.

Na noite de 26 de setembro, uma semana antes da conferência, realizou-se no Tabernáculo a reunião geral da Sociedade de Socorro, a qual foi transmitida para diversos locais do mundo.

GM
M205.5
L694PO
v.35
1982

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley

CONSELHO DOS DOZE:
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell

COMITÊ DE SUPERVISÃO:
M. Russel Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee
F. Enzio Busche

EXECUTIVO DO «INTERNATIONAL MAGAZINE»:
M. Russel Ballard, Editor;
Larry A. Hiller, Editor Gerente;
David Mitchell, Editor Assossiado;
Bonnie Saunders, Sessão Infantil;
Roger Gylling, Desenhista.

EXECUTIVO DE A LIAHONA:
Gelson Pizzirani, Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado, Editor;
Victor Hugo da Costa Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque, Supervisor de Produção.

Índice por Assunto

Os assuntos a seguir foram abordados nos discursos que começam na página indicada:

Adoção de criança, 155
Apostasia, 118
Auto-respeito, 159
Caridade,38,141,153,159,165,176
Casamento, 148
Castidade, 125
Desafio, 17
Dever, 92
Exemplo, 139
Família, 141, 148, 153, 155, 192
Fé, 38
Felicidade, 17
Força Espiritual, 46
Jesus Cristo, 12
Juventude, 72
Kimball, Spencer W., 34
Liberdade, 78
Milagres, 62
Misericórdia, 129
Morte, 28
Mulheres, 191
Obediência, 42, 78, 118
Obra Missionária, 88, 122
Perseverança, 92
Profetas, 112
Reativação, 50, 97
Ressurreição, 28
Restauração, 83, 107, 133
Revelação, 20, 24
Sacerdócio, 54, 62, 67
Smith, Joseph, 107, 133
Soc. de Socorro,179,185,188
Solidariedade, 97
Testemunho, 6, 20, 24, 122

Oradores desta conferência por ordem alfabética:

Abrea, Angel, 42
Asay, Carlos E., 118
Ashton, Marvin J., 159
Benson, Ezra Taft, 107
Boyer, Marian R., 188
Bradford, Willian R., 88
Clarke, J. Richard, 141
Didier, Charles, 92
Dunn. Paul H., 125
Faust, James E., 133
Haight, David B., 97
Hales, Robert D., 34
Hanks, Marion D. 129
Hinckley, Gordon B., 6, 72, 178
Hunter, Howard W., 20
Kikuchi, Yoshihiko, 122
Komatsu, Adney Y., 38
Larsen, Dean L., 46
Maxwell, Neal A., 12
McConkie, Bruce R., 83
Monson, Thomas S., 28
Packer, Boyd K., 54
Perry, L. Tom, 67
Petersen, Mark E., 107
Peterson, H. Burke, 62
Randall, JoAnn, 153
Randall, Nyle, 155
Richards, LeGrand, 50
Romney, Marion G., 24, 165
Scott, Richard G., 17
Smith, Barbara B., 148
Tanner, N. Eldon, 139
Thomas, Shirley W., 185

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o nº 1151 - P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP.* Preço da assinatura anual para o Brasil: *Cr$ 200,00* para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea: US$ 10,00. Preço de exemplar avulso en nossa agência: *Cr$ 20,00.* As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta e impressa por Bandeirante S.A. Gráfica e Editora, Rua Joaquim Nabuco, 351 - Fone 4523444 - São Bernardo do Campo - S.P. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração, Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.

FOTOGRAFIAS DESTE NÚMERO: As fotografias são dos Serviços Fotográficos do Departamento de Comunicações Públicas: Eldon K. Linschoten, fotógrafo-chefe; Jed A. Clark e Jon T. Lockwood, retratando neste número numerosas atividades genealógicas bem com cenas da conferência.

ÍNDICE

1 **Relatório da 151ª Conferência Geral Semi-Anual** 1

2 SESSÃO MATUTINA DE SÁBADO
Apoio dos Oficiais da Igreja 5
Certeza: A Essência da Religião, Presidente Gordon B. Hinckley 6
"Ó, Divino Redentor", Élder Neal A. Maxwell 12
O Plano de Felicidade e Exaltação, Élder Richard G. Scott 17
Tempo de Conferência, Élder Howard W. Hunter 20
"Aquele Que Não Nascer de Novo...", Presidente Marion G. Romney 24

3 SESSÃO VESPERTINA DE SÁBADO
Ele Ressuscitou, Élder Thomas S. Monson 28
Exemplos da Vida de um Profeta, Élder Robert D. Hales 34
A Luz do Evangelho, Élder Adney Y. Komatsu 38
As "Pequenas Coisas" e a Vida Eterna, Élder Angel Abrea 42
A Força do Reino Está Dentro de Vós, Élder Dean L. Larsen 46
Preparai-vos, Élder LeGrand Richards 50

4 SESSÃO DO SACERDÓCIO
O Sacerdócio Aarônico, Élder Boyd K. Packer 54
Ministério do Portador do Sacerdócio Aarônico, Bispo H. Burke Peterson 62
"Se Estiverdes Preparados, Não Temereis", Élder L. Tom Perry 67
Quatro "Dicas" para Rapazes, Presidente Gordon B. Hinckley 72
A Perfeita Lei da Liberdade, Presidente Marion G. Romney 78

5 SESSÃO MATUTINA DE DOMINGO
"Quem Deu Crédito à Nossa Pregação?", Élder Bruce R. McConkie 83
Santificação pelo Serviço Missionário, Élder William R. Bradford 88
Seguir ou Não Seguir, Eis a Questão, Élder Charles Didier 92
De Pessoa para Pessoa, Élder David B. Haight 97
Joseph Smith: O Profeta de Nossa Geração, Presidente Ezra Taft Benson 107

6 SESSÃO VESPERTINA DE DOMINGO
Segui os Profetas, Élder Mark E. Petersen 112
Oposição à Obra de Deus, Élder Carlos E. Asay 118
"Minhas Ovelhas Ouvem a Minha Voz", Élder Yoshihiko Kikuchi 122
Ensinar o "Por quê", Élder Paul H. Dunn 125
Minha Especialidade É Misericórdia, Élder Marion D. Hanks 129
A Florescente Herança de Joseph Smith, Élder James E. Faust 133
Lembrai-vos de Quem Sois, Presidente N. Eldon Tanner 139

7 SESSÃO DE BEM-ESTAR
O Amor Vai Além da Conveniência, Bispo J. Richard Clarke 141
Um Lugar Seguro para o Casamento e a Família, Barbara B. Smith 148
Ser Feliz Servindo ao Próximo, JoAnn Randall 153
Fortalecer-se Servindo, Nyle Randall 155
Dar com Sabedoria para Que Possam Receber com Dignidade, Élder Marvin J. Ashton 159
Princípios Ativos de Bem-Estar, Presidente Marion G. Romney 165

8 REUNIÃO GERAL DA SOCIEDADE DE SOCORRO (26 de setembro de 1982)
"A Caridade Nunca Falha", Presidente Gordon B. Hinckley 175
A Sociedade de Socorro em Épocas de Transição, Barbara B. Smith 179
Uma Oportunidade de Aprendizagem Constante, Shirley W. Thomas 185
A Sociedade de Socorro no Bem-Estar, Marian R. Boyer 188
O Lugar Honroso da Mulher, Presidente Ezra Taft Benson 191

9 AUTORIDADES GERAIS DE A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

10 DISCURSOS DA CONFERÊNCIA CORRELACIONADOS COM O CURRÍCULO DA IGREJA

Sessão Matutina de Sábado -
3 de outubro de 1981

Apoio dos Oficiais da Igreja

Presidente Gordon B. Hinckley

Conselheiro na Primeira Presidência.



É proposto que apoiemos Gordon B. Hinckley como conselheiro na Primeira Presidência. Todos a favor, queiram manifestar-se; se alguém discordar, que se manifeste.

É proposto também que apoiemos o Élder Neal A. Maxwell como membro do Quorum dos Doze Apóstolos. Todos a favor, queiram manifestar-se; se alguém discordar, que se manifeste.

É proposto ainda que apoiemos o Élder G. Homer Durham como um dos presidentes do Primeiro Quorum dos Setenta. Todos a favor, queiram manifestar-se; se alguém se opuser, que se manifeste.

Com exceção dos irmãos que acabamos de apoiar, não houve nenhuma modificação nas Autoridades Gerais desde a última conferência. É proposto, portanto, que apoiemos todas as Autoridades Gerais e oficiais gerais da Igreja, conforme presentemente constituídos. Todos a favor, queiram manifestar-se. Se houver alguém contrário, manifeste-se pelo mesmo sinal. Obrigado.

Certeza: A Essência da Religião



Presidente Gordon B. Hinckley
Conselheiro na Primeira Presidência

"Foi a certeza que levou avante esta Igreja em face à perseguição, ridículo, sacrifício material e afastamento de entes queridos."

Suponho que jamais houve mais generosa efusão de amor do que a expressa pelo Presidente Kimball, nosso profeta. Unidos, como povo de um só coração e voz, damos graças ao Senhor por suas bênçãos e oramos pela plena recuperação do Presidente Kimball.

Oramos igualmente pelos élderes G. Homer Durham e Theodore M. Burton que estão hospitalizados, e reconhecemos a ausência do Élder Burton Howard, atualmente presidindo a missão no Uruguai.

Meus irmãos e irmãs, gratos por vosso dedicado serviço em prol dos filhos de nosso Pai, seja onde for. Agradecemos vosso esforço para aqui comparecer. Oro que amanhã, quando nos separarmos, todos sintamos que fomos alimentados com o pão da vida. Faço a mesma prece pelos que ouvem as transmissões desta conferência.

Gostaria de externar nosso apreço pelos que nos dão acesso aos meios de transmissão pelo rádio, televisão e cabo. É um serviço grandemente apreciado por centenas de milhares de pessoas.

Estamos agora ampliando o milagre da transmissão via satélite, em benefício dos membros da Igreja em todos os Estados Unidos. Com o término de uma nova instalação nas montanhas, uns poucos quilômetros ao norte da Cidade do Lago Salgado, o som e imagens desta conferência são transmitidos a um satélite receptor-transmissor que gira quase trinta e seis quilômetros acima do Equador. Depois de ampliados, são dali retransmitidos para antenas receptoras instaladas em sedes de estaca em várias partes do país. Estes centros ainda são poucos, mas, nos próximos dezoito meses, tais instalações serão aumentadas para quatrocentas ou quinhentas, possibilitando que grande parte dos membros da Igreja nos Estados Unidos assistam às conferências gerais nesses centros de estaca, ou então em casa, pelo rádio, televisão ou cabo.

Tendo em vista o crescimento da Igreja, jamais conseguiríamos edificar um auditório suficientemente espaçoso para acomodar todos os membros desejosos de participar das conferências num só lugar. Tampouco o permitiriam as sempre crescentes despesas de viagem. A ciência forneceu-nos um meio mais viável. Confiamos que, à medida que se expande a obra do Senhor, ele inspirará aos homens meios que permitam à congregação da Igreja ser aconselhada de maneira pessoal e íntima por seu profeta eleito, estejam onde estiverem. A comunicação é o nervo que liga a grande família da Igreja. Com os meios de comunicação disponíveis e mais os que se

vislumbram no horizonte, seremos capazes de conversar uns com os outros, segundo as necessidades e condições do momento.

Espero que me perdoeis falar-vos de coisas pessoais por alguns minutos. Foi na conferência de outubro, vinte anos atrás, que fui apoiado como membro do Conselho dos Doze Apóstolos, depois de haver servido durante dois anos e meio como assistente dos Doze. Esses anos todos foram momentosos, durante os quais quatro grandes e inspirados líderes presidiram a Igreja — David O. McKay, Joseph Fielding Smith, Harold B. Lee e Spencer W. Kimball. Anos em que a Igreja se expandiu extraordinariamente pelo mundo inteiro; anos em que milhões de membros foram acrescentados; anos, também, em que vozes fortes se levantaram contra nós. Fomos criticados, mas essas críticas de modo algum prejudicaram o progresso da obra. Pelo contrário, fizeram muitos se levantarem em nossa defesa e apoio, e em alguns casos fizeram nosso número crescer.

Para mim, pessoalmente, foram anos de desafio, repletos de preocupantes responsabilidades e experiências recompensadoras. Tive oportunidade de encontrar-me com santos pelo mundo afora. Estive em vossos lares em muitas partes do mundo, e quero agradecer-vos por vossa bondade e hospitalidade. Tenho estado em vossas reuniões e ouvido vossas declarações de fé e testemunho. Chorei com alguns de vós e regozijei-me com as realizações de muitos. Minha fé aprofundou-se, meu conhecimento cresceu, meu amor aos filhos de nosso Pai aumentou onde quer que fosse.

Recentemente tive oportunidade de viajar pela República Popular da China e pelos países do leste europeu, inclusive a Rússia. Meu coração enterneceu-se com o calor da boa gente em toda parte por onde andei. Todos são filhos do nosso Pai Celeste. É verdade que existem imensas diferenças políticas e ideológicas, mas, no fundo, as pessoas são idênticas. Todos são filhos e filhas de Deus, tendo no coração basicamente os mesmos anseios. Os maridos amam sua esposa, as esposas o marido. Os pais amam os filhos, e os filhos os pais. As mentes reagem às mesmas verdades, se tiverem oportunidade de ouvi-las. Falando do povo em geral, ele deseja paz, não guerra; deseja fraternidade, não conflitos; deseja a verdade, não propaganda. A nós cabe a grande e imperiosa responsabilidade de pregar o evangelho eterno aos povos da terra. Muitas portas continuam fechadas para nós, mas estou convencido de que o Senhor as abrirá no devido tempo, desde que busquemos e oremos constantemente por essa abertura e estejamos preparados para dela tirar proveito. Não conheço especificamente a programação da obra do Senhor, mas sei que devemos ocupar-nos zelosamene nela.

Durante os mais de vinte anos que sirvo como autoridade geral, tenho observado de uma forma muito pessoal e íntima a portentosa expansão e o fortalecimento da obra em alguns dos grandes países da Ásia. Atualmente contamos com bem mais de cem mil membros, com fortes alas e estacas em terras em que há vinte e cinco anos atrás mal sonhávamos entrar. O Senhor, agindo à sua misteriosa maneira, destravou essas portas e tocou o coração do povo. O mesmo processo está acon-

tecendo hoje em outros países. Estou convencido disso, ainda que o progresso seja aparentemente quase imperceptível.

Remontando a esses vinte anos, sou grato pelo grande desenvolvimento da obra do Senhor.

Agora, recebi uma nova designação. Aprecio a confiança do Presidente Kimball e dos presidentes Tanner e Romney, bem como dos meus irmãos do Quorum dos Doze, Setenta e Bispado Presidente. Meu único desejo é servir lealmente onde quer que sou chamado. Agradeço aos muitos irmãos pelas gentis e generosas expressões concernentes ao meu novo chamado. Este chamado sagrado tornou-me cônscio de minhas fraquezas. Se tiver ofendido alguém em qualquer ocasião, peço desculpas e espero que me perdoe. Seja um encargo breve ou longo, prometo meus melhores esforços dados com amor e fé.

Faço um apelo para que haja compreensão entre nosso povo, tolerância de um para com outro, e perdão. Todos nós temos muito o que fazer para desperdiçar nosso tempo e energias com críticas, censuras e ofensas ao próximo. O Senhor ordenou a este povo: "...em todas as tuas orações, em todas as tuas exortações e em todas as tuas ações, fortalece os teus irmãos." Este é o mandamento inequívoco; segue a maravilhosa promessa: "E eis que eu estou contigo para sempre te abençoar e te livrar." (D&C 108:7-8.)

Bem, se puder ser guiado pelo Espírito, gostaria de tratar de um outro assunto. Há pouco tempo, nesta cidade, falou um eminente jornalista do Leste. Eu não o ouvi falar, mas li a reportagem sobre o que disse. É citado como tendo dito: "A certeza é inimiga da religião." Estas palavras induziram-me a profundas reflexões. Certeza, que defino como completa e total segurança, não é inimiga da religião, mas sua própria essência. Certeza é convicção. É o poder da fé que se aproxima do conhecimento — sim, que até se torna conhecimento. Ela evoca entusiasmo e não existe coisa melhor que o entusiasmo para vencer oposição, preconceito e indiferença.

Jamais se construíram grandes edifícios sobre fundamentos incertos. Grandes causas nunca tiveram sucesso com líderes vacilantes. O evangelho exposto sem certeza jamais convenceu alguém. A fé, que é a própria essência da convicção pessoal, sempre foi e sempre terá de ser a raiz de toda prática e empenho religioso.

Não havia incerteza alguma na mente de Pedro quando o Senhor lhe perguntou: "E vós, quem dizeis que eu sou?

"E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo." (Mat. 16:15-16.)

Tampouco houve qualquer vestígio de dúvida da parte de Pedro, quando o Senhor, pregando à multidão em Capernaum, afirmou ser o pão da vida. Muitos discípulos, não aceitando este ensinamento, tornaram para trás e já não andavam com ele.

"Então disse Jesus aos doze:
Quereis vós também retirar-vos?

"Respondeu-lhe, pois, Simão Pedro: Senhor, para quem iremos nós? Tu tens palavras de vida eterna.

"E nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo, o Filho de Deus." (João 6:66-69.)

Após a morte do Salvador, teriam seus apóstolos perseverado, ensi-

nando sua doutrina e até mesmo dando a vida nas mais penosas circunstâncias, se houvesse neles alguma dúvida com respeito a quem representavam e a doutrina de quem estavam pregando? Não houve falta de certeza da parte de Paulo, depois de ter visto a luz e ouvido a voz na estrada de Damasco, a fim de perseguir os cristãos. Por mais de três décadas, depois disso, ele devotou o tempo, as forças, a vida à difusão do evangelho do Senhor ressurreto. Sem ligar para o conforto ou segurança pessoal, ele viajou pelo mundo conhecido da época, declarando que "nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor." (Rom. 8:38-39.)

Executado em Roma, Paulo selou com a morte seu testemunho final da filiação divina de Jesus Cristo.

O mesmo se deu com os primeiros cristãos que, aos milhares, suportaram a prisão, torturas e morte para não renegar sua declarada crença na vida e ressurreição do Filho de Deus.

Teria havido qualquer Reforma, sem a certeza que impeliu à bravura os grandes vultos como Lutero, Huss, Zwinglio e outros semelhantes?

Como foi em outros tempos, é também na era moderna. Sem certeza da parte dos crentes, qualquer causa religiosa perde o vigor, a força propulsora para expandir sua influência e cativar o coração e afeto de homens e mulheres. Pode-se argumentar sobre princípios teológicos, mas é impossível refutar um testemunho pessoal aliado à ação. Esta dispensação evangélica, da qual somos beneficiários, iniciou-se com a gloriosa visão em que o Pai e o Filho se mostraram ao jovem Joseph Smith. Tendo tido tal experiência, o rapaz contou a um dos pregadores de sua comunidade. Este tratou a comunicação "com grande desprezo, dizendo que tudo aquilo era obra do diabo, que não havia tais coisas como visões ou revelações nestes dias". (Joseph Smith 2:21.) Outros fizeram coro com ele. Joseph tornou-se alvo de forte perseguição. Dizia ele, porém, notai bem suas palavras: "Eu tinha realmente visto uma luz, e no meio da luz vi dois Personagens, e eles em realidade falaram comigo; e ainda que perseguido e odiado por dizer que eu tivera uma visão, entretanto era a verdade; e enquanto eles me perseguiam, injuriando-me e dizendo toda espécie de falsidades contra mim, fui induzido a dizer em meu coração: Por que me perseguem por dizer a verdade? Tive realmente uma visão; e quem sou eu para opor-me a Deus? Ou, por que pensa o mundo fazer-me negar o que realmente vi? Porque havia visto uma visão, eu o sabia, e compreendia que Deus o sabia, e não podia negá-lo, nem ousaria fazê-lo." (JS 2:25.)

Não há qualquer falta de certeza nesta declaração. Para Joseph Smith, a experiência foi tão real como o calor do sol ao meio-dia. Ele nunca esmoreceu ou vacilou em sua convicção. Ouvi seu testemunho posterior do Senhor ressurreto:

"E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o testemunho, último de todos, que nós damos dele: que ele vive!

"Pois vimo-lo, mesmo à direita

de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai;

"Que por ele, por meio dele, e dele, são e foram os mundos criados, e os seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus." (D&C 76: 22-24.)

Tão certo estava ele da causa que defendia, tão seguro do seu chamado divino, que os colocou acima da própria vida. Com presciência de sua morte iminente, rendeu-se aos que o entregariam indefeso nas mãos do populacho. Ele selou seu testemunho com o próprio sangue.

E assim foi com seus seguidores. A gente não encontra nenhuma evidência, sequer um resquício de que a certeza era inimiga da religião na vida e atos deles. Vez após vez deixaram casas confortáveis, primeiro em Nova York, depois no Ohio e Missouri, mais tarde em Illinois; e mesmo depois de chegarem a este vale, muitos deles partiram mais uma vez, para estabelecer colônias numa grande área do oeste dos Estados Unidos. Por que? Porque tinham fé na causa de que faziam parte.

Muitos morreram nessas longas e penosas jornadas, vítimas de doenças, intempéries e brutais ataques dos inimigos. Uns seis mil foram enterrados algures entre o Rio Missouri e o Vale do Lago Salgado. O amor à verdade valia-lhes mais que a própria vida.

E assim tem sido desde aí. Anotei estas belas palavras, quando o Presidente David O. McKay as proferiu alguns anos atrás:

"Tão absoluta quanto a certeza que tendes em vosso coração de que esta noite será seguida pelo alvorecer do amanhã, é a minha convicção de que Jesus Cristo é o Salvador da humanidade, a luz que dispersará as trevas do mundo, através do evangelho restaurado por revelação direta ao Profeta Joseph Smith."

Nosso querido Presidente Spencer W. Kimball declarou: "Sei que Jesus Cristo é o Filho de Deus vivo e que foi crucificado pelos pecados do mundo.

"Ele é meu amigo, meu Salvador, meu Senhor, meu Deus." (*A Liahona*, abril de 1979, p. 120.)

Foi este tipo de certeza que levou avante esta Igreja em face à perseguição, ridículo, sacrifício material e afastamento dos entes queridos para levar a mensagem do evangelho a terras distantes. Essa convicção nos motiva hoje como tem feito desde o início da obra. A fé contida



em milhões de corações de que esta causa é verdadeira, que Deus é o nosso Pai Eterno e que Jesus é o Cristo, deve ser a grande e constante força motivadora em nossa vida.

Atualmente temos perto de trinta mil missionários no campo, ao custo de milhões para seus familiares. Por que o fazem? Por causa de sua convicção da veracidade desta obra. O número de membros da Igreja se aproxima dos cinco milhões. Qual a razão desse crescimento fenomenal? É a certeza que chega ao coração de centenas de conversos todos os anos, conversos que são tocados pelo poder do Espírito Santo. Temos em funcionamento um eficiente programa de bem-estar. Os que o conhecem, maravilham-se com ele. Ele funciona somente devido à fé daqueles que dele participam.

Com o crescimento da Igreja, somos obrigados a construir novas capelas, centenas delas. Elas são dispendiosas. Mas as pessoas contribuem não só para isso, como pagam regular e fielmente seus dízimos, por causa da certeza da veracidade desta obra.

O mais maravilhoso é que qualquer pessoa que deseja saber a verdade pode adquirir essa convicção. O próprio Senhor deu a fórmula, quando disse: "Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo." (João 7:17.)

É preciso estudar a palavra de Deus. Exige oração e busca ansiosa da fonte de toda a verdade. Exige a vivência do evangelho, como que uma experiência seguindo os ensinamentos. Não hesito em prometer, porque sei, por experiência pessoal, que disso tudo advirá, pelo poder do Espírito Santo, a convicção, o testemunho, um conhecimento incontestável.

Tantas pessoas do mundo parecem incapazes de crer. Elas não se dão conta de que as coisas de Deus se compreendem somente pelo Espírito de Deus. Isto exige empenho; exige humildade; exige preces. Os resultados, porém, são certos, e o testemunho seguro.

Se nosso povo, como indivíduos, algum dia perder essa certeza, a Igreja se estiolará como tantas outras. Confio em que nossa sempre crescente congregação sempre buscará e encontrará essa convicção pessoal que chamamos de testemunho, vinda pelo poder do Espírito Santo, e que é capaz de resistir aos ventos da adversidade.

Para aqueles que vacilam, que evitam comprometer-se, que qualificam suas assertivas dubiamente ao falar das coisas de Deus, servem estas palavras do Apocalipse:

"Eu sei as tuas obras, que nem és frio nem quente: oxalá foras frio ou quente!

"Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca." (Apo. 3:15-16.)

Meus irmãos e irmãs, ao iniciarmos esta grande conferência, não só invoco as bênçãos do Senhor sobre vós, como com certeza presto-vos testemunho da verdade. Eu sei que Deus, nosso Pai Eterno, vive. Sei disso. Sei que Jesus é o Cristo, o Salvador e Redentor da humanidade, o autor da salvação. Sei que esta obra da qual somos parte é a obra de Deus; que esta é a Igreja de Jesus Cristo. Grande é nossa oportunidade de nela servir, e forte e certa nossa fé concernente a ele. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

"Ó, Divino Redentor"



Élder Neal A. Maxwell
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Testifico que ele é absolutamente incomparável no que é, no que sabe, no que realizou e no que viveu."

Meus irmãos e irmãs: externo publicamente minha sincera gratidão ao Senhor, ao nosso extraordinário e querido Presidente Kimball e a seus conselheiros por meu chamado para os Doze — entre os quais ainda serei o menor, mesmo muito depois de ser o mais novo.

Expresso meu profundo amor e apreço a minha mulher, esplêndida em todos os sentidos; aos meus bondosos pais e irmãs; aos meus filhos que são fiéis ao reino e tiveram a sabedoria de desposar fiéis companheiros eternos.

Dou-me conta de que minha vida, é lógico, deve representar minha real aceitação do chamado apostólico. Mesmo assim, esta pobre língua procura agora falar em louvor e testemunho de nosso Divino Redentor.

Seja ele denominado de Criador, Unigênito, Príncipe da Paz, Advogado, Mediador, Filho de Deus, Salvador, Messias, Autor e Realizador da Salvação, Rei dos Reis — testemunho que Jesus Cristo é o único nome debaixo dos céus pelo qual nos podemos salvar! (Vide D&C 18:23.)

Testifico que ele é absolutamente incomparável no que *é*, no que *sabe*, no que *realizou* e no que *viveu*. Ainda assim, nos chama gentilmente de amigos. (Vide João 15:15.)

Nele podemos confiar, cultuá-lo e mesmo adorá-lo sem quaisquer reservas! Como única Pessoa Perfeita a viver neste planeta, não existe ninguém igual a ele! (Vide Isaías 46:9.)

Em *inteligência* e *desempenho*, ele ultrapassa de longe a *capacidade* individual e combinada, e as *realizações* de todos os que já viveram, vivem agora e ainda hão de viver! (Vide Abrão 3:19.)

Ele se regozija em nossa genuína bondade e realização, mas qualquer estimativa de nossa posição quanto a ele mostra que não somente o apreciamos, mas o adoramos.

Podemos nós, mesmo na mais dolorosa enfermidade, contar-lhe algo de novo sobre sofrimento? De um modo incompreensível para nós, todos os nossos males e enfermidades foram por ele suportados antes de nós. (Vide Alma 7:11-12; Mat. 8:17.) O imenso peso de nossos pecados fê-lo descer abaixo de todas as coisas. (Vide D&C 122:8.) Nós nunca estivemos nem chegaremos às profundezas que ele conheceu. Por isso, sua expiação tornou perfeita sua empatia e capacidade de socorrer-nos, pelo que podemos ser eternamente gratos ao nos suster em nossas tribulações. No Calvário, não havia nenhum carneiro para salvar este Amigo de Abraão e Isaque.

Podem os que anseiam por um lar ensinar-lhe o que significa não ter

casa ou estar sempre de um lado para outro? Acaso não comentou, num momento de desabafo, que "as raposas têm covis e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça"? (Mat. 8:20.)

Podemos realmente aconselhá-lo sobre ser caluniado, mal interpretado ou traído? Ou como é quando até mesmo amigos nos abandonam ou "vão pescar"? (Vide João 21:3.)

Podemos ensinar-lhe algo sobre justiça ou comparar falhas dos sistemas judiciários com o Criador da Lei que, com divina dignidade, suportou a total perversão de seus processos e punição?

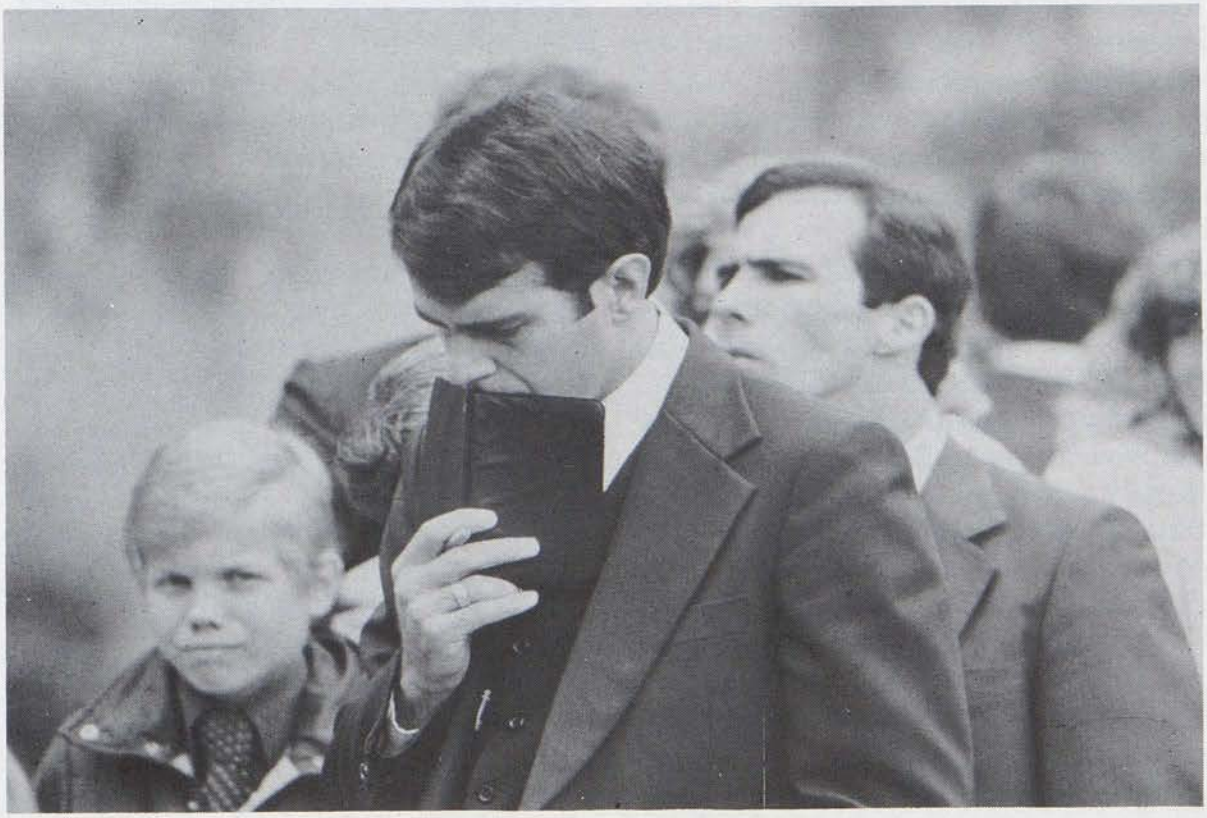
E quando nos achamos sós, ousaremos falar de sentir-se abandonado àquele que pisou "sozinho o lagar"? (D&C 76: 107; Mat. 27:46.)

Acaso não podem os sem filhos contar com sua empatia? Pois ele amava as crianças e delas dizia: "Porque (das) tais é o reino dos céus." E "uma a uma, abençoou-as e rogou por elas ao Pai. E, depois de ter feito isso, chorou de novo." (Mat. 19:14; 3 Néfi 17:21-22.)

Supomos poder instruí-lo seja na compaixão ou misericórdia? Mesmo no auge de sua agonia na cruz, ele ainda consolou o ladrão ao seu lado, dizendo: "Hoje estarás comigo no paraíso." (Lucas 23:43.)

Podemos fugir aos compromissos por causa da forte tentação de buscar uma boa posição social? Foi ele quem demonstrou incrível integridade, quando Satanás o tentou com a oferta aparentemente irrecusável — "todos os reinos do mundo e a glória deles". (Mat. 4:8.) Mas ele recusou!

Podemos falar-lhe sobre ser objeto de ironia? Mesmo ao morrer, lançaram sorte por seu manto, único bem que lhe restava. (Vide Mat.



27:35.) Ainda assim, a própria terra era seu escabelo! Jesus deu ao homem água viva para que nunca mais sentisse sede, mas na cruz lhe deram vinagre! (Vide João 4: 10-19; Mat. 27:48.)

Podemos dissertar sobre liberdade, quando é ele quem nos liberta de nossos piores inimigos — o pecado e a morte?

Podem os que reverenciam a liberdade humana, mas reclamam do sofrimento humano, jamais chegar à genuína reconciliação, a não ser através do seu evangelho?

Podem os preocupados em alimentar os pobres aconselhá-lo a respeito de saciar a fome de multidões?

Podem os entendidos em medicina ensinar-lhe como curar os enfermos?

Ou podemos ensinar algo novo ao Expiador sobre o acicate da ingratidão, quando nosso serviço passa despercebido? Somente um dos dez leprosos agradeceu a Jesus, que indagou: "E onde estão os (outros) nove?" (Lucas 17:17.)

Ou deveriam os interessados em prolongar a vida oferecer esclarecimentos ao Ressuscitador de toda humanidade?

Podem os cientistas, cuja disciplina provê a descoberta dos entretecimentos na tapeçaria da verdade, instruir O Tapeceiro?

Podemos aconselhá-lo com respeito à coragem? Ou ir correndo mostrar nossas medalhas ganhas em batalha — nossas feridas e contusões — ao Portador de cinco cicatrizes muito significativas?

Porventura não é sua "palavra de poder" que faz surgir novos mundos e determinar a extinção de outros? (Vide Moisés 1:35-38.) Não obstante, em meio a essa governança galática entrevistou demoradamente seus doze discípulos, "um a um", (3 Néfi 28:1) e mais tarde chamou um jovem camponês no interior de Nova York.

Não nos convidou ele a contemplar suas obras cósmicas no céu, para que vejamos "Deus obrando em sua majestade e poder"? (D&C 88.47) Contudo, não o vemos também "obrando em sua majestade e poder", quando cada filho pródigo finalmente completa sua órbita de volta ao lar?

Embora suas criações sejam tantas, que não possam ser computadas pelo homem de hoje, Jesus não afirmou estarem contados todos os fios de cabelo de nossa cabeça? (Vide Mat. 10:30; Moisés 1:35-38.)

O Cristo ressurreto não se mostrou a Paulo, na prisão, dando-lhe ânimo e chamando-o para sua missão em Roma? (Vide Atos 23:11.) Da mesma forma, Jesus está ao lado de todos os justos em suas tribulações pessoais.

O bom e verdadeiro Pastor não desdenhou o repouso após sua gloriosa, porém terrível expiação, a fim de estabelecer sua obra entre as ovelhas perdidas e desobedientes dos dias de Noé? (Vide 1 Pedro 3:18-20.) A seguir, não visitou outras ovelhas suas nas Américas? (Vide João 10:16; 3 Néfi 15:17,21.) E outras mais? (Vide 3 Néfi 16:1-3.) Acaso podemos falar-lhe de conscienciosidade?

Na verdade, não podemos ensinar-lhe coisa alguma! Mas podemos dar-lhe ouvido. Podemos amá-lo, honrá-lo, adorá-lo! Podemos guardar seus mandamentos e fartar-nos com suas escrituras! Sim, nós que somos tão esquecidos e até mesmo rebeldes, nunca somos esquecidos

por ele! Nós *somos* sua "obra" e sua "glória", e ele *jamais* se deixa distrair! (Vide Moisés 1:39.)

Por isso, além de minha ilimitada admiração por seus feitos e minha adoração pelo que ele é — sabendo que meus superlativos são débeis demais para fazer mais que ecoar sua excelência — como uma de suas testemunhas especiais na plenitude dos tempos, testifico da plenitude do seu ministério!

Como ousam alguns tratar seu ministério como simples bem-aventurança, sem nenhuma instrução? Quão míope é considerar seu ministério só como crucificação e nenhuma ressurreição! Quão tacanho encará-lo unicamente como a tragédia do Calvário e olvidar a restauração em Palmyra! Tudo como rejeição numa aldeia chamada Capernaum, sem ligar para sua aceitação na Cidade de Enoque! Toda reincidência na antiga Israel, relegando a terra de Abundância com seus séculos de justiça!



Élder Neal A. Maxweel, mais recente membro do Quorum dos Doze

Jesus Cristo é o Jeová do Mar Vermelho e Sinai, o Senhor Ressurreto, o porta-voz do Pai na aparição de Palmyra — espetáculo divino para um único precioso espectador (Referência à representação ao ar livre realizada anualmente no Monte Cumora. N. do T.)

Ele vive hoje, concedendo misericordiosamente a todas as nações a medida de luz que conseguem suportar, e mensageiros próprios para ensiná-las. (Vide Alma 29:8.) E quem melhor que a Luz do Mundo pode decidir o grau de revelação divina — se apenas a luz de um farolete ou holofote?

Logo, entretanto, toda carne há de vê-lo. Todos os joelhos dobrar-se-ão em sua presença, e todas as línguas confessarão o seu nome. (Vide D&C 76:110-11; Filip. 2:10-11.) Joelhos que nunca antes assumiram *essa* postura para *esse* propósito, fá-lo-ão — e prontamente. Línguas que nunca antes pronunciaram seu nome, exceto para profaná-lo, di-lo-ão — e, reverentemente.

Logo, ele que foi envolto escarnecedoramente em púrpura, voltará trajando vestes escarlates, recordando-nos o sangue de quem nos redimiu. (Vide D&C 133:48-49.)

Todos aí reconhecerão a perfeição da sua justiça e sua misericórdia (vide Alma 12:15), e verão que a causadora de tanta tormenta foi a indiferença humana para com Deus — não a indiferença deste para com o homem.

Então veremos a verdadeira história da humanidade — não obscurecida por espelho embaçado. (Vide 1 Cor. 13:12.) Então as grandes batalhas militares nos parecerão meros fogos passageiros, e os anais da experiência mortal do homem não passarão de garatujas nos muros do tempo.

Antes dessa hora do juízo final, entretanto, vosso ministério como o meu se desvendarão nas dolorosas, mas também gloriosas condições dos últimos dias.

Sim, haverá uma violenta polarização neste planeta, mas também a extraordinária reunião com nossos companheiros em Cristo da Cidade de Enoque. Sim, nação após nação tornar-se-á uma casa dividida, enquanto mais e mais Casas do Senhor unificadoras adornarão este planeta. Sim, Armagedon está para vir, como também Adam-ondi-Ahman!

Enquanto isso, Jesus não nos advertiu do que devemos esperar? Não disse também que poria nossa fé e paciência à prova com tribulações? Não nos forneceu a necessária proporção, ao falar dos comparativamente poucos que encontrariam o caminho apertado para a porta estreita? (Vide Mat. 7:13-14.) Não falou também que seus santos, dispersos por toda a face da terra, seriam "armados com a justiça e o poder de Deus" em meio às abominações, iniqüidade e perseguições, pois estava decidido a ter "um povo puro"? (1 Néfi 14:12-14: D&C 100:16.)

Sua obra prossegue quase como, comparativamente, na calma do centro do furacão. Primeiro ele reina no meio de seus santos; logo, reinará no mundo inteiro! (Vide D&C 1:36, 133:2-3.)

Assim, quando os postigos* da história humana se fecham na iminência de uma tempestade, e os acontecimentos se precipitam como folhas soltas ao vento forte — os que se encontram abrigados na luz e calor do evangelho podem permitir-se um estremecimento d'alma. Não obstante, em nosso círculo de certeza sabemos, mesmo em meio a todas estas coisas, que os propósitos de Deus não serão frustrados. Deus "tudo sabe, desde o começo. Portanto, ele prepara o caminho pelo qual devem ser cumpridas todas as suas obras entre os filhos dos homens". (1 Néfi 9:6.)

Por isso, humildemente prometo ir para onde quer que eu for mandado, empenhado em falar as palavras

*Pequena porta; abertura quadrangular em porta ou janela para se observar sem as abrir. N. do T.



que ele deseja que eu diga e reconhecendo nos estremecimentos de minh'alma que não conseguirei ser plenamente sua testemunha especial, a menos que minha vida seja plenamente especial. Termino com súplicas do hino "Ó Divino Redentor", suplicas essas que faço minhas:

Ó, Senhor, não me rejeites,
Recebe-me, ainda que indigno...
Ouve meu clamor...
Vê, Senhor, minh'aflição!...
Mostra-me tua misericórdia,
na grande angústia minha!...
Escuda-me no perigo,
atenta para mim!...
Ó, Divino Redentor!...
Concede-me perdão e olvida,
Ó, Senhor, olvida meus pecados!...
Socorre-me, meu Salvador!
(Charles Gounod, New York: G. Schirmer, Ver Chicago 14:12; tradução livre e aproximada. N. do T.)

No santo nome de Jesus Cristo. Amém.



O Plano de Felicidade e Exaltação



Richard G. Scott
do Primeiro Quorum dos Setenta

"Humildade é o solo precioso e fértil do caráter justo, germinado das sementes do crescimento pessoal."

Nosso filho possui um pequeno robô de brinquedo que sabe andar e executar outras coisas simples. Quando cai, ele consegue, com alguma dificuldade, levantar-se. Ele executa suas funções programadas mecanicamente. Todavia, não tem capacidade para crescer ou alterar seu rumo predeterminado. Ele reage imediatamente a qualquer força externa e deixa de funcionar quando sua corda acaba. Satanás gostaria de que todos os filhos do Pai Celeste fossem como esse robô.

Quão diferente é o plano do Senhor. Consideremos o nascimento de um bebê — um espírito independente criado por Deus (vide Moisés 6:36) e amadurecido na preexistência, abrigado num corpo de carne e ossos. Um casal, pai e mãe, participa com Deus nesse sagrado acontecimento. Esses pais amam, guiam e inspiram a criança enquanto ela cresce. Com o devido entendimento

e obediência aos ensinamentos do Salvador, a criança aprende "preceito sobre preceito" (vide D&C 98:12) e, pela prática da verdade, é convertida num filho ou filha de Deus autoconfiante, afável e prestimoso, com um potencial ilimitado de progresso e realizações, cujo destino, se for plenamente obediente, é retornar à presença de Deus para participar de sua glória e sua obra sublime. Uma pessoa assim pode ter grande felicidade nesta vida, também.

A vida mortal é um campo de provas. Disse Deus: "Faremos uma terra onde estes possam morar;

"E prová-los-emos com isto, para ver se eles farão todas as coisas que O Senhor, seu Deus, lhes mandar." (Abr. 3:24-26.)

Os campos de prova variam. Alguns nascem com limitações físicas; outros vivem só ou não gozam de boa saúde. Alguns são atribulados por problemas econômicos, falta de bom exemplo paterno ou miríades de outras coisas que desafiam nossa coragem. Embora grande parte dos sofrimentos e dores por que passamos seja resultado de nossa própria obstinação e desobediência, muitos obstáculos que aparecem em nosso caminho são utilizados pelo Criador amoroso para nosso progresso pessoal.

Deus nunca tencionou que a vida fosse fácil. É antes um período de prova e crescimento, entrelaçado de dificuldades, desafios e fardos. Nós estamos imersos num mar de constantes pressões mundanas, capazes de destruir nossa felicidade. Todavia, essas mesmas pressões, se enfrentadas com destemor, fornecem oportunidade de enorme crescimento e progresso pessoal. Vencer a adversidade produz força de caráter, forja a autoconfiança, gera respeito próprio e assegura o sucesso em empreendimentos justos.

Aquele que exerce o livre arbítrio pela fé, cresce com os desafios, é purificado pelo sofrimento e vive em paz. Em contraste, aquele que procura freneticamente satisfazer seus apetites e desejos profanos é impelido para trágicos abismos em espiral descendente. A tentação é a influência motivadora no exercício do livre arbítrio.

Alguns de nós, uma vez ou outra, permitimos que as pressões da vida ou os falsos ensinamentos dos homens ofusquem nossa visão; mas, quando enxergamos com clareza, a diferença entre o plano de Deus e o de Satanás é inconfundível. Satanás gostaria de converter espíritos divinamente independentes em criaturas sujeitas a hábitos, restritas pelos apetites e escravizadas pelas transgressões. Ele jamais desistiu de seu intento de escravizar e destruir. Chega mesmo a querer persuadir-nos ao exercício indevido do divino dom do livre arbítrio. Por meio de influências sutis, tentadoras, incentiva-nos a satisfazer o desejo de poder e influência pessoal ou a sucumbir aos apetites. Progressivamente sujeita os que seguem os impulsos carnais. A menos que se arrependam, são efetivamente transformados em robôs, sem nenhum controle sobre seu destino eterno.

Astuciosamente, ele confunde alguns até que considerem Deus um juiz duro, inclemente, ou uma deidade distante, dedicada ao meticuloso registro de nossos acertos e desacertos. Deus não é nenhum dos dois, mas sim um Pai amoroso, paciente, compreensivo, profunda-

mente interessado em nosso bem-estar, em nossa felicidade e totalmente comprometido com nosso progresso eterno.

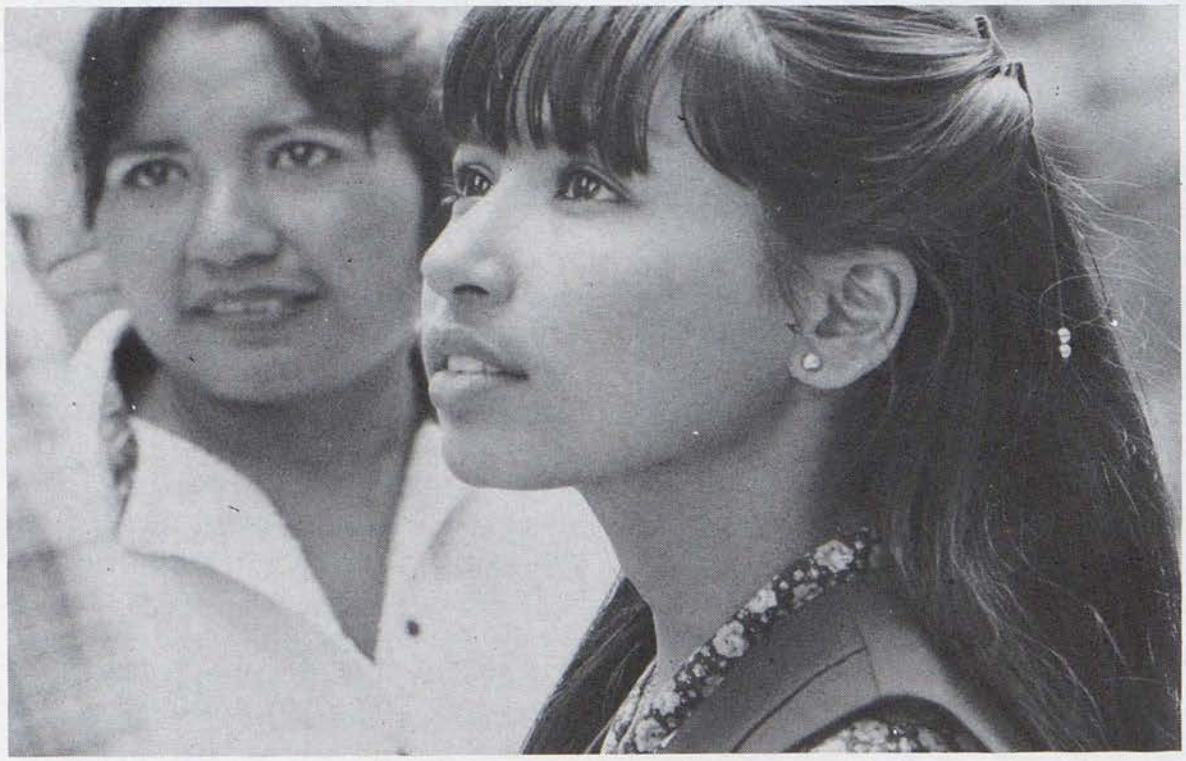
"Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu seu Filho Unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

"Porque Deus enviou seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele." (João 3:16-17.)

Nossa felicidade na terra, bem como nossa salvação eterna, requer muitas decisões corretas, nenhuma das quais é difícil de tomar. Juntas, elas forjam um caráter resistente às influências desagregadoras que nos rodeiam. Um caráter nobre é como fina porcelana feita de escolhidas matérias-primas, moldada com fé, cuidadosamente trabalhada por consistentes atos de justiça e queimada na fornalha de experiências edificantes. É um objeto de grande beleza e valor inestimável. No entanto, pode ser destruído num momento pela transgressão. Quando protegido pelo autodomínio, o caráter justo perdurará eternamente.

Precisamos cultivar a genuína humildade, não a habilidade de parecer humilde, mas o sagrado dom da verdadeira humildade.

Humildade é o solo precioso e fértil do caráter justo, germinado das sementes do crescimento pessoal. Quando cultivadas pelo exercício da fé, podadas pelo arrependimento e fortalecidas pela obediência e boas obras, essas sementes produzem o precioso fruto da espiritualidade. (Vide Alma 26:22.) Delas resultam a inspiração e o poder divinos. Inspiração é conhecer a vontade do Senhor. Poder é a capacidade de concretizar essa vontade inspirada. (Vide D&C 43:15-16.) Esse poder vem de Deus, quando tivermos feito "tudo o que pudermos". (2 Néfi 25:23.)



Gostaria de compartilhar convosco estes pensamentos introspectivos de uma pessoa que encontrou o caminho da felicidade: "Sou verdadeira e profundamente amado pelo Senhor. Ele fará tudo o que eu lhe permitir por minha felicidade. A chave desse poder está em mim mesmo. Enquanto outros aconselham, sugerem, exortam e instam, o Senhor deu-me a responsabilidade e o livre arbítrio para tomar as decisões básicas para minha felicidade e progresso eternos. Quando leio e pondero as escrituras e, com profunda fé, busco sinceramente a meu Pai em oração, uma profunda paz envolve meu ser. Com sincero arrependimento e obediência aos mandamentos de Deus, aliados ao genuíno interesse e serviço pelos outros, o medo é afastado de meu coração. Estou condicionado a receber e interpretar o auxílio divino destinado a marcar claramente meu caminho. Nenhum amigo, bispo, presidente de estaca ou autoridade geral pode fazer isto para mim. É meu direito divino fazê-lo sozinho. Aprendi a estar em paz e a ser feliz. Sei que terei uma vida compensadora, produtiva e com significado.

Esta pessoa não é um robô escravizado pela adversidade, nem nós precisamos sê-lo, se usarmos sabiamente o livre arbítrio para seguir os ensinamentos do Salvador.

Com todo amor de meu coração, convido a todos que obtenham um entendimento pleno do plano de felicidade e exaltação providenciado pelo Salvador. Testifico que é encontrado, em sua plenitude, em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Eu vos amo e peço que busqueis essa plenitude, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Tempo de Conferência



Élder Howard W. Hunter
do Quorum dos Doze Apóstolos

***"Convida a todos que venham a ele e participem de sua bondade; e nada nega aos que o procuram, seja branco ou preto, escravo ou livre, homens ou mulheres."* (2 Néfi 26:33.)**

Nesta época do ano, milhares de pessoas de todos os cantos do mundo chegam à Cidade do Lago Salgado, conhecida também como a "Encruzilhada do Oeste", para a conferência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Muitos anos se passaram desde que os colonizadores chegaram em carroções cobertos a este vale no topo das Montanhas Rochosas. Já em sua época, a conferência era um acontecimento importante e continua sendo significativo na atual, quando pessoas fiéis e dedicadas se reúnem a fim de renovar e fortalecer sua fé.

O tempo de conferência é uma ocasião de renovamento espiritual em que se fortalece o conhecimento e testemunho de que Deus vive e abençoa os que lhe são fiéis. É o tempo em que o conhecimento de que Jesus é o Cristo, o filho de Deus vivo, é profundamente incutido no

coração dos que estão decididos a servi-lo e guardar seus mandamentos. Na conferência, nossos líderes transmitem-nos orientação inspirada para conduzir nossa vida — um tempo em que as almas são avivadas e tomamos a resolução de ser melhores maridos e esposas, pais e mães, filhos e filhas mais obedientes, amigos e vizinhos mais bondosos.

Em meio ao espírito da conferência, somos invadidos por outro sentimento — um sentimento de profunda gratidão por compreendermos o evangelho de Jesus Cristo conforme foi restaurado à terra nesta dispensação. Encontramo-nos com pessoas de todo o mundo que têm o mesmo sentimento, e desejamos que homens e mulheres de toda parte possam entender e encontrar a alegria e paz provenientes do conhecimento de que todos somos filhos de Deus e, portanto, irmãos — literalmente, concretamente e de fato, independente de raça, cor, língua ou religião. Examinando as escrituras, encontramos:

"E convida a todos para que venham a ele e participem de sua bondade; e nada nega aos que o procuram, seja branco ou preto, escravo ou livre, homens ou mulheres; e lembra-se dos pagãos; e todos são iguais perante Deus." (2 Néfi 26:33.)

Participando da conferência, somos lembrados do sério compromisso que temos para com nossos semelhantes, nossos irmãos e irmãs do mundo inteiro. É o compromisso de com eles compartilhar o dom que recebemos, o maior dom que podemos dar-lhes — a compreensão da plenitude do evangelho. Temos o compromisso de declarar ao mundo inteiro que Jesus de Nasaré é o Salvador da humanidade; que ele pagou por nossos pecados com seu sacrifício expiatório; que ressuscitou da morte e vive hoje. Temos a responsabilidade de ajudar os povos do mundo a entender a verdadeira natureza de nosso Pai Celeste — que é um Deus pessoal, pai amante ao qual podemos dirigir-nos com nossos problemas e preocupações.

Nós aqui reunidos hoje temos um conhecimento especial, único do evangelho do Salvador. O mais extraordinário para todos os que nos vêm a conhecer é nossa declaração ao mundo de que somos guiados por um profeta vivo de Deus — alguém que se comunica com o Senhor, é



por ele inspirado e dele recebe revelação.

Como sabemos a veracidade dessas coisas? Porque Deus falou em nosso tempo, em nossos dias. Os céus se abriram; Deus comunicou sua palavra ao homem; verdades eternas foram dadas ao mundo pelo Pai de todos nós. Deus, o Pai, e Jesus Cristo, seu Filho, se mostraram e falaram com homens nesta dispensação. De fato, o Senhor apareceu em numerosas ocasiões.

Sabemos que nosso Pai Celeste nos ama e se preocupa com nosso bem-estar espiritual e temporal. Sabemos que seu Filho, Jesus Cristo, nosso Irmão Maior, providenciou um meio de voltarmos à presença de Deus; que nossa estada aqui na terra tem um propósito divino; e que temos a fazer um trabalho que é parte importante de seu plano. Além disso, conhecemos muitos detalhes desse plano e temos recebido orientações específicas sobre nossas responsabilidades.

Àqueles que ouvem nossa mensagem e se admiram de como podemos pretender saber essas coisas, que talvez pareçam a alguns ilógicas ou não comprovadas, respondemos com uma afirmação de Paulo à igreja de Corinto:

"As coisas que o olho não viu e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam. Mas Deus no-las revelou por seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus.

"Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem que nele está? assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus.

"Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus.

"As quais também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais." (1 Cor. 2:9-13.)

O conhecimento e a sabedoria da terra e tudo o que é temporal são por nós discernidos pelos sentidos físicos de maneira terrena, temporal. Tateamos, enxergamos, ouvimos, cheiramos, aprendemos e sentimos o paladar. Todavia, o conhecimento espiritual, como diz Paulo, nos vem de uma forma espiritual de sua fonte espiritual. Paulo prossegue:

"Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente." (1 Cor. 2:14.)

Descobrimos e sabemos que a única maneira de adquirir conhecimento espiritual é dirigir-nos ao Pai Celeste por meio do Espírito Santo em nome de Jesus Cristo. Quando assim fazemos e estamos espiritualmente preparados, enxergamos coisas que nossos olhos antes não viam, e ouvimos coisas que talvez ainda não tenhamos ouvido — "as coisas que Deus preparou para nós", citando as palavras de Paulo. (1 Cor. 2:9.) Essas coisas discernimos através do Espírito.

Cremos e testificamos ao mundo que a comunicação com nosso Pai Celeste e o recebimento de orientação do Senhor são possíveis hoje. Testificamos que Deus fala ao ho-

mem como fazia nos dias do Salvador e tempos do Velho Testamento. Gostaríamos de dizer ao mundo: "Escutai e ponderai as palavras desta conferência; considerai a orientação e conselhos dos que nela falam. Após piedosa ponderação, a cálida convicção dada pelo Santo Espírito vos testificará sua veracidade."

Gostaria de ler-vos as palavras do Senhor proferidas por intermédio de um de seus profetas: "Deus é misericordioso para com todos os que acreditam em seu nome; portanto, deseja em primeiro lugar que acrediteis, sim, em sua palavra...

"Mas, eis que, se despertardes e exercitardes vossas faculdades, pondo à prova minhas palavras, e exercerdes um pouco de fé, sim, ainda mesmo que não tenhais mais que o desejo de acreditar, fazei com que esse desejo opere em vós, até acreditardes de tal forma, que possais dar lugar para uma porção de minhas palavras.

"Comparemos, pois, a palavra a uma semente. Se derdes lugar em vossos corações para que uma semente seja plantada, eis que, se for uma semente verdadeira ou boa, e não a rechaçardes por vossa incredulidade, resistindo ao Espírito do Senhor, ela começará a germinar em vosso peito; e quando lhe sentirdes os efeitos, começareis a dizer a vós mesmos: Deve realmente ser uma boa semente, ou uma boa palavra, porque começa a dilatar minha alma e a iluminar meu entendimento; sim, começa a ser-me deliciosa." (Alma 32:22, 27-28.)

A vós que buscais ou questionais os grandes propósitos da vida — a vós que imaginais por que estamos aqui na terra e o que o Senhor quer que façamos, enquanto aqui estamos — diríamos como declarou um profeta moderno: "Que nenhum homem trate essas coisas com leviandade ou ceticismo; mas que todos procurem sinceramente compreender a verdade e familiarizar seus filhos com as verdades celestes que foram restauradas à terra nestes últimos dias." (Joseph F. Smith, *Doutrina do Evangelho,* cap. I, p. 5.)

É uma honra estar a serviço do Senhor, ser por ele comissionado a declarar ao mundo que seu reino está aqui na terra, disponível a todos os dispostos a ouvir sua mensagem, aceitar seu evangelho e seguir seus mandamentos. Sabemos que sua obra irá avante, conforme disse o Profeta Joseph Smith "até que haja penetrado cada continente, visitado cada clima, varrido cada país e soado em todos os ouvidos, até que os propósitos de Deus estejam cumpridos e o Grande Jeová diga que a obra está feita". (*History of the Church*, 4:540.) Estas coisas eu testifico em nome de Jesus Cristo. Amém.



"Aquele Que Não Nascer de Novo..."



Presidente Marion G. Romney
Segundo conselheiro na Primeira Presidência

"Vós que fostes batizados, tendes direito ao Espírito. Desejai-o. Orai por ele. Trabalhai por ele e Deus vo-lo dará."

No capítulo dezessete de João, lemos que Jesus, orando ao Pai em favor de seus discípulos, falou: "E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti só, por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste." (João 17:3.)

Em sua prece, Jesus deixou perfeitamente claro que os onze discípulos sabiam que ele era o Filho de Deus. Ele lhes ensinara quem era e que fora enviado pelo Pai. E que tinham um testemunho íntimo da veracidade do que ele ensinava, está claro nesta declaração de João:

"Jesus falou assim e, levantando os olhos ao céu, disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o teu Filho também te glorifique a ti;

"Assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste.

"Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste; eram teus, e tu mos deste, e guardaram a tua palavra.

"Agora já têm conhecido que tudo quanto me deste provém de ti;

"Porque lhes dei as palavras que tu me deste; e eles a receberam, e têm verdadeiramente conhecido que saí de ti; e creram que me enviaste. (João 17:1-2, 6-8.)

Recebendo a mensagem do Salvador e aceitando-o pelo que era e é, os apóstolos obtiveram a vida eterna.

Esta certeza do "único Deus verdadeiro e (de) Jesus Cristo" (João 17:3) é o mais importante conhecimento do universo; sem ele, o homem não poderá ser salvo, diz o Profeta Joseph Smith. A falta dele é a ignorância mencionada na revelação que diz: "É impossível ao homem ser salvo em ignorância." (D&C 131:6.)

Devemos ter em mente que existe mais de uma fonte de conhecimento. Existe o conhecimento obtido pelos órgãos sensoriais normais do homem e que deve ser procurado. O Senhor ordenou que conseguíssemos todo o conhecimento possível desta maneira.

Existe ainda o conhecimento das coisas divinas que nos vêm por revelação direta — ou como o chamam às vezes, conhecimento religioso. No conhecimento religioso, existem dois aspectos. Um deles refere-se ao grande tesouro de conhecimento religioso que temos nas escrituras. Desde o princípio, dos tempos de Adão até hoje, o Senhor vem-nos dando conhecimento religioso por revelação, através de seus profetas, o qual diz respeito às verdades da vida. Fala de Deus e seu Filho amado, do grande plano do evangelho e da missão de Jesus como Salvador e

Redentor. O outro aspecto desse conhecimento é o testemunho pessoal que se adquire pela inspiração, uma forma de revelação individual.

O mundo inteiro tem acesso à palavra revelada de Deus, conforme consta da Bíblia. E o mundo inteiro *poderia ter* acesso ao conhecimento religioso revelado, registrado no Livro de Mórmon, Doutrina & Convênios e Pérola de Grande Valor.

Milhões de pessoas que lêem e estudam a Bíblia não a entendem. Milhões não compreendem o que Jesus disse na prece registrada no capítulo dezessete de João, que serve de tema para esta mensagem. A razão de não a compreenderem é que seu entendimento não foi iluminado pelo poder do Espírito Santo; elas não receberam o testemunho pessoal.

Para conhecer a Deus, nosso Pai Eterno, e a Jesus Cristo, a quem ele enviou, é preciso aprender deles, como fizeram os antigos apóstolos, pelo processo da revelação divina. É preciso nascer de novo. Gostaria de ilustrar o que quero dizer com os ensinamentos registrados do Salvador.

No terceiro capítulo de João, está escrito que Nicodemos, homem bastante culto, na verdade membro do sinédrio, veio procurar Jesus à noite — não tinha coragem suficiente para vê-lo durante o dia. Mas foi ver Jesus de noite e disse-lhe: "Rabi, bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus: porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele." (João 3:2.)

Esta afirmação de Nicodemos mostra clara, embora inadvertidamente, que ele não sabia quem era Jesus. Ele via no Filho de Deus apenas um grande mestre. E era tudo o que poderia ver, pois seu conhecimento de Jesus baseava-se unicamente no que vira e ouvira dos milagres do Mestre. Percebendo isto, Jesus lhe informa que o conhecimento das coisas divinas não se obtém pelos sentidos normais do homem.

"Aquele que não nascer de novo não pode ver o reino de Deus", disse Jesus. (João 3:3.)

Embora versado nas coisas do mundo, Nicodemos não conseguiu entender esta simples verdade. Sua resposta de fato revela assombro:

"Como pode um homem nascer, sendo velho?", indagou. "Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer?" (João 3:4.)

Jesus, persistindo no esforço de fazê-lo entender, prossegue: "Aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus." (João 3:5.) Aqui o Salvador afirma que ninguém pode ver nem entrar no reino de Deus sem nascer de novo.

Mas Nicodemos continua não entendendo. Jesus então declara a grande lei: "O que é nascido da carne é carne." Quer dizer, o que aprendemos pelos sentidos normais, diz respeito a esta terra. "E o que é nascido do Espírito é espírito." (João 3:6.) As coisas que aprendemos pelo processo de inspiração são de Deus, do Espírito.

Toda pessoa que quiser conhecer a Deus, o Pai Eterno, e Jesus Cristo, o qual ele enviou, tem de receber esse conhecimento pelo Espírito. Os membros da Igreja, é lógico, já passaram por este processo. Foram batizados e confirmados membros da Igreja, tendo recebido a imposição das mãos para o dom do Espírito Santo. Por meio destas ordenanças, é que se abre a porta. Submissão a elas é absolutamente essencial para o nascer de novo. Contudo, para se

obter a vida eterna, é preciso a pessoa humilhar-se e purificar-se a ponto de poder receber, de fato, pelo poder do Espírito Santo, o testemunho pessoal de que Deus é seu Pai Eterno e que Jesus Cristo é o Filho de Deus, nosso Salvador pessoal, bem como o Redentor do mundo.

Permiti-me uma ilustração. Diz respeito a minha família, mas como ilustra bem o ponto, espero que me perdoeis usá-la. Minha mulher foi criada num lar no qual se orava pela manhã e à noite; onde quase que diariamente se discutiam princípios do evangelho no círculo familiar. Ela desejava muito instruir-se e cursar uma faculdade. Seu pai, entretanto, achava que faculdade era só para rapazes. Em sua luta para instruir-se, ela desenvolveu uma atitude de admiração pelas pessoas formadas em faculdade. Ela dava aulas como membro da junta da Escola Dominical da Estaca em Idaho Falls, Idaho, e aconteceu chegar a sua classe a esposa de outro membro da junta, que não era filiada à Igreja. Essa senhora era formada pela Universidade de Idaho, e minha mulher, como ainda não conseguira formar-se, sentia-se um tanto tímida em sua presença.

Uma das aulas do curso tratava da Primeira Visão de Joseph Smith. Ao preparar a lição, lembrou-se de que a tal senhora não-membro estaria presente. Esta lembrança foi seguida da pergunta: "O que ela pensará de mim, moça ignorante, afirmando que o Pai e o Filho realmente desceram dos céus e apareceram a um garoto de quatorze anos?" Era aterrorizante, e ela concluiu que não conseguiria fazê-lo. Então procurou a mãe, chorando:

— Mãe, eu simplesmente não posso dar essa aula. Não sei se Joseph Smith viu o Pai e o Filho. Sei que venho aprendendo isso da senhora e de papai a vida inteira. Eu acredito em vocês, mas não o sei pessoalmente. Aquela senhora vai rir de mim. Simplesmente não posso ficar diante da classe, na presença dela, e dar esta aula.

Bem, a mãe também não tinha muita instrução, não era uma pessoa educada pelos padrões do mundo, mas tinha fé em Deus, o Pai Eterno, e em Jesus Cristo, seu Filho, e disse à filha:

— O que Joseph Smith fez para conseguir aquela visão?

— Bem, ele orou.



— E por que você não faz o mesmo? — indagou à filha.

A moça voltou ao quarto, e ali, pela primeira vez na vida, buscou de fato o Onipotente com o sincero desejo de saber se ele vivia e se ele e o Salvador realmente haviam aparecido ao Profeta Joseph. Ao deixar o quarto, foi para a Escola Dominical e deu a aula com alegria, com conhecimento e com convicção. Ela havia nascido do Espírito. Ela sabia.

Bem, meus amados irmãos e irmãs, todos temos de obter uma experiência espiritual para ganhar a vida eterna, para conhecer a Deus, o Pai Eterno, e Jesus Cristo a quem ele enviou. Rogo-vos que busqueis esse conhecimento, se ainda o não tendes. Vós agora conheceis o caminho. Não se trata de uma experiência em massa. Deve ser obtida individualmente. Vós tendes de obtê-lo. Vós que ensinais deveis obtê-lo. Devemos ensinar pelo Espírito e, "se não receberdes o Espírito, não devereis ensinar", disse o Salvador. "O Espírito ser-vos-á dado pela oração da fé." (D&C 42:14.)

Vós que fostes batizados, tendes direito ao Espírito. Desejai-o. Orai por ele. Trabalhai por ele e Deus vo-lo dará.

Que cada um de vós possa receber esse conhecimento de Deus, o Pai Eterno, e Jesus Cristo a quem ele enviou, saber qual é a vida eterna, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.



Élder Richard G. Scott, do Primeiro Quorum dos Setenta, à direita, cumprimenta um visitante.

Sessão Vespertina de Sábado, 3 de Outubro de 1981.

Ele Ressuscitou



Élder Thomas S. Monson
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Este é o brado retumbante da cristandade. A realidade da ressurreição fornece a todos e a cada um a paz que ultrapassa o entendimento."

Não faz muito tempo, um visitante indagou: — O que há para se ver na Cidade do Lago Salgado?

Instintivamente sugeri uma visita à Praça do Templo, um passeio pelos desfiladeiros mais próximos, uma olhadela na Mina de Cobre Bingham e talvez um banho no Grande Lago Salgado. O temor de ser mal interpretado impediu-me de dizer:

— Já pensou em passar uma ou duas horas num de nossos cemitérios?

Jamais revelei a esse visitante que, em viagens, sempre procuro visitar o cemitério da cidade, para uns momentos de contemplação, de reflexão sobre o sentido da vida e da inevitabilidade da morte.

Recordo-me da preponderância de nomes suíços que adornam os velhos túmulos no pequeno cemitério da igualmente pequena cidade de Santa Clara, Utah. Muitas daquelas pessoas deixaram o lar e a família na verdejante Suíça, a fim de, atendendo ao chamado de irem para Sião, fundarem as comunidades nas quais agora "repousam em paz". Elas suportaram as enchentes de primavera, secas de verão, colheitas paupérrimas e labuta estafante. Deixaram um legado de sacrifício.

Os grandes cemitérios e que, sob muitos aspectos, evocam as maiores emoções, são honrados como lugar de descanso de homens mortos no caldeirão de conflitos conhecidos como guerra, usando a farda de seu país. Eles nos lembram sonhos desfeitos, esperanças baldadas, corações despedaçados e vidas abreviadas pelo afiado alfanje da guerra.

Extensos campos de cruzes brancas enfileiradas na França e na Bélgica acentuam o terrível tributo da I Guerra Mundial. Verdun, na França, é — de fato — um gigantesco cemitério. Arando os campos, na primavera, os lavradores todos os anos encontram um capacete aqui, um cano de arma ali — cruéis lembretes dos milhões de soldados que literalmente encharcaram aquele solo com seu sangue.

Uma excursão por Gettysburg, na Pensilvânia, e outros campos de batalha da Guerra Civil Americana, marca o conflito de irmão contra irmão. Muitas famílias perderam suas fazendas e outros bens. Uma família perdeu tudo. Gostaria de compartilhar convosco a memorável carta que o Presidente Abraão Lincoln escreveu à Sra. Lydia Bixby:

"Prezada Senhora:

"Nos arquivos do Departamento de Guerra, mostraram-me uma declaração do general comandante de Massachusetts de que a senhora é mãe de cinco filhos que tombaram gloriosamente no campo de batalha.

Percebo quão fracas e vãs devem ser quaisquer palavras minhas que tentem distraí-la da dor de tão grande perda. Não consigo, porém, refrear-me de oferecer-lhe o consolo que talvez encontre na gratidão da república por cuja salvação morreram. Oro ao nosso Pai Celeste que atenue a angústia de sua aflição, deixando-lhe somente a memória daqueles a quem amou e perdeu, e o solene orgulho que deve sentir por ter feito um sacrifício tão grande no altar da liberdade.

"Sinceramente e respeitosamente, Abraão Lincoln," (21 de novembro de 1864; citado em *Selections from the Letters, Speechs and State Papers of Abraham Lincoln,* ed. Ida M. Tarbell, Boston: Ginn and Company, 1911, p. 109.)

"Uma caminhada pelo Cemitério Punchbowl, em Honolulu, Havaí, ou Cemitério Memorial do Pacífico, em Manila, nas Filipinas, recorda-nos que nem todos os que morreram na II Guerra Mundial estão sepultos em calmos campos verdejantes. Muitos foram tragados pelas ondas dos oceanos que navegaram e nos quais morreram.

Entre os milhares de soldados mortos no ataque a Pearl Harbor, Havaí, conta-se um marinheiro chamado William Ball, de Fredericksburg, Iowa. O que o distingue de tantos outros mortos no mesmo dia de 1941, não é algum ato heróico, mas a trágica série de eventos desencadeada por sua morte.

Quando os amigos de infância dele, os cinco irmãos Sullivan, da cidade vizinha de Waterloo, souberam de sua morte, foram juntos alistar-se na Marinha. Querendo vingar a morte do amigo, insistiram em permanecer juntos, e a Marinha concedeu-lhes seu desejo. No dia 14 de novembro de 1942, o *U.S.S. Juneau,* cruzador no qual serviam os irmãos, foi atingido e afundado na batalha ao largo de Guadalcanal, nas Ilhas Salomão.

Passaram-se quase dois meses até que a Sra. Sullivan foi notificada, não pelo costumeiro telegrama, mas por um enviado especial. Seus cinco filhos haviam sido considerados desaparecidos em ação no Pacífico Sul e dados por mortos. Seus corpos jamais foram recuperados.

Uma única sentença, proferida por uma só pessoa, fornece um epitáfio apropriado: "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém sua vida por seus amigos." (João 15:13.)

Freqüentemente, a profunda influência exercida por alguém na vida de outros, nunca é mencionada, sendo, ocasionalmente, pouco conhecida. Isto se deu com uma professora de uma classe das Abelhinhas, das Moças. Ela não tinha filhos próprios, embora fossem muito almejados pelo casal. Seu amor foi expresso na dedicação para com as garotas a quem ensinava verdades eternas e lições da vida. Depois, ela adoeceu e veio a falecer. Tinha apenas vinte e sete anos.

Todos os anos, no dia 30 de maio (Dia dedicado à memória dos soldados mortos na guerra, nos Estados Unidos. N. do T.), as meninas faziam uma piedosa peregrinação à sepultura de sua mestra. Primeiro eram sete, depois quatro, depois duas e finalmente uma só, sempre levando um ramalhete de íris — símbolo de sentida gratidão. Este ano ela fez a vigésima quinta visita à sepultura de sua professora. Hoje, ela própria é professora de meninas e

não admira que tenha tanto sucesso com elas. Ela reflete a influência de uma professora que lhe deu inspiração. Sua vida, as lições que ensinou não estão sepultas debaixo da lápide que identifica sua cova, mas vivem nas personalidades que ajudou a moldar e nas vidas que tão abnegadamente enriqueceu. Lembra mesmo um outro mestre sem igual, mesmo o Senhor. Certa vez, traçou com o dedo uma mensagem na areia. (Vide João 8:6.) Os ventos do tempo apagaram suas palavras para sempre, mas não a vida que ele levou.

"Tudo o que podemos saber a respeito dos que amamos e perdemos", diz Thornton Wilder, "é que gostariam de que nos lembrássemos deles com um reconhecimento mais intenso de sua real existência... O mais sublime tributo aos mortos é gratidão e não tristeza."

Faz dois anos, no lindo Vale Heber, bem a leste da Cidade do Lago Salgado, uma mãe amorosa e um pai dedicado, voltando para aquele abrigo pessoal chamado lar, descobriram que seus três filhos estavam mortos. Era uma noite extremamente fria, e o forte vento empurrando a neve cobriu a chaminé. Com isto a casa inteira foi tomada pelo mortal monóxido de carbono.

O funeral dos três rapazes Keller foi uma das experiências mais tocantes de toda minha vida. Os residentes na comunidade deixaram de lado seus afazeres, as crianças faltaram às aulas e todos se dirigiram à capela, a fim de externar seus sentidos pêsames. Enquanto durarem o tempo e a memória, hei de recordar a cena dos três ataúdes pólidos chegando à capela, seguidos pelos pais e avós enlutados e aflitos.

O primeiro a falar foi o treinador de luta romana da escola de segundo grau local. Ele prestou tributo a Louis, o mais velho dos rapazes. Com voz embargada de emoção, procurando reter as lágrimas, contou que Louis não fora necessariamente o lutador mais dotado do time, mas acrescentou: "Ninguém se esforçava mais que ele. O que lhe faltava em destreza ele compensava com um coração decidido."

Depois, um líder de jovens falou a respeito de Travis. Contou como se destacava no escotismo, no Sacerdócio Aarônico e era um excelente exemplo para os amigos.

Finalmente, uma professora elementar de aspecto distinto, e obviamente competente, falou de Jason, o mais novo dos três. Ela o descreveu como um pouco calado, até mesmo tímido. Então, sem qualquer embaraço, contou que recebera de Jason, na letra garatujada de um menino, a mais doce e querida carta que lhe fora dirigida. A mensagem era breve — apenas três palavras: "Eu a amo." Ela mal conseguiu terminar seu discurso, de tão emocionada.

Através das lágrimas e pesar daquele dia especial, observei lições eternas ensinadas por aqueles garotos, cuja vida estava sendo homenageada e cuja missão mortal terminara.

Um treinador externou a determinação de olhar além do desempenho esportivo, bem dentro do coração de cada rapaz. Um líder de jovens fez o solene voto de que cada rapaz e cada menina teria os benefícios do programa oferecido pela Igreja. Uma professora primária olhou para as crianças, colegas de classe de Jason. Nada disse, mas seu olhar revelava a decisão de sua alma. A





mensagem era patente: "Amarei cada criança. Todo menino, toda garota eu guiarei na busca da verdade, no desenvolvimento de seu talento, e os iniciarei no maravilhoso mundo do servir."

E a congregação, incluindo os élderes Marvin J. Ashton e Thomas S. Monson, nunca mais será a mesma e se empenhará na busca da perfeição mencionada pelo Mestre. Donde provém nossa inspiração? Da vida dos garotos que agora descansam de todas as dores e preocupações, e da solidez dos pais que confiam no Senhor de todo o coração, que não se estribam em seu próprio entendimento e que o reconhecem em todas as coisas, sabendo que ele os dirigirá em seus caminhos. (Vide Prov. 3:5-6.)

Gostaria de compartilhar convosco o trecho de uma carta que recebi da nobre mãe desses três rapazes, escrita pouco após a morte deles.

"Passamos noites e dias que nos parecem insuportáveis. A mudança em nossa vida doméstica foi tão drástica. Com a ausência de praticamente metade da família, as tarefas de cozinhar, lavar e até mesmo das compras são diferentes. Sentimos falta do barulho e confusão, das caçoadas e brincadeiras deles. Tudo isso acabou. O domingo é tão calmo. Falta-nos vê-los preparar e distribuir o sacramento. Os domingos eram realmente o dia de ficarmos juntos em família. Pensamos: nada de missões, casamentos, nenhum neto. Não pedimos que voltem, mas também não podemos dizer que renunciaríamos voluntariamente a eles. Voltamos aos nossos deveres na Igreja e nossas responsabilidades familiares. Nosso desejo é viver de maneira que os Keller sejam uma família eterna."

Com os Keller, Sullivan e, na verdade, com todos os quem amaram e perderam, quero compartilhar a convicção de minha alma, o testemunho de meu coração e as experiências de minha vida.

Sabemos que todos vivemos no mundo espiritual com o Pai Celeste. Sabemos que viemos para a terra para aprender, viver, progredir em

nossa eterna jornada para a perfeição. Alguns permanecem na terra por um momento apenas, enquanto outros têm uma vida longa aqui. A medida não é quanto tempo vivemos, mas antes como vivemos. Então vem a morte e o início de um novo capítulo da vida. Aonde este capítulo nos leva?

Muitos anos passados, fiquei ao lado da cama de um moço, pai de dois filhos, enquanto pairava entre a vida e o grande além. Tomando minha mão nas suas, fitou-me dentro dos olhos e perguntou suplicante:

— Bispo, sei que vou morrer. Diga-me, o que acontecerá ao meu espírito ao morrer?

Orei buscando orientação divina, antes de tentar responder. Minha atenção foi dirigida para o Livro de Mórmon que se encontrava na mesa ao lado da cama. Segurando o livro nas mãos, e testifico-vos tão certo quanto estou diante de vós, ele se abriu no capítulo 40 de Alma. Pus-me a ler em voz alta:

"Agora, meu filho, ouve algo mais que tenho a dizer-te, pois percebo que tua mente está preocupada a respeito da ressurreição dos mortos...

"Relativamente ao estado das almas no período compreendido entre a morte e a ressurreição, foi-me dado saber, por um anjo, que os espíritos de todos os homens, logo que deixam este corpo mortal, sim, os espíritos de todos os homens, sejam eles bons ou maus, são levados para aquele Deus que lhes deu a vida.

"E deverá suceder que os espíritos daqueles que são justos sejam recebidos num estado de felicidade, que é chamado paraíso, um estado de descanso e paz onde terão descanso para todas as suas aflições, cuidados e dores." (Alma 40:1, 11-12.)

Meu jovem amigo cerrou os olhos, agradeceu com sinceridade, e silenciosamente partiu de mansinho para o paraíso do qual havíamos falado.

Depois chega o dia glorioso da ressurreição, quando espírito e corpo serão reunidos para nunca mais se separarem. "Eu sou a ressurreição e a vida", disse Cristo a Marta. "Quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá.

"E todo aquele que vive e crê em mim, nunca morrerá." (João 11: 25-26.)

"Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize." (João 14:27.)

"Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito: vou preparar-vos lugar... para que, onde eu estiver estejais vós também." (João 14:2-3.)

Esta transcendente promessa tornou-se realidade, quando as duas Marias foram ao jardim do sepulcro — o cemitério de um único ocupante. Deixemos Lucas, o médico, descrever esta experiência:

"E no primeiro dia da semana, muito de madrugada, foram elas ao sepulcro...

"E acharam a pedra removida do sepulcro.

"E, entrando, não acharam o corpo do Senhor Jesus.

"... estando elas perplexas a esse respeito, eis que pararam junto delas dois varões com vestidos resplandecentes;

E... lhes disseram: Por que buscais o vivente entre os mortos?'' (Lucas 24:1-5.)

''Ele não está aqui, porque já ressuscitou.'' (Mat. 28:6.)

Este é o brado retumbante da cristandade. A realidade da ressurreição fornece a todos e cada um a paz que ultrapassa o entendimento. (Vide Fil. 4:7.) Ela conforta aqueles cujos entes queridos dormem nos campos de Flandres, na Bélgica, que pereceram nas profundezas do mar ou descansam na pequenina Santa Clara, ou no pacífico Vale Heber, em Utah. A verdade é universal.

Como o menor de seus discípulos, declaro meu testemunho pessoal de que a morte foi vencida, conquistada a vitória sobre a tumba. Que as palavras santificadas por aquele que as cumpriu, se tornem conhecimento de fato para todos. Lembrai-vos delas. Honrai e acalentai-as. *Ele ressuscitou*. Esta é minha fervorosa oração em nome de Jesus Cristo. Amém.



Exemplos da Vida de Um Profeta



Élder Robert D. Hales
do Primeiro Quorum dos Setenta

"Tenho aprendido ensinamentos e lições de um profeta moderno, Spencer W. Kimball, cuja mensagem simples e poderosa é: 'Vem, e segue-me.'"

Muitos exemplos utilizados nos ensinamentos de nosso Salvador, Jesus Cristo, eram tirados da vida cotidiana que se desenrolava ao seu redor. Semelhantemente, os profetas modernos nos ensinam com seu exemplo. A simples, mas poderosa mensagem, é: "Vem, e segue-me."

Gostaria de compartilhar convosco alguns dos ensinamentos e lições que tenho aprendido de um profeta moderno.

Podemos aprender muita coisa da coragem do Presidente Kimball, demonstrada em suas inúmeras enfermidades. Ele é um testemunho vivo de que, vencendo dores e adversidade, podemos purificar nossa alma e fortalecer nossa fé e testemunho em Jesus Cristo. Na verdade, em termos das provações que teve de enfrentar, ele é, em muitos aspectos, um Jó moderno.

A história de Jó, no Velho Testamento, relata três das grandes provas para as quais todos nós deveríamos estar preparados em alguma ocasião da vida. Primeiro, reveses temporais. Jó perdeu tudo o que possuía. Segundo, males físicos que põem à prova nossa fé e testemunho. E terceiro, a depressão. Jó dizia: "Por que não morri eu desde a madre? " (Jó 3:11.) "A minha alma tem tédio de minha vida." (Jó 10:1.) A grande lição de Jó está em que "em tudo isto... não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma". (Jó 1:22.) Muitas vezes, quando atingidos pela adversidade, usamo-la como justificativa para pecar e nos afastarmos dos ensinamentos de Jesus Cristo, dos profetas que nos dirigem, de nossos familiares e amigos. Jó manteve seu testemunho e foi abençoado por sua fé inabalável de que Deus vive e de que haveria de habitar na presença dele.

Homem justo como Jó, o Presidente Kimball tem sofrido muitas provações — câncer na laringe, cirurgia cardíaca, furunculose, cirurgias cranianas e numerosas outras aflições. Suas experiências servem como exemplo de como deveríamos enfrentar adversidades e sofrimentos similares.

O Presidente Kimball não pecou nem responsabilizou tolamente a Deus. Manteve sua integridade e seu testemunho, e cantou louvores ao Senhor em todas as suas muitas provações físicas. Jamais o ouvimos queixar-se de suas atribulações. Pelo contrário, seu desafio tem sido: "Dá-me este monte" para escalar. (Josué 14:12.)

A coragem e a fé do Presidente

Kimball na adversidade são exemplo para todos nós, testificando que nós também somos capazes de enfrentar os desafios da vida. Nossas dores e achaques não passam de dorezinhas perto das dele. Depois de operada a garganta, o Presidente Kimball não tinha mais voz. Durante uma reunião de testemunho, no templo, o Presidente McKay pediu-lhe que prestasse o seu. Ele não conseguiu proferir uma só palavra, só emitir sons roucos, ininteligíveis. Mais tarde escreveu um bilhete ao Presidente McKay, perguntando: "Por que fez isso comigo?" A resposta foi: "Spencer, você precisa recuperar a voz, pois ainda tem uma grande missão a cumprir." (Que comovente exemplo de amor de um profeta a outro.) O Presidente Kimball foi obediente. Aprendeu a suster ar no esôfago e aproveitar o tecido das cicatrizes no restante das cordas vocais para reaver sua voz e levar avante seu grande trabalho. As realizações da missão profética do Presidente Kimball estarão à altura de quaisquer outras nesta ou outra dispensação.

Camilla, esposa do Presidente Kimball, vem fielmente acompanhando passo a passo o caminho de seu marido. Recordo-me de uma noite em Samoa, quando tanto o Presidente como a Irmã Kimball tiveram 40° de febre. Na manhã seguinte, foram os primeiros a entrar no ônibus. Ele dirigiu as reuniões, e os dois cumpriram todos os compromissos do dia não apenas como obrigação, mas mostrando-se gentis e atenciosos, e pensando nas necessidades de todos os que os rodeavam.

Ao ser chamado para o Conselho dos Doze, o Presidente Kimball aceitou o chamado com lágrimas de humildade, imaginando se seria digno de tão grande honra. Depois de desligar o telefone, foi Camilla quem lhe assegurou: "Você é capaz, Spencer. Você é capaz." Camilla é o perfeito exemplo de união com seu companheiro. Quando indagada sobre sua saúde, respondeu:

— Quando ele está bem, eu estou bem.

O Presidente Kimball ensinou-me uma lição, quando fui chamado para integrar as Autoridades Gerais. Perguntou-me se estava disposto a mudar-me para a Cidade do Lago Salgado e servir pelo resto da vida. Extremamente emocionado, repliquei:

— Simplesmente não sei o que dizer, Presidente Kimball.

Então respondeu:

— Só quero que diga sim.

A lição era clara; não há necessidade de palavras eloqüentes para expressar nosso comprometimento ou nosso amor e devoção quando aceitamos um chamado do profeta. Ele já sabe disso.

O Presidente Kimball sempre procura tocar a "pessoa" com sincero amor. Quando nos estávamos preparando para uma conferência de área, encontrei o Presidente Kimball sentado à máquina de escrever, com as costas voltadas para a porta, ao entrar em seu escritório. Terminou o que estava datilografando e girou a cadeira para me cumprimentar. Numa das mãos, segurava a carta de trinta e duas páginas de um rapaz que lera seu livro *O Milagre do Perdão* e na outra a resposta, datilogra-

fada pessoalmente, preenchendo as necessidades de um jovem que desejava e precisava de sua ajuda para arrepender-se. A mensagem foi clara para mim: Não importa quão ocupado esteja, nunca se esqueça dos que precisam de sua ajuda.

Ele presta seu testemunho missionário como testemunha especial, sem qualquer temor dos homens. Isto eu tenho observado. Na Conferência de Área de Copenhage, Dinamarca, realizada de 3 a 5 de agosto de 1976, ele foi admirar a linda escultura do Cristo ressurreto de Thorvaldsen (escultor dinamarquês, 1768-1844), cuja reprodução adorna o centro de visitantes da Cidade do Lago Salgado, Los Angeles e Nova Zelândia. Após alguns momentos de reflexão espiritual, o Presidente Kimball prestou testemunho ao encarregado de sua guarda. Voltando-se para a estátua de Pedro, apontou para o grande molho de chaves em sua mão direita e proclamou: "As chaves da autoridade do sacerdócio que Pedro possuía como presidente da Igreja, agora estão comigo como presidente da Igreja nesta dispensação." A seguir, afirmou ao encarregado: "O senhor trabalha todos os dias com apóstolos de pedra, mas hoje está na presença de apóstolos vivos." A seguir, apresentou o Presidente Tanner e os élderes Thomas S. Monson e Boyd K. Packer. Entregou ao encarregado um Livro de Mórmon em dinamarquês e testificou-lhe do Profeta Joseph Smith. O homem chegou a chorar de emoção, sentindo o Espírito na presença de um profeta e apóstolos. Ao deixarmos a igreja, ele me confidenciou:

— Hoje estive na presença de servos de Deus.

O Presidente trabalha com amorosa diligência de todo o coração, poder, mente e força. Não exige nem espera que os outros acompanhem seu ritmo de trabalho, mas que o façam em seu próprio ritmo. É um homem de ação, demonstrado pelo simples lema em sua mesa de trabalho: "Faça-o."

Para os que com ele trabalham, seu exemplo elimina frases como "Tentarei" ou "Faria o possível". Seu exemplo e amor motivam os que seguem seu exemplo a alcançar metas maiores e alongarem os passos para a perfeição. Ele possui a rara capacidade de incentivar todos a superar-se e a continuar tentando até excederem suas metas.

Durante o planejamento e preparação das conferências de área no México, América Central e do Sul, em fevereiro de 1977, foram programadas reuniões em La Paz, na Bolívia, situada três mil metros acima do nível do mar. O Dr. Ernest L. Wilkinson e Dr. Russel M. Nelson avisaram-nos de que o Presidente Kimball precisaria de quatro a seis horas de repouso para acostumar seu coração e pressão sangüínea ao clima daquela altitude. Nas conferências de área, resta pouco tempo para descanso devido ao programa "apertado". (Na realidade, os médicos assistiram as Autoridades Gerais para que conseguissem acompanhar o ritmo do Presidente Kimball.)

Conversei com os presidentes Tanner e Romney, pedindo seu auxílio para conseguir que o Presidente Kimball descansasse em La Paz antes do início da conferência. Eles

apenas sorriram e responderam: "Tente."

Quando planos detalhados das mencionadas conferências de área foram apresentados à Primeira Presidência, vi o Presidente Kimball assinalar em vermelho duas reuniões que não previam sua participação.

— O que são estas reuniões? Por que não estarei presente? — quis saber.

Houve uma pausa; então respondi:

— É um período de descanso, Presidente Kimball, — ao que ele comentou:

— O irmão está cansado, Élder Hales?

Chegando em La Paz, o primeiro compromisso era um programa cultural: Ele não quis descansar. Minha cabeça latejava, parecia querer explodir naquela altitude; inalamos oxigênio na tentativa de apressar nossa climatização, menos o Presidente Kimball. Ele saudou, abraçou e apertou a mão de dois mil santos.

Terminada a última reunião, convidou mais mil de seus queridos lamanitas que haviam descido dos altiplanos, para virem apertar sua mão. Eles vieram e o abraçaram, sacudindo sua mão com todo vigor. Ele queria mostrar seu amor aos lamanitas.

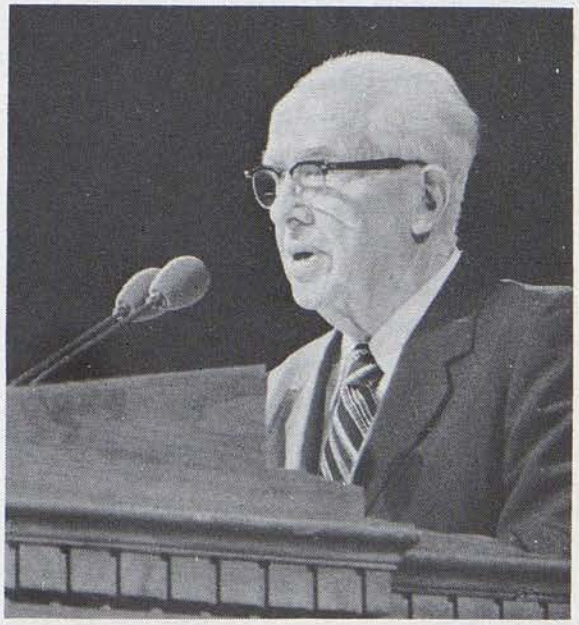
Preocupado com a vigorosa atividade do Presidente Kimball, o Dr. Wilkinson aproximou-se dele e pediu-lhe que, se possível, parasse logo. O Presidente respondeu-lhe:

— Se soubesse o que eu sei, não me faria tal pedido.

Ele é impelido pelo conhecimento de que nos estamos preparando para a segunda vinda de Jesus Cristo. Ele sabe ser sua responsabilidade, bem como a de seus colaboradores, levar a mensagem a todas as nações em seu próprio idioma e língua. Ele disse às Autoridades Gerais: "Não tenho medo da morte. O que temo é encontrar o Salvador e ele me dizer: 'Você poderia ter feito melhor.'"

Podeis sentir a dedicação e urgência na voz do profeta para fazer o reino ir avante? "O irmão está cansado, Élder Hales?" como que soa em meus ouvidos, quando descanso por um momento. Se soubéssemos o que o Presidente Kimball sabe, nós também trabalharíamos com todo nosso coração, poder, mente e força.

Quando procuramos poupar suas forças, ele costuma dizer: "Sei que estão procurando poupar-me. Mas eu não quero ser poupado; quero ser exaltado." E diz que o Senhor o susteria como profeta e que não deveríamos atrasar a Igreja por causa dele.



Presidente Ezra Taft Benson, presidente do Quorum dos Doze.

Ao Profeta Joseph Smith, foi dito:

"Meu filho, paz seja com a tua alma; a tua adversidade e as tuas aflições serão por um momento;

"E então, se as suportares bem, no alto Deus te exaltará; tu triunfarás sobre todos os teus adversários.

"Teus amigos te apóiam e outra vez te saudarão com corações cheios de amor e com mãos amigas." (D&C 121:7-9.)

Em testemunho, invoco as bênçãos do Senhor sobre nós, para que sintamos também a urgência desta grande obra, e entendamos o que impele nosso profeta. Ele é um missionário, porque sabe que toda humanidade precisa ser ensinada pelo Espírito e ser batizada. Então, se vivermos retamente, ganharemos a vida eterna, seremos exaltados e retornaremos à presença de Deus, o Pai, e Jesus Cristo, para com eles habitar por toda a eternidade.

Presto-vos testemunho de que esta Igreja é guiada por um profeta que recebe revelações. Certa vez, no encerramento de uma conferência, disse o Presidente Kimball: "Meu povo diz 'Senhor, Senhor' mas não faz o que eu digo." É minha oração que digamos 'Senhor, Senhor' e façamos o que fala nosso profeta e aqueles que dirigem a Igreja hoje, e sigamos seu exemplo, em nome de Jesus Cristo. Amém.



A Luz do Evangelho



Élder Adney Y. Komatsu
do Primeiro Quorum dos Setenta

"O Senhor perdoa; seus verdadeiros seguidores também perdoam. Estende-se a mão da amizade; o pecador se arrepende; completa-se o círculo da caridade."

Anos atrás, a designação de dedicar uma nova capela levou-me a uma das ilhas dos Mares do Sul. Naquela noite, ao nos aproximarmos do prédio com alguns líderes locais, observamos surpresos que estava totalmente às escuras.

Entrando no prédio, vimos todos os membros sentados na capela e indagamos o que havia com a luz. O bispo informou-nos que, naquela tarde, o supervisor de construção havia inspecionado as instalações para ver se tudo estava em ordem para a dedicação. Mas agora, na hora de começar a reunião, por algum motivo, a iluminação não funcionava, embora os prédios vizinhos todos tivessem luz. Todas as possibilidades de corrigir o defeito foram tentadas em vão. Os líderes locais decidiram realizar assim mesmo os serviços dedicatórios.

No decorrer do programa, com a capela iluminada por um único lam-

pião a querosene, senti com certeza que aquela seria a primeira dedicação às escuras já realizada na Igreja!

Estou certo de que todos aqueles bons irmãos e irmãs sentados na congregação oraram comigo em silêncio, rogando ao Senhor que nos abençoasse com luz, para que a capela pudesse ser dedicada.

Os oradores se seguiram, um a um — no escuro. O coro cantou lindos hinos — no escuro. Como último orador, eu igualmente falei no escuro. Depois, quando pedi à congregação que me acompanhasse na oração dedicatória, de repente as luzes se acenderam. Como estávamos gratos ao Senhor por aquela bênção especial! Tomado de emoção senti-me pequeno e humilde por termos sido tão abençoados. Mas a iluminação da capela não se comparava à luz de amor em nossos corações por aquela grande bênção em resposta às nossas preces.

O incidente fez-me lembrar das palavras do Profeta Morôni:

"E agora, eu, Morôni, quisera falar a respeito dessas coisas. Quisera mostrar ao mundo que a fé são coisas que se esperam, mas não se vêem; portanto, não disputeis sobre as coisas que não virdes, porque não recebereis testemunho senão depois da prova de vossa fé...

"Porque, se não houver fé entre os filhos dos homens, Deus não pode fazer milagres entre eles; portanto, ele não apareceu senão depois que os homens tiveram fé." (Éter 12:6,12.)

Sim, o Senhor nos abençoou, mesmo ao ser provada nossa fé e ao orarmos com esperança.

Existem outros entre nós que buscam luz para sua vida. Um desses moços havia violado muitas leis de sua terra, sendo punido com uma sentença de prisão. Chegou a escapar dela, mas foi recapturado pouco depois. Sua vida era cheia de escuridão e miséria, mas através do empenho constante de um bispo caridoso, este moço decidiu mudar de vida e voltar a Cristo. Começou a arrepender-se com coração humilde, e o Espírito Santo tocou seu coração. Ao deixar a prisão quando havia cumprido a pena, lá estava para recebê-lo no portão o bispo que vinha cuidando dele todos aqueles anos, tendo trazido consigo seu pai, mãe, irmãos e irmãs que o receberam de braços abertos e grande alegria. Como esse jovem queria bem ao bispo e sua família que ficaram ao seu lado, embora lhes houvesse causado muito embaraço e muitas noites insones com seus desatinos. Mas a fé em seus corações jamais vacilou e houve um milagre. Hoje, esse moço serve como presidente do quorum de élderes de sua ala.

Que grande força conseguiu mudar a vida desse jovem das trevas espirituais para uma de verdade e luz? Foi o puro amor de Cristo, exemplificado pelo bispo em seu empenho com ele. E esse puro amor de Cristo é a caridade. (Vide Morôni 7:47.)

Diz o Profeta Néfi: "O Senhor ordenou que todos os homens tenham caridade, que é amor. E se não têm caridade, nada são. Portanto, se tiverem caridade não permitirão que o trabalhador de Sião pereça." (2 Néfi 26:30.)

Devemos lembrar-nos também da fé e coragem da família desse moço, suportando muitas provações e sofrimentos e que depois o recebeu com braços abertos. O Profeta Morôni nos lembra:

"E foi pela fé possuída por Néfi e

Léhi que os lamanitas se transformaram e foram batizados com fogo e com o Espírito Santo.

"E foi pela fé possuída por Amon e seus irmãos que se operou tão grande milagre entre os lamanitas.

"Sim, e todos aqueles que operaram milagres os fizeram pela fé, tanto os que viveram antes de Cristo como os que viveram depois dele...

"Nem houve tempo algum em que alguém fizesse milagres antes de ter fé; portanto, primeiro creram no Filho de Deus." (Éter, 12:14-16,18.)

Mórmon também pregou que "é pela fé que os milagres são realizados...

"E, de acordo com as palavras de Cristo, nenhum homem poderá ser salvo, a não ser que tenha fé em seu nome...

"Portanto, se um homem tem fé, forçosamente deverá ter esperança, pois sem fé não pode haver esperança.

"E novamente vos digo que o homem não pode ter fé nem esperança, sem que seja humilde e brando de coração.

"... e se um homem é humilde e brando de coração, e confessa pelo poder do Espírito Santo que Jesus é o Cristo, é preciso que tenha caridade." (Morôni 7:37-38, 42-44.)

A epístola de Paulo aos coríntios nos lembra hoje a importância da caridade:

"Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos e não tivesse caridade, seria como o metal que soa e como o sino que tine.

"E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse caridade, nada seria.

"E ainda que distribuísse toda minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse meu corpo para ser queimado, e não tivesse caridade, nada disso me aproveitaria.

"A caridade é sofredora, é benigna; a caridade não é invejosa; a caridade não trata com leviandade, não se ensoberbece,

"Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal;

"Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade;

"Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

"A caridade nunca falha." (1 Cor. 13:1-8.)

Na Igreja, temos muitas oportunidades de praticar atos de caridade. Um dos maiores desses atos é a mão estendida em amizade. Um belo exemplo foi contado por certo irmão idoso numa conferência de ala:

Esse bom irmão era presidente da Escola Dominical e foi solicitado a prestar testemunho. Durante dez anos de inatividade, ele se vira envolvido pelos problemas da vida e acabara cheio de profundo desespero. Quando a vida lhe parecia mais negra, estenderam-se-lhe mãos amigas, primeiro da parte dos mestres familiares, depois do bispo e dos membros da ala. Ao voltar à atividade e sentir o calor dos membros que o aceitaram sem julgamento ou reservas, ele reconheceu que o evangelho de Jesus Cristo é verdadeiro e que sempre há lugar para a alma arrependida. O Senhor perdoa; seus verdadeiros seguidores também perdoam. Estende-se a mão da amizade: o pecador se arrepende; completa-se o círculo da caridade.

Mórmon, o profeta, também en-



Élder Angel Abrea, do Primeiro Quorum dos Setenta, com sua esposa, ao centro, num encontro com visitantes à conferência.

sinou:

"De modo que, meus queridos irmãos, se não tendes caridade, nada sois, porque a caridade nunca falha. Portanto, apegai-vos à caridade, que é de todas a maior, porque todas as coisas hão de perecer.

"Mas a caridade é o puro amor de Cristo e permanece para sempre; e todos os que forem achados em sua posse no último dia, bem lhes irá." (Morôni 7:46-47.)

Cumprindo fielmente nossa mordomia na Igreja, lembrando-nos de que nossos atos falam do que nos vai no coração, e estendendo nosso amor ao Salvador que espera receber-nos em seu reino, possamos fazê-lo com esperança, com amor e com caridade. Seu convite às gerações da humanidade ressoa neste hino:

Vinde a Cristo, desconsolados,
Vossos pesares lhe confiareis;
Ele vos chama ao belo porto,
Onde descanso tereis.

Vinde a Cristo — ele vos ouve,
Ele do mal vos libertará;
Com infinitas bênçãos vos busca,
E seu amor vos dará.

Orai a Cristo que vos atende,
E suplicai-lhe em oração,
Que vos envie os anjos santos,
De sua eterna mansão.

Vinde a Cristo, de toda a terra,
E de distantes ilhas do mar;
A todos chama a voz divina:
"Vinde comigo morar."

(*Hinos*, nº 15.)

Meus queridos irmãos e irmãs, presto-vos humilde testemunho de que sei que Jesus é o Cristo, o Salvador do mundo, e que, se atendermos ao seu chamado de virmos a ele, certamente seremos agraciados com todas as bênçãos que tem reservado para os justos e fiéis. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

As "Pequenas Coisas" e a Vida Eterna



Élder Angel Abrea
do Primeiro Quorum dos Setenta

"Nosso maior desafio é usar fiel e decididamente tudo o que o Senhor nos deu para alcançar a exaltação."

Certa tarde extremamente quente, eu estava cruzando as verdes terras agrícolas dos pampas argentinos. O sol queimava a estrada a ponto de formar visíveis ondas de calor. Não obstante, sentia-me confiante e à vontade, porque acabava de comprar um carro novo, recém-saído da fábrica, com um motor potente e força bastante para vencer os elementos e permitir-me uma viagem no conforto do ar condicionado.

De repente, percebi que a temperatura em meu novo carro estava subindo e o potente motor estava dando sinais de sobrecarga. Quando o ponteiro do termômetro chegou ao ponto crítico, parei o carro no acostamento, na esperança de conseguir resolver o problema com meus limitados conhecimentos de mecânica. Devo admitir que me desgostava o pensamento de que alguma coisa conseguiu parar meu novo carro. Assim que levantei o capô, descobri, para meu assombro, que uma porção de borboletinhas coloridas haviam conseguido interromper o processo de resfriamento do radiador e parado meu carro. Foi então que me dei conta de como algumas centenas de borboletinhas podiam, em seu esforço conjunto, vencer a enorme potência de um motor. Não foi uma águia, nem um gavião ou outra coisa qualquer mais ou menos plausível, porém simplesmente um punhado de minúsculas borboletas.

Esse incidente me fez pensar no que com freqüência ocorre em nossa vida. Pensei no enorme potencial existente em cada um de nós, potencial capaz de conduzir-nos para a vida eterna.

Diz o Profeta Joseph Smith:

"Aqui, então, está a vida eterna — conhecer o único Deus sábio e verdadeiro; e tereis que aprender como tornar-vos deuses vós mesmos, e como serdes reis e sacerdotes para Deus, da mesma forma como todos os deuses fizeram antes de vós, isto é, passando de um pequeno degrau para outro, de uma capacidade menor para outra maior; de graça em graça, de exaltação em exaltação, até que consigais ressuscitar os mortos e sejais capazes de habitar em fulgores eternos e de assentar-vos em glória, como aqueles que estão entronizados em poder infinito...

"... (Sereis) herdeiros de Deus e co-herdeiros com Jesus Cristo. O que significa isto?

Herdar o mesmo poder, a mesma glória e a mesma exaltação, até que atinjais a categoria de um Deus e ascendais ao trono de poder eterno, como os que já vos antecederam." (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, pp. 346-348.)

Quantas vezes permitimos que pequeninas "borboletas" reduzam, restrinjam ou impeçam nosso imenso potencial de conduzir-nos à exaltação?

Proporcionalmente, são em geral poucos os que se deixam deter em sua jornada pelos chamados pecados graves ou sérios, como os que aparecem nas manchetes dos jornais. Geralmente não é a poderosa águia que nos derrota, mas as pequeninas "borboletas".

Para ilustrar melhor este conceito, gostaria de abordar alguns dos "azares de viagem" que se tornam obstáculos em nossa maravilhosa jornada para o reino celestial.

Temos pensado na enorme deterioração espiritual resultante da não santificação do Senhor? Este mandamento envolve muito mais do que simplesmente descansar de nossa labuta. Santificar o dia do Senhor edifica o caráter espiritual e nos prepara para o que está para vir. Observando este mandamento, teremos poder sobre o maligno, mais capacidade para guardar os mandamentos do Senhor e nos manter limpos dos pecados do mundo. (Vide D&C 59:9.)

Falando mais especificamente do dia do Senhor, já pensamos na desnutrição espiritual decorrente do não comparecimento às reuniões sacramentais ou da presença a elas com atitude imprópria? O sagrado convênio celebrado pelos membros da Igreja na hora do batismo deve prevalecer em nossos pensamentos e sentimentos, quando participamos do sacramento. Se conseguirmos isto, teremos sempre conosco o Espírito do Senhor.

Nenhum membro da Igreja pode ignorar ou simplesmente pôr de lado a renovação semanal desse convênio e querer conservar o Espírito. Se realmente compreendemos o propósito de nossas reuniões sacramentais, compareceremos a elas não apenas para ouvir alguém falar, o que obviamente é importante, mas para renovar os sagrados convênios feitos com nosso Pai Celeste em nome de seu Filho, Jesus Cristo. Os que se habituam a faltar nessa reunião semanal e não se arrependem, colocam em grave perigo sua estabilidade e bem-estar espiritual.

Já paramos para pensar no que acontece a nossa salvação, quando negligenciamos as preces, ou não colhemos de nossas orações diárias repetidas experiências compensadoras? Nós nos referimos continuamente ao "poder da oração", mas será que estamos sempre dispostos a pagar o preço, para que se cumpra a promessa encontrada em 3 Néfi 18:18-20?

"Eis que, em verdade vos digo que deveis velar e orar sempre, a fim de que vos livreis das tentações; porque Satanás vos deseja peneirar como trigo.

"Portanto, deveis sempre orar ao Pai em meu nome.

"E tudo quanto pedirdes ao Pai, em meu nome, se pedirdes o que é direito e com fé, eis que recebereis."

Outro exemplo: Será que nos damos conta de que, toda vez que apoiamos os líderes da Igreja, nos obrigamos a sustê-los? A mão erguida torna-se símbolo do convênio que fazemos de lhes dar apoio. Toda vez que os criticamos ou condenamos, estamos literalmente quebrando o convênio. O Presidente Joseph F. Smith comentou a respeito desse problema:

"No momento em que um ho-

mem diz que não se submeterá à autoridade legalmente constituída da Igreja, quer seja dos mestres, do bispado, do sumo conselho, do seu quorum ou da Primeira Presidência, e em seu coração confirmar esse desejo e o levar avante, nesse momento se alija dos privilégios e bênçãos do sacerdócio e da Igreja, e separa-se do povo de Deus, pois ignora a autoridade que o Senhor instituiu em sua Igreja.'' (*Doutrina do Evangelho*, cap. III, p. 42.)

Tenho tido inúmeras experiências ouvindo as razões invocadas pelas pessoas para não pagarem o dízimo, a maioria das quais são meros casos de falta de fé. Recordo-me de uma vez em 1957, enquanto servia como novo presidente de ramo na Argentina, quando decidi entrevistar os membros a respeito da importância de pagarem o dízimo. Chegou a vez de conversar com um bom irmão do ramo chamado José, e que tinha dificuldades de pagar o dízimo. Entrei diretamente no assunto:

— Irmão José, por que não paga seu dízimo?

Estou certo de que ele não esperava uma abordagem tão direta. Após um instante de silêncio, respondeu:

— Como sabe, presidente, tenho dois filhos. O salário de operário é muito pequeno. Este mês preciso comprar sapatos para as crianças irem à escola; e, matematicamente, não tenho dinheiro suficiente.

Respondi instantaneamente:

— José, eu lhe prometo que, se pagar fielmente o dízimo, suas crianças terão sapatos para irem à escola, e você será capaz de pagar todos os compromissos. Não sei como ele o fará, mas o Senhor sempre cumpre o que promete. Além disso, — acrescentei, — se ainda assim verificar que lhe falta dinheiro, eu lhe devolverei do meu bolso o que pagou como dízimo.

A caminho de casa, fiquei pensando se havia agido corretamente. Ali estava eu, recém-casado, mal iniciando minha carreira profissional e às voltas com meus próprios problemas econômicos. Comecei a me preocupar com os *meus* sapatos, para não falar dos sapatos dos filhos de José! Ainda assim, chegando em casa, minha mulher apoiou-me com sinceridade e garantiu-me que tudo daria certo. Devo dizer que, naquela noite, ninguém orou mais fervorosamente pelo sucesso econômico do Irmão José do que eu.

No mês seguinte, voltei a conversar com José. Embora sua emoção mal lhe permitisse falar, ele disse:

— Presidente, é incrível. Paguei o dízimo; fui capaz de saldar todos os meus compromissos e ainda comprei sapatos novos para as crianças, tudo sem aumento de salário. Eu sei que o Senhor cumpre suas promessas!

Até hoje José continua sendo um fiel dizimista.

Até aqui mencionei somente uns poucos problemas criados pelas ''borboletinhas'' que econtramos em nossa caminhada eterna. Logicamente existem muitos mais. Poderíamos mencionar, por exemplo, a falta de autodomínio que leva as pessoas a quebrar a Palavra de Sabedoria; as diversas desculpas para não cuidar do programa de preparação pessoal e familiar; a apatia e falta de ânimo com relação às responsabilidades genealógicas; a negligência em relação às ordenanças do templo do Senhor, em alguns casos, a falta de interesse, em outros o me-



do que impede muitos de participarem da obra missionária. Estes são apenas alguns exemplos de uma lista sem fim.

É provável que jamais perderemos nossa condição de membros da Igreja, simplesmente por não cumprir um ou mais dos mandamentos acima mencionados. Não obstante, seja individual ou coletivamente, essas "borboletinhas" afetam nosso desenvolvimento espiritual e, fundamentalmente, a real capacidade de cada pessoa.

"Pois neles está o poder de assim fazer, no que são seus próprios árbitros. Se os homens fizerem o bem de modo nenhum deixarão de receber sua recompensa." (D&C 58:28.)

O Senhor não nos enviou ao mundo para fracassar. Fomos dotados de todos os talentos e capacidade necessários para vencer a jornada, para voltar a sua presença. Nosso maior desafio é usar fiel e decididamente tudo o que ele nos deu para alcançar a exaltação. Se assim fizermos — se vivermos de "toda palavra que sai da boca de Deus" (D&C 84:44) — no final da jornada voltaremos a ser parte da gloriosa experiência que vivemos no início, quando "todos os filhos de Deus rejubilavam". (Jó 38:7.)

Eu sei que o Senhor tornou isto possível e que ele nos abençoa e continuará abençoando-nos em nosso progresso para nosso glorioso destino. Em nome de Jesus Cristo. Amém.



A Força do Reino Está Dentro de Vós



Élder Dean L. Larsen
da presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

"O verdadeiro poder do reino de Deus reside na qualidade de nossa vida — nossa pureza, caridade, fé, integridade e devoção à verdade."

Certa ocasião, um grupo de fariseus enfrentou o Salvador, querendo saber quando viria o reino de Deus. (Lucas 17:20.) Sua tradição rezava que o reino de Deus surgiria como *impressiva* demonstração de poder e domínio terreno. A indagação deles, portanto, questionava a afirmação do Senhor de que o reino de Deus não seria estabelecido na terra como outros reinos mundanos. (Vide João 18:36.)

A resposta do Mestre, nessa ocasião, é uma significativa lição a respeito da genuína fonte de poder e influência em seu reino. Disse ele: "O reino de Deus não vem com aparência exterior.

"Nem dirão: Ei-lo aqui, ou ei-lo ali; porque eis que o reino de Deus está dentro de vós." (Lucas 17:20-21.)

O Salvador tentou incutir em seus interlocutores o fato de que o verdadeiro poder do reino de Deus não se mostra em coisas extremamente visíveis. Sua força reside na qualidade da vida de seus membros, sua pureza, caridade, fé, integridade e devoção à verdade. Este grande ensinamento escapou à percepção dos fariseus, mas é significativo para nós hoje.

Nossas capelas e congregações pontilham hoje em quase todos os países do mundo livre. Nossos templos logo estarão a pouca distância de viagem para quase todos os membros. A percentagem de membros que participam das reuniões e atividades está em contínua ascensão. São sinais encorajadores. Esperamos que sejam indicação de força interior. Regozijamo-nos com o crescimento que vem marcando o progresso da Igreja neste século, particularmente nas últimas décadas. Sentimo-nos animados com nosso êxito missionário, com toda razão; mas, em todas essas manifestações visíveis de crescente poder, não nos devemos esquecer da injunção do Salvador aos que esperavam que o reino de Deus se manifestasse em termos de poder terreno: "Eis que o reino de Deus está dentro de vós."

Meses atrás, estive na conferência de uma estaca que apresentava um impressionante relatório estatístico. Segundo todos os padrões visíveis, era composta de santos dedicados e fiéis. Em minha primeira entrevista com seu presidente, não me surpreendeu sua ansiedade de examinarmos juntos o excelente desempenho estatístico de sua gente. Os relatórios estavam dispostos sobre sua mesa para facilitar o exame. Antes de olhá-los, perguntei ao presidente:

— Diga-me, o que acha de seus membros? Em termos genéricos, em sua espiritualidade estão em condição melhor que um ano atrás?

Eu desejava avaliar o discernimento pessoal do presidente quanto à força espiritual de seus membros. Ele imediatamente aproveitou o momento para chamar minha atenção para os relatórios. Percebendo que me entendera mal, expliquei:

— Terei todo prazer em verificar os relatórios com o irmão, mas antes disso, conte-me como se *sente* a respeito de seus membros.

Minha insistência em que fizesse esse tipo de avaliação à parte dos relatórios, deixou o presidente perplexo e frustrado. Sentindo sua frustração, passamos sem mais demora à verificação dos dados estatísticos. Eles indicavam considerável progresso em muitos setores passíveis de avaliação quantitativa. Acredito que os relatórios eram indicadores significativos da qualidade espiritual dos membros. Entretanto, eu fracassara no intento de extrair do presidente a avaliação perspicaz que procurava. Ao mesmo tempo, percebi que estava um pouco perplexo e um tanto pensativo no final de nossa entrevista. Ele continuou pensativo durante as reuniões da tarde e da noite, chegando a me preocupar.

No dia seguinte, ao proferir seu discurso na sessão geral da conferência, ele me surpreendeu falando de sua experiência comigo no dia anterior. Reconheceu sua frustração diante de minha evidente relutância em passar imediatamente ao exame dos relatórios correlacionados, e que essa frustração o acompanhara até a noite. Ao ponderar essas coisas, viera-lhe à mente uma experiência tida na semana antes da conferência.

Ele fizera uma visita a um membro da estaca que estava hospitalizado. Durante a visita, viu entrar no quarto uma enfermeira em sua ronda habitual. Dirigiu-se aos gráficos pendentes dos pés da cama da paciente, examinou detidamente as anotações, e acrescentou as suas. A seguir, aproximou-se da paciente, tomou-lhe o pulso, colocou a palma da mão sobre sua testa, fez algumas perguntas e recebeu algumas respostas. Contou o presidente: "Ocorreu-me que a enfermeira estava procurando avaliar certos sinais vitais da paciente — sinais não constantes das anotações dos gráficos."

Foi então, disse, que finalmente entendeu o propósito de minhas perguntas da véspera. "Compreendi que o Élder Larsen estava querendo saber de mim como estavam vossos sinais espirituais, que os relatórios não conseguem retratar."

Depois, prosseguiu: "Hoje vou falar-lhes a respeito desses sinais vitais-daqueles que vão além dos dados constantes dos relatórios." E fez um dos melhores discursos que já ouvi de um presidente de estaca. É interessante que não fez nenhuma menção aos relatórios estatísticos em seu discurso.

Temos boas razões para nos sentirmos animados e otimistas, hoje, ao observar o rápido progresso da Igreja pelo mundo afora. Estamos satisfeitos com o grau de participação dos membros, embora reconheçamos que pode ser melhorado. A disposição do povo de servir e sacrificar-se em prol da obra do Senhor é elogiável.

Porém, o que dizer do reino que está dentro de nossa alma? Evidências há mostrando que não estamos completamente isentos de fraquezas internas. Os problemas familiares se multiplicam. O divórcio se torna mais comum. Por todo lado, apare-

cem sinais de crescente preocupação com coisas materiais, mundanas. Obediência questionável aos princípios de confiança e integridade nos negócios é por demais freqüente. Cortesia e bondade são freqüentemente substituídas por rispidez e grosseria no relacionamento humano. Crescentes indícios de promiscuidade e infidelidade aos convênios conjugais nos assediam.

Embora reconhecendo A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias como "a única verdadeira e viva sobre a face da terra... falando à igreja coletiva e não individualmente", o Senhor externou reservas quanto aos membros individuais e explicou: "Pois eu, o Senhor, não posso encarar o pecado com o mínimo grau de tolerância." (D&C 1:30-31.)

Noutra ocasião, advertiu os de sua igreja:

"Eis que", disse ele, "vingança vem depressa sobre os habitantes da terra, ...

"E em minha casa principiará, e dela irá avante, diz o Senhor;

"Primeiro entre os de vós, diz o Senhor, que professastes conhecer o meu nome e não me conhecestes, e blasfemastes diante de mim no meio de minha casa, diz o Senhor." (D&C 112:24-26.)

Nesta época de impressionante crescimento da Igreja, faríamos bem em examinar nossa própria alma, avaliando nossos sinais espirituais. Muito freqüentemente, santos dos últimos dias de todas as idades cedem à tentação de explorar e provar coisas proibidas do mundo. Muitas vezes isto não é feito com intenção de abraçá-las permanentemente, mas com a consciente decisão de comprazer-se momentaneamente com elas, como se tivessem um valor importante ou grande demais para serem ignoradas. Enquanto alguns se recuperam dessas "excursões", um crescente número de tragédias está causando males e desespero a muitas vidas.

O efeito cumulativo disto é devastador. Os reflexos afetarão a vida dos que cedem aos apetites, bem como a vida dos que os amam e neles confiavam, de maneiras infortunadas e imprevistas por tempo indefinido. Em conseqüência dessas coisas, a humanidade resvala inexoravelmente para um nível inferior, o real poder e influência da Igreja e do reino de Deus diminuem, e a humanidade inteira sentirá inevitavelmente a perda. Além disso, coletivamente como igreja, prejudicamos nossa capacidade de merecer e reclamar as bênçãos preservadoras e protetoras do Senhor.

Tenho a maior admiração e apreço por aqueles que fazem jus à confiança neles depositada e que não seguem os padrões do mundo, e por aqueles que voltaram ou estão voltando de sendas sombrias. Vós sois nossa esperança luminosa. Fareis uma significativa diferença no resultado final das coisas. Vós sois a última grande defesa contra o mal que está tragando a terra. Deus vos abençoe por isto!

Visualizando os dias futuros, estou esperançoso por causa da promessa do Senhor e porque sei que seu reino prevalecerá, mas tremo ao ler esta declaração a nós:

"Pois este é um dia de advertência e não de muitas palavras. Pois eu o Senhor, não serei escarnecido nos últimos dias." (D&C 63:58.)

A força constante do reino não reside no número de seus membros,



Presidente Gordon B. Hinckley, da Primeira Presidência, e a Irmã Hinckley na Conferência Geral da Sociedade de Socorro, 26 de setembro de 1981.

seu índice de crescimento ou beleza de seus edifícios. No reino de Deus, o poder não está equacionado com a contagem numérica, nem com o visível desempenho rotineiro de seus preceitos. ele está naqueles discretos, desconhecidos atos de amor, obediência e serviço cristão que talvez nunca cheguem ao conhecimento da liderança, mas emulam o ministério do próprio Senhor.

Está em tempo de examinarmos nossos próprios sinais espirituais naquelas áreas importantes que nos levam além dos dados estatisticamente registrados. "Pois o reino de Deus está dentro de vós." Em nome de Jesus Cristo. Amém.





"Preparai-vos"



Élder LeGrand Richards
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Se vale a pena preparar-se de doze a vinte anos para uma vida de setenta e cinco, quanto valerá preparar-se para uma vida que nunca termina?"

Nas muitas vezes que tenho falado deste púlpito nas conferências gerais da Igreja, como missionário, dirigi-me geralmente aos não-membros da Igreja, procurando convencê-los de que temos a única igreja verdadeira sobre a face da terra, hoje — não edificada sobre a sabedoria de homens, mas trazida diretamente dos céus por mensageiros celestiais.

Refletindo sobre o que diria hoje, pensei que gostaria de falar aos membros inativos desta igreja, àqueles que deveriam ser ativos, pois muitos deles provêm de boas famílias SUD; e depois àqueles dentre vós que têm familiares inativos na Igreja.

Disse o Senhor falando por intermédio de Moisés: "Porque eis que esta é minha obra e minha glória: proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem." (Moisés 1:39.) Assim sendo, o Senhor tinha que prover a nós, seus filhos espirituais, um meio de conhecer seu programa, a fim de sermos capazes de ganhar a imortalidade e vida eterna — e ele o fez; esta é a missão desta grande Igreja.

Acho que muitos dos nossos não sabem realmente o que nossa Igreja representa. Jesus disse: "Examinais as escrituras porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam." (João 5:39.)

E a seguir, falando dos que por ele seriam julgados, quando retornasse à terra, ele diz: "Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitas maravilhas?

"E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniqüidade." (Mateus 7:22-23.)

Quando se encontrava banido na Ilha de Patmos, João ouviu uma voz dos céus: "Sobe aqui, e mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer." (Apo. 4:1.) Então o anjo do Senhor lhe mostrou muitas maravilhas. Mostrou-lhe a vinda de um novo céu e uma nova terra quando não haveria mais doença e dor, nem sofrimento ou morte; quando não necessitaríamos mais do sol de dia, nem da lua à noite, pois a glória de Deus estaria sobre a terra; quando homem algum diria "conhecei o Senhor", pois todo homem andaria na luz do Senhor, seu Deus. (Vide Apo. 21:1, 4:23-24.)

Contemplando tudo isso, João quis ajoelhar-se e adorar o anjo que lho mostrou. E o anjo disse: "Olha, não faças tal; porque eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas." (Apo. 22:8-9.)

Antes, o anjo mostrara-lhe os mortos, grandes e pequenos, postados diante de Deus, e abriram-se os

livros e todos os homens foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo suas obras. A morte e o inferno entregaram os mortos que neles havia. (Vide Apo. 20:12-13.) Então disse o anjo: "Bem aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte; mas serão sacerdotes de Deus... e reinarão com ele mil anos." (Apo. 20:6.) Não seria maravilhoso ser digno de ressurgir na manhã da primeira ressurreição?

O anjo, porém, não ficou nisso, mas continuou: "Mas os outros mortos não reviveram até que os mil anos se acabaram." (Apo. 20:5) Haverá homem que, em sã consciência, prefere arriscar ficar na tumba por mil anos, quando o Filho do Homem vier nas nuvens dos céus com todos os santos anjos, e aqueles que nele morreram forem ressuscitados e os que estiverem vivendo nele forem arrebatados e transformados num piscar de olhos? Gosto da afirmação de Cícero (Orador, estadista e filósofo romano, 106 — 43 A.C.N. do T.) de estar muito mais interessado no longo porvir do que no breve presente.

Hoje, em nossa vida natural e rotineira, nossos filhos vão à escola durante doze a vinte anos, como nós fizemos, a fim de aprenderem como enriquecer sua vida aqui na mortalidade, como ganhar o sustento e como desfrutar as coisas culturais e refinamentos da vida. Se vale a pena preparar-se de doze a vinte anos para uma vida de setenta e cinco, quanto valerá preparar-se para uma vida que nunca termina?

No Livro de Mórmon, diz o Profeta Alma que esta vida é a ocasião de preparar-se para o encontro com Deus. (Vide Alma 34:32.) E penso que deveríamos estar mais interessados no longo porvir do que apenas no breve presente. Fico imaginando se alguma vez paramos para fazer uma idéia de quão longo é realmente o porvir.

Provavelmente já me ouvistes contar isto, mas quando minha mulher e eu fizemos trinta e cinco anos de casados, perguntei-lhe:

— O que acha que estaremos fazendo, daqui a trinta e cinco milhões de anos?

Ela respondeu: — Onde achou esta idéia maluca? Cansa-me só pensar nisso!

Eu disse então: — Você acredita na vida eterna, não é? Foi-nos dito que o tempo só conta para o homem, que para Deus não existe tempo. Tudo é um círculo eterno. (O Profeta Joseph Smith ilustrou este conceito com a ajuda de um anel, dizendo: "Quando o cortamos, passa a ter princípio e fim, mas enquanto o deixarmos inteiro, não tem princípio nem fim.")

Então prossegui: — Pois bem, se acredita nisso, daqui a mais trinta e cinco milhões de anos juntos, devemos conhecer-nos bastante bem.

Não será isto que Cícero quis dizer, ao afirmar que estava mais interessado no longo porvir do que no breve presente?

Durante seu ministério, o Salvador deu-nos diversas parábolas e pronunciamentos a respeito da preparação para sua segunda vinda, quando viria reinar com poder sobre a terra. Gostaria de deixar-vos algumas de suas palavras. Primeiro a parábola dos talentos. Certamente vos lembrais da parábola do homem que foi viajar, deixando seus talentos com os servos. A um deles deu cin-

co; a outro dois e ao terceiro, um... Quando voltou, passado algum tempo, pediu uma prestação de contas aos servos. E aquele que recebera cinco talentos, disse: "Senhor, entregaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que granjeei com eles." E seu Senhor lhe disse: "Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre o muito te colocarei." (Não seria maravilhoso ter domínio sobre muitas coisas?) "Entra no gozo do teu Senhor." (Mat.25:20-21.)

Aquele que havia recebido dois talentos (e todos nós ganhamos o mesmo), ganhou outros dois, recebendo idêntico elogio por sua diligência e fidelidade. Mas o que recebeu apenas um talento, escondera-o e justificou-se: "Senhor, eu conhecia-te, que és homem duro, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste;

"E, atemorizado, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu." (Mat. 25:24-25.)

E o que respondeu o Mestre?

"Tirai-lhe pois o talento, e dai-o ao que tem os dez talentos. Porque a qualquer um que tiver será dado, e terá em abundância; mas ao que não tiver, até o que tem ser-lhe-á tirado.

"Lançai, pois, o servo inútil nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes." (Mat. 25:28-30.)

Porventura alguém gostaria de esperar o tempo que não terá fim, o longo porvir, sabendo que será lançado onde haverá pranto e ranger de dentes?

Vou dar-vos agora outra parábola do Senhor sobre preparação, e que é a parábola das dez virgens. Como sabeis, cinco delas levaram óleo para suas lâmpadas, e as outras cinco não. Quando o esposo chegou, as cinco que tinham óleo foram ao seu encontro; as outras cinco quiseram tomar óleo emprestado, mas, como não havia o suficiente para todas, saíram a comprá-lo. Voltando, encontraram a porta fechada. (Vide Mateus 25:1-13.) Por que Jesus nos daria uma parábola dessas, se não achasse que os inativos devem voltar à atividade na Igreja?

A próxima parábola que vos dou é a do rico e de Lázaro. Este se alimentava das migalhas que caíam da mesa do rico, e os cães lambiam suas chagas. Então o rico e Lázaro morreram. Lázaro foi para o seio de Abraão — quer dizer, foi recebido com honras. O rico foi para a esfera de tormentos. Vendo Lázaro no seio de Abraão, clamou: "Pai Abraão, tem misericórdia de mim e manda a Lázaro que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama."

Mas Abraão respondeu: "Está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam..." (Lucas 16:24-26.)

Então o rico se lembrou da terra onde tinha cinco irmãos e disse: "Rogo-te pois, ó pai (Abraão), que o mandes à casa de meu pai.

"Pois tenho cinco irmãos... a fim de que não venham também para este lugar de tormento.

"Disse-lhe Abraão: Têm Moisés e os profetas; ouçam-nos...

"Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite."(Lucas 16:27-29, 31,)

Jesus disse ainda, referindo-se à época de sua vinda: "Então, estando dois no campo, será levado um, e deixado o outro;

"Estando duas moendo no moinho, será levada uma, e deixada a outra." (Mat. 24:40-41.)

Como se sentirá a pessoa vendo seu companheiro ser levado, e ela ser deixada esperando mais mil anos?

Ora, Jesus não nos deixou todas essas belas parábolas para nada. Disse ele:

"Todo aquele... que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente que edificou sua casa sobre a rocha;

"... e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha.

"E aquele que ouve estas minhas palavras, e as não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou sua casa sobre areia;

"E... correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande sua queda." (Mat. 7:24-27.)

Quem quererá construir sua casa sobre areia, para que não resista aos embates da adversidade?

Eis meu apelo hoje, aqui, que nos preparemos para sua vinda. Sem dúvida vos lembrais das palavras de Jeremias. Diz ele que dia viria em que não mais seria dito. "Vive o Senhor que fez subir os filhos de Israel da terra do Egito. Mas: Vive o Senhor que fez subir os filhos de Israel... de todas as terras para onde os tinha lançado" (Jer. 16:14-15) e que mandaria muitos pescadores para pescá-los, e muitos caçadores para caçá-los sobre os montes e nas fendas das rochas. (Vide Jer. 16:16.) Estes são os trinta mil missionários espalhados pelo mundo, procurando coligar a Israel dispersa.



Disse Jeremias: "Convertei-vos, ó filhos rebeldes, diz o Senhor; porque eu vos desposarei." (Jer. 3:14.) Que convênio! Não é maravilhoso pensar que, se ouvirmos os sussurros do Santo Espírito, será como que estar casado com ele?

Depois Jeremias acrescenta: "E vos tomarei, a um de uma cidade, e a dois de uma geração; e vos levarei a Sião.

"E vos darei pastores segundo o meu coração, que vos apascentem com ciência e com inteligência." (Jer. 3:14-15.)

Examinai a história do mundo. Nenhum outro lugar encontrareis em que estão reunidos um de uma cidade e dois de uma família como nestes vales das montanhas, e onde Deus, o Pai Eterno, lhes deu pastores segundo seu coração, conforme o que ouvistes falar hoje nesta conferência, e ouvireis falar amanhã.

Bem, este é meu testemunho para vós, e oro que Deus vos mantenha ativos e participantes com vossos familiares, usando vossos dotes e talentos para a edificação do reino de nosso Pai. Deixo-vos meu amor e bênção em nome do Senhor, Jesus Cristo. Amém.



O Sacerdócio Aarônico



Élder Boyd K. Packer
do Quorum dos Doze Apóstolos

"O poder do sacerdócio se adquire cumprindo o dever nas coisas comuns; freqüentando as reuniões, aceitando designações, lendo as escrituras, guardando a Palavra de Sabedoria."

Sempre chego cedo ao Tabernáculo para a reunião do sacerdócio, a fim de poder trocar um aperto de mão com os diáconos, mestres e sacerdotes. Para isso sou obrigado a procurá-los entre uma porção de élderes, setentas e sumo sacerdotes, mas vale a pena conhecer o Sacerdócio Aarônico. Nós, portadores do sacerdócio maior, os saudamos, irmãos do Sacerdócio Aarônico.

Quero falar-lhes a respeito do poder invisível do Sacerdócio Aarônico. Um rapaz de doze anos tem idade suficiente para conhecê-lo. À medida que forem crescendo, vocês se familiarizarão com esse poder protetor, orientador.

Alguns acham que um poder invisível não pode ser real. Penso que conseguirei convencê-los do contrário. Certamente vocês se lembram ainda de quando tolamente enfiaram o dedo numa tomada. Embora não

pudessem ver exatamente o que aconteceu, sem dúvida vocês sentiram o efeito!

Ninguém já conseguiu ver a eletricidade, nem mesmo os cientistas com os mais avançados instrumentos. Não obstante, eles a sentem como vocês a sentiram. E podemos ver seus efeitos, medi-la, controlá-la, produzir com ela luz e calor, e força. Ninguém jamais duvidou dela, simplesmente por não poder enxergá-la.

Embora não seja possível ver o poder do sacerdócio, vocês podem senti-lo e observar seus efeitos. O sacerdócio pode ser uma força protetora e orientadora em sua vida. Permitam-me exemplificar.

Depois de filiar-se à Igreja, o Presidente Wilford Woodruff desejava cumprir missão.

"Eu não passava de um mestre", escreveu, "e não cabe ao ofício de mestre viajar e pregar. Não ousava contar a nenhuma autoridade da Igreja que eu queria pregar, para que não pensassem que estava buscando um ofício." (*Leaves from My Journal,* Salt Lake City: Juvenile Instructor Office, 1882, p. 8.)

Ele orou ao Senhor e, sem revelar seus desejos a outras pessoas, foi ordenado sacerdote e mandado para a missão no Território de Arkansas.

Ele e seu companheiro cominharam penosamente cento e sessenta quilômetros por pântanos infestados de jacarés, sujos, molhados, e exaustos. O Irmão Woodruff foi acometido de forte dor no joelho e não pôde prosseguir. O companheiro deixou-o sentado num tronco caído e foi para casa. O Irmão Woodruff orou suplicando ajuda, ajoelhado na lama. Ficou curado e continuou a missão sozinho.

Três dias mais tarde, chegou a Mênfis, no Tennessee, cansado, faminto e muito sujo. Dirigiu-se à maior das estalagens e lá pediu um pouco de alimento e um lugar para dormir, embora sem dinheiro para pagar nenhum dos dois.

Quando o estalajadeiro descobriu que era um pregador, riu e resolveu divertir-se um pouco às custas dele. Ofereceu-lhe uma refeição, se pregasse aos seus amigos. Um grande grupo de pessoas ricas e importantes de Mênfis reuniu-se e achou muita graça naquele missionário coberto de lama.

Como ninguém queria cantar nem orar, o Irmão Woodruff fez as duas coisas. Ajoelhando-se diante deles, implorou ao Senhor que lhe concedesse seu Espírito para tocar o coração daquela gente. E o Espírito veio! O Irmão Woodruff pregou com muita eloqüência e foi capaz de revelar os atos secretos daqueles que ali estavam para ridicularizá-lo.

Quando terminou, ninguém se riu do humilde portador do Sacerdócio Aarônico. Dali em diante foi tratado com bondade. (Vide *Leaves from My Journal*, pp. 16-18.) Ele se encontrava sob o poder protetor e orientador do Sacerdócio Aarônico, o mesmo poder que pode estar convosco também.

Gostaria de explicar-lhes algumas coisas fundamentais sobre o Sacerdócio Aarônico. É chamado de "Sacerdócio de Aarão, porque foi conferido a Aarão e a sua semente através de todas as suas gerações". (D&C 107:13.) O Sacerdócio Aarônico é conhecido ainda por outros nomes. Vou citar e explicar-vos o que significam.

Sacerdócio Menor

Em primeiro lugar, o Sacerdócio

Aarônico é chamado às vezes de sacerdócio menor.

"Chama-se sacerdócio menor, porque é um apêndice do maior, que é o Sacerdócio de Melquisedeque, e tem poder para administrar ordenanças exteriores." (D&C 107:14.)

Isto quer dizer que o sacerdócio maior ou Sacerdócio de Melquisedeque, *sempre* preside o Sacerdócio Aarônico ou menor. Aarão era o sumo sacerdote ou sacerdote presidente do Sacerdócio Aarônico. Moisés, porém, presidia Aarão por ter o Sacerdócio de Melquisedeque.

O fato de ser chamado de sacerdócio menor não diminui em nada a importância do Sacerdócio Aarônico. O Senhor disse que ele é necessário ao sacerdócio maior. (Vide D&C 84:29.) Todo portador do sacerdócio maior deve sentir-se honrado ao poder realizar as ordenanças do Sacerdócio Aarônico, pois são de muita importância espiritual.

Como membro do Quorum dos Doze Apóstolos, tenho distribuído o sacramento. Asseguro-lhes que me sinto sumamente honrado e humilde, fazendo o que alguns talvez considerem tarefa rotineira.

Sacerdócio Levítico

O Sacerdócio Aarônico também é chamado de Sacerdócio Levítico. O termo *levítico* deriva do nome Leví, um dos doze filhos de Israel. Moisés e Aarão, que eram irmãos, eram levitas.

Quando o Sacerdócio Aarônico foi dado a Israel, coube a Aarão e seus filhos o encargo de *presidir* e administrá-lo. Os membros masculinos de todas as outras famílias levitas ficaram encarregados das cerimônias do tabernáculo, inclusive da lei mosaica do sacrifício.

A lei do sacrifício vinha sendo observada desde os dias de Adão. Era um símbolo da redenção que viria com o sacrifício e expiação do Messias. A lei mosaica do sacrifício cumpriu-se com a crucificação de Cristo.

Os antigos antecipavam a expiação de Cristo por meio da cerimônia do sacrifício. Nós lembramos o mesmo acontecimento por meio da ordenança do sacramento.

Tanto o sacrifício anterior como o sacramento posterior estão centralizados em Cristo, no derramamento do seu sangue e a expiação que fez por nossos pecados. Tanto nos tempos antigos como agora, a autoridade para realizar essas ordenanças pertence ao Sacerdócio Aarônico. É na verdade uma responsabilidade sagrada e integra vocês na fraternidade daqueles antigos servos do Senhor. Não admira, pois, que nos sintamos tão humildes ao participar das ordenanças designadas ao Sacerdócio Aarônico.

Percebem agora que é correto chamá-lo de Sacerdócio Aarônico ou Levítico? E só uma questão de deveres designados; o sacerdócio é um só.

Sacerdócio Preparatório

Finalmente, o Sacerdócio Aarônico é denominado de sacerdócio preparatório. Este, também, é um título apropriado, porque prepara os rapazes para portarem o sacerdócio maior, cumprirem missão e casarem-se no templo.

Penso ser bastante simbólico que João Batista, um sacerdote no Sacerdócio Aarônico, haja preparado o caminho para a vinda do Senhor nos tempos antigos. Ele veio igualmente para restaurar o Sacerdócio

Aarônico ao Profeta Joseph Smith e Oliver Cowdery, preparando-os para o sacerdócio maior. O próprio Senhor disse que "não apareceu alguém maior do que João Batista". (Mat. 11:11.)

Seria proveitoso vocês observarem seus pais e líderes estudarem como o Sacerdócio de Melquisedeque funciona. Vocês estão-se preparando para ser élderes, setentas, sumos sacerdotes e patriarcas, e para servir como missionários, líderes de quorum, líderes de estaca, nos bispados e como pais de família.

Alguns de vocês aí sentados hoje como diáconos, mestres e sacerdotes, um dia sentar-se-ão aqui como apóstolos e profetas e presidirão a Igreja. *Vocês precisam estar preparados.*

Na verdade, está certo chamar o Sacerdócio Aarônico de sacerdócio preparatório.

Princípios do Sacerdócio

Permitam-me ensinar-lhes alguns importantes princípios do sacerdócio. Ao receberem o Sacerdócio Aarônico, receberão todo ele. Há três tipos de autoridades relacionados ao seu sacerdócio e que vocês precisam entender.

Primeiro, existe o sacerdócio propriamente dito. A ordenação que recebem traz consigo a autoridade para realizar as ordenanças e possuir o poder do Sacerdócio Aarônico.

Depois, dentro do sacerdócio existem ofícios, cada qual com privilégios diferentes. Três deles — diácono, mestre e sacerdote — podem ser-lhes conferidos ainda na adolescência. O quarto ofício — o de bis-



Membros da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, Élder Carlos E. Asay e Élder M. Russel Ballard, atentos à conferência.

po — poderá ser seu, quando forem adultos e dignos de serem igualmente um sumo sacerdote.

Aos diáconos cabe zelar pela igreja como ministros permanentes. (Ver D&C 84:111; 20:57-59.) O quorum se compõe de doze diáconos. (Ver D&C 107:85.)

O mestre deve "zelar sempre pela igreja, estar com os membros e fortalecê-los". (D&C 20:53.) O quorum de mestres conta vinte e quatro membros. (Ver D&C 107:86.)

"O dever do sacerdote é pregar, ensinar, explicar, exortar, batizar e administrar o sacramento. E visitar a casa de cada membro." (D&C 20:46-47.) O quorum de sacerdotes tem quarenta e oito componentes. O bispo é o presidente do quorum dos sacerdotes. (Ver D&C 107:87-88.)

Vocês terão sempre um destes ofícios. Quando recebem o ofício seguinte, conservam a autoridade do anterior. Por exemplo, ao se tornarem sacerdotes, continuam tendo autoridade para executar tudo o que faziam como diácono e mestre. Mesmo quando recebem o sacerdócio maior, conservam essa autoridade e, com a devida autorização, poderão agir nos ofícios do sacerdócio menor.

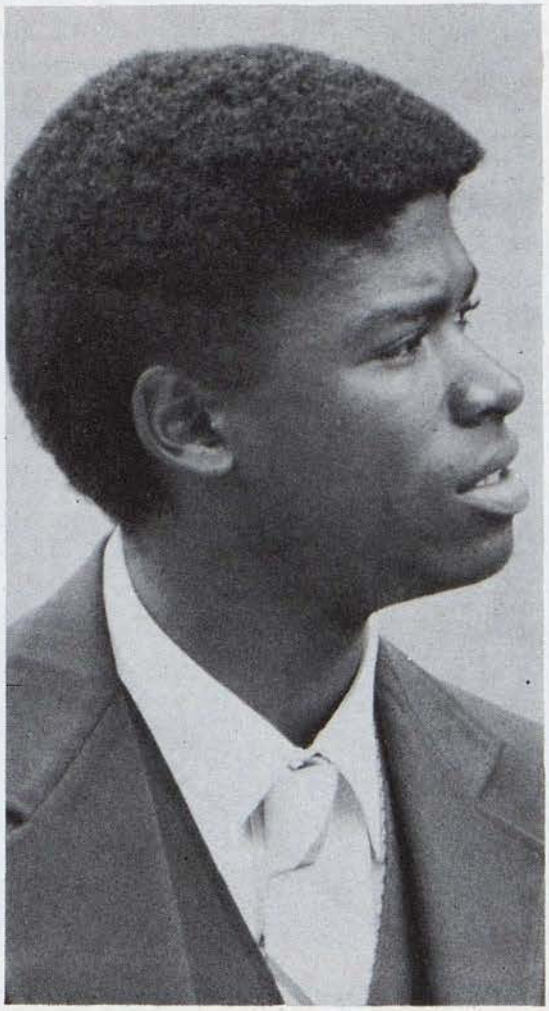
O Élder LeGrand Richards que foi bispo-presidente durante quatorze anos, costumava dizer: "Sou apenas um diácono adulto."

Não existe uma forma rígida de ordenação. Ela inclui o conferimento do sacerdócio, a designação de um ofício, além de uma bênção especial.

Certa vez, estive numa reunião com o Presidente Joseph Fielding Smith. Alguém inquiriu o Presidente Smith a respeito de uma carta que estava sendo divulgada por um apóstata, o qual afirmava que a Igreja perdera o sacerdócio por não terem sido usadas determinadas palavras ao ser conferido, ao que ele respondeu: "Antes de falarmos de sua alegação, permitam-me contar alguma coisa sobre esse homem." Depois de descrever o caráter dele, concluiu: "E assim podem ver que o sujeito não passa de puro e simples mentiroso — bem, talvez não tão puro assim."

Os ofícios fazem parte do sacerdócio, mas este é maior que qualquer de seus ofícios. O sacerdócio lhes pertencerá para sempre, a menos que vocês mesmos se desqualifiquem pela transgressão.

Quando somos ativos e fiéis, co-



meçamos a compreender o poder do sacerdócio.

Existe ainda outra espécie de autoridade que receberão ao serem designados presidentes de um quorum. Então vocês recebem as chaves de autoridade dessa presidência.

Vocês recebem o sacerdócio e o ofício que ocupam dentro dele (diácono, mestre ou sacerdote) por ordenação. As chaves de presidência vocês as recebem por designação.

Quando se tornam diáconos, seu pai poderá, e geralmente deverá ordená-los; ou serão ordenados por outro portador do devido sacerdócio.

Se forem chamados como presidente do seu quorum, seu bispado os designará. As chaves de presidência só podem ser dadas por quem as recebeu também. A menos que seu pai esteja no bispado ele não possui essas chaves.

As chaves de presidência são temporárias. O sacerdócio e os ofícios, permanentes.

Uma coisa mais: Vocês podem receber o sacerdócio somente de alguém que tenha autoridade e "que a igreja saiba que tem autoridade". (D&C 42:11.) O sacerdócio não pode ser concedido como um diploma, nem entregue como um certificado. Não pode ser dado como uma mensagem, nem enviado por carta. Só é recebido pela devida ordenação. Um portador autorizado do sacerdócio precisa estar presente, colocar as mãos sobre a cabeça de vocês e ordená-los.

É por isso que as Autoridades Gerais viajam tanto — para transmitir as chaves de autoridade do sacerdócio. Todo presidente de estaca no mundo inteiro recebeu autoridade das mãos de um dos irmãos presi-



dentes da Igreja. Jamais houve alguma exceção.

Lembrem-se dessas coisas. O sacerdócio é muito, muito precioso para o Senhor. Ele é muito zeloso sobre como é conferido e por quem. Nunca isto é feito em segredo.

Expliquei-lhes como a *autoridade* é conferida a vocês. O *poder* que recebem dependerá unicamente do que fizerem com este dom sagrado e invisível. A autoridade vocês recebem pela ordenação; o poder vem pela obediência e merecimento.

Quero contar-lhes como um de nossos filhos aprendeu obediência. Quando estava mais ou menos com idade de diácono, fomos visitar a fazenda de seu avô em Wyoming. Ele queria começar a amansar um cavalo que ganhara de presente, e que estava acostumado a correr livremente pelas campinas.

Levou quase o dia inteiro para conseguir conduzir a manada até o curral e colocar um cabresto no cavalo e amarrá-lo com uma corda forte.

Expliquei-lhe que o cavalo tinha de ficar amarrado até acalmar-se; ele poderia conversar com ele,

afagá-lo de leve, mas não, sob qualquer circunstância, soltá-lo.

Finalmente entramos para o jantar. Ele comeu depressa e voltou correndo para junto do cavalo. De repente, ouvimo-lo gritar. Eu já sabia o que acontecera. Ele havia desamarrado o cavalo, querendo começar a treiná-lo. Quando o animal tentou afastar-se dele, instintivamente fez o que eu lhe ensinara nunca, nunca fazer. Enrolou a corda no pulso para segurá-la com mais firmeza.

Ao sair em desabalada carreira da casa, vi o cavalo passar correndo. Nosso filho não conseguia soltar a corda e estava sendo obrigado a acompanhá-lo correndo a toda.

Acabou caindo! Se o cavalo tivesse virado para a direita, sairia pela porteira, arrastando o garoto para as colinas — seria a morte certa. Mas ele virou para a esquerda, e por um instante foi obrigado a parar num canto — tempo suficiente para eu prender a corda num poste e soltar meu filho.

Seguiu-se então a conversa de pai-para-filho! "Filho, se quiser controlar este cavalo, você precisa usar algo mais além dos músculos. O cavalo é maior que você, é mais forte que você e sempre será. Algum dia, quando lhe tiver ensinado obediência, lição que primeiro você mesmo terá de aprender, poderá montá-lo."

Ele havia aprendido uma lição muito valiosa.

Dois verões mais tarde, voltamos à fazenda. O cavalo dele ficara o inverno inteiro correndo livremente com a manada selvagem. Nós os encontramos numa baixada às margens do rio. Fiquei observando da colina como ele e sua irmã se aproximaram mansamente da baixada. Os cavalos se afastaram nervosamente. Então ele assobiou. O cavalo dele hesitou, depois abandonou a manada e foi para junto deles.

Ele aprenderá que há grande poder nas coisas que se não vêem, coisas invisíveis como a obediência.

Assim como a obediência a um princípio lhe deu poder para treinar o cavalo, a obediência ao sacerdócio ensinou-o a controlar-se.

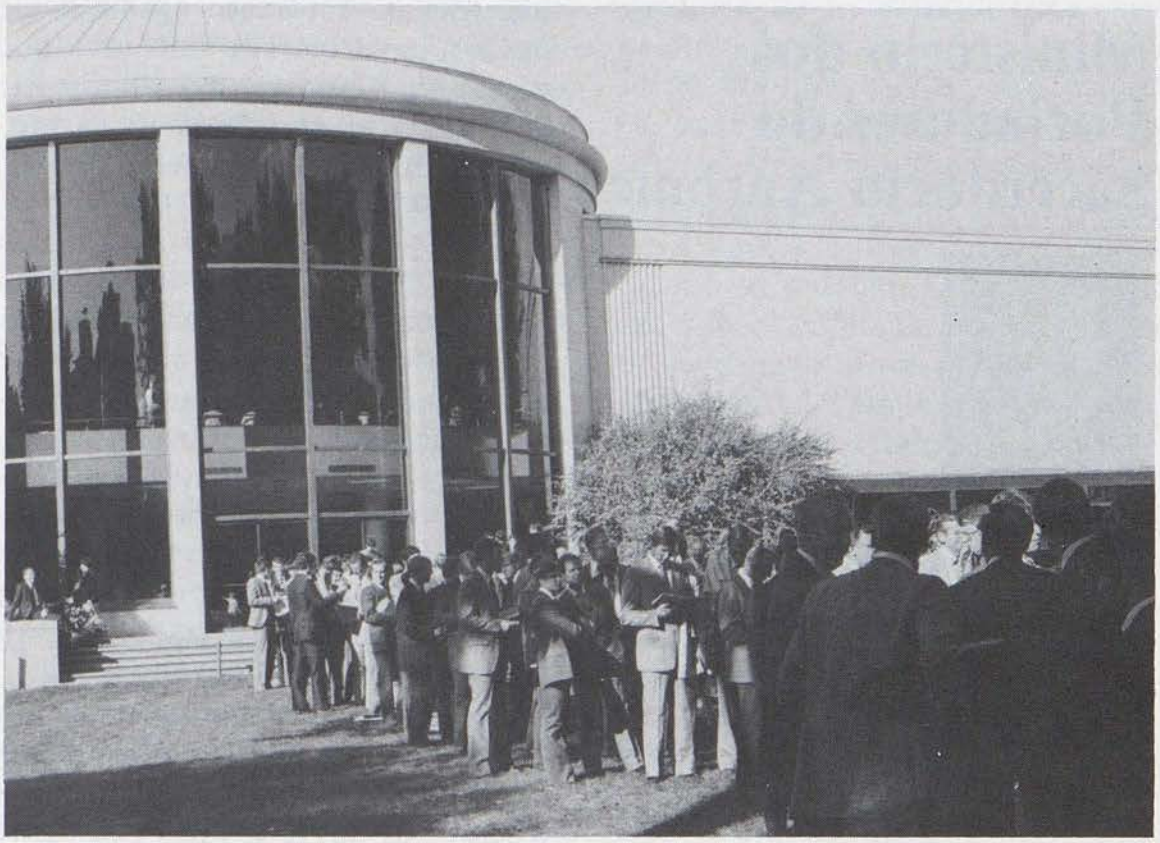
Durante a vida inteira, vocês pertencerão a um quorum do sacerdócio; seus irmãos serão uma força e apoio para vocês. Mais do que isso — vocês terão o privilégio de ser apoio para eles.

Muita coisa do que lhes falei a respeito do Sacerdócio Aarônico se aplica igualmente ao Sacerdócio de Melquisedeque. Mudam os nomes dos ofícios, a autoridade é maior, mas os princípios continuam os mesmos.

O poder do sacerdócio se adquire cumprindo o dever nas coisas comuns; freqüentando as reuniões, aceitando designações, lendo as escrituras, guardando a Palavra de Sabedoria.

Diz o Presidente Woodruff: "Viajei milhares de quilômetros e preguei o evangelho como sacerdote e, conforme já disse à congregação antes, o Senhor me susteve e manifestou-me seu poder na defesa de minha vida, enquanto portei aquele ofício como quando tinha o ofício de apóstolo. O Senhor sustém todo homem que tem uma porção do sacerdócio, seja ele um sacerdote, élder, setenta ou apóstolo, se ele magnificar seu chamado e cumprir seu dever." (*Millennial Star*, 28 de setembro de 1905, p. 610.)

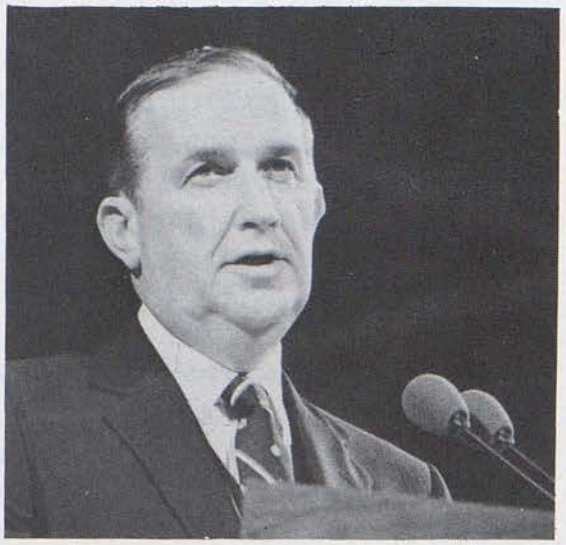
João Batista restaurou o Sacerdócio Aarônico com estas palavras:



"A vós, meus conservos, em nome do Messias, eu confiro o Sacerdócio de Aarão, que possui as chaves da ministração dos anjos, do evangelho do arrependimento e do batismo por imersão para remissão dos pecados." (D&C 13.)

Vocês — nossos diáconos, mestres e sacerdotes — receberam uma sagrada autoridade. Que os anjos lhes ministrem. Que o poder do sacerdócio esteja sobre vocês, nossos queridos jovens irmãos, e sobre seus filhos por todas as gerações futuras. Testifico que o evangelho é verdadeiro, que o sacerdócio possui grande poder, um poder protetor e orientador para aqueles que portam o Sacerdócio Aarônico. Em nome de Jesus Cristo. Amém.





Ministério dos Portadores do Sacerdócio Aarônico



Bispo H. Burke Peterson

Primeiro conselheiro no Bispado Presidente

"Desenvolvei um relacionamento pessoal com o Salvador. Ele vive! Sabe vossos nomes! Conhece-vos intimamente! Ele vos ama!"

Meus irmãos do sacerdócio, hoje é uma ocasião especial para mim. Como alguns talvez saibam, minha mulher e eu temos cinco filhas. Elas são lindas, talentosas e fiéis. São a menina de meus olhos. Mas não temos nenhum filho rapaz. Quando menino, sempre ia à reunião do sacerdócio aos domingos com meu pai e meus irmãos. Como pai, sempre fui sozinho. Como líder do sacerdócio, tenho entrevistado e instruído centenas de rapazes sobre o Sacerdócio Aarônico, o que é uma experiência esplêndida; mas nunca tive oportunidade de ensinar um filho meu. Fui a inúmeros programas de pais e filhos, mas nunca com meu próprio filho.

Esta noite, num centro de estaca do Arizona, meu neto mais velho, que tem doze anos, participa pela primeira vez de uma reunião geral do sacerdócio, como um diácono no Sacerdócio Aarônico. Quando ele nasceu, havia mais de vinte anos que eu esperava poder comprar um par de botas de *cowboy* para um garoto. No primeiro Natal dele, comprei-lhe um par.

Hoje gostaria de dirigir minhas palavras a ele e explicar-lhe algumas coisas sobre o sacerdócio que talvez desconheça. Gostaria também de conversar com seus amiguinhos — os membros do seu quorum de diáconos — e, de fato, com todos os rapazes — diáconos, mestres, sacerdotes — pela Igreja afora. Gostaria de conversar convosco a respeito dessa autoridade muito especial que agora têm no Sacerdôcio Aarônico.

Reconheço que para alguns de vós esta autoridade especial não significa muita coisa, no momento. Outros de vós talvez estejais realmente entusiasmados com ela, mas talvez não saibais por que vos sentis assim. E uns poucos, quem sabe, ainda não se qualificaram para recebê-la.

Agora, um momento para meu neto: Darren, lembro-me bem de quando estive, semanas atrás, na reunião sacramental de sua ala no Arizona. Eu estava sentado junto ao púlpito e você foi designado a distribuir o sacramento para nós ali sentados. Você me ofereceu o pão e a água *em lembrança do Salvador.* Em seu ofício de portador do Sacerdócio Aarônico, você de fato me ajudou a rededicar minha vida à observância dos mandamentos de Deus. Embora eu seja seu avô e portador do Sacerdócio de Melquisedeque, você usou *sua* autoridade para ajudar-me a renovar meus convênios. Fiquei muito emocionado com essa experiência que tivemos juntos. Ao observar o sorriso em seus lábios, pensei que estava sendo espe-

cial para você também. Você sabia que eu tenho passado o sacramento à presidência da Igreja, bem como ao Quorum dos Doze Apóstolos e outras autoridades gerais, em ocasiões sagradas? Não é extraordinário que você e eu usemos a *mesma autoridade do sacerdócio* para nos ajudarmos a fazer tais convênios com o Senhor?

A hora do sacramento é um momento muito especial e agora você é parte importante dele. Você agora é diferente do que costumava ser. O Senhor disse que vai compartilhar consigo parte de seu poder e autoridade em benefício de terceiros. Ele deixará você fazer agora algumas coisas sagradas que antes não podia fazer. Permita-me falar um pouco mais sobre elas.

Se viver dignamente, como mestre poderá visitar a casa de alguns membros de sua ala com a responsabilidade de ajudá-los a compreender certos princípios do evangelho. Não precisa ter medo; você ficará surpreso e emocionado, quando sentir a inspiração para dizer certas coisas a *suas* famílias. Um de nossos mestres familiares é um portador do Sacerdócio Aarônico. Ele vem visitar-nos todos os meses. Três semanas atrás, ele orou conosco e invocou uma bênção sobre nosso lar. Todos nos sentimos muito bem.

Você terá a oportunidade, como portador do sacerdócio, de ajudar a cuidar dos pobres e necessitados, assistindo o bispo no recebimento das ofertas de jejum dos membros de sua ala. Não existe designação mais compensadora que ajudar os necessitados. Recolher ofertas de jejum torna-se uma bênção para você, se encarar a tarefa como ajuda ao bispo e aos pobres. Algum dia talvez chegue a ver o sorriso de uma viúva e seus olhos marejados, quando o bispo lhe leva alguns mantimentos ou paga o aluguel que deve com as ofertas de jejum que você recolheu.

À medida que você crescer, receberá muitas outras responsabilidades no sacerdócio. Quando for um sacerdote, como muitos que estão nesta reunião, poderá administrar o sacramento. Terá autoridade para batizar pessoas. Imagine só! Você, exatamente como os rapazes mais velhos aqui presentes, terá a mesma autoridade para batizar que tinha João Batista quando batizou o Salvador. Você sabia que foi o Sacerdócio Aarônico dele que lhe deu autoridade para realizar esse batismo?

Lembrai-vos, irmãos, tereis tudo isso — e muito mais — *se viverdes dignamente.* Conservar-se digno do sacerdócio vai ser difícil, às vezes. Reconheço que não é fácil ser adolescente no mundo de hoje. Chega uma hora na vida de todo rapaz em que gostaria — e necessita — de sentir-se aceito pelos colegas, pelos companheiros. Às vezes isto chega a parecer quase tão importante como ser querido pelos pais. Quando estiverdes sob essa pressão na escola, não será fácil dizer não, quando o certo é fazê-lo — ou dizer sim, quando isto é o correto. É preciso de fato *coragem* para ser um fiel portador do Sacerdócio Aarônico.

Descobri que o *poder* no sacerdócio é obtido pelos que observam algumas regras simples. O sacerdócio não traz automaticamente esse poder, *a menos* que façamos jus a ele. Infelizmente, alguns rapazes nossos tornaram-se um pouco descuidados em seus hábitos. Alguns cometeram erros e não se arrependeram deles. E

mesmo que ainda conservem o sacerdócio, talvez hajam perdido parte de seu poder. Entendeis o que quero dizer?

Assim como o direito a ser inspirado depois de haverdes estudado para um discurso na Igreja ou prova na escola.

Ou como a coragem de dizer não, quando convidados a fazer alguma coisa errada.

Ou como o poder de que necessitais ao orar pela mãe, pai ou irmãos doentes.

Se quero desenvolver poder no sacerdócio — se quero ser inspirado nas tarefas diárias — eis algumas coisas a fazer:

1. Acredito que procuraria ler as escrituras diariamente, durante dez ou quinze minutos. Provavelmente começaria pelo Livro de Mórmon. Não ficaria preocupado se, na primeira leitura, não entendesse algumas coisas — ou mesmo na segunda ou terceira. Mas leria freqüentemente.

2. Ajoelharia e proferiria minhas orações toda noite e manhã. Quando eu era garoto, nem sempre me lembrava de orar à noite. Eu queria fazê-lo, mas às vezes me esquecia, de tão cansado que estava. Depois de crescer um pouco mais, tive uma excelente idéia.

Se fosse um de vós, procuraria uma pedra mais ou menos do tamanho de um punho. Depois a lavaria e guardaria debaixo do meu travesseiro. Então, quando fosse deitar à noite, sentindo o calombo debaixo do travesseiro, me lembraria de saltar da cama e proferir minha oração. A seguir, poria a tal pedra ao lado da cama e, na manhã seguinte, batendo com o pé na pedra ao levantar, me lembraria novamente de ajoelhar para as preces matutinas. Às vezes precisamos de lembretes para criar bons hábitos.

3. Eu decidiria ainda esta noite orar sempre pelo desejo de cumprir missão. Oraria todos os dias, até acontecer! E começaria desde já um fundo de poupança. Chegando em casa, arranjaria uma jarra ou lata com tampa, e depois de lavá-la a colocaria em meu quarto. Então, depois de pagar o dízimo, guardaria sempre um pouco para a missão.

Bem, talvez fosse bom dizer mais uma coisa aos nossos amigos que cometeram alguns erros graves e por causa disso perderam ou ainda não receberam esse poder especial de que estivemos falando. O Senhor fez uma grande promessa a todos nós, dizendo: "Eis que o que se tem arrependido de seus pecados, o mesmo é perdoado e eu, o Senhor, deles não mais me lembro." (D&C 58:42.)

Imaginem só! Ele se esquecerá de nosso erro, se fizermos isto: "Por este meio podereis saber se um homem se arrepende de seus pecados — eis que ele os *confessará* e os *abandonará*." (D&C 58:43; grifo nosso.)

O primeiro passo para acertar vossa vida, em caso de erros graves, é conversar com um de vossos pais. Se não com os pais, então procurai o bispo — amanhã! Ficareis surpresos em quão fácil se torna orar depois de terdes conversado com vosso bispo ou pais. Eu vos prometo que vos sentireis muito bem depois de fazê-lo.

Bem, todo rapaz que me ouve pode realmente ser um instrumento nas mãos do Senhor para a execução

de toda sorte de sagradas responsabilidades sacerdotais — até mesmo milagres, se necessário. Tenho um grande amor a todos vós. Espero que vos esforceis mais em viver conforme vos instruímos hoje. Gostaria de terminar meu discurso contando uma experiência:

Anos atrás, quando servia como bispo no Arizona, tínhamos lá um grupo incomum de adolescentes. A maioria deles tinham coragem suficiente para fazer o certo. Mantinham-se unidos e ajudavam-se mutuamente quando as coisas ficavam pretas. Quase todos freqüentavam a mesma escola do bairro. Em número, não passavam de um punhado entre os outros alunos. Nessa escola, conheceram uma garota que não era membro da Igreja e tinha um problema. Ela era surda, além de ser cardíaca. A única maneira de entender o que os outros diziam era pela leitura dos lábios. Seu lugar era bem na primeira fila para poder ver os professores falarem. Era boa aluna, mas quando a gente não ouve nem pode participar ativamente, é difícil





integrar-se no que está acontecendo. Passamos a ser mais espectador do que participante. E ela era uma espectadora observando de longe.

Os jovens da ala mostraram-se amigos dela e a convidaram para integrar seu grupo. Ela correspondeu à amizade deles. Como uma coisa leva a outra, acabaram convidando-a a receber, com autorização dos pais, as palestras missionárias na casa de um deles. Os élderes que a ensinaram tinham dezenove anos, pouco mais que ela. Ela gostou do que ouviu; acreditou no que ouviu; sentiu-se bem interiormente. Marcou-se a data do batismo. Todos foram convidados a participar. Vestida de branco, ela e um dos missionários entraram na água e ela foi batizada quando ele disse, depois de chamá-la pelo nome: "Tendo sido comissionado por Jesus Cristo, eu te batizo em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo." (D&C 20:73.)

O próximo passo foi ser confirmada. Alguns de nós integramos o círculo quando ela recebeu a imposição das mãos. Percebi que ela não podia ver os lábios de quem a confirmava, e assim não ouviria a bênção que ele lhe daria. Prestei bastante atenção para, mais tarde, convidá-la ao meu escritório e repetir-lhe o que fora dito.

Um élder de dezenove anos a confirmou membro da Igreja. A seguir começou a dar-lhe uma bênção, fazendo promessas que achei bastante incomuns. Cheguei a sentir-me um pouco constrangido com o que ouvia. Ele continuou com a bênção e passei a sentir um calmo espírito de paz ouvindo-o falar. Mais tarde, sentado de frente para ela, eu disse: "Quero falar-lhe da bênção que o élder lhe deu. Foi extraordinária."

Após um momento, com olhos marejados, ela respondeu: — Bispo, eu *ouvi* a bênção.

Estava curada. Conseguia ouvir e seu coração palpitava normalmente. Já podia participar mais plenamente do evangelho e das bênçãos da vida.

Este caso pode ensinar-nos muitas lições. Aquela de que gostaria que os portadores do Sacerdócio Aarônico se lembrassem é: Ali estava um missionário de dezenove anos, um élder portador do Sacerdócio de Melquisedeque. Ele havia-se *preparado* para a missão; *tornara-se digno* de ser um instrumento nas mãos do Senhor para realizar um milagre. Por isso, quando estava com as mãos sobre a cabeça dela, sentiu certa impressão — uma mensagem celestial — dizendo-lhe da existência de uma bênção especial para aquela moça e que ele fora escolhido para dá-la.

Ele escutou. Ele obedeceu. E pela autoridade e poder do sacerdócio, a vida de uma jovem se normalizou.

Que o Senhor abençoe todos os rapazes ao desenvolverem *seu* relacionamento pessoal com o Salvador. Eu testifico que ele vive! Testifico que ele sabe seus nomes! Conhece-os intimamente! Ele ama vocês! Que seu poder e bênçãos os acompanhem em seu ministério no Sacerdócio Aarônico, em nome de Jesus Cristo. Amém.

ASSINE A LIAHONA

"Se Estiverdes Preparados, não Temereis"



Élder L. Tom Perry
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Que a lista de prioridades seja encabeçada, nos próximos meses, pelo fortalecimento de nossos quoruns do sacerdócio."

Viajando pelos quatro cantos do mundo, encontramos freqüentemente certo desânimo entre o povo. Suas preocupações vão desde guerras, rumores de guerra, fome e inflação até abuso de drogas, mudanças climáticas, poluição, tamanho da máquina governamental etc. Posso compreender por que aqueles sem fé no Senhor e Salvador se tornam profetas do desânimo. Os tempos podem ser difíceis. No entanto, uma olhadela nas causas das dificuldades mostra serem de origem humana e que o homem tem capacidade para encontrar soluções.

O Senhor nos deu a confortadora certeza de que estando preparados, não precisamos temer. (Vide D&C 38:30.) O evangelho de Jesus Cristo prega esperança e oportunidade. Para encontrar a felicidade que buscamos e nos livrarmos do medo, temos de estar preparados para seguir o sistema e a ordem que o Senhor estabeleceu para seus filhos na terra.

Desde os primórdios da Igreja, sua liderança vem-nos ensinando como devemos estar organizados. O Senhor escolheu o período mais difícil na história da Igreja, quando o Profeta Joseph Smith se encontrava injustamente encarcerado na Cadeia de Liberty, para dar-lhe a revelação sobre o sacerdócio. Ao brado de socorro do Profeta, o Senhor replicou:

"Quanto tempo podem permanecer impuras as águas que correm? Que poder deterá os céus? Seria tão inútil querer o homem estender seu débil braço para desviar do seu curso o Rio Missouri, ou fazê-lo ir correnteza acima, como evitar que o Todo-Poderoso derrame seus conhecimentos dos céus sobre a cabeça dos santos dos últimos dias.

"Eis que muitos são chamados, mas poucos são escolhidos. E por que não são eles escolhidos?

"Porque seus corações estão tão fixos nas coisas deste mundo, e aspiram tanto às honras dos homens, que não aprendem esta única lição —

"Que os direitos do sacerdócio são inseparavelmente ligados aos poderes dos céus, e que os poderes dos céus não podem ser controlados nem manipulados a não ser pelo princípio da retidão." (D&C 121:33-36.)

Se o crescimento e perfeição do homem são limitados por sua capacidade de usar o sacerdócio, é claro que precisamos estar continuamente empenhados em usar seu poder e organizar-nos mais perfeitamente.

Viajando pelas estacas da Igraja, tenho encontrado as organizações do sacerdócio funcionando bastante bem em nível de estaca e ala. Geral-

mente, os maiores pontos fracos existem na organização e funcionamento dos quoruns do sacerdócio, tanto do Aarônico como de Melquisedeque. Permiti-me dirigir umas poucas palavras de instrução a vós, que tendes a responsabilidade por este importante elo na cadeia do sacerdócio.

O Presidente Stephen L. Richards deu-nos certa vez uma definição tríplice do quorum do sacerdócio: Disse que ele é três coisas: "Primeiro, uma classe; segundo, uma fraternidade; e terceiro, uma unidade de serviço." (Conference Report, outubro de 1938, p.118.) Vejamos esta definição quanto aos nossos quoruns.

Primeiro, uma classe. Em Doutrina & Convênios, lemos:

"E como nem todos têm fé, buscai diligentemente e ensinai-vos uns aos outros palavras de sabedoria; sim, nos melhores livros procurai palavras de sabedoria; procurai conhecimento, mesmo pelo estudo e também pela fé." (D&C 88:118.)

As reuniões de quorum destinam-se ao ensino da lei do Senhor. Neste ensino, é fundamental a instrução em nossos deveres como portadores do sacerdócio. Não é ocasião para especulações acerca dos mistérios do mundo. É uma ocasião para instrução básica, prática, de como aplicar princípios fundamentais em nossa vida. As aulas devem ensinar-nos como ser melhores maridos, pais e membros do quorum, além de nossas responsabilidades para com os semelhantes.

Neste verão tive oportunidade de comparecer à reunião de um grupo de sumo sacerdotes numa pequena comunidade no sul do Wyoming. A lição da semana tratava da justificação e santificação. Já no início da aula, ficou evidente que o professor estava bem preparado para instruir seus irmãos. Então uma pergunta mudou completamente o rumo da lição. Respondendo à pergunta, um dos irmãos comentou: "Venho ouvindo com interesse a matéria da aula. Acaba de ocorrer-me que a informação apresentada logo estará perdida, se não encontrarmos meios de aplicá-la em nossa vida." A seguir, propôs uma linha de ação para o quorum. Na noite anterior, havia falecido um cidadão da comunidade. A viúva era membro da Igreja, mas ele não. Este sumo sacerdote tinha visitado a viúva e prestado suas condolências. Ao sair da casa, seus olhos divagaram sobre a bela fazenda daquele irmão falecido. Ele havia posto tanto de sua vida e suor na criação daquela fazenda produtiva. A alfafa estava pronta para ser cortada e logo chegaria a hora de colher os cereais. Como essa pobre irmã iria arranjar-se sozinha com tantos problemas? Ela precisaria de tempo para organizar-se para suas novas responsabilidades.

Então propôs ao grupo que aplicasse na prática o princípio que estava sendo ensinado — ajudando a viúva a manter a fazenda funcionando, até que ela e seus familiares encontrassem uma solução mais permanente. O restante da reunião foi dedicado à organização do projeto de ajudá-la. Os princípios da aula encontraram imediata aplicação.

Ao sairmos da classe, todos os irmãos se sentiam bem. Ouvi um deles comentar ao passar pela porta: "Este projeto é exatamente do que precisávamos para fazer este quorum trabalhar novamente em conjunto."



Ensinara-se uma lição, fortalecera-se a fraternidade, e um projeto de serviço fora organizado em favor de um próximo necessitado.

Irmãos, façamos de nosso quorum uma classe na qual recebemos a melhor instrução possível para nos guiar em nossas responsabilidades e obrigações como portadores do sacerdócio.

Segundo, o quorum como fraternidade. Faz muitos anos, fui designado consultor de um quorum de sacerdotes. Foi na época em que a Igreja havia instituído o programa de quorum-padrão, destinado a incentivar o quorum inteiro a interessar-se por seus membros. O reconhecimento era dado pelas realizações do quorum todo, não por desempenho individual.

Aquele era um quorum de jovens devotados e entusiastas. Cumpriam suas responsabilidades de quorum em quase cem por cento, com exceção de um de seus componentes. O pai de Bill havia falecido no ano anterior, e o rapaz estava encontrando dificuldade em ajustar-se a essa grande perda. A mãe estava fazendo o que podia para ajudar o filho a reencontrar-se, mas mesmo assim ele começara a faltar às reuniões e adquirir outros maus hábitos.

Depois de Bill não comparecer a uma das reuniões, um membro do quorum foi designado a visitar e incentivá-lo a ir às reuniões do quorum. O membro do quorum só conseguiu falar com a mãe dele, que explicou que o filho voltava tão tarde para casa aos sábados que não conseguia fazê-lo levantar cedo no domingo. Na segunda semana, Bill faltou novamente. Uma nova tentativa de contato foi novamente em vão.

Quando nos encontramos para a reunião do quorum na terceira se-

mana sem o Bill, percebi uma grande preocupação da parte do quorum com seu membro ausente. Disseram que não eram um quorum completo sem ele e não poderiam realizar outra reunião assim. Pedi sugestões. Logo surgiu a resposta de irmos até a casa dele fazer a reunião lá mesmo.

Então nos dirigimos à casa do Bill. A mãe mostrou-se bastante cooperadora e deixou-nos ir ao quarto dele. Ali estava Bill, dormindo sossegadamente. Demos início à reunião com um hino alegre. Ao som da primeira nota, Bill pulou da cama como uma bala, sem saber o que estava acontecendo.

Seguiu-se uma das mais doces experiências de minha vida. Todos, um por um, externaram seu afeto pelo rapaz, seguido de uma prece com todos ajoelhados em torno da cama dele. Quando se pôs de pé, Bill estava com o rosto lavado de lágrimas. Trocamos um aperto de mão e partimos novamente um quorum completo. Bill deu-se conta do amor que lhe tinham seus companheiros de quorum e queria ser parte dele.

O Élder Rudger Clawson, do Conselho dos Doze, disse certa vez: "O sacerdócio de Deus foi organizado em quoruns na terra para benefício mútuo dos membros e para o progresso da Igreja. O quorum que se reúne apenas para estudo só cumpre seus propósitos parcialmente... O espírito de fraternidade deve ser a força propulsora em todos os planos e operações do quorum. Se este espírito for cultivado sábia e persistentemente, nenhuma outra organização se tornará mais atraente ao homem portador do sacerdócio." Edifiquemos um laço de fraternidade com cada membro de nosso quorum.

Terceiro, o quorum é uma unidade de serviço. "Quando te converteres, confirma teus irmãos" foi a recomendação do Salvador a Pedro. (Lucas 22:32.) A obrigação inerente à condição de membro no reino celeste de nosso Pai é prestar serviço a seus filhos.

O Presidente Joseph F. Smith contou certa vez um incidente de sua infância. Disse que, quando ainda era bem criança, foi a uma festa dada por seu tio, o Profeta Joseph Smith, em sua casa de Nauvoo, Illinois. Havia muita gente participando dessa festa. De repente, abriu-se a porta e entrou um homem todo esfarrapado. Estava sujo e tinha os cabelos e barba compridos e emaranhados. Parecia um vagabundo. Naquele momento, o Profeta encontrava-se no lado oposto da sala. O Presidente Smith contou que Joseph praticamente atravessou a sala de um só pulo e abraçou o sujeito como se fora um parente querido. Aquele homem era um irmão no sacerdócio. Passara por uma experiência angustiante e fizera um enorme sacrifício por seu irmão, o profeta de Deus. (Vide Stephen L. Richards, "The Priesthood Quorum: A Three-fold Definition", *Improvement Era*, maio de 1939, p. 294.) A história da Igreja está repleta de casos de um irmão de quorum servindo a outro irmão de quorum com grande amor e compreensão.

Diz o Presidente Stephen L. Richards:

"O sacerdócio costuma ser definido simplesmente como o poder de Deus delegado ao homem. Esta definição está certa, penso eu. Porém, para fins práticos, gosto de definir o sacerdócio em termos de serviço e muitas vezes o chamo de 'o perfeito

plano de serviço'. Isto porque, a meu ver, é somente através da utilização do poder divino conferido aos homens que eles poderão ter esperança de reconhecer toda a importância e vitalidade de sua investidura. Ele é um instrumento de serviço. Seus usos e propósitos são todos definidos em termos de serviço, e o homem que deixa de usá-lo está propenso a perdê-lo, pois a revelação diz claramente que aquele que o negligencia 'não será considerado digno de permanecer'. (D&C 107:100.)"

E o Élder Richards prossegue:

"O sacerdócio não é estático, como a ordenação do homem não é uma investidura estática. Talvez haja alguns, entretanto, que o considerem assim, pois parecem convencidos e contentes com sua ordenação.

"Posso imaginar perfeitamente um homem assim chegando à presença do Juiz Eterno e dizendo: 'Na terra fui um sumo sacerdote. Vim agora reclamar a recompensa de um sumo sacerdote.' Acho não ser difícil imaginar a possível resposta. Provavelmente terá de responder a perguntas como: 'O que fez quando era sumo sacerdote? Como usou este grande poder do qual era portador? Quem abençoou com ele?' É das suas respostas a tais perguntas que dependerá sua recompensa." (Conference Report, abril de 1937, pp.46-47.)

Irmãos, ensinemos aos nossos quoruns como servir.

Estou persuadido de que a maior preparação que podemos fazer para nos livrar do medo do futuro não será a reserva para um ano que guardamos na despensa, as contas de poupança que temos ou ações e títulos que estão em nossos cofres. Por mais importantes que sejam para a proteção de nossa família, nossa autêntica segurança, creio, reside no entendimento da organização do sacerdócio e na aplicação sensata dos princípios sacerdotais. O real alicerce da estrutura do sacerdócio é o quorum do sacerdócio devidamente organizado, instruído e operante.

Ao retornar a nossas alas e estacas, verifiquemos quão bem estamos preparados na organização de nossos quoruns do sacerdócio. Estarão funcionando como classe para instruir os irmãos em suas responsabilidades eclesiásticas? Estarão funcionando como fraternidade, em benefício da vida de todos os seus membros? Estarão prestando serviços a suas famílias, à Igreja e à comunidade à qual pertencem?

Que nosso coração, esta noite, se reanime na firme resolução de que a lista de prioridades seja encabeçada, nos próximos meses, pelo fortalecimento de nossos quoruns no sacerdócio, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

Prezado Assinante:

Verifique na etiqueta de endereçamento a data do vencimento de sua assinatura.

Sugerimos que, um mês antes do vencimento, seja feita a renovação.

Basta nos enviar um cheque no valor de Cr$ 200,00 por ano de assinatura, a favor de Associação Brasileira da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Não é necessário visá-lo. O endereço é:

CAIXA POSTAL 26023 — 01000 — São Paulo — SP.

Quatro "Dicas" Para Rapazes



Presidente Gordon B. Hinckley
Conselheiro na Primeira Presidência

"Algumas sugestões para os rapazes de hoje: sede espertos, sede imparciais, sede limpos e fiéis."

Fui solicitado a falar-vos agora. Tivemos uma reunião maravilhosa. Espero que nos lembremos por muito tempo do que ouvimos aqui.

Refletindo sobre alguns problemas que as pessoas causam a si próprias por falta de visão, lembrei-me de uma carta que recortei de um jornal há muito tempo. Ela foi publicada primeiro na Inglaterra. Espero que perdoem um pouco de humor. Servirá apenas como introdução ao que pretendo falar.

Parece que uma empresa inglesa possuía uma propriedade nas Índias Ocidentais. Como um violento temporal danificou um dos prédios, mandaram um homem cuidar dos reparos. E ele relata sua experiência ao gerente conforme segue:

"Prezado Senhor:

"Chegando lá, verifiquei que o vendaval arrancara alguns tijolos da parte de cima. Então fixei no alto do prédio uma viga com roldana, e icei várias barricas cheias de tijolos. Terminado o consêrto, restava uma porção de tijolos.

"Icei novamente a barrica e amarrei a corda; subi e enchi a barrica com os tijolos que sobraram. Desci e soltei a corda.

"Infelizmente, a barrica cheia de tijolos era mais pesada que eu, e antes de saber o que estava acontecendo, ela desceu, arrancando-me do chão. Decidi ficar firme, e a meio caminho, encontrei a barrica que descia, levando uma forte pancada no ombro.

"Chegando lá no alto, bati com a cabeça na viga e meus dedos ficaram imprensados na roldana. Quando a barrica bateu no chão, espatifou-se esparramando os tijolos.

"Com isto, eu fiquei mais pesado que a barrica e despenquei lá de cima. A meio caminho encontrei a barrica que subia e me machucou bastante as canelas. Chegando ao chão, caí em cima dos tijolos que com suas bordas afiadas me fizeram diversos cortes dolorosos.

"Nessas alturas devo ter perdido minha presença de espírito, pois larguei a ponta da corda. Com isto a barrica caiu diretamente em cima de minha cabeça com toda força e fui parar no hospital.

"Solicito respeitosamente licença para tratamento de saúde."

Ouvindo isso, vós certamente vos admirais como alguém pode ser tão imprudente e imprevidente. E, no entanto, todos os dias vemos pessoas com a vida atrapalhada, e que dão cabeçadas e se contundem por não planejar, não pensar, não consultar outras pessoas, não seguir os ensinamentos do evangelho. Aprecio o que foi dito hoje à noite a vós, rapazes do Sacerdócio Aarônico. E como constituís uma parte substancial desta enorme congregação, ra-

pazes com a vida toda praticamente pela frente, gostaria de falar-vos, procurando salvar-vos de algumas cabeçadas e golpes da vida.

Gostaria de oferecer-vos o que decidi chamar de "Quatro 'Dicas' para Rapazes" e que são: (1) Sede espertos, (2) Sede imparciais, (3) Sede limpos e (4) Sede fiéis.

1. *Sede espertos.*

Com isto não quero dizer convencidos ou coisa parecida. Quero dizer sensatos. Sede espertos quanto ao treinamento de vosso intelecto e vossas mãos para o futuro. Todos vós sois membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Cada um de vós é um filho de Deus, e tendes a obrigação de fazer o máximo possível de vossa vida. Fazei planos agora para toda instrução que puderdes conseguir, e depois trabalhai para que esses planos se concretizem.

Viveis numa época complexa. O mundo necessita de homens e mulheres capacitados. Não negligencieis vossa educação.

Não estou sugerindo que todos vos torneis profissionais liberais. O que sugiro é isto: seja o que for que decidirdes fazer, preparai-vos bem. Qualificai-vos. Tirai proveito da experiência e conhecimento dos que vos antecederam no campo de trabalho escolhido. A instrução é um atalho para a proficiência. Possibilita evitar os erros do passado. Seja qual for a profissão que escolherdes, podereis abreviar a jornada até ela pela instrução.

O próprio Senhor disse a todos nós: "Nos melhores livros procurai palavras de sabedoria; procurai conhecimento mesmo pelo estudo e também pela fé." (D&C 88:118.)

Há muitos anos a Igreja vem destinando somas apreciáveis à instrução, tanto secular como religiosa. Desde o princípio desta obra, nossos líderes nos têm ensinado a importância do estudo.

Sede espertos. Não vos priveis dos estudos que beneficiarão vosso futuro em troca de prazeres imediatos, passageiros. Cultivai a visão longa da vida. A maioria de vós estareis por aqui por muitos anos ainda.

Sede espertos — na apresentação, na conduta, nas maneiras. Não estou sugerindo que andeis por aí desfilando moda, mas sim que cuideis de vossa aparência, faleis sem grosserias, sejais corteses e respeitosos. Cada um de vós é um rapaz mórmon. Quer queirais ou não, vosso comportamento terá um reflexo bom ou mau sobre a Igreja.

Sede espertos. Não sejais cegos a ponto de vos envolverdes com bebidas alcoólicas, fumo e drogas. É simplesmente falta de esperteza fazê-lo. É estúpido, se me perdoais a expressão, usar cocaína, maconha ou quaisquer outras drogas que vos roubam o domínio mental. Após cada "embalo", segue um período de



depressão. Por que gastar dinheiro com coisas que só vos prejudicam? Por que tornar-se escravo de um hábito que só prejudica e obstrui vosso futuro?

Cerveja e outras bebidas alcoólicas não vos farão bem algum. Custam dinheiro, embotam a consciência ou podem levar à doença chamada alcoolismo, que é humilhante, perigosa e mesmo mortal. O fumo encurtará vossa vida. Pesquisas mostram que vos escravizará, debilitará vossos pulmões e, estatisticamente, abreviará vossa vida em sete minutos a cada cigarro fumado.

Sede espertos. Acreditai nas palavras do Senhor. Ele fez a maravilhosa promessa de que os santos que seguem seu conselho nesses assuntos, "acharão sabedoria e grandes tesouros de conhecimento, até mesmo tesouros ocultos;

"E correrão e não se cansarão, caminharão e não desfalecerão." (D&C 89:19-20.)

Rapazes, quereis correr sem vos cansar, e andar sem desfalecer, e crescer em conhecimento e sabedoria? Então sede espertos e evitai essas coisas que inevitavelmente vos dominarão, prejudicarão vossa saúde, embotarão vosso intelecto e abreviarão vossa vida.

2. *Sede imparciais.*

Ouvimos queixas de que nos ginásios e escolas de segundo grau em que os alunos SUD são maioria, os não-membros são discriminados. Grande parte de vós cumprireis missão, esperamos que todos vós. Lá aprendereis a importância da amizade e solidariedade. Agora está na hora de praticar esses princípios, de estender a mão amiga aos outros. Muitos rapazes ingressaram na Igreja devido à amizade com um colega de escola. Espero sinceramente que nenhum rapaz que me esteja ouvindo faça qualquer coisa que indisponha um colega contra a Igreja ou seu povo.

Gostaria de acrescentar que penso não haver fundamento nessas acusações de discriminação. Sejam legítimas ou não, porém, quero sugerir que adotemos uma atitude benevolente para ajudar os não-membros, para encorajá-los e conduzi-los de maneira gentil e bondosa a amizades capazes de expô-los aos maravilhosos programas da Igreja.

Penso neste poema de Edwin Markham:

Ele traçou um círculo me excluindo —
Herético, rebelde, objeto de escárnio.
O amor e eu, porém, conseguimos vencer;
Traçando um círculo que o incluia!

(Outwitted", em *The Best Loved Poems of the American People,* sel. Hazel Felleman, New York: Doubleday, 1936, p. 67.)

Com isto não quero dizer que os rapazes e moças SUD devam namorar não-membros. Suas chances de ter um casamento feliz e duradouro serão muito maiores, se namorarem pessoas ativas e fiéis na Igreja. E será muito maior a chance de levar ao casamento na Casa do Senhor.

O que censuro é qualquer atitude que diminua, rebaixe ou leve a falar mal de outros.

Nas competições esportivas, não há lugar para vaias e apupos. É lógico que juízes e árbitros cometem erros. Sem dúvida, os jogadores às vezes fogem às regras. Mas o resultado não será mudado com todas as vaias do mundo.

Sede imparciais. Na caminhada



da vida, nos estudos universitários e mais além, evitai atos questionáveis e injustos. A competição honesta é saudável; mas atos imorais, desonestos ou injustos são repreensíveis, particularmente tratando-se de santos dos últimos dias.

Sede imparciais. A melhor regra de imparcialidade que existe foi dada pelo Senhor, quando disse: "Tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós." (Mat. 7:12.)

3. *Sede limpos.*

O próprio Senhor disse: "Sede limpos." (D&C 38:42.) Refiro-me particularmente ao aspecto moral. Não existe sob os céus substituto para a virtude pessoal.

Nós vivemos numa época em que a virtude é encarada levianamente pelo mundo. Vós, jovens da Igreja, não podeis encará-la assim. A perda da virtude, para um santo dos últimos dias, significa inevitavelmente perda de respeito pela pessoa que transgride, perda de domínio sobre a mente e o corpo, e perda de integridade como portador do sacerdócio. Obviamente existe o arrependimento, mas também haverá dor, remorso e desapontamento. E poderá ainda lançar uma nuvem sobre as oportunidades de futuro serviço na Igreja.

Não estou pedindo que sejais puritanos, mas sim que sejais virtuosos. Acho que há uma diferença enorme entre os dois.

Sede limpos. Cuidado com o que ledes. Nenhum bem e muito malefício pode advir da leitura de revistas pornográficas e literatura semelhante. Elas servirão apenas para suscitar em vós pensamentos que debilitam vosso autodomínio. Bem algum resultará de assistirdes a filmes destinados unicamente a tirar dinheiro de vós em troca de desejos vis.

4. Finalmente, *sede fiéis.*

Vós sois de descendência nobre. Talvez agora não compreendais bem o que que isto significa. Quer dizer que atrás de vós estão homens e mulheres que fizeram coisas maravilhosas e corajosas. Eles tomaram decisões nada fáceis de tomar e em muitos casos, pagaram um preço terrível por elas, alguns deles chegando a dar sua vida para não traírem a verdade que haviam abraçado.

Em 1897, quando o Presidente Wilford Woodruff tinha noventa anos de idade, houve neste Tabernáculo uma grande reunião de crianças e jovens. Esse ancião que conhecera tanta dor e problemas, bem como

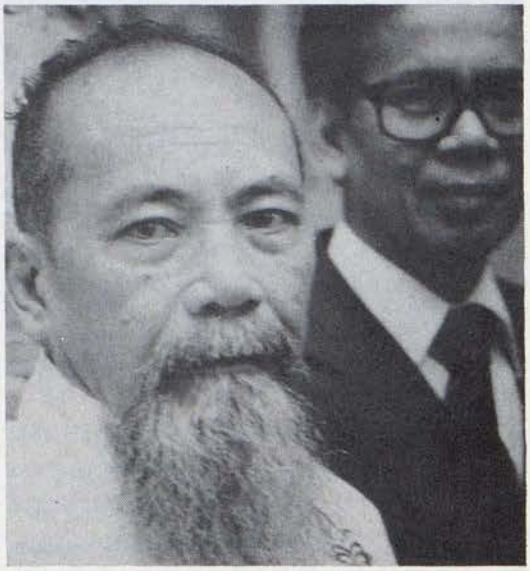
amor ao Senhor e sua grande obra, postou-se diante daquela numerosa audiência e falou em palavras ponderadas:

"Não posso esperar demorar-me muito tempo convosco, mas quero dar-vos alguns conselhos. Vós ocupais uma posição na Igreja e Reino de Deus e recebestes o poder do santo sacerdócio. O Deus dos céus vos designou e chamou neste dia e geração. Quero que encareis isto. Rapazes, ouvi o conselho de vossos irmãos. Vivei achegados a Deus; orai enquanto jovens; aprendei a orar; aprendei a cultivar o Santo Espírito de Deus; ligai-vos a ele e ele tornar-se-á um epírito de revelação para vós, à medida que vós o nutrirdes." (*Wilford Woodruff: History of His Life and Labors, sel. Matthias F. Cowley, Salt Lake City: Bookcraft, 1964, pp. 602-3.*)

Gostaria de falar-vos de três rapazes de dezoito anos. Em 1856, mais de mil do nosso povo, alguns deles quem sabe vossos antepassados, encontravam-se em sérias dificuldades durante a jornada pelas planícies. Devido a uma série de circunstâncias infortunadas, sua partida fora retardada. Nos planaltos do Wyoming, encontraram muita neve e um frio intenso. A situação deles era desesperadora, havendo diariamente mortes.

O Presidente Young teve notícias da condição em que se encontravam, quando estava para começar a conferência geral de outubro. Imediatamente pediu parelhas de mulas, carroções, condutores e suprimentos para mandar em socorro dos infelizes santos. Quando o primeiro grupo de socorro alcançou a Companhia Martin, os carroções não davam para levar todas as pessoas. Os







condutores eram obrigados a insistir que os carroções se mantivessem em movimento.

Quando chegaram ao Rio Sweetwater, no dia 3 de novembro, pedaços de gelo coalhavam a superfície das águas. Depois de tudo o que tinham sofrido e debilitadas como estavam, as pessoas achavam impossível atravessar o rio. Entrar naquela água gelada seria a própria morte. Homens antes vigorosos e fortes, agora estavam sentados no chão congelados e choravam, assim como as mulheres e crianças. Muitos simplesmente não conseguiam suportar o pensamento de tal provação.

Passo a citar do registro: "Três rapazes de dezoito anos, integrantes do grupo de socorro, para assombro de todos, carregaram praticamente todos os componentes da malfadada companhia de carrinhos de mão através do rio gelado. O esforço foi tamanho naquelas condições extremas, que anos mais tarde todos os três faleceram em conseqüência dele. Quando o Presidente Brigham Young soube desse ato de heroísmo, chorou qual criança e posteriormente declarou em público que "aquele ato sozinho assegurará a C. Allen Huntington, George W. Grant e David P. Kimball a salvação eterna no Reino Celestial de Deus, mundos sem fim". (Solomon F. Kimball, *Improvement Era,* fevereiro de 1914, p. 288.)

Notem, esses rapazes tinham apenas dezoito anos na época. E, segundo o programa então em vigor, eram provavelmente portadores do Sacerdócio Aarônico. Grande foi seu heroísmo, sagrado o sacrifício que fizeram em termos de saúde e finalmente da própria vida, para salvar a vida dos que socorreram.

Eles fazem parte da herança do Sacerdócio Aarônico. Sede fiéis, meus jovens irmãos, sede fiéis a esta grande herança.

Deve Sião fugir à luta? Deve agora desistir?
Se espreita o inimigo que espera nos ferir? Não!
Sempre fiéis nossa fé guardaremos,
Sempre valentes, com ardor, lutaremos,
A nossa mão e o coração, a teu serviço, Senhor, estão.

("Deve Sião Fugir à Luta?", *Hinos* 116.)

E assim, eis minhas "Quatro Dicas para Rapazes": Sede espertos, Sede imparciais, Sede limpos, e Sede Fiéis. Deus vos conferiu seu santo sacerdócio. Vivei como jovens assim investidos, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

"As pessoas solitárias são as que constroem paredes em lugar de pontes."

(Joseph F. Newton)

A Perfeita Lei de Liberdade



Presidente Marion G. Romney
Segundo conselheiro na Primeira Presidência

"A obediência à lei de Cristo deixa a alma livre, o que é a suprema forma de liberdade."

Intitulei estes meus comentários de "A Perfeita Lei de Liberdade".

Quando jovem, sentia-me profundamente comovido pelo famoso brado de batalha de Patrick Henry: "Dêem-me liberdade ou matem-me!"

O sentido do termo *liberdade* é difícil de se definir plenamente. Abraão Lincoln era de opinião que "o mundo jamais teve uma boa definição do termo. Todos nos declaramos a favor da liberdade", dizia ele, "mas não empregamos a palavra com o mesmo sentido. Para alguns, liberdade é o homem poder fazer o que bem entende consigo mesmo e o produto de seu trabalho; para outros, talvez signifique fazer o que bem lhes apraz com o próximo e o produto de seu trabalho."

Dizia ainda: "O pastor livra a ovelha do ataque do lobo, pelo que ela lhe agradece como seu libertador, enquanto o lobo o acusa pelo mesmo ato." (Discurso, 18 de abril de 1864; citado em John Bartlett, *Familiar Quotations*, 15ª ed., Boston: Little, Brown and Co., 1980, p. 523.)

Os tempos mudaram desde a época de Lincoln, mas não a utilização diversificada do termo *liberdade* e seus sinônimos. As delícias da liberdade que costumamos comentar podem ser classificadas assim: (1) independência política, (2) independência econômica e (3) livre arbítrio.

Gostaria de que nos empenhássemos pela liberdade que abrange todas as três, e mais ainda. Gostaria de que lutássemos pela liberdade d'alma para a qual todas contribuem. Gostaria de que alcançássemos aquele estado venturoso prenunciado pelo Profeta Joseph Smith, quando disse: "Que a virtude adorne os teus pensamentos incessantemente; então tua confiança se tornará forte na presença de Deus." (D&C 121:45.) Quem goza dessa liberdade é, segundo Jesus, verdadeiramente livre. (Vide João 8:36.) É possuidor da verdadeira liberdade.

Gostaria de chamar vossa atenção a umas poucas ilustrações para corroborar a tese de que, embora a independência política e econômica, e o livre arbítrio possam contribuir para a liberdade d'alma, não a garantem.

Vejamos primeiro a independência e o poder político:

Neste campo, as conquistas de Alexandre Magno (356-323 A.C.) estão entre as mais conhecidas. Com sua grande coragem física, energia impulsiva e fértil imaginação, ele, aos trinta e dois anos, era senhor, em todos os sentidos, do mundo então conhecido. Contudo, estava longe de gozar de liberdade, pois não tinha domínio de si próprio. Morreu

aos trinta e três anos, vítima de seus próprios excessos, desconhecendo inteiramente a liberdade d'alma.

O Cardeal Wolsey (cardeal e estadista inglês, 1475?- 1530) aprendeu, para pesar seu, quão pouco a independência e mesmo o poder políticos contribuem para a genuína liberdade. Conforme sabeis, ele dedicou sua vida ao serviço de três soberanos ingleses, usufruindo o tempo todo de grande liberdade e poder político. Entretanto, acabou sendo despojado de toda essa grandeza por um monarca impaciente. Contemplando desiludido as ruínas de sua vida, lamentou-se a um amigo:

Ó Cromwell! Cromwell!

Tivesse eu servido meu Deus com metade do zelo

Que ao meu rei dediquei, não estaria agora

À mercê de meus inimigos.

(William Shakespeare, Henrique VIII, ato 3, cena 2.)

Anos atrás, uma revista publicou um artigo sobre certos renomados financistas deste século. Contava como alguns deles haviam morrido pobres e desacreditados, outros se haviam suicidado e uns poucos cumpriram pena de prisão. Todos eles haviam gozado, ao menos temporariamente, de independência econômica, mas a nenhum deles ela trouxera liberdade d'alma.

Embora raramente ou nunca se afirme que a independência política ou econômica por si só proporcione perfeita liberdade, não é incomum que o livre arbítrio seja considerado sinônimo de liberdade d'alma. É verdade que o direito divino de escolher nosso curso de ação é um requisito indispensável para se obter essa liberdade. Sem ela, dificilmente poderemos gozar de qualquer tipo de liberdade — política, econômica ou pessoal. O livre arbítrio é um de nossos mais preciosos legados, e que nos coloca em grande dívida para com o Pai Celeste. Deus o deu ao homem no Jardim do Éden. (Vide Moisés 7:32.)

Por mais precioso que seja, todavia, o livre arbítrio não é a perfeita liberdade que buscamos, nem conduz necessariamente a ela. Na verdade, é por meio de seu exercício que é mais freqüente os homens caírem em cativeiro político, econômico e pessoal do que alcançarem liberdade.

Houve época, por exemplo, em que os nefitas, exercendo seu livre arbítrio, criaram condições que os conduziram à servidão política. E isto enquanto viviam num regime governamental que lhes garantia o pleno exercício do livre arbítrio. "Pois, suas leis e governos eram estabelecidos pela voz do povo, e o número dos que preferiam o mal era maior do que o dos que preferiam o bem." Por isso, "não podiam ser governados pela lei ou justiça, a não ser para sua destruição." (Helamã 5:2-3.) Nessas condições, escolheram governantes maus em lugar dos homens justos que, no passado, haviam protegido e defendido essas liberdades, e tê-lo-iam feito também no futuro.

A livre escolha de um rei pelos jareditas os conduziu diretamente ao seu cativeiro. (Vide Éter 6:21; 7:5.)

O mesmo aconteceu nos dias de Israel. O povo — rejeitando o governo dos juízes, instituído por Deus — implorou a Samuel que lhes desse um rei. A despeito das advertências de Samuel de que um rei transformaria seus filhos em servos, lhes exigiria pesados tributos e tra-

balhos e os mandaria para a guerra, "o povo não quis ouvir a voz de Samuel, (dizendo): Não, mas haverá sobre nós um rei."

E nós também seremos como todas as outras nações." (I Samuel 8:19-20.)

Então Samuel ungiu Saul como rei deles. No devido tempo, exatamente conforme Samuel previra, o povo foi pesadamente sobrecarregado, seus filhos e filhas se transformaram em servos, e veio a guerra. A nação dividiu-se em dois reinos, Israel e Judá, que terminaram ambos em cativeiro. Não apenas perderam a liberdade política, mas terminou sua existência política como nação.

O livro de Gênesis contém um exemplo clássico de perda de independência econômica pelo mau uso do livre arbítrio. Os egípcios, em lugar de exercer seu livre arbítrio, precavendo-se para um dia de penúria, fiaram-se no governo. Quando chegou o tempo de escassez, foram obrigados a comprar mantimentos dele. Primeiro, gastaram seu dinheiro. Quando acabou, entregaram o gado, depois suas terras; finalmente foram compelidos a vender a própria liberdade, tornando-se escravos, para poder comer. (Vide Gênesis 41:54-56; 47:13-26.)

Nós próprios avançamos bastante nesse mesmo caminho durante o último século. Recomendo que nos acautelemos da tendência de nos valer da segurança oferecida pelo governo, em lugar de depender de nossa própria industriosidade. Recordai o camponês de Alexander Pope (poeta inglês, 1688-1774) que, depois de conhecer as conseqüências da fartura do homem rico, protestou:

"Permiti-me, Vossa Mercê", disse o camponês,



Ao término de uma sessão da conferência, o Presidente Gordon B. Kinckley, novo conselheiro na Primeira Presidência, abre caminho para o Presidente N. Eldon Tanner, primeiro conselheiro na Primeira Presidência, à esquerda, passando pelos membros do Quorum dos Doze Élder Thomas S. Monson, Élder Boyd K. Packer, Élder Marvin J. Ashton e Élder Bruce R. McConkie.

"A sobremesa já não agrada tanto:

Devolvei-me meu tosco abrigo,
Um naco de pão e liberdade."

(Alexander Pope, "The Sixth Satire of the Sicond Book of Horace" versos 218-221; trad. livre e aproximada do original em inglês. N. do T.)

Com respeito à perda da liberdade pessoal pelo mau uso do livre arbítrio, a vida diária está repleta de trágicas provas. Vemos o alcoólatra

ansiando pela bebida, o viciado contorcer-se em sua loucura e, pior ainda, o perverso espojar-se na sua irrecuperável perda de hombridade. Quem ousa dizer que essas pessoas gozam de liberdade?

Não obstante o fato de que se pode perder a liberdade política, econômica e pessoal pelo mau uso do livre arbítrio, este nunca terminará, por ser um princípio eterno. Contudo, o livre arbítrio de uma pessoa aumenta ou diminui conforme o usa. Toda decisão errada restringe a área em que posteriormente ela poderá exercê-lo. Quanto mais decisões erradas ela tomar no exercício do livre arbítrio, mais difícil se torna recuperar o terreno perdido. É possível mesmo que atinja um ponto do qual não mais haverá retorno. Exercendo seu livre arbítrio, ela restringiu a área em que pode atuar a praticamente nada.

Samuel, o profeta lamanita, disse, falando aos que assim persistiam: "E no dia de vossa pobreza clamareis ao Senhor, mas em vão, pois então já estará sobre vós vossa desolação, e a destruição será certa; então chorareis e pranteareis... dizendo:

"Oh! Por que não nos arrependemos no dia em que o Senhor nos enviou sua palavra!...

"...eis que estamos cercados de demônios, sim, estamos rodeados pelos anjos daquele que procurou destruir nossas almas... Ó, Senhor, não podeis apartar de nós a vossa ira? Assim vos expressareis naqueles dias.

"Mas eis que vossos dias de provação já serão passados; retardastes o dia de vossa salvação até que se tornou para sempre demasiado tarde e vossa destruição está assegurada." (Hel. 13:32,36-38.)

Essas pobres almas haviam-se entregue ao poder de Lúcifer e seus seguidores que, conforme recordais, tornaram-se Perdição. (Vide D&C 76:26.) Seu destino final é serem lançados nas trevas exteriores, sendo essa punição a conseqüência natural das opções que fizeram no exercício de seu livre arbítrio. O fato de haverem sido dotadas de livre arbítrio por seu Criador não as livra da mais pavorosa servidão, o domínio do pecado.

Exatamente como seguir opções erradas restringe o livre arbítrio e leva à escravidão, a busca de alternativas corretas amplia o domínio de nosso livre arbítrio e conduz à liberdade perfeita. Por meio deste processo, pode-se, de fato, alcançar liberdade d'alma e ao mesmo tempo perder a liberdade política, econômica e pessoal.

Consideremos, por exemplo, o Profeta Joseph Smith. Foi um homem que gozava de liberdade d'alma, enquanto estava privado de praticamente qualquer outra liberdade. Os acontecimentos de sua vida podem comparar-se em certos aspectos aos da vida de Paulo, o apóstolo, que durante seus trabalhos foi muitas vezes espancado, encarcerado e enfrentou a morte repetidas vezes. Contando algumas de suas experiências aos coríntios, dizia:

"Recebi dos judeus cinco quarentenas de açoites menos um.

"Três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio e um dia passei no abismo;

Em viagens, muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos dos da minha na-

ção, em perigos dos gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre os falsos irmãos;

"Em trabalhos e fadigas, em vigílias muitas vezes, em fome e sede, em jejum muitas vezes, em frio e nudez." (2 Cor. 11:24-27.)

Não obstante isso tudo, pôde escrever ao seu querido Timóteo de sua cela em Roma, pouco antes de morrer: "Porque já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo de minha partida está próximo.

"Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé,

"Desde agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda." (2 Tim. 4:6-8.)

Em sua alma, Paulo, sem dúvida, gozava de perfeita liberdade. Sua conclusão de que a recompensa ganha por ele está disponível a outros também, sugere que deve haver um padrão de conduta para merecê-la, e creio que de fato há.

Anos atrás, passando de trem por Cleveland, Ohio, li esta inscrição num edifício: "Obediência à Lei é Liberdade." Interpretando corretamente a palavra *lei,* temos nessa inscrição a suprema verdade. Inserindo duas palavras, ficará: "Obediência à Lei de Cristo é Liberdade." (Vide D&C 88:21.) Esta não é apenas uma definição da perfeita lei de liberdade, mas também de como chegar a ela.

No capítulo 8 de João lemos a controvérsia entre Jesus e os fariseus. Eles naturalmente o rejeitaram.

Porém, a uns poucos que nele criam, Jesus disse: "Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos:

"E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará." (João 8:31-32.)

A liberdade assim conquistada — quer dizer, pela obediência à lei de Cristo — é a liberdade d'alma, a suprema forma de liberdade. E o mais glorioso é que está ao alcance de cada um de nós, independentemente do que faz o povo que nos cerca ou até mesmo nações. Basta aprender a lei de Cristo e obedecer a ela. Aprender e obedecer-lhe é o supremo propósito da vida de toda alma mortal.

Que Deus nos ajude e favoreça nosso progresso no caminho para a perfeita liberdade, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.





Sessão Matinal de Domingo, 4 de outubro de 1981.

"Quem Deu Crédito à Nossa Pregação?"



Élder Bruce R. McConkie
do Quorum dos Doze Apóstolos

"A mensagem da restauração inclui três grandes verdades: a filiação divina de Cristo, a missão divina do Profeta Joseph Smith e a veracidade e origem divina de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias."

Espero que considereis comigo estas questões:

Se vivêsseis em Jerusalém nos dias de Jesus, vós o teríeis aceito como o Filho de Deus, assim como Pedro e os apóstolos? Ou teríeis afirmado que estava possuído e operava milagres pelo poder de Belzebu, conforme afirmavam Anás e Caifás?

Se vivêsseis em Nasaré, ou em Caná ou Cafarnaum, teríeis crido na nova religião pregada por alguns humildes pescadores? Ou seguiríeis as tradições de vossos pais nas quais não havia salvação?

Se vivêsseis em Corinto ou Éfeso ou Roma, teríeis aceito o estranho novo evangelho pregado por Paulo? Ou continuaríeis agarrados às excentricidades, tradições e cultos então prevalecentes?

Se viveis em Nova York, Londres ou Paris, ou então em Chicago, Los Angeles ou Lago Salgado — aceitareis a nova, embora antiga religião, o novo, ainda que antigo evangelho, a nova, embora antiga forma de viver que Deus voltou a revelar em nossos dias? Ou apoiareis igrejas que não guardam nenhuma semelhança real com aquela estabelecida entre os primitivos santos?

Se ouvis uma voz profética, se um testemunho apostólico é prestado em vossa presença, se servos de Deus vos trazem uma mensagem do Mestre — qual é vossa reação? Acreditais ou não acreditais?

Se sois informados, com toda seriedade, de que Joseph Smith foi chamado por Deus, que através dele se restaurou a plenitude do evangelho eterno, e que o Senhor mais uma vez restabeleceu sua igreja entre os homens — credes na palavra vinda do céu? Ou, como Anás e Caifás, vos apegais ao tradicional e confiais vossa salvação eterna às diversas formas de culto de origem humana que abundam por aí?

Diante destas questões, permiti-me a ousadia de fazer-vos esta solene declaração: Nós somos os servos do Senhor e dele temos uma mensagem para levar a todos os homens de toda a parte.

Somos fracos, simples e pouco instruídos. De nós mesmos nada podemos fazer, mas, na força do Senhor, não podemos fracassar. É o poder dele que nos apóia e conduz.

Sabemos o que o futuro nos reserva; temos ciência das guerras, pragas e desolação que logo assolarão a terra qual fogo devastador. Este é

um dia sombrio de sofrimento e tristeza. Os céus tornam-se escuros; os corações humanos tremem de pavor (vide Lucas 21:26); nações estão perplexas, não sabendo como, nem onde encontrar a paz e segurança.

Este é um dia em que homens insanos em posições elevadas podem, num instante, repentinamente, desencadear o emprego de armas terríveis, capazes de matar milhões entre o nascer e o pôr-do-sol.

Jamais houve dia tão medonho quanto o de hoje. Sobeja a iniqüidade; todas as perversões e malefícios de Sodoma e Gomorra encontram adeptos. E a palavra revelada nos assegura que as condições hão de piorar, não melhorar, até a vinda do Filho do Homem.

É por causa dos males e calamidades que cobrem a terra, porque os homens abandonaram as ordenanças do Senhor e violaram seu convênio eterno, porque muitos seguem os caminhos do mundo e são carnais, sensuais e diabólicos, que o Senhor nos deu a mensagem para transmitir a nossos semelhantes.

"Portanto, eu, o Senhor, conhecendo a calamidade que haveria de vir sobre os habitantes da terra", diz ele, "chamei meu servo Joseph Smith, lhe falei dos céus e dei-lhe mandamentos." (D&C 1:17.)

Então, qual é nossa mensagem para todos os homens? É a mensagem da Restauração. As boas novas de que um Deus misericordioso restaurou a plenitude de seu evangelho eterno. É a palavra bendita de que todo homem pode ser salvo pela obediência às leis e ordenanças do evangelho.

A mensagem da restauração inclui três grandes verdades, verdades estas que têm de ser aceitas por toda a humanidade, se quiserem salvar-se. São elas: primeiro, a filiação divina de Cristo; segundo, a missão divina do Profeta Joseph Smith; e terceiro, a veracidade e origem divina de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

E assim é que o Senhor nos ordenou que declarássemos as boas-novas, pregássemos seu evangelho, levantássemos a voz de advertência, para dizer o que ele diria, se ministrasse pessoalmente entre os homens como em outros tempos.

Nosso lugar e condição, e divina comissão não diferem dos antigos profetas e apóstolos. Somos igualmente representantes do Senhor, seus embaixadores. Somos, como eram eles, administradores legais com poder para ligar na terra e o mesmo ser ligado eternamente nos céus.

É costume em certos círculos afirmar que os mórmons não são cristãos e questionar nossa crença e fidelidade ao Senhor Jesus Cristo.

Se ser cristão significa crer em Cristo e aceitá-lo como o Filho de Deus no sentido pleno e total do termo; se significa ter o evangelho eterno em sua plenitude; se quer dizer acreditar no que Pedro e Paulo criam e integrar a mesma Igreja a que pertenciam; se significa alimentar o faminto, vestir o despido, dar amor a nossos semelhantes, e conservar-nos limpos das manchas do mundo (vide D&C 59:9) — onde mais encontraremos autênticos cristãos, senão entre os santos dos últimos dias?

Permiti-me declarar, com toda seriedade, simplicidade e clareza de que sou capaz, que nós cremos em Cristo e nos esforçamos ao máximo para guardar seus mandamentos.

Ele é o nosso Senhor, nosso Deus e nosso Rei. É o evangelho dele que recebemos.

Nós falamos de Cristo, regozijamo-nos em Cristo, profetizamos em seu nome e sabemos que é o único nome debaixo dos céus pelo qual o homem pode ser salvo. (Vide Atos 4:12.)

Ensinamos e testificamos que ele é o Primogênito do Pai, que é semelhante a Deus, que ele próprio é o Senhor Onipotente, o grande Jeová, o Criador desta terra e de todas as formas de vida.

Sabemos que é o Deus de Israel, o Messias prometido, o Unigênito do Pai.

Sabemos que o Senhor Jesus Cristo habitou na carne, que Maria foi sua mãe, e Deus seu pai, e que da mãe herdou o poder de mortalidade, e de seu Pai o poder de imortalidade. Foi esta sua natureza dual, esta filiação mortal e divina que lhe permitiu operar a infinita e eterna Expiação, resgatando os homens da morte temporal e espiritual introduzida no mundo pela queda de Adão.

É moda igualmente alegar que estimamos o Profeta Joseph Smith a ponto de colocá-lo acima até mesmo do Senhor Jesus Cristo.



É verdade que Joseph Smith está no grupo de profetas que se destacaram de todos os homens em sua grandeza e estatura espiritual. É verdade que seu lugar na hierarquia divina faz dele um profeta dos profetas e vidente dos videntes. Ele se iguala a Enoque, Abraão e Moisés. A salvação, porém, está em Cristo, não em Abraão, Moisés, nem Joseph Smith.

Todos os profetas são servos de Deus. Seu ministério é pregar a palavra dele e fazer sua vontade. Eles pregam seu evangelho e realizam suas ordenanças. Sua missão é trazer almas para Cristo.

E assim é com Joseph Smith. Ele viu Deus; anjos lhe ministraram; visões da eternidade lhe foram abertas. Foi através dele que se restaurou o evangelho, e a ele o Senhor entregou as chaves do reino.

Joseph Smith é o revelador de Cristo e do conhecimento da salvação para este dia, esta época, esta dispensação. Por ordem do Senhor, organizou a única igreja verdadeira e viva na terra. (Vide D&C 1:30.)

A Igreja é um corpo organizado de verdadeiros crentes; é a congregação dos que aceitaram o santo evangelho; e o evangelho é o plano de salvação. O sacerdócio maior administra o evangelho; a Igreja é o veículo pelo qual são conduzidos os assuntos do Senhor na terra, e através do qual a salvação é colocada ao alcance de todos os que crêem e obedecem.

E por isso nós, os servos do Senhor, obedientes às suas ordens, levamos sua mensagem ao mundo. Prestamos testemunho de Cristo co-

mo ele foi revelado novamente por Joseph Smith, e convidamos todos os homens, de toda a parte, a crerem em seu evangelho e se filiarem a sua Igreja, tornando-se herdeiros do reino em que ele e o Pai habitam.

Como foi no ministério dos profetas antigos, assim é conosco. Dizemos como eles: Arrependei-vos e crede no evangelho, pois o reino dos céus está às portas. (Vide Mat. 3:2.) Abandonai Babilônia; fugi para Sião; encontrai refúgio em uma de suas estacas. Permanecei em lugares sagrados e preparai-vos para a Segunda Vinda do Filho do Homem. (Vide D&C 45:32.)

A salvação vem àqueles que aceitam o evangelho verdadeiro e vivem suas leis. Ela é para aqueles que clamam ao Senhor em fervorosa oração até que este derrama seu Espírito sobre eles.

Dizia Paulo: "Como pois invocarão aquele em quem não creram? e como crerão naquele de quem não ouviram? e como ouvirão, se não há quem pregue?

"E como pregarão se não forem enviados?" (Romanos 10:14-15.)

Em verdade, a fé vem pelo ouvir a palavra de Deus pregada por um administrador legal, chamado por Deus. (Rom. 10:17.) E como era antigamente, assim é hoje — apraz a "Deus salvar os crentes pela loucura da pregação". (1 Cor. 1:21.)

Nossa mensagem é de alegria e regozijo, de glória, honra e triunfo. Os autênticos crentes sempre se regozijam em Cristo e em seu evangelho.

Não afirmamos que todo aquele que aceitar o evangelho restaurado escapará às guerras, pragas e desolação dos últimos dias. Mas, sim, que todos os seus pesares e sofrimentos serão absorvidos pela alegria do evangelho.

Alguns dos honestos e fiéis perecerão junto com os iníquos e ímpios nos dias futuros. Contudo, o que importa se vivemos ou morremos, desde que tenhamos encontrado Cristo e a ele fomos selados?

Se dermos nossa vida pela causa da verdade e justiça ou em defesa de nossa religião, nossa família ou nossas instituições livres, por que nos preocupar?

Não nos apegamos à vida com mãos sequiosas, temerosas do futuro. Desde que aceitemos o evangelho e estejamos reconciliados com Deus pela mediação de Cristo, o que importa, se formos chamados para as esferas de paz, para ali aguardar uma herança na ressurreição dos justos?

Tendo fé em Cristo, sabemos que havemos de ressurgir em gloriosa imortalidade e habitar com Abraão, Isaque e Jacó no reino de Deus, para todo o sempre.

Agora, conforme dizia Isaías: "Quem deu crédito à nossa pregação? e a quem se manifestou o braço do Senhor?" (Isa. 53:1.)

Quem dará crédito a nossas palavras e quem ouvirá nossa mensagem? Quem honrará o nome de Joseph Smith e aceitará o evangelho restaurado através de sua instrumentalidade?

Respondemos: As mesmas pessoas que teriam acreditado nas palavras do Senhor Jesus e dos antigos apóstolos e profetas, se tivessem vivido naquela época.

Se credes nas palavras de Joseph Smith, teríeis crido no que diziam Jesus e os antigos.

Se rejeitais as palavras de Joseph Smith, teríeis rejeitado igualmente a

mensagem de Pedro e Paulo.

Se aceitais os profetas que o Senhor vos envia hoje, aceitais igualmente o Senhor que os enviou.

Se rejeitais o evangelho restaurado e encontrais falhas no plano de salvação ensinado pelos que Deus enviou nestes últimos dias, teríeis rejeitado esses mesmos ensinamentos proferidos pelos profetas e apóstolos de antigamente.

Tenho falado claramente de nossa obrigação como servos do Senhor, de proclamar a mensagem da Restauração ao mundo. Isto estamos fazendo na medida que permitem nosso tempo, talentos e meios.

Porém, e aqueles a quem a mensagem é enviada? E os outros filhos de nosso Pai que ainda não aceitaram Cristo e seu evangelho, conforme foram revelados a Joseph Smith? Não terá todo homem da terra a obrigação pessoal de buscar a verdade, de crer na verdade, de viver a verdade?

Convidamos todos os homens de todas as seitas, partidos e denominações a ponderarem estas questões:

Será que tenho fome e sede de retidão como os antigos santos? (Vide Mat. 5:6.)

Será que tenho a mente aberta e disposição de comprovar todas as coisas e apegar-me ao que é bom? (Vide 1 Tess. 5:21.)

Estarei disposto a receber nova luz e verdade dos céus, luz e verdade vindas de um Deus caridoso, a cuja vista uma alma é exatamente tão preciosa agora como sempre foi?

Terei a coragem moral de verificar se Joseph Smith foi ou não chamado por Deus, se ele e seus sucessores possuem as mesmas chaves do reino de Deus que Pedro, Tiago e João tinham em outros tempos?



Estarei disposto a pagar o preço da pesquisa e a obter uma revelação pessoal que me diga o que preciso fazer, para obter paz neste mundo e ser herdeiro da vida eterna no mundo vindouro?

Testificamos que Deus nos deu seu evangelho eterno, e convidamos todos os homens a virem participar conosco de suas bênçãos.

Em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

Santificação pelo Serviço Missionário



Élder William R. Bradford
do Primeiro Quorum dos Setenta

"Missão — um tempo maravilhoso para vos purificar e reanimar, uma de vossas melhores oportunidades de vos tornardes um candidato celestial."

Testifico-vos solenemente que Deus, o Pai Eterno, e seu Filho, Jesus Cristo apareceram nesta dispensação. Estes dois gloriosos personagens realmente se mostraram e falaram a um jovem chamado Joseph Smith.

Isto aconteceu em 1820, e desde aí, os céus continuam abertos. A plenitude do evangelho de Jesus Cristo foi restaurada por revelação. Anjos vieram como mensageiros celestes e recebemos registros dos assuntos de Deus com seus filhos. O Santo Espírito vem vertendo as verdades do plano de Deus para a exaltação de seus filhos.

A verdadeira igreja, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, foi organizada sob a direção do próprio Jesus Cristo. Foram chamados profetas e apóstolos, investidos com poder do alto. Eles são testemunhas especiais de Jesus Cristo para o mundo inteiro.

Como portadores das chaves, são enviados por todo o mundo para abrir as portas à proclamação do evangelho de Jesus Cristo. Pela obra deles é que as portas são abertas. O evangelho está sendo pregado mundo afora.

Inspirados e dirigidos pelo Senhor, estes profetas, videntes e reveladores têm conclamado os discípulos de Jesus Cristo, enviando-os por mandamento, o qual é:

"E a voz de advertência irá a todos os povos pela boca de meus discípulos, os quais escolhi nestes últimos dias.

"E eles irão avante, e ninguém os impedirá, pois eu, o Senhor, os mandei.

"Portanto, temei e tremei, ó povo, pois o que eu, o Senhor, decretei, neles será cumprido." (D&C 1:4-5,7.)

Atualmente existem uns trinta mil missionários servindo em 188 missões. Eles proclamam o evangelho restaurado a oitenta e duas nações, territórios e possessões, em quarenta e oito idiomas diferentes.

Milhares dos filhos de nosso Pai estão ouvindo o evangelho e adquirindo testemunho de sua veracidade, sendo batizados em sua verdadeira igreja. Eles agora somam aproximadamente cinco milhões de membros.

Sentimo-nos humildes e profundamente recompensados com o sucesso da obra missionária. Reconhecemos a mão do Senhor e a dedicação de seus discípulos no que foi conseguido até agora. Porém, há ainda muito o que fazer.

Sentimos grande urgência na obra e imaginamos se não poderia ser acelerada. Preocupa-nos se real-

mente todos os que deveriam e poderiam participar dessa obra entendem e crêem nos princípios e propósitos fundamentais do firme decreto de Deus, que manda proclamar o evangelho ao mundo inteiro.

Embora tenhamos trinta mil missionários em serviço, poderíamos e deveríamos ter muito mais. Caso se preparassem e se apresentassem para fazer o que é seu dever declarado, a obra poderia ser realizada num ritmo e dimensão além de qualquer expectativa.

Tenho ponderado e orado a respeito desse assunto. Tenho procurado palavras e implorado aos céus poder para proferí-las, de modo que possam motivar os que deveriam estar fazendo essa obra.

As palavras vieram-me à mente. São palavras simples, ensinadas muitas vezes. Dizê-las é repetir o que tendes ouvido sempre. Elas nos convidam a vir a Cristo e sermos aperfeiçoados nele. Isto conseguimos, servindo-o de todo nosso coração, poder, mente e força. Se assim fizermos, receberemos remissão de nossos pecados e nos tornaremos santos, sem manchas, podendo retornar à presença do Pai Celeste para viver como ele vive.

O Senhor continua com as mãos estendidas, oferecendo gloriosas bênçãos, se quisermos servi-lo. Estudando o que ele entende por esse "servir", damo-nos conta de que o serviço essencial é ensinar as verdades do evangelho aos que ainda o desconhecem.

Contudo, apesar da simplicidade das palavras e da fonte divina da qual provêm, e apesar mesmo da promessa certa de bênçãos eternas, ainda existem os que não servem, embora devessem e pudessem.

Fico imaginando se realmente compreendem os dois propósitos da obra missionária e neles creêm: primeiro, santificar o próprio missionário; e segundo, dar conhecimento às pessoas das verdades do evangelho restaurado de Jesus Cristo, e batizá-las em sua Igreja — resultado certo e natural do missionário em processo de santificação.

Satanás procura bloquear esse trabalho com sua influência insidiosa e persistente. Muitos que deveriam e poderiam realizá-lo, estão se tornando vítimas de sua influência.

Alguns são ludibriados e estão se afastando do que é verdadeiro para conhecer o que é falso e insensato.

Gostaria de falar aos jovens que estão em idade de serem chamados para o serviço missionário ou dela se aproximam. Alguns talvez aleguem mentalmente: "Ora, você simplesmente não entende meu caso. Minha situação é diferente. Pretendo ser um grande advogado, médico, atleta etc. Certamente ninguém, nem o Senhor espera que eu largue meus estudos numa ocasião tão importante de minha vida. A missão prejudicaria meus planos futuros."

Outros pensam: "Sim, sei que deveria cumprir missão, mas, se você tivesse uma garota como a que eu tenho, jamais a deixaria. O que acontecerá a ela, enquanto eu estiver longe?"

Ou ainda:"A missão custa caro. Acabei de arranjar um bom emprego e comprei um carro e aparelho de som. É justamente agora que as coisas estão começando a funcionar. Não posso largar tudo agora. É simplesmente impossível."

Depois, há os que pensam: "Minha situação me desqualifica. Caí em transgressão e estou afastado da

Igreja. Sempre pretendi ser missionário, mas tropecei e agora não estou vivendo os padrões exigidos de um missionário."

Se eu pudesse escutar seus casos separadamente, todos teriam uma coisa em comum — a procura em justificar-se por não estarem cumprindo seu dever para com Deus.

Muitos de vós tentais justificar-vos mesmo contrariando os conselhos e ensinamentos corretos dos pais. Eles vos amam e vos apoiariam em tudo, se ao menos o permitísseis.

Infelizmente, porém, também existem pais que concordam com vossas pretensas justificativas. Fizeram planos para o futuro, e esses planos não incluem a missão. Eles dizem: "Meu filho vai ser um grande advogado, médico, atleta. Ele não pode interromper os estudos para ficar vagabundeando pelo mundo durante dois anos. Que outros o façam. Meu filho é diferente."

Se pudesse falar separadamente com cada jovem e seus pais que assim procuram justificar-se, eu diria, com toda eloqüência de que sou capaz: "Quem achais que sois? Quem vos dá o direito de vos julgardes mais sábios que Deus, o qual, através de seus profetas, estabeleceu o firme decreto, o solene mandamento de que o evangelho restaurado deve ser proclamado ao mundo inteiro pela voz de seus discípulos? Isto é convosco."

Gostaria de lembrar-vos das palavras do próprio Senhor, dirigindo-se ao que "não faz nada" e cujo coração duvida.

"Quem sou eu que fiz o homem, diz o Senhor, para pronunciar inocente o que não obedece aos meus mandamentos?

"Eu mando, e os homens não obedecem; revogo, e eles não recebem a bênção.

"Depois dizeis em vossos corações: Esta não é a obra do Senhor, pois suas promessas não se têm cumprido. Mas ai desses, pois embaixo os espera sua recompensa, e não em cima." (D&C 58:29-33.)

Acreditais realmente que fama e renome terrenos podem comparar-se às promessas de Deus aos que são fiéis? Ele promete "tronos, reinos, principados e poderes," mais "exaltação e glória em todas as coisas". Ele prometeu "plenitude e uma continuação das sementes para todo o sempre". Ele prometeu a vida eterna. (D&C 132:19.)

Eu vos diria que não tendes desculpas nem justificativas, e que colocastes vossa salvação eterna em grande perigo.

A educação pode esperar. O Senhor abrirá as portas da instrução e para uma boa profissão, quando retornardes de vosso serviço missionário.

E quanto às namoradas, o Pai deseja confiar-vos uma de suas filhas eleitas, uma a quem ele ama e quer bem, uma que é pura, que conhece os valores eternos e se esforça para alcançar a exaltação, alguém a quem podereis ser selados em seu sagrado templo. Certamente não podereis contar com isso, se não fordes fiéis no fazer aquilo que vos torna merecedores de tal companheira eterna. É depois de cumprido o serviço missionário que isto pode acontecer.

Para que não seja mal interpretado, gostaria de dizer a vós, moças, que isto também se aplica a vós. Muitas de vós dizeis: "O que será de

mim, se ele me deixar?'' impedindo que ele parta. Permitis, assim, que o namoro ultrapasse os limites apropriados. Freqüentemente contribuís para a decisão dele de não servir, e até mesmo, às vezes, para que ele não seja digno de fazê-lo. Agindo assim, estais-vos desqualificando também para receber as bênçãos pretendidas. Deixai-o partir! Não apenas isso, mas incentivai-o! Nesta época de sua vida, provavelmente sois uma das mais fortes influências. Ajudai-o a manter-se limpo. Ajudai-o a preparar-se.

Talvez gostaríeis de servir também. Hoje temos muitas missionárias. A vós são prometidas as mesmas bênçãos que aos rapazes. Embora vosso papel principal na vida seja o de mãe, talvez seja conveniente que primeiro cumprais uma missão.

Àqueles que acham não poder servir por terem transgredido, eu gostaria de dizer: ''Não vos desespereis. Existe um caminho de volta. O plano de arrependimento realmente funciona. Podeis voltar à plena dignidade, podeis reparar o mal feito e vos colocar a serviço do Senhor.''

Se eu pudesse conversar pessoalmente com cada bispo e presidente de estaca a respeito dos que deveriam e poderiam cumprir missão, eu diria: ''Vós sois os juízes. Tendes o sagrado dever de trabalhar com eles e os pais, até que entendam e cumpram seu dever.

''Não podeis permitir que fiquem pendurados qual fruta numa árvore, amadurecendo e depois caindo ao chão para apodrecer ou ser devorados, com ninguém se importando em preservar a colheita. Se assim agirdes, tereis certamente de prestar contas. Dia virá em que estareis perante o tribunal de Deus para dar



Os élderes Bruce R. McConkie e Thomas S. Monson, do Quorum dos Doze.

conta deles, um por um, nome por nome.''

Este é um plano maravilhoso. É um processo de santificação. Quando o missionário é colocado no ambiente de ordem e disciplina da missão, na qual tudo é feito em harmonia com o Espírito, ele sofre uma grande transformação. Os céus se abrem, fluem poderes, mistérios são revelados, hábitos se modificam, começa a santificação. Através desse processo, o missionário torna-se um vaso de luz capaz de irradiar o evangelho de Jesus Cristo para um mundo em trevas.

Há muito o que fazer. Vós sois a geração real, ''(escondida) do mun-

do com Cristo", para surgir neste dia e fazer seu trabalho. (Vide D&C 86:9.)

Deveis estar preparados. Tendes que vos tornar dignos e disponíveis. Se não, o trabalho prosseguirá sem vós, talvez um pouco mais lento, mas prosseguirá. Se não fizerdes a vossa parte, se não cumpris vosso dever, o que acontecerá? Como vos santificareis?

Se não fizerdes vosso dever, aqueles que não foram ensinados por vossa culpa acabarão tendo oportunidade de conhecer o evangelho por outra pessoa, mas, e vós? Como vos santificareis?

A missão é para os missionários. É um tempo maravilhoso de dar um pouco de vós, de experimentar vislumbres da vida celestial aqui na terra. É um tempo de purificar e reanimar. É um tempo especial em que o Espírito Santo pode selar sobre vós o grande plano para vossa exaltação. É uma de vossas melhores oportunidades de vos tornardes candidato celestial.

O ensino e a conversão de outras pessoas são o produto natural desse processo. Para santificar-vos, tendes de servir vosso semelhante. O mais sublime de todos os serviços ao próximo é ensinar-lhe a verdade e trazê-lo para o reino de Deus.

Daí o decreto: Enviai os élderes e pregai meu evangelho a toda nação, tribo, língua e povo. (Vide D&C 133:8.)

Em nome de Jesus Cristo. Amém.

"A alegria não está nas coisas. Está em nós."
(Richard Wagner)

Seguir ou não Seguir, eis a Questão



Élder Charles Didier
do Primeiro Quorum dos Setenta

"Vacilar — servir primeiro a si próprio e satisfazer seus apetites — é uma das maiores tentações enfrentadas pelo homem."

"'Precisamos lutar! Precisamos lutar!' gorgolejou a voz rouca de um homem, deitado imóvel na lama voraz desde que acordáramos. 'Temos que fazê-lo!' Virou o corpo pesadamente. 'Temos de dar tudo o que temos, nossa força, nossa pele, nosso coração, a vida inteira e os prazeres que nos restam. A vida de prisioneiros como a nossa, temos de tomá-la em ambas as mãos. Vocês precisam suportar qualquer coisa, mesmo a injustiça — e é *ela* quem reina agora — e as coisas vergonhosas e repugnantes que vemos, para sobreviver e vencer. Se somos obrigados a fazer tal sacrifício,' acrescentou a figura informe, voltando-se mais uma vez, 'é porque estamos lutando pelo progresso, não por um país; contra o erro, não contra um país.'" (Henri Barbusse *Under Fire: The Story of a Squad (Le Feu)* trad. Fitzwater Wray, Nova Iorque E. T. Dutton and

Co., 1917, p. 345.)

"Não quero morrer!" gritou a voz chorosa de um corpo encostado ao muro. Ouviram-se breves ordens para o pelotão de fuzilamento: "Apontar, mirar, fogo!" Depois, silêncio. Os soldados voltaram para o alojamento. Acabavam de presenciar a execução de um desertor. (Cena do campo de batalha, nalguma parte da França, 1917.)

Noutra parte qualquer, ontem, no campo missionário, um diálogo entre um missionário e o líder do sacerdócio:

— Élder, você foi chamado por um profeta do Senhor para servi-lo. Lembra-se de quando recebeu seu chamado, assinado pelo profeta do Senhor? Nele dizia que de você se esperava que dedicasse todo seu tempo e atenção ao serviço do Senhor, deixando de lado todos os assuntos pessoais.

A resposta foi imediata: — Não quero continuar servindo. Não gosto do povo; não gosto deste país; não gosto nem mesmo da comida!

— Então, de que você gosta?

— Ora, — replicou hesitante, — gosto de dirigir meu carro. Quero voltar para casa.

Noutro recanto do mundo, muitos anos atrás, pai, mãe e filhos estavam na sala realizando um conselho de família. Havia tragédia no ar. Os filhos imploravam ao pai que permanecesse com eles. Após uma pausa, o pai balbuciou:

— Não posso. Preciso viver minha própria vida, — e partiu.

Em São Francisco, Califórnia, faz duas semanas, apareceu uma curta notícia nos jornais: "Três pessoas decidiram procurar a morte e pularam da Ponte Bay."

Noutro lugar, dois mil anos atrás, outro diálogo entre a multidão, cinco mil seguidores de Cristo e o Senhor. Indagou a multidão:

"Rabi, quando chegaste aqui?

"Jesus respondeu-lhes e disse: Na verdade, na verdade vos digo que me buscais, não pelos sinais que vistes, mas porque comestes do pão e vos saciastes.

"Trabalhai não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará; porque este o Pai, Deus, o selou.

"Disseram-lhe pois: que faremos, para executar as obras de Deus?

"Jesus respondeu e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou" (João 6:25-29.)

"Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: que todo aquele que vê o Filho, e nele crê, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia." (João 6:40.)

Então os judeus murmuraram, e até mesmo alguns de seus discípulos. Após um breve silêncio, tomaram-se duas decisões.

A primeira: "Desde aí muitos dos seus discípulos tornaram para trás, e já não andavam com ele." (João 6:66.) Seguiram seu próprio caminho.

A segunda: "Então disse Jesus aos doze: Quereis vós também retirar-vos? Respondeu-lhe, pois, Simão Pedro: Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna." (João 6:67-68.) E seguiram o caminho, o único caminho verdadeiro.

Desertar, desistir, resignar, capitular, renunciar, abdicar, ceder, apostatar, recuar, voltar atrás, abandonar — são termos quase sinônimos. Um deles se aplicaria a

qualquer situação em nossa vida, na qual talvez vacilemos, quando chamados a cumprir nosso dever — dever para com a pátria, dever para com a igreja, dever para com a família, dever para com o próprio eu, dever para com Deus.

Vacilar é hesitar na escolha de um rumo, tentar seguir dois rumos simultaneamente ou apenas procurar servir a dois mestres. Uma das maiores tentações enfrentadas pelo homem durante metade de sua história é servir primeiro a si próprio e satisfazer seus apetites. Esta opção pode conduzir à deserção. Não importa *quem* somos, se ricos ou pobres, poderosos ou humildes, fiéis ou não — todos estamos sujeitos a essa tentação.

Enfrentar os desafios da vida não é fácil, e muitas vezes apresentamos ultimatos àqueles que representam a vida: nosso Pai Celeste, nós mesmos, aos pais, bispo, a um próximo. Os ultimatos variam: "Vou deixar de pagar o dízimo", ou "Vou-me embora de casa", ou "Quero ser desobrigado" ou "Vou matar-me". Variam ainda da oposição silenciosa às reclamações murmuradas ou violentas.

Desde a existência pré-mortal, o Senhor vem-nos advertindo quanto a servir primeiro aos próprios interesses e satisfazer nossos apetites.

"Não buscam ao Senhor para estabelecer sua justiça. Mas cada um segue seu próprio caminho, segundo a imagem do seu próprio Deus, a qual é à semelhança do mundo, e cuja substância é a de um ídolo, que envelhece e perecerá em Babilônia... a grande Babilônia que cairá." (D&C 1:16.)

O Senhor também nos ajudou a evitar essa situação.

"Portanto, eu, o Senhor, conhecendo a calamidade que haveria de vir sobre os habitantes da terra, chamei meu servo Joseph Smith, lhe falei dos céus e dei-lhe mandamentos...

"E aqueles, também, a quem foram dados esses mandamentos, pudessem ter poder para estabelecer o alicerce desta igreja e tirá-la da obscuridade e das trevas, a única igreja verdadeira e viva sobre a face de toda a terra, com a qual eu, o Senhor, me deleito, falando à igreja coletivamente e não individualmente." (D&C 1:17, 30.)

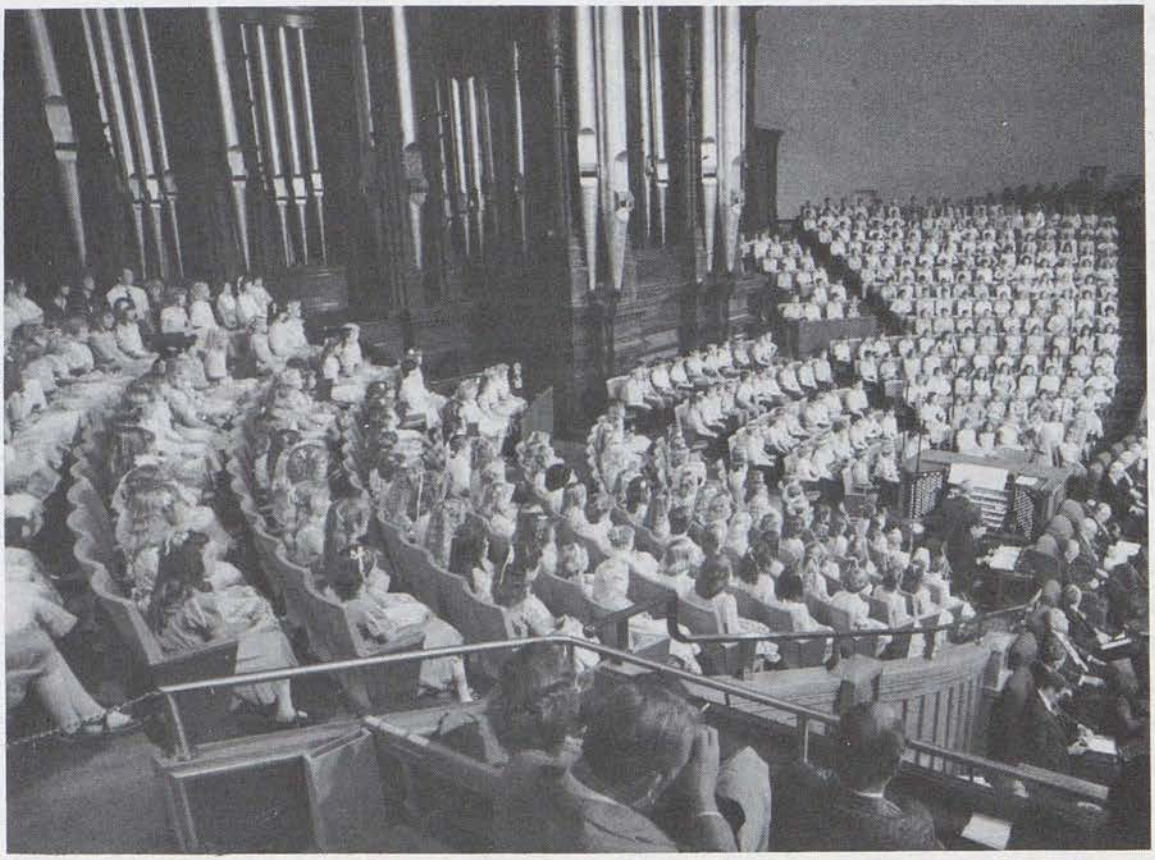
Todos os ensinamentos do Senhor e dos profetas contêm essa persistente mensagem, de persuadir o mundo a conhecê-lo e a seu Pai através de um profeta vivo e sua igreja. Uma vez conseguido esse entendimento, ele nos ajudará a tomar a decisão de perseverar até o fim.

O permanente dever para com Deus, consigo próprio, a família, a Igreja e a pátria representa um objetivo que todos deveríamos buscar com empenho, o qual foi dado pelo Senhor, conforme ele ensinou aos nefitas:

"Portanto, quisera que fôsseis perfeitos, assim como eu ou como vosso Pai, que está nos céus é perfeito." (3 Néfi 12:48.)

Novamente, estas palavras não foram ditas para nos desanimar ou tentar-nos a desertar, mas, sim, para nos motivar a estarmos preparados e não temer. Preparados para quê? O Senhor nos ordenou seguidamente a estarmos preparados para viver "de toda a palavra que sai da boca de Deus" (D&C 84:44), e a servi-lo de todo o coração, poder, mente e força (vide D&C 59:5).

Perseverar em obediência e servi-



ço é contrário à deserção. É continuar sem perecer; é permanecer; é ficar firme nas provações; sofrer ou suportar pacientemente; resistir à dor, sofrimento ou forças destrutivas sem capitular.

O fator animador no reconhecimento da adversidade é que não estamos sós. O Senhor disse a Joseph Smith: "Sê paciente nas aflições, pois terás muitas; suporta-as, pois eis que estou contigo, mesmo até o fim dos teus dias." (D&C 24:8.)

George Cannon diz em *Gospel Truths:* "Assim é com todos nós. De tempos em tempos, sofremos grandes aflições. Elas parecem necessárias para sermos postos à prova, a fim de ver se temos integridade ou não. Dessa maneira, chegamos a nos conhecer e conhecer nossas fraquezas; e o Senhor nos conhece, e nossos irmãos e irmãs nos conhecem.

"Portanto, é um dote precioso ter o dom da paciência, ser calmo, ter bom ânimo, não ficar deprimido nem ceder aos sentimentos, tornando-se impaciente e irritável. É um dom bendito para todos." (Jerreld L. Newquist, ed., Salt Lake City; Deseret Book Co., 1957, 2:198.)

Sim, existem obstáculos e desafios. Os homens às vezes se tornam cínicos. Alguns se desesperam e perdem esperança e fé no futuro. A mensagem, porém, permanece: não desisti, pois o Senhor vive. Ele é nosso Salvador e Redentor; ele é o Príncipe da Paz. A grande certeza da vida, a grande razão da vida eterna é o Senhor Jesus Cristo. Não existe outro caminho.

O caminho é um só. Os ensinamentos de nosso dever para com Deus determinam nosso dever para conosco próprios, para com nossa

família, igreja, pátria. Não pode haver vacilação, porque "ninguém pode servir a dois senhores, pois ou há de aborrecer a um e amar o outro, ou há de apegar-se a um e desprezar o outro; não podeis servir a Deus e a Mamon." (3 Néfi 13:24.)

O avô do Presidente Albert Smith dizia: "Existe uma linha de demarcação bem definida entre o território do Senhor e o do demônio. Se permanecerdes no território do Senhor, o adversário não poderá ir lá tentar-vos. Enquanto permanecerdes do lado do Senhor, estais perfeitamente seguros. Porém... se atravessardes a linha para o lado do demônio, estareis no território dele e em seu poder, e ele se esforçará para afastar-vos o mais que puder da linha de demarcação, sabendo que só conseguirá destruir-vos, se vos mantiver afastados do lugar seguro." (Citado por George Albert Smith, em Conference Report, outubro de 1945, p. 118.)

Ser persistente na busca da influência do Espírito Santo e na vivência dos mandamentos de Deus leva à vida eterna.

Quando consideramos que nós, como indivíduos, olhamos para dois poderes, a Igreja e o mundo, o bem e o mal, a verdade e a falsidade, como evitar sermos estraçalhados, sabendo que essas duas forças se movem em direções opostas? Colocando os dois pés na Igreja e preparando-nos para um compromisso total e eterno.

Existe um velha fábula sobre um rei e um bufão. Um dia, resolvendo recompensar o bufão, o rei ofertou-lhe um magnífico bordão, dizendo:
— Fique com este bordão até encontrar um idiota maior que você.

O tempo passou e, um dia, o rei ficou muito doente. Assim, chamou o bufão e disse-lhe que provavelmente partiria numa longa viagem da qual não há retorno. O bufão perguntou-lhe:

— Tomou providências para essa viagem sem fim?

O rei respondeu que não. O bufão entregou-lhe o bordão, dizendo:

— Majestade, se não tomou nenhuma providência para uma viagem sem fim, este bordão é seu.

E nós, tomamos nossas providências? Estamo-nos preparando para enfrentar uma das maiores tentações — desertar do serviço do Senhor nos momentos de dúvida ou provação, o que pode levar-nos a outras deserções?

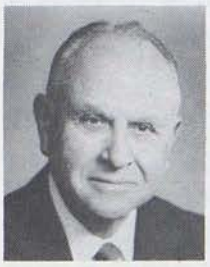
O personagem Hamlet, de Shakespeare, propôs a questão: "Ser ou não ser? ao encontrar-se no limiar do desespero e autodestruição." (*Hamlet*, ato III, cena 1.) Gostaria de parafraseá-lo assim:

Ser um soldado ou não ser.
Ser um missionário ou não ser.
Ser um pai ou não ser.
Ser eu mesmo ou não ser.
Ser um seguidor de Cristo ou não ser.

Em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, nós temos a resposta para esta questão, a resposta divina de que nós *podemos* ser, podemos viver como um autêntico discípulo, podemos viver de modo que possamos ser um seguidor de Cristo — fiéis até o fim, por causa de nosso testemunho.

Nosso testemunho para o mundo é que Jesus é o Cristo, nosso Salvador e nosso Redentor; que Joseph Smith é o profeta que restaurou a verdade sobre a terra, e que esta é uma igreja divina, o que eu testifico, em nome de Jesus Cristo. Amém.

De Pessoa Para Pessoa



Élder David B. Haight
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Raramente as pessoas deixam de freqüentar a Igreja devido a divergências doutrinárias. Elas esperam um sinal de genuíno amor para curar suas mágoas ou dúvidas."

O falecido músico Arturo Toscanini, famoso regente da Orquestra Filarmônica de Nova Iorque, recebeu certa vez uma carta amarrotada de um solitário pastor que vivia na remota região montanhosa do Wyoming, e que dizia:

"Senhor Regente: Possuo somente duas coisas — um rádio e um velho violino. As pilhas do meu rádio estão fracas e logo não funcionarão mais. Meu violino se acha tão desafinado, que não posso usá-lo. Por favor, ajude-me. No domingo que vem, quando iniciar seu concerto, toque um *lá* bem alto, para que eu possa afinar a corda do *lá;* então conseguirei afinar as outras cordas. Quando as pilhas de meu rádio deixarem de funcionar, terei meu violino."

No princípio do seu próximo concerto retransmitido por rádio no Carnegie Hall, em Nova Iorque, Toscanini anunciou: "A orquestra tocará agora um *lá* para um querido amigo e ouvinte nas montanhas do Wyoming." E os músicos todos tocaram um sonoro e distinto *lá.*

O solitário pastor precisava de apenas uma nota, só um ponto de partida para afinar seu instrumento, dali podendo prosseguir sozinho. Precisava de alguém que o ajudasse com uma corda; as outras seriam fáceis. Depois, com todas as cordas afinadas — em harmonia — o solitário pastor poderia tocar seu violino, seu companheiro e alegria.

Minhas palavras e incentivo destinam-se, nesta manhã, aos filhos de Deus cujas pilhas estejam fracas ou cujas cordas precisem de afinação; àqueles cuja alma foi uma vez tocada pelas palavras e ensinamentos do Mestre e seus servos, mas depois se deixaram cativar por outros interesses e atividades. Alguns talvez hajam sido negligenciados ou não suficientemente envolvidos numa significativa responsabilidade na Igreja, ou, quem sabe, estejam magoados ou ressentidos, ou mesmo indignos.

Alguns se permitiram "desafinar", sair de sintonia. Podem ter perdido o tom ou se afastado da partitura original. O Salvador do mundo deu-nos regras de vida e ensinou princípios de amor que abrangem preocupação e encorajamento:

"Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.

"Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para vossas almas.

"Porque meu jugo é suave e meu fardo é leve." (Mat. 11:28-30.)

Ele não se limitou a dizer: "Vinde

a mim, todos os que sois perfeitos", ou apenas os ricos, ou apenas os pobres, ou só os que têm saúde, ou os que não têm pecados, ou os que oram mais, ou só os doentes. Seu convite abrange todos: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei", vos consolarei e darei paz; "porque meu jugo é suave e meu fardo é leve".

Seu apelo a todos é que amem a Deus, amem seus filhos, guardem seus mandamentos e creiam que Jesus é o Cristo, nascido de Deus. (1 João 5:1-3.)

Muitos que aceitaram os ensinamentos do Salvador e foram batizados em sua Igreja agora estão temporariamente afastados do aprisco, alguns por vontade própria, mas outros, freqüentemente, por nossa negligência.

Mateus fala da última conversa terrena dos discípulos com Jesus. Eles estavam reunidos na montanha, como ordenado, aguardando o Senhor. Ele era o centro de sua vida. Eles o adoravam. Sabiam que logo os deixaria. Para onde iriam? O que fariam? Onze homens contra o mundo. E o que ele (o Senhor) lhes dirá?

"E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra.

"Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

"Ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos." (Mat. 28: 8-20.)

Essas instruções finais não mandavam apenas encontrar e batizar, mas ensinar. O futuro dos discípulos agora estava claro — exatamente como da Igreja e seus membros hoje — trazer novas almas para Cristo e ensiná-las. Ensinar-lhes os mandamentos, ensinar-lhes os princípios do evangelho, ensiná-las a amar a Deus e ao próximo, ensinar pelo Espírito, ensinar com amor. Assim elas poderão obedecer e viver os mandamentos, e o farão.

Ninguém deve perder-se; todos devem sentir o amor do Mestre através de seus servos. Ele sabia que levar a mensagem do evangelho a todas as nações exigiria a participação ativa de todas as almas batizadas — não só de algumas, mas de todas.

Na época de Cristo, existiam fortes barreiras sociais entre os judeus. Ainda assim o Salvador convivia livremente com publicanos e pecadores — divergindo profundamente dos fariseus que achavam não poder receber pecadores em sua casa.

Cristo censurava sua dureza, dizendo: "Não necessitam de médico os sãos, mas sim os doentes." (Mat. 9:12.)

Seus inimigos queixavam-se de que ele convivia e comia com pecadores, mas Jesus justificava-se e ensinava mais claramente o propósito do amor de Deus para com o pecador penitente, e a alegria que há nos céus por um pecador arrependido:

"Que vos parece? Se algum homem tiver cem ovelhas, e uma delas se desgarrar, não irá ele pelos montes, deixando as noventa e nove, em busca da que se desgarrou?

"E, se porventura a acha, em verdade vos digo que maior prazer tem por aquela do que pelas noventa e nove que se não desgarraram.

"Assim também não é vontade de vosso Pai, que está nos céus, que um destes pequeninos se perca." (Mat. 18:12-14.)

E depois continua: "E, chegando a casa, convoca os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque já achei minha ovelha perdida.

"Digo-vos que assim haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento." (Lucas 15:6-7.)

Michael Duffy conta: "Não peguei bem seus nomes nem o que diziam, exceto que eram da Igreja Mórmon. Não sei como descobriram que eu era mórmon e indagaram se eu queria mestres familiares. Eu não ia à Igreja fazia dezesseis anos!

"Também não sei muito bem por que eu disse sim. Parece que muitos acontecimentos se haviam somado para convencer-me de que faltava algo em minha vida. Antes, morávamos ao lado de uma família mórmon. Nós não íamos à Igreja, e nossos dois filhos não haviam sido abençoados nem nunca tinham ido à Igreja.

"Minha mulher não era mórmon, nem mesmo cristã. Ainda assim, concordava que nos faltava alguma coisa.

"Não demorou e os mestres familiares começaram a nos visitar regularmente. Isto deu início a um processo que levou muitos meses e mudou minha família para sempre.

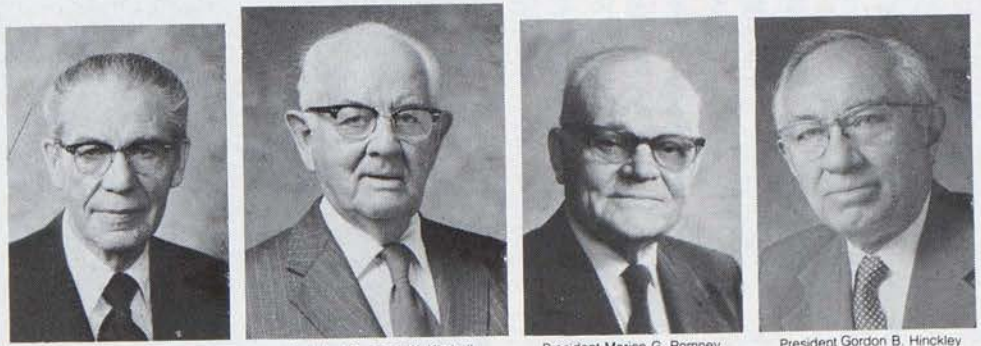
"Comecei a freqüentar a reunião do sacerdócio — primeiro, de vez em quando, depois regularmente. Finalmente consegui vencer meu problema com a Palavra de Sabedoria. Nosso filho maior, agora com cinco anos, começou a ir à Escola Dominical. Começamos mesmo a pagar



Membros da Primeira Presidência: Presidente N. Eldon Tanner, primeiro conselheiro; Presidente Marion G. Romney, segundo conselheiro; Presidente Gordon B. Hinckley, conselheiro.

Autoridades Gerais de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A Primeira Presidência



President N. Eldon Tanner
First Counselor

President Spencer W. Kimball

President Marion G. Romney
Second Counselor

President Gordon B. Hinckley
Counselor

O Quorum dos Doze



Ezra Taft Benson

Mark E. Petersen

LeGrand Richards

Howard W. Hunter

Thomas S. Monson

Boyd K. Packer



Marvin J. Ashton

Bruce R. McConkie

L. Tom Perry

David B. Haight

James E. Faust

Neal A. Maxwell

A Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta





A Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta



Membros do Primeiro Quorum dos Setenta







O Bispado Presidente



Autoridades Gerais Eméritas



um pouquinho de dízimo. Minha mulher me apoiava, mas não estava interessada na Igreja.

"Então, um dia, dois missionários bateram à nossa porta. Meses mais tarde, logo depois de eu haver sido ordenado élder, batizei e confirmei minha mulher membro da Igreja. Posteriormente fomos selados como família no Templo de Washington."

E prossegue: "Recordando as muitas coisas que aconteceram, lembro-me ternamente do amor, preces e solidariedade do bispado, presidência do quorum de élderes e outros.



Presidente Ezra Taft Benson, Presidente do Quorum dos Doze.

"Foi mesmo uma bênção morarmos numa ala que se interessava ativamente pelos membros menos ativos, cuja presidência do quorum de élderes (cargo que ocupo agora) dava ênfase especial à reativação, e até mesmo um membro da presidência da estaca se interessou pessoalmente por nós.

Já o Profeta Ezequiel recriminava: "Não apascentais as ovelhas.

"A fraca não fortalecestes, e a doente não curastes, e a quebrada não ligastes, e a desgarrada não tornastes a trazer, e a perdida não buscastes." (Eze. 34:3-4.)

Indo de carro para o Aeroporto de Los Ângeles em companhia de um atarefado radialista, descobri que ele e a mulher, embora tendo nascido na Igreja, jamais a freqüentaram. Sua vida era dominada por reuniões sociais, fins-de-semana recreativos e de escape.

Depois de oito anos de casados, começavam a preocupar-se com a vida que levavam, porém sem nada fazer a respeito.

Diversas duplas de mestres familiares passaram por eles. Então apareceu na vida deles um novo mestre familiar - um autêntico pastor. Passado algum tempo, este mestre familiar conseguiu que o marido fosse à Igreja uma vez. O Irmão Adamson disse que não ia largar de fumar e beber. Tinha tomado a firme resolução de *não* guardar a Palavra de Sabedoria, e se não fosse bem-vindo na Igreja por causa disso, muito bem. O mestre familiar retrucou:

— O irmão é bem-vindo, e eu virei aqui apanhá-lo.

Na primeira vez que foi à Igreja, o Irmão Adamson esperou que alguém se afastasse dele por causa do forte odor de fumo, mas não acon-

teceu. *Vão pedir-me que ore ou sirva na Igreja,* pensou. Mas isto também não aconteceu.

O mestre familiar não telefonava nas manhãs de domingo para não dar-lhe oportunidade de dizer não; simplesmente chegava na casa dele e perguntava:

— O irmão está pronto?

E assim foi buscá-lo todos os domingos por mais de um ano.

O casal Adamson começou a ler o livro *Uma Obra Maravilhosa e Um Assombro,* e acabou descobrindo que a Igreja era muito mais que a Palavra de Sabedoria, sobre a qual lhe haviam falado tanto durante a vida inteira (e como não a guardavam, achavam que a Igreja não tinha nada para oferecer-lhes).

O casal logo verificou que era uma Igreja de amor, não uma Igreja de temor. Inteiraram-se da missão do Salvador e de nosso Pai Celeste, e do arrependimento. Ficaram tão orgulhosos da Igreja em que haviam nascido, que a questão da Palavra de Sabedoria deixou de ser importante. Eles não passaram pela habitual dificuldade de abandonar maus hábitos. Simplesmente aconteceu. Havia tantos outros princípios do evangelho que adquiriram muita importância em sua vida. Diz ele:

— De repente, descobri-me trabalhando na capela nova e um dia disse ao bispo: "Agora estou preparado. Pode chamar-me para orar nas reuniões."

O Salvador ensinou a Pedro: "Quando te converteres, confirma teus irmãos." (Lucas 22:32.)

As almas estão confiadas ao cuidado da Igreja — cabe-lhe zelar por elas e mantê-las no caminho certo, lembrar-se de seus nomes e alimentá-las. (Vide Morô. 6:4.)

Um casal idoso que vivia numa pequena comunidade mórmon de Idaho, sempre fora membro da Igreja. O marido tinha oitenta e seis anos, e a esposa oitenta e quatro. Ele continuava sendo um sacerdote no Sacerdócio Aarônico. Seus novos mestres familiares, sabedores de sua falta de interesse na Igreja, perguntaram se podiam visitá-los.

O casal idoso ficou contente que alguém se importasse com eles. Os mestres familiares ensinaram-lhes os princípios do evangelho. O casal correspondeu. Esse irmão de oitenta e seis anos tornou-se um élder e, com sua esposa, mereceu o privilé-



Élder Jack H. Goaslind Jr., do Primeiro Quorum dos Setenta, com seu filho caçula Richard.

gio de irem ao templo e serem selados para o tempo e toda a eternidade.

Se este casal não fosse visitado por mestres familiares zelosos, provavelmente teriam morrido sem receber as bênçãos essenciais do evangelho. Pastores preocupados poderiam ter tocado este casal muitos anos antes, quando os filhos ainda não eram crescidos. O casal sentiu-se grato pelos mestres familiares finalmente terem coragem de ir visitá-los.

As pessoas que se afastam da verdadeira doutrina geralmente sabem que lhes falta algo. A semente da verdade, embora minúscula, permanece, sem se deixar ofuscar pelos prazeres mundanos, fama ou dinheiro.

O Salvador, colocando uma criancinha no meio dos discípulos, ensinou-lhes que deviam tornar-se iguais a ela para poderem entrar no reino dos céus, dizendo: "Porque o Filho do Homem veio salvar o que se tinha perdido" (Mat. 18:11), e para chamar todos os pecadores ao arrependimento.

Michael Weird conta: "Meu casamento havia fracassado. Eu estava vivendo em desacordo com os princípios da Igreja. Não só estava inativo, mas perdera toda confiança em minha capacidade de voltar. Tive sucesso nos negócios, dirigia um bonito carro e comprava roupas dispendiosas. Eu tinha tudo o que o mundo poderia desejar.

"Mas, um dia, minha companhia contratou Ken Wheeler, que eu sabia ser mórmon por sua maneira de agir. Tornamo-nos amigos, e ele



Membros do Quorum dos Doze: Presidente Ezra Taft Benson, à esquerda; Élder Mark E. Petersen e Élder LeGrand Richards.

convidou-me para ir à Igreja. Queria ir, mas não me julgava digno. Ele continou a convidar-me e eu a recusar. Eu tinha o desejo de voltar, mas não arranjava forças para fazê-lo.

"Certa noite, sozinho em meu apartamento, achava-me muito deprimido e pus-me a chorar incontrolavelmente. Orei ao Senhor e implorei sua ajuda. No dia seguinte, Ken indagou como eu estava passando; ele percebeu que alguma coisa não ia bem. Abraçando-me, disse: — Ele ainda o ama, e nós também. Por que não volta para casa?

"Eis a resposta para minhas preces; a ajuda que tanto implorara na noite anterior!

"Eu voltei para casa! A princípio, estava um pouco constrangido, mas o fato de todos se importarem comigo facilitou as coisas. Hoje, não dirijo mais um bonito carro nem uso roupas de luxo, mas sinto-me mais rico que nunca."

E prossegue: "Os que se desgarraram querem tanto voltar, mas têm medo de dar o primeiro passo. Eles não perdem o testemunho; perdem a confiança em si mesmos."

Os que se desgarram precisam de um amigo — mas um amigo que conheça o Pastor. Raramente as pessoas deixam de freqüentar a Igreja devido a divergências doutrinárias. Elas esperam um sinal de genuíno amor e amizade para curar suas mágoas ou dúvidas.

Néfi testificou "que o Senhor Deus não trabalha em trevas".

"Ele nada faz que não seja em benefício do mundo; porque ama o mundo a ponto de entregar sua pró-



Élder Derek A. Cuthbert, do Primeiro Quorum dos Setenta, à esquerda, conversando com alguns visitantes.

pria vida para atrair a si todos os homens...

"... ele... diz: Vinde a mim todos vós, extremos da terra...

"Ordenou ele a alguém que não participasse de sua salvação? ... não, mas deu-a livremente a todos os homens e ordenou a seu povo que persuadisse todos os homens ao arrependimento." (2 Néfi 26:23-25,27.)

Nós somos seu povo. Deus espera que encontremos, ensinemos e recuperemos as cordas eventualmente necessitadas de afinação. Que o puro amor de Cristo nos ajude a tocar-lhes um perfeito e claro "lá".

Deus vive. Jesus é o Cristo. Esta é sua obra, o que testifico em nome de Jesus Cristo, Amém.



Joseph Smith: O Profeta de Nossa Geração



Presidente Ezra Taft Benson
Presidente do Quorum dos Doze Apóstolos

"Os ensinamentos de Joseph Smith resistiram a mais de cento e cinqüenta anos de pesquisa, críticas e perseguição. A mensagem, a Igreja e o povo são a comprovação de seu testemunho e suas obras."

Gostaria de debater nesta manhã, o chamado e missão de um profeta moderno para a nossa geração.

É costume aceitar que a fé dos membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias repousa na afirmação de que Joseph Smith é um profeta de Deus, e também que ele afirmou que o surgimento do Livro de Mórmon resultou de visitações angélicas por ele recebidas entre os anos de 1823 e 1827.

Ao saber dessa declaração, algumas pessoas retrucam que parece absurdo que anjos hajam visitado a terra nos tempos modernos.

A Bíblia traz testemunho de que Deus dirigiu os negócios de sua igreja na terra por mais de quatro mil anos por revelação e, quando necessário, por ministrações celestiais.

Descrevendo as condições dos últimos dias ligadas à segunda vinda de Jesus Cristo, João profetiza em o Novo Testamento que, antes de o Salvador retornar, o mundo receberia um aviso de estar próxima a hora do juízo de Deus. Este aviso seria trazido por um anjo dos céus, declarando um "evangelho eterno". Ouvi o que diz:

"E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda nação, e tribo, e língua, e povo.

"Dizendo com grande voz: Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque vinda é a hora de seu juízo. E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas." (Apo. 14:6-7.)

Quem aceita o testemunho de João, o Revelador, deve esperar novas revelações e visitações de um mensageiro celestial à terra.

É nosso solene testemunho que esse mensageiro angélico apareceu ao Profeta Joseph Smith nos primórdios do século dezenove. O anúncio de que um anjo de Deus apareceu a um profeta em nossos tempos é perfeitamente consistente com as profecias do Novo Testamento e portanto deve suscitar o interesse de todo aquele que procura seriamente a verdade.

À luz do fato de que Jesus afirmou que haveria profetas, tanto falsos como verdadeiros, nos últimos dias antes de sua segunda vinda, a questão fundamental é: "Joseph Smith realmente falou com Deus? Foi ele um profeta verdadeiro?"

Meu intento, hoje, é apresentar algumas provas corroborantes da missão de Joseph Smith como pro-

feta para esta geração.

A mais singular prova em apoio à pretensão de Joseph Smith de ser porta-voz do Deus Onipotente, é a publicação de um registro escriturístico, o Livro de Mórmon.

O Livro de Mórmon é um registro dos antigos habitantes do continente americano, e relata a visita e ministério de Jesus Cristo ao povo deste continente, após sua ascensão em Jerusalém. O principal objetivo desse registro é convencer uma geração posterior de que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus. O Livro de Mórmon, por conseguinte, constitui uma testemunha adicional, junto com a Bíblia, da divindade de Jesus Cristo.

Joseph Smith obteve estes antigos anais de um mensageiro celestial, exatamente como João profetizou. Esse anjo lhe apareceu e mostrou-lhe onde encontrar os antigos registros, gravados em placas metálicas e ocultos num cofre de pedra enterrado. No devido tempo, as placas e os meios para traduzi-las foram entregues ao jovem profeta. O livro foi traduzido e publicado como escritura canônica para o mundo.

Além disso, em harmonia com o testemunho de João, o livro contém, "o evangelho eterno". (Apo. 14:6.) Ele agora é pregado por nossos missionários ao mundo.

Nós vos convidamos a comprovar a validade de nosso testemunho a respeito do Livro de Mórmon. Isto podeis fazer lendo-o e perguntando ao Pai Celeste se estas coisas são verdadeiras. Eu vos prometo, se fordes sinceros, que recebereis a confirmação de sua autenticidade pelo Espírito Santo. Milhões de pessoas, com seriedade e sinceramente, testificam saber que ele é de Deus.

Uma característica reveladora do verdadeiro profeta é ele declarar uma mensagem de Deus. Ele não procura desculpar-se pela mensagem, nem teme qualquer repercussão social que possa levá-lo ao escárnio e perseguição.

Quando jovem, Joseph Smith procurava a verdade. A confusão existente entre as igrejas fê-lo indagar a Deus qual delas era verdadeira. Ele assevera que, em resposta a sua prece, apareceu uma fulgurante coluna de luz. Eis suas palavras:

"Quando a luz repousou sobre mim, vi dois Personagens, cujo resplendor e glória desafiam qualquer descrição, em pé, acima de mim, no ar. Um deles falou-me, chamando-me pelo nome, e disse, apontando para o outro: *Este é meu Filho Amado. Ouve-o*". (Joseph Smith 2:17.)

Joseph perguntou ao segundo Personagem, que era Jesus Cristo, qual das seitas cristãs estava certa. Foi-lhe dito que não deveria filiar-se a nenhuma delas, pois todas estavam erradas.

Alguns trataram seu testemunho com grande escárnio e começaram a incitar falsas histórias e perseguição contra ele. O jovem profeta, à semelhança de Paulo em outros tempos, não negou seu testemunho, mas defendeu-o com estas palavras:

"Tive realmente uma visão; e quem sou eu para opor-me a Deus? Ou, por que pensa o mundo fazer-me negar o que realmente vi? Porque havia visto uma visão; eu o sabia, e compreendia que Deus o sabia, e não podia negá-lo, nem ousaria fazê-lo; pelo menos eu sabia que, procedendo assim, ofenderia a Deus, e estaria sujeito à condenação." (JS 2:25.)

A prova suprema do verdadeiro

profeta é que, quando fala em nome do Senhor, suas palavras se cumprem. Isto foi explicado pelo Senhor a Moisés assim:

"Quando o tal profeta falar em nome do Senhor, e tal palavra se não cumprir, nem suceder assim, esta é a palavra que o Senhor não falou; com soberba a falou o tal profeta." (Deut. 18:22.)

Este teste pode ser aplicado a muitas profecias de Joseph Smith que estão registradas. Vou ilustrar com dois exemplos:

Em 1832, ele profetizou que os estados do sul e os do norte logo estariam divididos por uma guerra civil, que essa guerra seria o início de guerras mundiais que acabariam por envolver todas as nações e resultariam na morte e miséria de numerosas almas. Disse, especificamente, que a grande Guerra Civil começaria com a rebelião da Carolina do Sul. (Vide D&C 87.) Esta profecia foi publicada ao mundo em 1851.

Como sabe qualquer garoto de escola nos Estados Unidos, a Guerra Civil começou com a separação da Carolina do Sul da União, seguida por outros estados. Quando Abraão Lincoln, então presidente dos Estados Unidos, enviou provisões para as tropas da União no Forte Sumter, Carolina do Sul, as forças confederadas abriram fogo contra o forte. Desde aquele dia fatídico, em 1861, o mundo vem sofrendo morte e miséria de muitas almas, em conseqüência de conflitos armados.

O Profeta Joseph Smith desejava salvar a União desse sangrento conflito. Ele reconhecia a iniqüidade da escravatura e instou com o congresso dos Estados Unidos para que a abolisse, indenizando os proprietários de escravos com o provento da



venda de terras públicas. A sugestão foi ignorada, e quase meio milhão de almas morreu na Guerra Civil.

Em outra profecia, uma das mais extraordinárias proferidas sobre a cabeça de um homem, Joseph Smith disse a um jovem juiz, chamado Stephen A. Douglas, na presença de diversas pessoas: "Juiz, o senhor aspirará à presidência dos Estados Unidos; e, se alguma vez erguer sua mão contra mim ou os santos dos últimos dias, sentirá o peso da mão do Todo-Poderoso sobre si; e viverá para ver e reconhecer que eu lhe testifiquei a verdade; pois a conversa de hoje se aferrará ao senhor durante toda sua vida." (*History of the Church,* 5:394.)

Stephen A. Douglas realmente quis ser presidente dos Estados Unidos. Ele teve oportunidade de defender a Igreja. Mas, num discurso político, em 1857, atacou maldosamente a Igreja, tachando-a de "odiosa e repugnante úlcera no organismo político" e recomendando que fosse expurgada pelo congresso.

Alguns afirmaram que nenhum outro candidato tinha melhores chances de obter a presidência do que Douglas, mas, quando se computaram os resultados da eleição, ele não recebera votos suficientes para ganhar. A vitória eleitoral coube a um obscuro interiorano chamado Abraão Lincoln.

Um ano após a eleição, o Sr. Douglas falecia de desapontamento, no primor da vida.

Outra prova do verdadeiro profeta foi estabelecida pelo próprio Salvador. O autêntico profeta deve ser distinguido do falso profeta pelo padrão: "Por seus frutos os conhecereis." (Mat. 7:20.) Considerai alguns "frutos" dos ensinamentos de Joseph Smith:

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias cuida dos seus pobres e necessitados com os dízimos e ofertas dos membros da Igreja. Os santos dos últimos dias levam a sério a declaração do Salvador: "... quando o fizestes a um destes meus pequeninos, a mim o fizestes." (Mat. 25:40.)

O Profeta Joseph Smith afirmou que a Igreja não estava plenamente organizada, até que as mulheres tivessem sua própria organização. Por isso, organizou, em 1842, a Sociedade de Socorro, que hoje é a maior organização feminina do mundo.

Utah foi um dos primeiros estados a garantir direitos eleitorais às mulheres.

Esta é uma igreja missionária, conforme ouvistes esta manhã. Jesus disse que um dos sinais dos tempos, antes de sua vinda, era que o evangelho do reino seria pregado ao mundo inteiro como testemunho a todas as nações. (Vide Mat. 24:14.)

Espera-se que todo jovem e muitos casais ofereçam serviço missionário. O treinamento principia no lar e é intensificado com instrução nas responsabilidades eclesiásticas. A instrução eclesiástica dos rapazes começa aos doze anos e prossegue a vida inteira. Além disso, a Igreja patrocina centros de treinamento missionário, onde os missionários recebem instrução e treinamento, em preparação para pregar o evangelho às nações em seu próprio idioma.

E a eficiência desse treinamento? A Igreja precisou de cento e dezessete anos para chegar a um milhão de membros. O segundo milhão foi alcançado em dezesseis anos; o terceiro milhão, em nove anos; o quarto

milhão, em seis anos; e o quinto milhão, em apenas três anos.

Em menos de duas décadas, três milhões de pessoas filiaram-se à Igreja.

Hoje, há perto de trinta mil missionários servindo em setenta e uma nações do mundo. A maioria custeia sua missão com recursos próprios ou de sua família.

Joseph Smith e seus sucessores têm dado ênfase à educação para todos os membros da Igreja, ênfase essa que produziu resultados excepcionais. O Dr. Clark Kerr, que preside o Conselho Carnegie de Estudos Políticos na Educação Superior, comentou:

"Utah é o estado líder em educação no país e, portanto, no mundo...

"Utah ocupa o primeiro lugar na percentagem da população total, dos 3 aos 34 anos, matriculados em escolas.

"Utah está em primeiro lugar na percentagem da população total matriculada em escolas, em qualquer idade, com exceção da faixa etária de 16-17 anos...

"Utah está em primeiro lugar na média de anos escolares completados de todos os seus cidadãos de vinte e cinco anos para cima...

"No cômputo geral, Utah tem sido... um modelo de desenvolvimento educacional, uma rica fonte de liderança." ("New Areas for Leadership", *1974 University of Utah Commencement Address,* Salt Lake City: University of Utah, 1974, pp. 2-4.)

Não existe revelação dada a Joseph Smith mais suscetível de investigação científica do que seu código dietético de saúde, conhecido como Palavra de Sabedoria. Nesta revelação, dada em 1833, os membros da Igreja foram orientados a abster-se de café, chá, fumo e todas as bebidas alcoólicas. Àqueles que guardam o mandamento, é prometido "saúde para seu umbigo e medula para seus ossos".

Fizeram-se diversas pesquisas científicas com membros da igreja SUD. Uma delas demonstrou que os santos dos últimos dias em Utah apresentam 65% menos casos de câncer pulmonar que a população geral dos Estados Unidos, e seu índice de males cardíacos está 35% abaixo da média nacional. (Vide *Church News,* 23 de junho de 1979, pp. 5, 10.)

Em outro estudo feito na Califórnia, onde os mórmons não chegam a 2% da população, o Dr. James Enstrom, radiofísico da Universidade da Califórnia em Los Ângeles, que não é membro da Igreja, chegou a uma conclusão ainda mais espantosa. Ele verificou que o índice de câncer pulmonar entre os mórmons estava 75% abaixo da média nacional, e o índice de câncer em geral, 45% abaixo da média nacional. Ao concluir sua pesquisa, o Dr. Enstrom disse a respeito dos mórmons: "Eles devem estar fazendo *alguma* coisa certa". (Citado por Bill Davidson, "What Can We Learn About Health from the Mormons?", *Family Circle* janeiro de 1976, p. 82.)

A Palavra de Sabedoria foi dada a Joseph Smith, em 1833. Hoje, a ciência médica corroborou a sabedoria dessa revelação.

Sim, "por seus frutos os conhecereis!" (Mat. 7:20.) Os frutos dos ensinamentos de Joseph Smith resistiram a mais de cento e cinqüenta anos de pesquisa, críticas e perseguição. A mensagem, a Igreja e o povo

são a comprovação de seu testemunho e suas obras.

Exatamente como os profetas do passado eram sem honra em sua pátria, sendo perseguidos e mortos, Joseph Smith foi maltratado e martirizado em sua geração.

Joseph Smith foi um enviado de Deus? Respondemos com um vibrante "sim"!

Ele "viveu grande e morreu grande aos olhos de Deus e de seu povo; e como a maior parte dos ungidos do Senhor dos tempos antigos, com seu próprio sangue selou sua missão e suas obras". (D&C 135:3.)

Testifico-vos que Deus voltou a falar dos céus; que a visitação de Deus, o Pai, e seu Filho, Jesus Cristo, constitui o maior acontecimento deste mundo desde a ressurreição de Jesus Cristo. Deus vive. Jesus é o Cristo, o Redentor do mundo — não apenas um grande mestre moral, conforme alega parte do mundo cristão, mas o Salvador da humanidade, o próprio Filho de Deus.

Presto testemunho de que Joseph Smith foi um profeta do Deus vivente, um dos maiores profetas que já viveram na terra. Ele foi um instrumento nas mãos de Deus para dar início à atual dispensação do evangelho, a maior de todas, e a derradeira delas preparando a segunda vinda do Mestre.

Presto testemunho de que temos à testa da Igreja hoje um profeta do Deus vivente, o qual tem toda autoridade necessária para levar avante o programa do Pai em benefício de seus filhos.

Assim como vive Deus, eu sei que estas coisas são verdade e presto-vos este testemunho em nome de Jesus Cristo. Amém.

Sessão Vespertina de Domingo, 4 de outubro de 1981.

Segui os Profetas



Élder Mark E. Petersen
do Quorum dos Doze Apóstolos

"O presidente da Igreja recebe sagradas investiduras, as mesmas dadas ao Profeta Joseph Smith, a quem ele sucede neste elevado ofício."

Conforme o Irmão Featherstone mencionou em sua oração, um dos hinos prediletos dos santos dos últimos dias, atualmente, é uma prece pelo restabelecimento do presidente da Igreja. É cantado pelas congregações mundo afora, com o belo tema mencionado pelo Irmão Featherstone, e estou certo de que todos sentimos juntos estas palavras:

Oramos por ti, nosso querido Profeta,
Que Deus te dê ânimo e alívio;
Quando a idade tua testa vincar,
Tua luz continue brilhando como agora.
Oramos por ti com todo fervor,
Que forças tenhas para tua obra,
Guiando-nos, aconselhando-nos dia a dia,
Iluminando com santa luz nosso caminho.

("We Ever Pray for Thee",

Hymns n.º 386; sem versão para o português. N. do T.)

Quem é mais amado na Igreja que o Presidente Spencer W. Kimball? E por quem ascendem mais orações de todas as partes do mundo em que vivem santos dos últimos dias ?

O Presidente Kimball não é apenas amado e reverenciado universalmente, como ele ama e reverencia os santos, ora por eles, trabalha por eles sem hesitação e reservas. Sua bondade lembra a de Cristo. Esforça-se por fazer tudo o que gostaria de que lhe fizessem.

O Senhor deu-lhe grandes e sábios homens como conselheiros: Presidente N. Eldon Tanner, Presidente Marion G. Romney e Presidente Gordon B. Hinckley, que é o novo conselheiro na Primeira Presidência, um homem de Deus, um homem sábio, um homem enérgico, corajoso na fé, sólido e resistente como Gibraltar.

Estes irmãos são tão dedicados quanto o próprio Presidente Kimball, totalmente envolvidos em seu trabalho, sempre apoiando o presidente, aconselhando-o com bondade e grande inteligência em todos os assuntos que lhes são submetidos.

A Primeira Presidência é um quorum da Igreja, e como tal funciona em plena harmonia sob a influência do Santo Espírito, provendo, assim, orientação inspirada aos santos.

A Primeira Presidência é o conselho presidente da Igreja. Estes irmãos presidem todas as coisas. Eles têm todas as chaves, poderes, dons e bênçãos desta dispensação.

O Presidente Kimball é o sumo-sacerdote presidente. Seus conselheiros presidem com ele, por delegação dele, na execução dos trabalhos deste supremo e divinamente organizado quorum na terra. Todos os quatro integrantes da presidência são apóstolos do Senhor Jesus Cristo; todos eles são profetas, videntes e reveladores.

O Conselho dos Doze segue-os na linha de autoridade. Estes irmãos também portam as chaves divinas, porém somente o presidente da Igreja pode exercer todas essas chaves plenamente, pois este privilégio é dado apenas a um homem, por vez, na terra. Os doze também trabalham por delegação do presidente da Igreja; dele recebem designações e as cumprem com total devoção.

Foi o próprio Senhor quem estabeleceu apóstolos e profetas na Igreja moderna. Portanto, não é um gesto vão com que apoiamos a Primeira Presidência e os Doze como profetas, videntes e reveladores, pois eles o são por escolha divina, devidamente ordenados e designados pela imposição das mãos de pessoas autorizadas a fazê-lo.

Eles foram chamados por Deus como foi Aarão (vide Hebr. 5:4), de acordo com o padrão descrito pelo Apóstolo Paulo em sua epístola aos hebreus. Foram indicados por revelação, ordenados por outros profetas vivos e plenamente comissionados a agir em nome do Senhor.

Deus fala através de nossos grandes líderes, e guia seu povo através de suas palavras. Acaso não disse o próprio Senhor: "Seja pela minha própria voz ou pela de meus servos, *não importa*"? (D&C 1:38 ; grifo nosso.)

O presidente da Igreja que é, de fato, o porta-voz de Deus e o sumo sacerdote presidente na terra, recebe sagradas investiduras, as mesmas dadas ao Profeta Joseph Smith, a

quem ele sucede neste elevado ofício.

Pela ordenação, ele recebe todas as chaves, dons e poderes do sacerdócio que foram conferidos ao Profeta Joseph Smith pelos santos anjos, quando a Igreja foi restabelecida nestes últimos dias.

O presidente da Igreja as possui todas!

A obra desta derradeira dispensação não poderia ser realizada sem isso. De que valeria Joseph Smith ter levado todos esses poderes consigo para o túmulo? A obra seria interrompida, porque Deus só opera através de portadores da devida autoridade.

Não disse Amós, em outros tempos, que o Senhor não faz *nada* senão através de seus servos, os profetas? (Vide Amós 3:7.) E Deus alguma vez mandou à terra profetas sem a devida autoridade divina, sem o direito de falar e agir em seu nome?

Na primitiva Igreja, não foi o próprio Senhor quem nela colocou apóstolos e profetas? E eles não foram chamados e ordenados "para o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo"? (Efé. 4:12.)

E não eram eles o *fundamento* da verdadeira igreja, conforme diz Paulo, tendo Jesus Cristo por principal pedra angular? (Vide Efé. 2:20.)

E não deviam permanecer na Igreja "até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo"? (Efé. 4:13.)

E não deviam permanecer também para que "não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina"? (Efé. 4:14.)

A necessidade de tal orientação é tão grande hoje como foi nos tempos de Pedro e Paulo, quando, em verdade, os santos *eram* atacados por todo vento de doutrina e *levantavam-se* falsos profetas, que pregando com "astúcia", enganavam "fraudolosamente". (Efé. 4:14.)

Os santos de hoje necessitam de instruções de Deus através dos profetas, tanto quanto os membros da igreja antiga. Nós, desta dispensação, dependemos igualmente de orientação inspirada na obra do ministério e de constante diretriz divina em nossa caminhada para a perfeição.

Em muitos aspectos, as condições atuais assemelham-se às de antigamente. As atitudes do povo — então como agora — não diferem essencialmente, tampouco seus principais problemas como a imoralidade.

O Senhor deu-nos profetas modernos como parte de sua Igreja moderna, e seus deveres são idênticos aos dos profetas antigos.

E nós, hoje, devemos atendê-los como faziam os santos em outros tempos. É a mesma Igreja, a mesma fé; a salvação oferecida é idêntica.

Antigamente, as pessoas mostravam-se dispostas a aceitar os chamados divinos de seus líderes, não os considerando mais simples pescadores ou fabricante de tendas, pois esses irmãos haviam sido colocados pelo Senhor em nova posição como seus servos divinamente eleitos. Da mesma forma nós, hoje, devemos esquecer as antigas ocupações e atividades pessoais de nossos líderes modernos, encarando-os apenas como servos de Deus que agora são.

Eles são inspirados como eram

Pedro e Paulo, tem o mesmo chamado divino; são os líderes que nos foram dados pelo próprio Deus. Ele os levantou especificamente para o dia de hoje. Então não havemos de atendê-los?

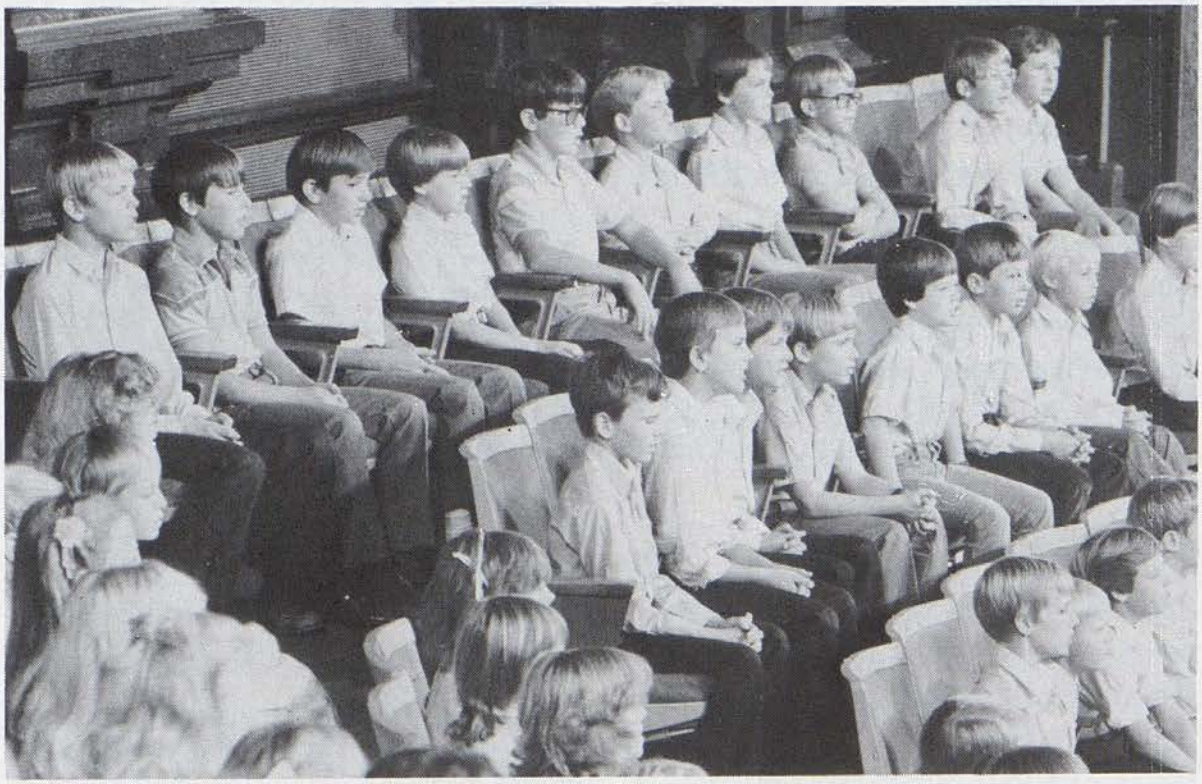
Estamos vivendo num período difícil da história. O demônio está movendo uma guerra implacável aos santos. Procura rodear-nos com toda sorte concebível de tentação, ódio, intolerância e corrupção. Seus métodos são insidiosos, conforme nos diz claramente o Profeta Néfi, explicando que Satanás "assolará os corações dos filhos dos homens e os excitará a se encolerizarem contra o que é bom.

"E a outros pacificará, e os adormecerá em segurança carnal, de modo que dirão: Tudo vai bem em Sião; sim, Sião prospera. Tudo vai bem. Assim o diabo engana suas almas e as conduz cuidadosamente ao inferno.

"E a outros ele lisonjeia, dizendo não sou o diabo; ele não existe; e isso ele sussurra aos ouvidos, até os agarrar com suas terríveis correntes, das quais não há libertação." (2 Néfi 28:20-22.)

Lembrai-vos de alguma época em vossa vida em que havia tanta tentação como temos hoje? Muitos adultos comentam que estão contentes de não estarem crescendo hoje, quando há tamanha corrupção no mundo. E mostram-se alarmados com a geração que se está formando hoje, obrigada a enfrentar tudo o que se vê de sexo e drogas nas ruas, cinemas, revistas, jornais e livros, além das muitas outras formas de sedução.

Onde existe segurança, irmãos e irmãs? Onde, senão na Igreja e sob o pálio protetor do evangelho de Jesus Cristo? Nossa época não se assemelha muito aos dias de Noé, em que a população da terra foi destruí-



Algumas crianças da Primária que cantaram no coro especial na sessão vespertina de sábado.

da pelo dilúvio, toda ela com exceção de oito almas justas?

Alguns duvidam de que houve dilúvio, mas nós sabemos que realmente ocorreu pela revelação moderna. Sabemos também que, por mais de um século, Noé implorou ao povo que se arrependesse, mas não quiseram ouvi-lo.

Não necessitamos igualmente das advertências dos profetas da mesma forma como o povo nos dias de Noé? Atenderemos melhor aos nossos videntes e reveladores do que o povo naquele tempo? Será que somos tão obtusos a ponto de não tirarmos uma lição do erro deles?

Dizem as escrituras que muitos não escutarão. Porém, dizem igualmente que os verdadeiros crentes no Senhor seguirão seus servos e darão ouvidos às suas advertências. Deus protegerá os fiéis, a despeito de todas as tribulações que cairão sobre os iníquos.

Acaso não salvou ele a família de Noé do dilúvio?

E não salvou a família de Léhi da destruição em Jerusalém?

O Senhor deu a sua palavra de que, se o servirmos, ele nos protegerá e nos fará prosperar.

Vivendo neste mundo iníquo, será que continuaremos cegos às exigências de nosso tempo? Teremos a sensatez e bom senso de permanecer em lugares sagrados?

E como conseguiremos isso? Obedecendo aos profetas!

Estaremos dispostos — a qualquer custo — a defender o reino de Deus dos ataques maldosos do adversário? E como faremos isso? Obedecendo aos profetas! Estamos prontos a responder afirmativamente, se nos perguntarem:

Quem segue ao Senhor? Hoje iremos ver.

Clamemos sem temor - Quem segue ao Senhor?

(Hinos, nº 132.)

Se estivermos do lado dele, seguiremos seus profetas.

Eu vos testifico que eles são homens de Deus. Testifico-vos que nosso grande líder, o Presidente Spencer W. Kimball, é pessoalmente um vidente e revelador, um profeta no mesmo sentido como foram Moisés ou Isaías ou Joseph Smith, e que ele tem os mesmos poderes divinos deles.

Para o nosso próprio bem, para o bem de nossos familiares, para o bem da igreja restaurada de Jesus Cristo à qual pertencemos, mas também para merecer as bênçãos celestes, sirvamos ao Senhor e guardemos seus mandamentos.

Estou no Conselho dos Doze há quase trinta e oito anos, durante esse tempo, servi sob seis presidentes da Igreja. Participei de reuniões em que se tomaram decisões vitais. Tenho ouvido suas palavras e observado a inspiração fluindo sobre estes seis presidentes — esses seis profetas, seis reveladores, seis videntes que conheci e amei, e nos quais senti uma presença bendita no decorrer dos anos.

Testifico-vos, por experiência pessoal, que vi o poder de Deus operar neles. Sei que vivemos num dia de revelação. Sei que esses irmãos são servos do Senhor divinamente designados. Sei que eles falam em nome de Deus.

Seguindo-os, não estaremos com isso seguindo aquele que os chamou?

Por outro lado, se levantarmos nossa mão ou voz contra eles, ou se lhes não dermos atenção, não esta-

remos com isso *resistindo* ao ser divino que os comissionou como servos seus? Poderá alguém permitir-se fazer isto? Nossa atitude para com esses profetas não é um reflexo infalível de nossos sentimentos íntimos para com Deus? Quero dizer, nossa legítima lealdade despida de toda aparência exterior e livre de toda pretensão.

Podemos realmente amar ao Senhor e ao mesmo tempo rejeitar seus servos? Se, de fato, amamos a Deus, somos obrigados a amar e reverenciar seus servos ungidos.

E, se os tivermos conhecido como garotos da vizinhança e nunca vimos neles algum halo de santidade? E se tivermos convivido com eles, quando levavam no passado uma vida rotineira e comum, enfrentando o mundo normalmente, dia a dia? Precisamos nos dar conta de que as condições mudaram! Deus os tirou desse ambiente familiar e lhes deu uma nova posição na vida. Convocou-os a altos chamados em seu ministério. Um manto sagrado caiu sobre eles, o manto de sua co-



missão divina, o manto da profecia!

Eles falam com nova voz; são guiados por luz divina. *Deixaram de ser pessoas comuns!* São os ungidos — os eleitos — escolhidos pelo Deus Onipotente!

Nós temos doze presidentes da Igreja, doze dos maiores sumo sacerdotes de Deus. Cada um deles deu sua vida pela obra. Um foi mártir, morto por balas assassinas. Os outros viveram mais tempo e labutaram valorosamente em prol da fé, mesmo até o último alento.

Um dos servos fiéis do Senhor disse: Estes são os que vencem pela fé. Portanto, todas as coisas são suas, e eles são de Cristo, e Cristo é de Deus. São aqueles cujos nomes estão escritos no céu, onde Deus e Cristo são os juízes de todos. São aqueles cuja glória é do sol, a glória de Deus, a maior de todas. (Vide D&C 76:53,59,68,70.)

O Senhor honrará seus profetas por toda a eternidade, pois que os fará herdeiros de Deus e coherdeiros de Cristo. (Romanos 8:17.) O Senhor espera de nós, seu povo, que igualmente os honremos, os apoiemos e os sigamos. Por isso, possamos sempre cantar com toda sinceridade este maravilhoso hino, que na verdade é uma prece, mas também um convênio:

Damos graças a ti, ó Deus amado,
Por mandares a nós uma luz —
Um profeta nos trouxe o evangelho,
Que ao céu nossas almas conduz.
E graças por todas as bênçãos,
Que promanam de ti sobre nós;
Queremos contentes servir-te,
E fiéis atender tua voz.
(*Hinos,* nº 147.)

Em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

Oposição à Obra de Deus



Élder Carlos E. Asay
da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta

Plano sugerido para defesa contra os anticristos de nossos dias.

Enquanto ponderava um tema para abordar nesta conferência, tive oportunidade de tratar de alguns negócios, por telefone, com um membro do Quorum dos Doze. Durante essa conversa, pedi-lhe: -Poderia ajudar-me a escolher um assunto adequado para meu discurso na conferência?

— Posso, — respondeu com voz tranqüilizadora, e acrescentou: — Ore, Carlos.

Assim, vou compartilhar convosco o resultado de muitas preces, e o faço piedosa e obedientemente, e com muita humildade.

No dia 1º de novembro de 1857, o Élder George A. Smith fez um discurso memorável, no qual citou esta antiga fábula chinesa:

"Um homem que viajava pelo país, chegou a uma grande cidade, rica e esplêndida. Contemplando-a, disse ao seu guia: - Este deve ser um povo muito justo, pois só consigo ver um diabrete nesta enorme cidade.

"Ao que o guia replicou: - Tu não entendes, senhor. Esta cidade é tão pervertida... que basta um diabrete para manter todos em sujeição.

"Viajando um pouco além, chegou a um caminho escarpado e viu um ancião tentando subir a encosta, rodeado de sete demônios enormes e mal-encarados.

" - Ora, - comentou o viajante, - quão iníquo deve ser esse velho! Veja só quantos demônios o acompanham!

" - Esse, - respondeu o guia, - é o único homem justo no país; e por isso sete dos maiores demônios estão tentando desviá-lo do caminho, mas nada conseguem." (*Journal of Discourses,* 5:363-64.)

Depois de contar a fábula, o Élder Smith acrescenta que "o demônio domina tão perfeitamente o mundo, que precisa só de alguns diabos para controlá-lo", e que "a legião inteira de demônios não tem nada a fazer senão cuidar dos 'mórmons' e incitar o coração dos filhos dos homens a destruí-los — tirar-lhes a existência." (*Journal of Discourses* 5:364.)

O maligno tem tentado muitas vezes, em todas as dispensações, destruir muitos filhos de Deus. Às vezes ele próprio assumiu o papel do enganador. Outras vezes opera através dos que se passaram para o lado dele. No Livro de Mórmon, por exemplo, lemos a respeito de três anticristos. Todos eles enganaram, todos eles pregaram contra os que acreditavam em Cristo, todos eles procuraram abertamente destruir a igreja de Deus. Sua maneira de iludir era parecida. Ensinavam falsas doutrinas, espalhavam mentiras, tachavam as profecias de tradições ridículas, acusavam os líderes da Igreja de perverter os caminhos de Deus e atormentavam o povo, chamando

de esperança vã e absurda sua fé. (Vide Jacó 7; Alma 1; e Alma 30.)

Quando lemos a respeito dos anticristos de outros tempos, admira-nos quão pervertida se tornou sua maneira de pensar e quanto sucesso conseguiram em ludibriar homens e mulheres. Admira-nos também como certas pessoas podiam ser tão simplórias, tão fáceis de enganar. E com tudo isso, tendemos a colocar os anticristos nalgum canto da história passada e voltamos aos nossos caminhos desprotegidos. Isto é perigoso. Pode levar à perda da fé e, em sentido espiritual, causar nossa destruição.

Desde a primavera de 1820, Lúcifer vem combatendo incansavelmente os santos dos últimos dias e seus líderes. Têm aparecido em cena verdadeira parada de anticristos, antimórmons e grupos apóstatas. Muitos continuam entre nós, difundindo novas torrentes de mentiras e falsas acusações. Esses assassinos da fé e ladrões de testemunhos utilizam-se de contatos pessoais, da palavra impressa, do rádio e televisão e outros meios de comunicação, para semear dúvidas e perturbar a paz dos verdadeiros crentes.

Faz dois meses recebemos uma carta comovente de um bispo, contando que fora envolvido na excomunhão de um recém-converso. Esse recém-converso caíra sob a influência de um apóstata muito obstinado e que conseguira destruir o testemunho daquele. Aparentemente para desacreditar Joseph Smith e os profetas subseqüentes, esse apóstata citou modificações feitas nas publicações da Igreja no decorrer dos anos.

O método usado por esse apóstata é comum entre os mais interessados nas trevas que na luz. Sua lógica, se aceita, levaria à queima do Novo Testamento, porque o relato no evangelho de Lucas não coincide exatamente com o de Mateus, ou porque o livro de Atos contém duas versões diferentes da visão de Paulo na estrada de Damasco. (Vide Atos 9:1-9 e 22:4-11.) Na vida de muitos apóstatas, não existe fé nos profetas modernos ou revelação contínua. Querem colocar sua esperança de salvação em outras coisas e não nas relacionadas aos profetas vivos e à fé viva.

Segue-se a pergunta: Como reagimos a tais desígnios maliciosos e malignos? Acaso revidamos? Permiti-me sugerir um curso de ação — um curso em harmonia com os ensinamentos do Salvador e que, caso seguido, estará em consonância com os sábios conselhos dos profetas atuais e passados:

1. *Evitai os que gostariam de destruir vossa fé.* Devemo-nos esquivar dos assassinos da fé. As sementes que lançam na mente e no coração dos homens desenvolvem-se qual câncer e consomem o Espírito. Os verdadeiros mensageiros de Deus edificam — não destroem. Enviamos nossos missionários ao mundo para ensinar e auxiliar as pessoas a conhecerem a verdade linha sobre linha, até que recebam a plenitude do evangelho. (Vide D&C 98:112.) Conforme testificou um recém-converso: "Minha igreja anterior forneceu-me o capítulo sobre mortalidade. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias acrescentou mais dois capítulos — sobre a preexistência e a existência após a morte."

2. *Guardai os mandamentos.* O Presidente Brigham Young prome-

teu: "Tudo o que temos de fazer é ir para a frente e para o alto, guardar os mandamentos de nosso Pai e Deus, e ele confundirá nossos inimigos." (*Discursos de Brigham Young*, p. 347.) Obedecendo às santas leis, seremos revestidos de "toda a armadura de Deus" e seremos capazes de resistir aos estratagemas do maligno. (Vide Efésios 6:11-18.) Além do mais, a obediência nos assegura a orientação e proteção do Santo Espírito.

3. *Segui os profetas vivos, conforme acabamos de ser admoestados.* Certo líder da Igreja ensinou: "Olhai sempre para o presidente da Igreja, e se alguma vez ele vos mandar fazer uma coisa errada, e vós obedecerdes, o Senhor vos abençoará por tê-la feito... Mas não precisais preocupar-vos. O Senhor jamais permitirá que seu porta-voz desencaminhe o povo." (Heber J. Grant, citado por Marion G. Romney em Conference Report, outubro de 1960, p. 78.) Caminhamos a esmo por desconhecidos campos minados e colocamos nossa alma em perigo, aceitando ensinamentos de qualquer pessoa não ordenada por Deus. (Vide D&C 43:2-7; 52:9.)

4. *Não debatais nem argumenteis a respeito de pontos doutrinários.* O Mestre adverte que "o espírito de discórdia não é meu, mas é do demônio". (3 Néfi 11:29.) Recorrendo às táticas de Satanás para fins justos, estaremos sendo inconsistentes. Tal inconsistência resultará somente em frustração, perda do Espírito e acabará em derrota. Lembrai-vos de que "pretendemos o privilégio de adorar a Deus, Todo-Poderoso, de acordo com os ditames da nossa consciência e concedemos a todos os homens o mesmo privilégio". (Décima primeira Regra de Fé.)

5. *Examinai as escrituras.* Poucos se desencaminhariam ou perderiam o caminho, se considerassem as escrituras como bússola ou guia pessoal. (Vide Alma 37:44.) A barra de ferro *é* a palavra de Deus, e se a ela nos agarrarmos, não cairemos.

6. *Não vos deixeis desviar ou distrair da missão da Igreja.* Sempre existe alguém que gostaria de vos desviar de vosso curso, fazendo-vos perder tempo e energias. Satanás usou uma tática assim para tentar a Cristo no deserto. A resposta decidida do Salvador: "Vai-te Satanás" (Mat. 4:10), é um bom exemplo para todos nós.

7. *Orai por vossos inimigos.* Cristo disse aos nefitas: "Amai os vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei o bem aos que vos têm ódio e orai pelos que vos maltratam e perseguem." (3 Néfi 12:44; vide também Mat. 5:44; 3 Néfi 12:10-12.) Enquanto estava na cruz, o Salvador rogou: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem." (Lucas 23:34.) Muitos continuam desconhecendo a verdade — não porque não a desejam, mas porque não sabem onde encontrá-la. (Vide D&C 123:12.)

8. *Praticai a "religião pura".* Dedicai-vos a prestar serviço cristão. Socorrei os necessitados e enfermos; visitai os órfãos e viúvas, e sede caridosos para com todos, sejam ou não membros da Igreja. (Vide Tiago 1:27 e Alma 1:30.)

9. *Lembrai-vos de que existem muitas coisas para as quais não temos respostas e que algumas têm de ser aceitas simplesmente pela fé.* Um anjo do Senhor, perguntou a Adão: "Por que ofereces sacrifícios ao Senhor? E Adão respondeu: Não sei,

exceto que o Senhor me mandou.'' (Moisés 5:6.) Muitas vezes somos chamados a escalar o Monte Moriá e nos mandam sacrificar nosso Isaque sem mais explicações. A fé é o primeiro princípio do evangelho; é um princípio de progresso.

Suspeito que há poucos que melhor conheçam a realidade de Satanás e seus asseclas do que os missionários de tempo integral, pois eles estão expostos aos dardos inflamados do adversário que passam zunindo por sua cabeça, enquanto trabalham nas linhas de frente de nossa batalha contra o pecado. Entretanto, eu prometo a todos os missionários — e a todos os membros — que, se os nove passos que acabo de sugerir forem seguidos com consistência, saireis vitoriosos da batalha, e vossa fé e testemunho serão preservados.

Ao mesmo tempo — 1. Asseguro-vos que essa oposição a nossa causa testifica sua divindade. Se não fôssemos uma ameaça aos poderes de Satanás, esses poderes se combinariam contra nós?

2. Asseguro-vos que essa oposição, se enfrentada e vencida, exerce uma grande influência refinadora em nossa vida. Diz uma estrofe de um de nossos hinos:

E quando teu caminho por ígneas provas te levar,

Minha graça toda-poderosa te irá amparar.

As chamas não hão de ferir-te; com elas só quero

Tuas jaças consumir e teu ouro refinar!

(''Que Firme Alicerce'' *Hinos,* nº 49, 5ª estrofe, sem versão para o português. N. do T.)

O Salvador aprendeu obediência com tudo o que sofreu. (Vide Heb. 5:8.) As provações de Joseph Smith deram-lhe experiência e foram em seu benefício. (Vide D&C 122:7.)

3. Asseguro-vos que as águas em que estamos habituados a nadar não passam de poças comparadas às torrentes de oposição que o Profeta Joseph e outros tiveram de enfrentar. (Vide D&C 127:2.)



4. Asseguro-vos que nossa causa é justa e sairá vitoriosa, a despeito da oposição exercida contra ela. Os santos do passado foram animados por estas palavras: "Seria tão inútil querer o homem estender seu débil braço para desviar do seu curso o Rio Missouri, ou fazê-lo ir correnteza acima, como evitar que o Todo-Poderoso derrame seus conhecimentos dos céus sobre a cabeça dos santos dos últimos dias." (D&C 121:33.)

Dizia o Presidente Brigham Young: "Toda vez que acusais o mormonismo, o impulsionais para cima, nunca para baixo. Esse é um desígnio do Senhor Todo-Poderoso." (Discursos de Brigham Young, p. 351.)

De todo o coração, imploro àqueles que caminham pelas orlas de nossa fé, que busquem a segurança do centro. A melhor maneira de consegui-lo é conversar com vossos líderes e permanecer no círculo de amizade dos santos, e receber alento da boa palavra de Deus. Não permitais que pessoas sem fé vos afastem do caminho certo ou vos destruam. (Vide Morôni 6.)

E oro pelos que se dedicam à pior forma de roubo — a de despojar pessoas de seu precioso testemunho. Tal conduta, se continuada, conduzirá somente à futilidade e ao vazio de um sonho de uma visão noturna. (Vide 2 Néfi 27:3; Atos 5:33-39.)

Que Deus nos ajude a todos em nossa batalha contra o pecado. Embora nosso número seja pequeno e modesto nosso domínio, possamos seguir avante "armados com a justiça e poder de Deus, em grande glória" (1 Néfi 14:14), é minha oração em nome de Jesus Cristo. Amém.

Minhas Ovelhas Ouvem a Minha Voz



Élder Yoshihiko Kikuchi
do Primeiro Quorum dos Setenta

Duas histórias que falam da obra de missionários modernos em todo o mundo.

Sinto-me muito humilde e privilegiado, nesta tarde, de estar em vossa presença, meus irmãos. Espero e oro que o Espírito do Senhor esteja comigo, para que eu seja capaz de comunicar-me convosco.

Sei, de todo o coração e alma, que nosso Pai Celeste vive. Ele vive realmente. Sei que nosso Pai Celeste está ali e pronto para responder às nossas orações sinceras. Ele falou a seus filhos no passado; tem falado a nós em nossos dias, ao nosso povo nesta última dispensação. Nosso Pai apresentou seu Filho, Jesus Cristo, ao povo que vivia no continente americano. O Livro de Mórmon testifica:

"(Eles) ouviram uma voz que parecia vir do céu; e puseram-se a olhar por todas as partes, não compreendendo o que dizia aquela voz, a qual não era áspera nem forte; entretanto, apesar de ser uma voz suave, penetrava até o âmago daqueles

que a ouviam, de tal modo que fazia tremer todas as partes do corpo, sim, penetrou até o mais profundo da alma e incendiou todos os corações.

"E pela terceira vez ouviram a voz e aplicaram seus ouvidos para escutá-la; e, olhando para o lugar donde ela procedia, fixaram seus olhos no céu, pois que era de lá que vinha o som.

"E eis que, na terceira vez, compreenderam o que dizia a voz. E dizia-lhes:

"Eis aqui meu Filho bem amado, no qual me alegro e no qual glorifiquei meu nome; a ele deveis ouvir." (3 Néfi 11:3,5-7; grifo nosso.)

Eu sei que o mesmo Pai falou ao povo judeu no hemisfério oriental. Por ocasião do batismo do Senhor Jesus Cristo, testifica a Bíblia:

"Eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele.

"E eis que uma voz dos céus dizia: Este é meu Filho Amado, em quem me comprazo." (Mat. 3:16-17.)

Eu sei que, numa primaveril manhã de 1820, no Estado de Nova Iorque, o Pai e o Filho apareceram ao jovem Joseph Smith, o qual testifica:

"Vi uma coluna de luz acima de minha cabeça, de um brilho superior ao do sol, que gradualmente descia até cair sobre mim.

"Quando a luz repousou sobre mim, vi dois Personagens, cujo resplendor e glória desafiam qualquer descrição, em pé, acima de mim, no ar. Um deles falou-me, chamando-me pelo nome e disse, apontando para o outro: '*Este é meu Filho Amado. Ouve-o*'" (Joseph Smith 2:16-17.)

Eu sei que Joseph Smith viu Deus, o Pai, e seu Filho, Jesus Cristo. Sei que foi um autêntico profeta de Deus, assim como os antigos discípulos e apóstolos dos hemisférios ocidental e oriental. Sei que o testemunho próprio de nosso Pai Celeste é verdadeiro: Jesus de Nasaré é o seu Filho amado, no qual ele se compraz. Ouvi-o!

"Eu sei que Jesus de Nasaré nasceu na Judéia, que andou pelas margens do Mar da Galiléia e pelos campos e planícies da Palestina. É o próprio testemunho dele que devemos ouvir, aquele que prestou a Marta, irmã de seu amigo Lázaro. Ontem o Élder Monson se referiu a esta escritura:

"Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá;

"E todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá. Crês tu isto?" (João 11:25-26.)

Irmãos e irmãs, creio nisto de todo meu coração e minh'alma. *Sei que esse mesmo Jesus conferiu a Joseph Smith todo o poder e autoridade necessários para restabelecer mais uma vez o reino de Deus na terra, a fim de que toda alma tivesse oportunidade de ouvir o Filho amado do Pai.*

Sei que nosso Pai Celeste nos ama a ponto de ter providenciado, através de seu amado Filho, um caminho para seguirmos na vida mortal. Restaurando o evangelho do Senhor Jesus Cristo, ele nos deu o meio de encontrar felicidade eterna, a verdadeira felicidade.

Irmãos e irmãs, muitos dos filhos de nosso Pai no Japão e Coréia também crêem no testemunho de nosso Pai Celeste e dão ouvidos ao seu Filho amado.

Pouco antes de vir para esta con-

ferência, recebi uma linda carta de uma mulher que perdera o marido havia treze anos, e que gostaria de ler-vos. Diz ela: "Fiquei só para criar meus dois filhos. Comparecendo ao serviço batismal de meu filho mais velho que está cursando o colegial, não pude deixar de sentir a maravilhosa atmosfera em que me encontrava. Fiquei tão impressionada com o doce espírito dos santos! Como me senti exuberante e ao mesmo tempo humilde. Observei meu filho, vestido de branco, entrar na água. A esposa do presidente da estaca contou-me sussurrando que seus pecados seriam lavados ali. Fiquei tão emocionada com a beleza do momento, que senti lágrimas brotando e meu coração chorando de alegria. Naquele momento quis saber a respeito de mim. E eu? Seria possível eu também ficar livre de meus pecados? Se meus pecados pudessem ser lavados e eu voltasse a ficar limpa, também queria ser batizada."

Após quatro dias de estudo e oração com os missionários, ela igualmente aceitou o Salvador e foi batizada. Pouco tempo depois, seu filho mais novo entrou também nas águas do batismo. Agora a Irmã Masako Anan e seus dois filhos estão-se preparando para irem ao Templo de Tóquio e serem selados para o tempo e a eternidade com o pai falecido. Oh, quão glorioso é o poder do evangelho, que é capaz de transformar a dor e desespero no coração das pessoas em felicidade e alegria! Oh, quão glorioso é saber que o poder conferido a Joseph Smith pode modificar o coração das pessoas!

Eu sei que o evangelho foi restaurado e que a verdadeira igreja de Deus foi restabelecida aqui na terra. Humildemente convido todos os meus amigos de toda parte e digo com humildade: "Vinde participar desta água viva. Acreditai no testemunho do Pai: (Este é) meu Filho bem amado, no qual me alegro... a ele deveis ouvir." (Vide 3 Néfi 11:7.)

Sei que, para aqueles que desejam ouvir o Filho bem amado do Pai, tanto o Livro de Mórmon como a Bíblia têm uma voz familiar. São a palavra de Deus e têm poder para mudar a alma do homem.

Gostaríeis de ouvir o caso de um irmão coreano que ouviu a voz do Salvador? O Irmão Choi abandonara a esposa, dois filhos e sua mãe havia nove meses. Um dia, nossos missionários, pregando na cidade de Kwang Ju, na Coréia, encontraram sua família. Esta começou a estudar o evangelho com os missionários, e pouco depois era batizada. A seguir, os missionários mostraram à família como realizar a noite familiar.

Um dia, a garotinha de sete anos comprou um Livro de Mórmon de um missionário e o mandou ao pai, acompanhado de seu simples, porém belo testemunho. Dois missionários levaram o livro ao pai, prestando seu firme e inabalável testemunho da veracidade do evangelho e da importância da família. O pai ficou imaginando por que aquela gente se mostrava tão preocupada e solícita com ele e sua família. À noite, ele se pôs a ler e ouviu uma voz familiar — a do Senhor. Assim foi inspirado e convenceu-se da veracidade do livro. E encontrou também o testemunho escrito pela filhinha, o qual gostaria de compartilhar convosco, meus irmãos. Ela dizia:

"Aboji, Aboji, Aboji (quer dizer: Papai, papai, papai). Quero ter a noite familiar com o senhor! Por fa-

vor, volte para casa! Eu amo o senhor! Eu preciso do senhor! Quero que leia este livro! O Pai Celestial também o ama!''

O Irmão Choi sentiu-se tão inspirado e maravilhado lendo o Livro de Mórmon, e tocado por ele e pelo testemunho da filha, que pediu aos missionários que o batizassem. Assim a família foi reunida, e o Irmão Choi é agora bispo da Ala 3 de Kwang Ju. Ele está aqui presente hoje, um exemplo vivo de quem ouviu a voz do Salvador vinda do Livro de Mórmon.

Oh, como necessitamos de missionários do Senhor para levar o testemunho que o Pai prestou de seu Filho amado a toda nação, tribo, língua e povo! Por certo existem muitos bispos Choi e muitas Irmãs Anan em vossa vizinhança.

Sei que Spencer W. Kimball é um profeta do Senhor, um profeta vivo. Ele nos mandou alargar e acelerar nosso passo, sentindo a urgência do trabalho; fazei-o agora! Presidente Kimball, vós sois um profeta vivo do Senhor; sois um homem preordenado e coberto de cicatrizes como Jó em outros tempos, e ainda assim estais pronto para ir avante, para escalar mais outra montanha. Nós vos amamos. Precisamos de vós.

Irmãos e irmãs, por que não dar mais atenção humilde a esse servo do Senhor, para podermos alargar nossos passos e compartilhar o maravilhoso evangelho de Jesus Cristo com outro bispo Choi e outra Irmã Anan? Eu oro humildemente no sagrado nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

Ensinar o ''Porquê''



Élder Paul H. Dunn
do Primeiro Quorum dos Setenta

''Deus nos dá mandamentos, porque nos ama e quer que sejamos felizes. Seus mandamentos são guias para a felicidade.''

Que deleite especial, irmãos e irmãs, é estar mais uma vez em vossa presença e sentir vosso extraordinário espírito. Estou contente por sermos amigos.

Como sabeis, a conferência é uma excelente oportunidade para a edificação espiritual, o convívio e recebimento de bons conselhos. Depois de todos os conselhos que estive ouvindo, não pude deixar de lembrar-me do jovem desportista que já experimentara praticamente todos os esportes, menos o pára-quedismo. Então tomou várias aulas teóricas sobre como saltar.

Chegando o dia de seu primeiro salto real, ficou um pouco amedrontado. Foi procurar o instrutor e disse-lhe que preferia desistir. O instrutor procurou animá-lo:

— Não se preocupe. Nós lhe daremos dois pára-quedas de reserva.

O avião decolou e subiu até os previstos novecentos metros de altitude. Nosso amigo, trêmulo e assus-

tado, acabou saltando. Descendo em queda livre, lembrou-se de que, nos seiscentos metros, deveria puxar a corda de abertura do pára-quedas. Puxou, e nada do pára-quedas abrir. Puxou a segunda, e nada. Puxou a terceira, e nada ainda.

Mais ou menos nessas alturas, encontrou-se no ar com outro homem que vinha subindo. Então nosso jovem pára-quedista gritou ao novo amigo:

— Desculpe, mas você entende alguma coisa de pára-quedas?

— Não, — respondeu o outro. — E você, o que entende de lampiões a querosene?

Parece-me que todos nós necessitamos de bons conselhos. Freqüentemente pais e jovens também me perguntam:

— Como o irmão ensina o evangelho para que seja significativo e aplicável?

Meus irmãos e irmãs, sabíeis que aprender qualquer princípio ou conceito, ou modificar qualquer hábito envolve cinco importantes passos?

Primeiro, expor à pessoa o que se quer ensinar. *Segundo,* repeti-lo seguidamente. *Terceiro,* explicar a razão, o porquê. As pessoas de qualquer idade querem saber os porquês do evangelho, não simplesmente as regras. Este é o mais importante passo do ensino, porque o *quarto* passo, o da convicção, e o *quinto,* a aplicação, são impossíveis sem entendimento.

Muitas vezes costumamos responder às indagações dos jovens com: "Ora, porque as escrituras ensinam assim" ou "É o que os líderes nos dizem". Os jovens querem saber por que as escrituras ensinam isso ou aquilo, e por que os líderes se preocupam tanto.

Permiti-me contar uma pequena experiência pessoal ocorrida anos atrás, na universidade.

Eu estivera numa reunião muito especial com alguns jovens, na qual convesáramos sobre o casamento no templo. Ao sair da reunião, fui andando com três moças, uma das quais eu conhecia bastante bem. Como soubera que ela estava namorando um rapaz não-membro, sugeri cautelosamente que o namoro costuma levar ao casamento, e disse-lhe:

— Estou antecipando o dia em que poderei casá-la no templo.

Encarando-me, ela respondeu: — Bem, talvez eu não me case no templo.

Então repliquei: — Por que não?

Olhando para mim como só os jovens sabem fazer, rebateu:

— Por que eu deveria?

Muito bem, mamãe, papai e professores. O que vós lhes responderíeis?

Como a maioria dos professores, fiz uma pausa para pensar. Então, na esperança de alguma inspiração, indaguei: — E por que não deveria?

Olhando para mim, disse: — O irmão quer mesmo saber?

— Por favor, conte-me.

Então ela perguntou: — Até onde conhece meu pai?

— Razoavelmente bem.

— Papai sabe representar muito bem em público. Bem, é um excelente homem, apenas um pouquinho hipócrita. O irmão deveria ver como ele trata a nós e mamãe em casa. E como sabe, meus pais se casaram no templo. E eu não quero um casamento como o deles.

Depois continuou: — Conhece bem o Irmão Fulano e esposa? (Outro casal conhecido.)

Respondi: — Eu os conheço.

— Sabia que cuido das crianças deles, quando saem? Eles também são casados no templo e não faço questão alguma de um casamento como o deles. Até que ponto conhece o Sr. e Sra. Sicrano? (Um casal excelente não-membro de nossa comunidade e que tem dez filhos.) Eu cuido dos filhos dessa família também, e gostaria de ter um casamento como o deles.

Bem, o que diríeis agora, mamãe e papai? Professores? As escrituras mandam? Ora, é o que os líderes ensinam. Mas os jovens querem saber os "porquês" e "para quês".

Eu continuava um pouco perplexo. Perto de nós se encontrava outra moça. Voltando-me para ela, perguntei:

— Como você responderia a isso?

Ela estava atenta. Voltou-se para a amiga e disse:

— Jan, você não está sendo justa.

Jan quis saber: — Por que não?

— Porque está julgando a igreja inteira por dois ou três exemplos que não representam, necessariamente, o que acreditamos, ensinamos ou como deveríamos viver. Permita-me uma pergunta. Quando foi a última vez em que, passando por uma crisezinha pessoal, talvez uma prova, um problema de namoro ou um acontecimento social que a preocupava, seu pai, percebendo-o, foi ao seu quarto e sentando-se na beira da cama, passou a mão sobre sua cabeça e perguntou se queria uma bênção?

Olhando firme para a amiga, Jan respondeu:

— Ora, papai não é disso.

Ao que a amiga retrucou:

— Pois o meu faz.

Conversaram sobre como o pai ensinava regularmente a família. Contou uma experiência sobre oração familiar. Citou uns oito ou nove momentos assim, sem tomar fôlego.



Pude perceber uma pequena mudança no coração de Jan. Dava para ver em seus olhos o desejo: "Gostaria de um marido assim."

Meses mais tarde, tive o prazer de celebrar o casamento dela, no templo. Gosto de pensar que a mudança ocorreu naquela noite.

Grande parte das opções erradas antes e depois do casamento não se devem à rebeldia ou erro intencional, mas por causa do desconhecimento, falta de comunicação e incompreensão. Na maioria dos casos, se as pessoas realmente entendessem o que é o casamento eterno, por que é tão importante e como chegar lá, ninguém precisaria procurar convencê-las a fazer escolhas certas. Na verdade, ninguém conseguiria impedi-las!

Gostaria de fazer uma pergunta aos jovens: Alguma vez já imaginaram por que Deus nos adverte quanto a certas coisas, recomenda-nos evitá-las, admoesta-nos e até mesmo nos ordena? Acaso pensam que seus mandamentos não passam de caprichos arbitrários, de algum tipo de prova artificial, generalidades importantes para certas pessoas, mas para outras não?

Eu não penso assim! Os mandamentos são *recomendações amorosas de um Pai sábio.* Nosso conhecimento e conceito de Deus como um Pai Celeste pessoal e amoroso não nos permite outra definição. Ele nos dá mandamentos por uma única razão — porque nos ama e quer que sejamos felizes. Um exemplo perfeito é a castidade. Deus simplesmente sabe que a virtude é sua própria recompensa, que guardar-se para o companheiro eterno torna esse compromisso mais belo, mais pleno e compensador. É a simples questão de querer um centavo agora ou um diamante mais tarde. Qualquer prazer momentâneo proporcionado por uma relação pré-conjugal não se pode comparar com a união imensamente mais satisfatória no casamento. E a indulgência naquele pode destruir o potencial para esta.

A castidade é como dinheiro no banco. Guardando-se, a pessoa *poupa* a felicidade de pertencer a um companheiro só e único. Poupando a ventura de poder dizer: "Sou todo seu, e nunca fui de ninguém mais."

Alguns perguntarão: "E se a gente já sabe quem é aquele *um*? Se o compromisso já existe e estamos apenas aguardando a cerimônia?" Respondo: *Não é apenas uma cerimônia,* é um convênio tanto com Deus como com seu parceiro, e *aguardar* é prova do mais profundo afeto e respeito para ambos.

Alguns dirão: "Mas nós nos amamos demais para esperar." A resposta é que não existe tal coisa como amar demais, e sim que é o egoísmo exacerbado, não o amor, que se rebela contra o conselho divino e viola a virtude.

Todo amor que pretende ser eterno deve incluir respeito, fé, confiança, admiração, honra e ter não só aspectos físicos e emocionais, mas igualmente aspectos espirituais e mentais. Nenhuma relação, seja temporal ou eterna, consegue sobreviver sem tais atributos. Todas as novelas estão repletas de ilustrações vívidas das misérias provocadas pela ausência dessas qualidades.

Se, em vosso caso, o aspecto físico tende a dominar, mais uma razão para dominá-lo e encontrar as outras dimensões. *Dominar* é o termo usado pelo sábio Alma ao aconse-

lhar o filho Shiblon, com a respectiva promessa: "Faze... com que tuas paixões sejam dominadas, para que te enchas de amor." (Alma 38:12.) O domínio aumenta a força, aumenta o poder, aumenta o amor. Só existem duas maneiras de controlar um cavalo. (Nós aprendemos um pouquinho a respeito de cavalos, ontem à noite, na sessão do sacerdócio.) Uma é matá-lo; a outra, dominá-lo. Alma nunca disse que se devem matar as paixões. A implicação é *não* que elas sejam más, que não devemos tê-las. Pelo contrário, dominamos algo que amamos, algo cujo poder respeitamos.

Como o cavalo é mais forte que o homem, este o domina, *controlando,* assim sua força e usando-a para o bem. As paixões são mais fortes que nós, por isso as dominamos, controlando assim esse poder para fortalecer o casamento e forjá-lo para a eternidade. É preciso saber *como* dominar um cavalo ou uma paixão.

Lembrai-vos de que o relacionamento físico é simplesmente belo demais para esbanjar, maravilhoso demais para desperdiçar. É como a prata de lei, preciosa demais para ser deslustrada antes do banquete.

Lembremo-nos de que entender o "porquê" na aprendizagem é o que desenvolve atitudes certas ou modifica o comportamento. Que Deus nos conceda a sabedoria para ensinar sábia e compreensivamente, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

"Escolha entre punir seus apetites ou ser punido por eles."
(Cyrus Maximus)

Minha Especialidade é Misericórdia



Élder Marion D. Hanks
do Primeiro Quorum dos Setenta

"A promessa da misericórdia de Cristo é segura e certa para os que o encontram e nele confiam; e nós, seus representantes, precisamos fazer o que ele faria, se estivesse aqui na terra agora."

Meu tema hoje é a misericórdia. Diz o poeta que a misericórdia é bênção dupla: abençoa aquele que a dá e o que recebe. E depois acrescenta que então, quando a misericórdia abranda a justiça, o poder terreno passa a assemelhar-se ao de Deus. (Vide Shakespeare, *O Mercador de Veneza*, ato IV, cena 1.)

Estou certo de que todos os que me ouvem hoje são a favor da misericórdia. Porém, a misericórdia como mero princípio, a misericórdia impessoal não é mais útil ou virtuosa que a fé, ou o arrependimento ou o amor impessoal.

Anos atrás, como novo presidente de missão, visitei, atendendo a um convite um tanto imperioso, a casa de um homem bom, mas bastante opinioso que desejava discutir comigo um erro de julgamento cometido

por um jovem missionário. Sua conduta sem maiores conseqüências fora provocada por um mal-entendido, pelo qual o jovem se desculpara com sinceridade. Eu me satisfiz com a situação, meu amigo não. Ele insistia em que o missionário devia ser punido publicamente, para que sofresse humilhação. O jovem tinha de pagar o seu erro e a mim caberia cuidar de que assim fosse.

Arrazoamos juntos. Ele insistia em que a justiça exige punição e que a misericórdia não pode roubar a justiça. Concordei, mas lembrei-lhe que as palavras que acabava de citar vinham de uma escritura do Livro de Mórmon, na qual um servo eleito de Deus, que, quando jovem precisara desesperadamente de misericórdia e a recebera, procurava ensinar um filho obstinado que queria justificar um pecado grave. Alma, o pai, ensinava ali a Coriânton, o sentido e conseqüência da expiação. Reconhecendo o lugar da justiça, ainda assim testifica três vezes do "plano de misericórdia" de Deus, possibilitado pelo sagrado dom de Cristo.

"... a misericórdia reclama o penitente..." dizia ele.

"... a misericórdia... reclama tudo quanto lhe pertence." (Alma 42:23-24.)

Há "um arrependimento concedido, o qual é reclamado pela misericórdia; do contrário, a justiça reclama a criatura." (Alma 42:22.)

Coriânton escutou, arrependeu-se e foi perdoado, retornando subseqüentemente ao serviço missionário para induzir "almas ao arrependimento, de modo que o grande plano de misericórdia possa ter direito sobre elas." (Alma 42:31.)

O pecado de Coriânton fora grave; o incidente envolvendo o missionário era inocente e sem importância. Pensei que essa explanação resolvesse o problema. Mas estava enganado.

Meu anfitrião, debruçando-se sobre a mesa, insistia: — Quero justiça!

Repliquei brandamente: — Eu quero misericórdia!

A cada afirmação mais exaltada dele, eu respondia com maior brandura:

— Eu quero misericórdia.

Despedimo-nos com o acordo de que caberia a mim a responsabilidade de tratar do assunto, satisfazendo devidamente a justiça e deixando que a misericórdia reclamasse o que lhe cabia.

Ele agora já se foi para sua recompensa eterna. Recordo-me dele com respeito e afeição. Vim a conhecê-lo bastante bem e a amá-lo, dando-me conta de que ele, como todos nós, precisava da prometida misericórdia de Cristo ao penitente. Muitas vezes tenho refletido sobre aquele incidente: "Quero justiça!" "Eu quero misericórdia!"

Recentemente, então, do outro lado do mundo, estive sentado em companhia de outro homem de bem. Este trouxera consigo ao entrar na sala, luminosidade, calor e bom-humor. Fiquei ouvindo com profundo interesse, enquanto contava seu caso de "antes e depois". O "antes" fora uma vida de cristão não-praticante, trabalhando numa profissão exaustiva com companheiros grosseiros e a tendência de acompanhar os outros em seus maus hábitos. Não ligava para a mulher e filhos, sentia a consciência pesada e fora acometido de grave mal físico.

Então dois jovens bateram a sua

porta, dizendo-se representantes do Senhor, e afirmando ter uma mensagem de verdade eterna para ele e sua família: o evangelho de Jesus Cristo fora restaurado à terra; sua igreja restabelecida, e toda pessoa e família são importantes para Deus e, por meio do plano dele, podemos encontrar o propósito e significado da vida; a família deve ser eterna, e existe um modo de saber-se pessoalmente a veracidade dessas coisas, afirmava, pois o Santo Espírito confirmará esse conhecimento àqueles que o buscam sinceramente.

Ele escutou e acreditou. Imediatamente deixou de lado os maus hábitos. Sua esposa e filhos também reagiram positivamente. A vida deles mudou. Estudaram, oraram e adoraram, filiaram-se à Igreja e passaram a viver na luz do Espírito. Ele progrediu na profissão, teve novas oportunidades, mereceu confiança e renovou sua reputação de homem de bem.

No final de sua história, fez uma vibrante declaração de fé, sem nenhuma inibição, nem fanfarronice ou astúcia:

"Sou como o Senhor numa coisa," disse, "minha especialidade é misericórdia."

Minha especialidade é misericórdia!

É impossível conviver muito tempo com as escrituras, sem reconhecer que Deus, nosso Pai, e seu santo Filho também têm especialidades.

A especialidade do Pai é misericórdia.

Na época de Isaías, ele aconselhou e admoestou duramente seu povo, dizendo que eram um "povo rebelde..., filhos mentirosos que não querem ouvir a lei do Senhor.

"Que dizem aos videntes: Não vejais; e aos profetas: Não profetizeis para nós o que é reto; dizei-nos cousas aprazíveis, e tende para nós enganadoras lisonjas." (Isaías 30:9-10.)

Falou de sua perversidade, sua iniqüidade, sua obstinação e confiança no poder temporal. Não obstante tudo isso, as santas escrituras anunciam a seguir:

"Por isso o Senhor esperará, para ter misericórdia de vós; e por isso será exalçado, para se compadecer de vós." (Isaías 30:18.)

Ele espera para ser caridoso! Ele gosta de ser misericordioso! Os profetas chamam-no de "o Pai das misericórdias" (2 Cor. 1:3); falam de sua "grande misericórdia" (1 Pedro 1:3) e declaram que "todo aquele que se arrepender e não endurecer seu coração, terá direito à misericórdia". (Alma 12:34.) Testificam de sua "sabedoria... misericórdia e graça". (2 Néfi 9:8.) E coroando tudo isso, temos o testemunho de que nosso Pai "se deleita na benignidade". (Miquéias 7:18.)

A especialidade do Pai é misericórdia.



A especialidade do Salvador é misericórdia.

Ele falou ao mundo das coisas que ouvira de seu Pai. "Falo como o Pai me ensinou." (João 8:26,28.)

As escrituras ensinam que ele assumiu a forma de um homem e "compadeceu-se das nossas fraquezas". (Hebr. 4:15.) "Pelo que convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote." (Hebr. 2:17.)

Ele é aquele que compreende, sente simpatia. Foi mal interpretado, rejeitado, conheceu a suprema solidão, foi pobre e não tinha onde descansar a cabeça, sofreu angústia e conflito mental.

Ele compreende.

Ele pode perdoar e dar paz.

A especialidade do Salvador é misericórdia.

E exige que nós sejamos especialistas em misericórdia.

"Sede pois misericordiosos como também vosso Pai é misericordioso." (Lucas 6:36.)

Através de Miquéias, ele nos ensina todo o dever do homem, que é andar em humildade perante Deus, agir retamente para com nossos semelhantes e "amar a misericórdia". (Vide Miquéias 6:8.)

Nossa necessidade individual de misericórdia e suas condições foram explicadas na parábola dos dois homens que foram orar no templo. Um deles proclamou orgulhosamente sua retidão e perfeições. O outro, nem ousava "levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador". A respeito do honesto e despretensioso, o Senhor disse que ele "desceu justificado para sua casa, e não aquele". (Lucas 18:13-14.)

O sentido da misericórdia ele ensinou na parábola do bom samaritano, referindo-se aos dois homens que passaram sem ajudar o ferido e do terceiro que parou e o socorreu. Qual destes três, indaga o Senhor, foi o próximo daquele homem? E ele mesmo responde: "O que usou de misericórdia com ele. Disse, pois, Jesus: Vai e faze da mesma maneira." (Lucas 10:37.)

Assim, pois, a misericórdia de Deus deve mostrar-se na misericórdia do homem, e o campo da misericórdia é tão amplo quanto as necessidades de toda a família humana. Clama o salmista: "Tem misericórdia de mim, ó Senhor, porque estou angustiado." (Salmos 31:9.)

Todos nós estamos angustiados, temos problemas, não existe na terra um único homem justo que só faça o bem e não peque. (Vide Ecl. 7:20.)

Na mais pessoal de suas parábolas, o Salvador se identifica plenamente com o faminto, o sedento, o despido, o sem lar, o enfermo, o prisioneiro. "Tive fome e destes-me de comer;... era estrangeiro, e hospedastes-me." (Mat. 25:35.) São tantos os oprimidos pelos cuidados terrenos, pelo peso do pecado, pobreza, dor, incapacidade, solidão, aflição, rejeição. A promessa da misericórdia de Cristo é segura e certa para os que o encontram e nele confiam. Aquele que acalmou o vento e as ondas pode dar paz ao pecador e ao santo sofredor. E nós somos seus representantes, não apenas para proclamar sua palavra, mas para fazer ao menor de seus irmãos o que ele próprio faria, se estivesse aqui na terra agora.

Num campo de refugiados, na Ásia, havia uma jovem ex-profes-

sora que escapara de seu país com a mãe, depois de presenciar o brutal assassínio de seus demais familiares. Ela própria fora tão brutalmente violada, que prometera nunca mais pronunciar uma só palavra neste mundo depravado. Era sua maneira de protestar contra a maldade feita a ela e inúmeras outras pessoas. Assim, passou mais de cinco anos sem falar. Então, um dia ficou sob a influência de alguns representantes de nossa Igreja que estão fazendo verdadeiros milagres diários de amor em vários campos de refugiados. Essas moças abnegadas não dispunham de nenhuma mágica médica, nenhuma competência profissional para tratar de um espírito e uma mente torturados. Apenas oravam por ela, tomavam-lhe a mão e diziam-lhe palavras de amor; e ela respondeu! Ela falou pela primeira vez em cinco anos e continua falando desde aí. O Espírito daquele que disse: "Aquieta-te" (Marcos 4:39) tocou, através de seus fiéis instrumentos, o foco de agitação de uma alma angustiada, acalmou os ventos e vagas da tormenta, fazendo renascer sua fé e esperança.

Por mim e pelos meus, e por vós, eu oro que sejamos dignos de carregar o mesmo estandarte de nosso querido irmão que encontrou o caminho da misericórdia e que exemplifica em sua vida o que o ouvi declarar com humildade: "Minha especialidade é misericórdia."

"Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno." (Hebr. 4:16.)

Em nome de Jesus Cristo. Amém.

A Florescente Herança de Joseph Smith



Élder James E. Faust
do Quorum dos Doze Apóstolos

"À medida que passa o tempo, a estatura de Joseph Smith vai-se avantajando. Ele subirá cada vez mais na estima da humanidade."

Era a manhã de sexta-feira, 28 de junho de 1844, o sol estival já queimava em Illinois. Desde as oito horas, O Dr. Willard Richards, Samuel H. Smith e mais nove irmãos vinham caminhando pesadamente pela poeirenta estrada que vai de Carthage a Nauvoo. O solene cortejo vinha acompanhado de duas carroças totalmente cobertas com arbustos para proteger sua carga do causticante calor do sol. Ali estirados, estavam os corpos sem vida de Joseph Smith, trinta e oito anos e mais de um metro e oitenta de altura, e de Hyrum, seu irmão, quarenta e dois anos e ainda mais alto que o primeiro. Acabrunhados e cansados, o Dr. Richards e Samuel Smith, este, irmão dos dois homens assassinados, apressavam-se em chegar a Nauvoo e conversavam sobre os acontecimentos do dia anterior, quando Joseph e Hyrum haviam sido baleados mortalmente por uma

horda armada e de rostos enegrecidos. As duas vítimas estiveram alojadas com o Dr. Richards e John Taylor na Cadeia de Carthage, alegadamente para sua proteção, quando uma horda de cento e cinqüenta, a duzentos assaltantes invadiu a cadeia e matou as vítimas que procurava.

A notícia das mortes já chegara a Nauvoo, sede de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Quando as carroças e seus exaustos acompanhantes entraram na cidade, milhares de cidadãos saudaram o cortejo com as mais solenes lamentações e tristeza.

Os corpos ensangüentados foram carinhosamente removidos das carroças na Mansão Nauvoo e com muito cuidado banhados dos pés à cabeça. Os ferimentos foram pensados com algodão embebido em cânfora, e a seguir, procedeu-se à modelagem das máscaras mortuárias. Em seguida, os corpos foram vestidos com todo esmero. Depois de assim preparados, os corpos foram velados pelas viúvas e filhos enlutados além de muitos de seus mais íntimos companheiros. No sábado, mais de dez mil santos enlutados desfilaram diante dos restos mortais de seu amado Profeta Joseph e seu irmão, o Patriarca Hyrum. A seguir, os corpos foram secretamente sepultados. (Vide *History of the Church* 6:614-31.)

Alguns inimigos de Joseph Smith vangloriaram-se de seu feito infame, e muitos proclamaram que a Igreja por ele restaurada e pela qual dera a vida, morreria com ele. Porém, para grande surpresa de seus desafetos, a Igreja não morreu, nem a obra de Joseph Smith cessou com sua morte terrena. O que se deu no século e meio desde o transcorrido presta eloqüente testemunho da natureza eterna da obra deste homem singularmente marcante, Joseph Smith. A Igreja que ele restaurou teve uma expansão dramática em muitas partes da terra. Ela produziu um sistema missionário inigualado e um programa de bem-estar sem paralelo. Seu sistema de governo dá poder e autoridade do sacerdócio de Deus a todos os membros masculinos dignos, reconhecendo ao mesmo tempo a condição exaltada da mulher como igual ao homem. A Igreja possui uma inspirada lei de saúde e bem-estar temporal muito avançada para seu tempo. Por revelação de Deus, a Igreja possui as chaves, princípios e ordenanças salvadoras capazes de prover exaltação eterna à humanidade, vivos e mortos.

Por causa destas e outras razões, milhões de pessoas tornaram-se membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todo verdadeiro fiel, todavia, precisa finalmente obter a convicção de que Joseph Smith foi um revelador da verdade, um profeta de Deus. Todos, sem exceção, precisam convencer-se de que Deus, o Pai, e seu Filho, Jesus Cristo, realmente apareceram a Joseph Smith e o comissionaram a restabelecer a igreja de Cristo sobre a face da terra.

Eu possuo essa convicção e desejo humildemente compartilhar convosco algumas das coisas que confirmam meu testemunho de Joseph Smith e sua obra. Meu testemunho é um conhecimento mais espiritual do que científico ou histórico. Duvido de que o evangelho de Jesus Cristo, conforme foi restaurado à terra pelo Profeta Joseph Smith e vem sendo ensinado por todos os profe-

tas que o sucederam, jamais seja passível de comprovação unicamente científica. Ele precisa ser aceito pela fé e compreendido pelo dom e poder de Deus. Por exemplo, uma das verdades reveladas por Joseph Smith, a 27 de fevereiro de 1833, falava dos efeitos maléficos do chá, café, tabaco e bebidas alcoólicas. Estes ensinamentos podem ser hoje comprovados cientificamente; contudo, em minha opinião, as maiores promessas contidas na Palavra de Sabedoria (D&C 89) são espirituais. Nela existe a promessa de sabedoria e grandes tesouros de conhecimento, e de ser poupado pelo anjo destruidor como os filhos de Israel. (Vide D&C 89:19,21.)

Uma das contribuições mais significativas de Joseph Smith foi a tradução e publicação do Livro de Mórmon, um sagrado volume de escrituras trazido à luz de antigos anais. Ao ser publicado pela primeira vez em 1830, existiam poucas provas científicas ou históricas que consubstanciassem a afirmação de Joseph Smith de ser proveniente de anais gravados em placas metálicas que falavam das antigas civilizações no continente americano. Hoje já se descobriram tais evidências materiais e elas ajudam a confirmar que Joseph Smith dizia a verdade com referência ao Livro de Mórmon.



Nós, porém, continuamos buscando testemunhos espirituais para confirmar nossa fé no livro. Os críticos tentaram durante muitos anos encontrar outra explicação para o Livro de Mórmon, mas simplesmente não o conseguiram. Teorias sobre sua origem surgem e desaparecem, mas o livro continua testificando que Jesus é o Cristo.

Os estudiosos mais objetivos e analíticos chegaram à conclusão de que teria sido impossível um rapaz pouco instruído como era Joseph Smith, criado nas fronteiras da civilização dos Estados Unidos, escrever o Livro de Mórmon. Ele contém conceitos tão sublimes, além de ser escrito em diversos estilos literários e compilado de tal maneira que não pode ser de autoria de uma só pessoa. O pesquisador honesto pode ser levado pela fé a crer que Joseph Smith realmente traduziu o Livro de Mórmon de antigas placas de ouro contendo caracteres gravados em egípcio reformado. Nenhuma outra explanação desafiando seriamente o depoimento de Joseph Smith acerca do Livro de Mórmon conseguiu sobreviver como fato verdadeiro. Continuam as evidências de um século e meio, e estas confirmam cada vez mais que Joseph Smith falou a verdade, completa, honesta e humildemente.

Ao apresentar-vos meu testemunho de Joseph Smith, reconheço suas falhas humanas junto com seus

grandes poderes espirituais. Ele não afirmou ser divino, nem homem perfeito; apenas um ser mortal com sentimentos e imperfeições humanos, procurando honestamente cumprir a missão divina que recebera. Num conselho registrado, dado a alguns membros da Igreja que acabavam de chegar em Nauvoo, no dia 29 de outubro de 1842, ele se descreve assim: "Disse-lhes que era epenas um homem e que não deviam esperar que fosse perfeito; se esperassem perfeição de mim, eu esperaria o mesmo deles; mas, se tivessem paciência com minhas fraquezas e as fraquezas dos irmãos, eu também seria paciente com as fraquezas deles." (*History of the Church,* 5:181.)

Impressiona-me sua total franqueza, pois, além de admitir suas próprias fraquezas humanas, ele também registra declarações do Senhor recebidas como amorosas censuras. Quando as recebia, às vezes bondosas outras severas, ele as ditava como porta-voz do Senhor aos encarregados de transcrever as revelações. Um exemplo delas encontra-se em Doutrina & Convênios, seção 5, versículo 21: "E agora te ordeno, meu servo Joseph, que te arrependas e andes mais retamente diante de mim, não mais cedendo às persuasões dos homens." Embora buscasse a perfeição, não a reclamava para si. Se pretendesse engendrar uma grande falsidade ou quisesse perpetrar uma fraude ou praticar engano, teria sido tão honesto com suas próprias fraquezas? Sua total sinceridade em admitir falhas humanas e declarar a carinhosa disciplinação de Deus, é poderosa prova de sua probidade. Suas palavras têm um fundamento mais sólido por serem declarações contra a natureza humana e admissões contrárias ao próprio interesse.

Ele sabia que essa franqueza o tornaria, como de fato o tornou, objeto de ódio, ridículo e desaprovação social; mesmo assim, falava abertamente a verdade. Ele estava preparado para as vicissitudes da vida desde o princípio de seu ministério. Já em 1823, passados somente três anos de sua gloriosa visão do Pai e do Filho, o Anjo Morôni disse-lhe que seu nome seria conhecido por bem ou por mal entre todas as nações, tribos, línguas e povos, e que dele se falaria tanto bem como mal. (Vide Joseph Smith 2:33.) Contudo, a intensidade do ódio e perseguições surpreenderam até mesmo Joseph, e ele chegou a indagar certa ocasião: "Por que se combinariam contra mim os poderes das trevas? Por que a oposição e a perseguição que se levantaram contra mim, quase em minha infância?" (JS 2:20.) Mas ele enfrentou os desafios e superou as provações e tornou-se mais forte por causa deles.

Não se deve dar ênfase exagerada à falibilidade ou falhas mortais de Joseph Smith. Elas não passavam do que é parte de qualquer ser humano. Ele e seu trabalho gozavam do beneplácito da Deidade. Numa ocasião muito especial, o Senhor lhe disse: "Na verdade, assim te diz o Senhor, meu servo Joseph Smith, que estou satisfeito com tua oferta e os reconhecimentos que mostraste; pois para esse fim te elevei, para que, por meio das coisas fracas da terra, eu pudesse manifestar a minha sabedoria." (D&C 124:1.)

Estou profundamente impressionado com o tipo de pessoas que se



tornaram companheiros de Joseph Smith. Sua personalidade agia como um ímã para muitas pessoas, atraindo gente de todas as idades e classes sociais. Muitos que ele inspirou eram extremamente inteligentes, dedicados e capazes, tanto homens como mulheres. A coragem por eles demonstrada em favor da obra de Joseph Smith, além de seus sacrifícios, sofrimentos e dedicação, eram quase que inacreditáveis.

No início de meu discurso, mencionei o Dr. Willard Richards, cuja lealdade para com Joseph Smith é extremamente típica. Antes de ir para Carthage, Joseph disse ao Dr. Richards: "— Se formos para a cadeia, irá conosco? — O doutor respondeu: Irmão Joseph, você não me pediu que atravessasse o rio com você, nem que viesse a Carthage com você e agora pensa que o abandonarei? Digo-lhe o que vou fazer; se for condenado ao enforcamento por traição, eu serei enforcado em seu lugar, e você sairá livre. — Joseph disse: — Você não pode fazer isso. — O doutor replicou: — Mas farei." (*History of the Church*, 6:616.)

Após o martírio de Joseph Smith, seu sucessor como profeta foi o prático e enérgico Brigham Young, o qual disse, falando de Joseph Smith:

"A primeira vez que ouvi o Profeta pregar, senti que ele unia os céus e a terra. Todos os ministros da época não eram capazes de me dizer qualquer coisa correta a respeito dos céus, inferno, Deus, dos anjos ou demônios; eram tão cegos quanto os egípcios antigos. Quando encontrei Joseph, ele tomou dos céus, falando figurativamente, e trouxe-os à terra e tomou a terra, elevou-a aos céus e esclareceu com nitidez e simplicida-

de as coisas de Deus. Essa é a grande beleza que existe em sua missão." (*Discursos de Brigham Young,* pp. 459-60.)

Os resultados de um século e meio desta igreja dão grande autenticidade à história de Joseph Smith. A obra desta igreja prossegue em ritmo assombroso. A grande congregação de santos dos últimos dias permanece fiel aos testemunhos de Joseph Smith e sua obra. Desde os dias de Joseph, milhões aceitaram-na pela fé, e o Santo Espírito confirmou-lhes que o depoimento de Joseph Smith a respeito de sua visão do Pai e do Filho é verdadeiro, e que ele restaurou à terra o puro evangelho de Jesus Cristo.

No decorrer dos anos, a vida e a morte de Joseph Smith e sua história serão certamente analisadas, dissecadas, criticadas, desafiadas e esmiuçadas. Porém, as provas da veracidade de suas declarações hão de crescer sempre. A devoção e o comprometimento dos que aceitaram o evangelho restaurado continuarão a ser postos à prova severamente. Sua fé será provada duramente, como tem acontecido a muitos no passado. Porém, como o próprio Joseph, milhões hão de viver e morrer fiéis ao evangelho que ele restaurou. À medida que o tempo passa, a estatura de Joseph Smith vai-se avantajando. Ele subirá cada vez mais na estima da humanidade. Muitos chegarão à profunda convicção, como eu, de que existe uma origem divina na mensagem por ele ensinada e um propósito eterno na obra que restaurou na terra.

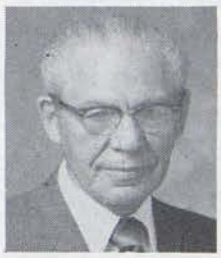
Meus antepassados foram-me deixando como legado seu testemunho a respeito da veracidade da obra de Joseph Smith. Tomei conhecimento dele como garotinho ainda, no colo de minha mãe. Meu tetravô, Edward Partridge, foi companheiro do Profeta Joseph por vários anos antes de perder a vida em conseqüência das perseguições. (Vide *History of the Church*, 4:132.) Ele foi batizado por Joseph. Numa revelação recebida pelo Profeta, foi chamado a ser o primeiro bispo da Igreja restaurada. (Vide D&C 41:9.)

Meu tetravô foi tão torturado, humilhado e maltratado em seu chamado pelo populacho, e mesmo assim foi tão perseverante e fiel, que não é possível ter dúvidas quanto à autenticidade da revelação que o designou. Como outros chegados ao Profeta, ele conhecia o coração e alma de Joseph. Ele não seria enganado. Creio que sua vida e morte provam que não mentia. Sua devoção, sofrimento e sacrifício testificam eloqüentemente sua fé implícita em Joseph como servo inspirado de Deus.

Além dessa minha herança, tenho meu próprio testemunho interior que me confirma que o Profeta Joseph Smith revelou, como instrumento de Deus, a maior coleção de verdades já recebida pelos homens desde que o próprio Salvador andou na terra.

O que foi ensinado deste púlpito nos últimos dois dias é uma extensão da herança de verdade legada a todos nós pelo Profeta Joseph Smith. Ela destina-se a salvar e exaltar a humanidade como mandou o Senhor Jesus Cristo. Testifico isso com profunda gratidão, em nome de Jesus Cristo. Amém.

"Lembrai-vos de Quem Sois"



Presidente N. Eldon Tanner
Primeiro conselheiro na Primeira Presidência.

"Se somos honestos, honrados e justos em tudo o que fazemos, esta é toda a informação que os outros desejam de nós."

Estou muito satisfeito de poder estar convosco nesta tarde. Sinto que esta tem sido uma das melhores conferências de que já participei. Provavelmente, precisávamos do Espírito do Senhor aqui presente na ausência de nosso Presidente, e ele, sem dúvida, estava aqui. Quero congratular-me com os oradores e externar minha apreciação a este belo coro. Nas sessões desta conferência fomos informados, aconselhados e recomendado o que fazer como membros da Igreja. Porque o Presidente David O. McKay não pôde comparecer a uma conferência, ele me disse: "Presidente Tanner, lembre a esse povo quem eles são e que devem conduzir-se de acordo." Este "conduzir-se de acordo" é muito importante para mim.

Quando quero lembrar ao povo quem eles são, repito algumas de nossas regras de fé. Primeiro: "Cremos em Deus, o Pai Eterno, e em seu Filho, Jesus Cristo e no Espírito Santo." (1ª Regra de Fé.) Ora, nós cremos nisto. Mas fico imaginando como agiríamos, se nos lembrássemos diariamente de que somos filhos espirituais de Deus e que Jesus Cristo é o nosso Salvador. Será que faríamos certas coisas que fazemos? Fá-las-íamos com mais ênfase ou não as faríamos de todo? Tivemos o Espírito conosco hoje. E gostaria de dizer que a coisa mais importante para mim, e me parece mais necessária do que outra coisa qualquer no evangelho, é que vivamos cada dia os ensinamentos do Senhor. Peço-vos que recordeis às pessoas quem elas são e lhes digam que se conduzam de acordo. Assim fazendo, estaremos guardando os mandamentos de Deus. Nós dizemos: "Cremos em Deus, o Pai Eterno." Cremos realmente que ele é o Pai de nosso espírito e agimos de acordo? Nós dizemos: "Cremos... em seu filho, Jesus Cristo." Será que cremos realmente que Jesus Cristo é o nosso Salvador, e agimos de acordo? Se nos lembrássemos disso o tempo todo, será que viveríamos da maneira que vivemos?

Nós dizemos: "Cremos em ser honestos, verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos e em fazer o bem a todos os homens." (13ª Regra de Fé.) Somos honestos, todos os dias? Verdadeiros, castos, benevolentes e virtuosos? Nós, irmãos e irmãs desta Igreja, vivendo em nossa casa, com nossos filhos, nossos vizinhos, em nossos negócios? Que maravilha se estivéssemos agindo assim e cônscios deles o tempo todo!

Gostaria de dar-vos apenas um exemplo do que estou pensando. (Talvez não seja tão bom quanto alguns que tenho ouvido.) Quando eu trabalhava em Alberta, para o go-

verno canadense, fui convidado a dar uma palestra a um grande grupo de advogados em Dallas, Texas. Quem me apresentou foi o governador do Estado. E ao me apresentar, contou que eu fora bispo na Igreja Mórmon e agora era presidente do Ramo de Edmonton, no Canadá. E disse: "Quero ressaltar que qualquer pessoa que é bispo nessa igreja, não precisa de mais apresentações no que me diz respeito." Ele não estava cumprimentando a mim, mas aos membros da Igreja que conhecia e nela serviam, e mereciam confiança. Pensei comigo: "Que maravilhoso, se um missionário pudesse dizer ao voltar: 'Sou ex-missionário de boa reputação', e isto bastasse como apresentação."

Quão maravilhoso seria, se todo portador do sacerdócio soubesse que o Senhor sabia que poderia contar com ele devido a sua maneira de viver. Gostaria de dizer-vos hoje que é uma enorme responsabilidade os membros desta igreja viverem de modo que os outros, vendo suas boas obras, sejam levados a glorificar o nome do Senhor. Devemos fazer isso todos os dias! Se esta igreja, estes mais de quatro milhões de indivíduos — todos os que vivem o evangelho ou seus princípios — fossem honestos, honrados e justos em tudo o que fazem, e merecessem confiança em todos os sentidos, esta seria toda a informação que os outros desejariam de nós.

Oro que, ao partirmos desta conferência, cada um de nós que gostaria de agir melhor doravante, transforme esse desejo em ação; que cada um de nós seja honesto e dizimista integral; que nos preparemos para ir ao templo onde podemos casar-nos para o tempo e toda a eternidade, e termos nossa família selada a nós.

Meu apelo a vós, hoje, irmãos e irmãs, é que todos vós que tendes o desejo de fazer melhor, volteis para casa decididos e o façais para o resto da vida, para que sejais um exemplo edificante, uma influência benéfica e uma grande força para a Igreja. Em nome de Jesus Cristo. Amém.





Sessão de Bem-estar, 3 de outubro de 1981

O Amor Vai Além da Conveniência



Bispo J. Richard Clarke
Segundo conselheiro no Bispado Presidente.

"Se quisermos seguir o Salvador, não poderemos fazê-lo sem sacrifício pessoal e sincero envolvimento; isto é raramente conveniente."

Irmãos e irmãs: Alguém ouviu por acaso uma conversa de Rikki Pace, garota de quinze anos e filha de nosso novo diretor-gerente Glenn Pace com uma colega de escola e que foi mais ou menos assim:

— Onde seu pai trabalha?

— No Edifício dos Escritórios da Igreja.

— Onde fica esse edifício?

— Sabe, aquele arranha-céu perto do templo.

— E o que ele faz?

— É o encarregado do Departamento de Bem-estar.

— O que é o Departamento de Bem-estar?

Depois de várias tentativas de descrever sua função, Rikki aparentemente não conseguira impressionar nenhum pouco sua amiguinha. Então, como tentativa final, Rikki saiu-se com esta:

— Digamos assim: se entre agora e o Milênio algum membro da Igreja morrer de fome, o culpado é meu pai.

Os Serviços de Bem-estar são encarados de várias formas. Suponho que a maioria das pessoas pensa neles como fazendas, fábricas de conservas, armazéns do bispo e Indústrias Deseret. Os Serviços de Bem-estar representam a parte básica da principal missão da Igreja, que é o aperfeiçoamento dos santos; eles são o evangelho em ação para os membros individuais. Não se destinam apenas à participação institucional ou de grupos. Nós obtemos a salvação em base individual — toda pessoa precisa galgar a escada independentemente para chegar ao nível do Mestre. Se quisermos alcançar a perfeição, temos de emular as obras de Jesus, bem como seguir suas palavras. Pedro, o apóstolo, disse aos que queriam ser discípulos de Cristo, que fossem "participantes da natureza divina". (2 Pedro 1:4.) E mais: "Porque para isto sois chamados... para que sigais as suas pisadas." (1 Pedro 2:21.)

Em 1897, o Dr. Charles Sheldon, jovem ministro de Topeka, Kansas, escreveu um livro que intitulou de *Em Seus Passos*, um romance baseado num experimento pessoal. Disfarçando-se de tipógrafo desempregado, vagou pelas ruas de Topeka e ficou chocado com o tratamento recebido de sua comunidade "cristã". No livro, um ministro cristão lança a sua congregação um interessante desafio:

"Quero voluntários... que se comprometam, sincera e honestamente a, durante um ano inteiro, não fazer nada sem antes perguntar-se: 'O que faria Jesus?'...Nossa me-

ta será agir exatamente como Jesus faria, se estivesse em nosso lugar, independentemente dos resultados imediatos. Em outras palavras, propomo-nos a seguir os passos de Jesus tão literal e exatamente quanto acreditamos tenha ele ensinado seus discípulos a fazer." (Charles M. Sheldon, *In His Steps,* Nova Iorque: Grosset & Dunlap, 1935, pp. 15.16.)

O livro descreve a fascinante experiência dos que aceitaram o desafio. Intriga-me qual seria o resultado, se a mesma experiência fosse feita hoje entre os santos dos últimos dias. Como cristãos dos últimos dias, como cristãos SUD, sabemos que a "lei real" (Tiago 2:8) do amor em ação é socorrer os fracos, erguer as mãos que pendem e fortalecer os joelhos enfraquecidos. (Vide D&C 81:5.) Será que entendemos de fato o que isso quer dizer? Nós demonstramos a profundidade do nosso amor ao Salvador, quando procuramos encontrar os sofredores entre nós e preencher suas necessidades.

O filósofo William George Jordan identificou "quatro grandes fomes da vida — fome física, fome intelectual, fome emocional e fome espiritual. Todas elas são reais; todas precisam ser reconhecidas e satisfeitas". (William George Jordan, *The Crown of Individuality,* Nova Iorque: Fleming H. Revell Company, 1909, p. 63.)

1. A fome física é nossa mais perceptível necessidade biológica. É difícil ser espiritualmente forte, quando sentimos fome física.

2. A fome intelectual é a ânsia de alimento mental, de instrução e desenvolvimento pessoal.

3. Ter fome emocional é sentir solidão, ter pouca auto-estima, ser mal interpretado, ansiar por companhia, estima e apreço. Entretanto, ao saciar a fome emocional do próximo, descobrimos que reduzimos a nossa também.

4. A fome espiritual é o abrasador desejo de conhecer verdades eternas. É a ânsia de comunhão espiritual com Deus. (Vide Jordan, pp. 63-75.)

O evangelho restaurado de Jesus Cristo fornece a solução para todas as fomes da vida. Jesus disse: "Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome; e quem crê em mim nunca terá sede." (João 6:35.) Todos nós gostaríamos de possuir a capacidade do Salvador de saciar as fomes do mundo; mas não nos esqueçamos de que existem muitas maneiras simples de seguir seus passos. Lembremo-nos de que, ao darmos de nós, não importa tanto quanto damos, como dar no momento preciso.

Uma conhecida colunista norte-americana, Erma Bombeck, contou uma experiência para demonstrar que pequenas coisas podem significar muito. Ela recordou uma manhã frustradora, repleta de telefonemas e conversas interrompidas, antes de sair para o aeroporto.

"Finalmente", conta ela, "me sobraram trinta maravilhosos minutos antes da partida do avião — tempo para estar só com meus pensamentos, para abrir um livro e deixar a mente divagar. Então, fez-se ouvir a voz de uma senhora idosa sentada ao meu lado:

"— Aposto que está frio em Chicago.

"Respondi com expressão impassível: — É provável.

"— Faz uns três anos que estive pela última vez em Chicago, — in-

sistiu.

— Meu filho mora lá.

"— Não diga! — retruquei, mantendo os olhos fixos no livro.

"— Sabe, o corpo de meu marido segue neste avião. Estivemos casados por cinqüenta e três anos. Como eu não dirijo, quando ele morreu uma freira me levou do hospital para casa. E nem somos católicos. O gerente da casa funerária permitiu que eu viesse com ele até o aeroporto.

Diz Erma: "Acho que nunca me detestei tanto como naquele momento. Um outro ser humano estava implorando atenção, e em seu desespero abordara uma estranha indiferente que estava mais interessada em seu romance do que no drama real ao seu lado.

"Tudo o de que ela necessitava era alguém que a ouvisse — não precisava de conselhos, sabedoria, experiência, dinheiro, assistência, nem mesmo de compaixão — apenas de alguém que lhe desse um ou dois minutos de atenção...

"Ela continuou falando com voz monótona até tomarmos o avião e então foi sentar-se noutra parte. Ao pendurar meu casaco, ouvi sua voz plangente dizer a sua vizinha: "— Aposto que está frio em Chicago."

"E eu fiquei orando: 'Por favor, Deus, faça com que ela ouça.'" (Erma Bombeck, "Are You Listening?", *If Life Is a Bowl of Cherries — What Am I Doing in the Pits?,* Nova Iorque: McGraw-Hill Book Co., 1978, pp. 197-98.)

Quantas vezes perguntamos a nós mesmos, ao ver um ato de bondade alheio: "Por que não pensei nisso?" Aqueles que fazem o que gostaríamos de fazer, parecem ter dominado a arte da percepção; formaram o hábito de serem sensíveis às necessidades alheias, antes de pensar em si próprios. As oportunidades passam muito depressa e ficamos com mais uma boa intenção frustrada. Se ao menos nossos atos de bondade se igualassem aos justos desejos de nosso coração!



Censurando nossa tendência à procrastinação, o poeta e dramaturgo inglês John Drinkwater diz em seu poema "A Prece", que cito em parte:

Os caminhos conhecemos que deveríamos trilhar,

Teus decretos no coração temos gravados;

Mas agora, ó Senhor, tem misericórdia

E nos abençoa com o que nos falta:

Concede que façamos conforme sentimos,
Concede-nos força para cumprir nosso dever,
Concede-nos a vontade firme, inabalável,
De agir assim como pensamos.
Não pedimos conhecimentos, pois tu no-lo deste;
Mas, ó Senhor, a vontade —
Eis nossa maior precisão.
Dá-nos a vontade de transformar
Em atos nossa boa intenção.

(Em *Masterpieces of Religious Verse*, ed. James Dalton Morrison, Nova Iorque: Harper & Brothers Publishers, 1948, p. 418.)

Quando penso em boas ações, lembro-me imediatamente dos bispos e presidentes da Sociedade de Socorro. Relativamente poucas pessoas sabem das inúmeras horas que eles passam servindo a membros de sua ala. Eles realmente traduzem princípios em ações.

Para ilustrar, cito este tocante relato do tempo dos pioneiros:

"Há muitos anos atrás, numa pequena cidade do sul do Estado de Utah, minha bisavó foi chamada como presidente da Sociedade de Socorro. Durante esse período da história da Igreja, existia um espírito muito amargo e antagônico entre os mórmons e os gentios.

"Na ala de minha bisavó, uma das jovens irmãs casou-se com um rapaz gentio. Isso, é claro, não agradou aos mórmons nem aos gentios. Passado algum tempo, essa jovem teve um filho. Infelizmente a mãe ficou tão doente após o parto, que não poderia cuidar da criança. Sabendo da condição dessa irmã, minha bisavó imediatamente procurou as irmãs da ala e pediu-lhes que se revezassem, indo ao lar do jovem casal cuidar da criança. Uma a uma, as mulheres se recusaram, e assim, a responsabilidade recaiu toda sobre os ombros dela.

"Levantando de manhã bem cedo, caminhava uma distância considerável até o lar do casal, onde banhava e alimentava a criança, juntava toda a roupa para ser lavada e a levava para casa, trazendo-a limpa no dia seguinte. Ela vinha fazendo isso havia algum tempo, quando, certa manhã, se sentiu fraca e indisposta demais para ir e fazer o trabalho que já se tornara quase um hábito. Todavia, enquanto deitada na cama, ela chegou à conclusão de que, se não fosse, ninguém mais cuidaria da criança. Reunindo todas as forças, levantou-se e foi. Terminada a tarefa, o que conseguiu apenas com o auxílio do Senhor, voltou para casa e, ao entrar na sala, caiu exausta numa poltrona e adormeceu profundamente. Contou que, dormindo, se achou como que consumida por um fogo que derretia a própria medula dos ossos. Então sonhou que banhava o Menino Jesus, gloriando-se no privilégio que seria banhar o Filho de Deus. Nisso escutou a voz do Senhor: 'Quando o fizestes a um destes meus pequeninos... a mim o fizestes.'" (*A Missão Que Recebi do Senhor*, Guia de Estudo Pessoal Para os Quoruns do Sacerdócio de Melquisedeque, 1977-78, lição 19, pp. 153-54.)

Provalvelmente os mais heróicos atos são feitos em silêncio e não recebem reconhecimento a não ser do Pai Celeste, que nos recompensa amorosamente com a doce paz que excede todo o entendimento (vide Fil. 4:7), e com seu Espírito nos sussurra: "Bem está, (meu) servo bom

e fiel." (Mat. 25:21.)

Fiquei muito emocionado com uma experiência que me contaram há pouco tempo. Uma querida irmã havia oito anos que estava incapacitada — não andava nem falava, estando confinada à cama. Uns seis anos atrás, o casal foi confiado aos cuidados de um fiel mestre familiar. Este perguntou se sua esposa poderia fazer companhia à inválida nos domingos de manhã, para que o marido pudesse ir à reunião do sacerdócio. Durante seis anos, esse mestre familiar levou sua esposa todos os domingos para cuidar da enferma. E todos os domingos ela trazia um bolo ou outra coisa gostosa feita especialmente para o velho casal.

Finalmente, a inválida faleceu. Quando sua filha procurou externar a esse devotado mestre familiar e esposa seu profundo amor e gratidão, a esposa disse: "Não nos agradeça. Nós é que tivemos o *privilégio* de poder estar com sua querida mãe. O que vou fazer agora? Aquela hora e meia nos domingos de manhã será agora a mais solitária para mim e se estenderá até o meio da semana."

Impressiona-me que, nos últimos momentos de vida, o Salvador se preocupasse tanto com sua mãe e seu bem-estar, dando mais uma vez um exemplo para nós. Andam em seus passos os dedicados filhos e filhas que honram os pais idosos que já não mais conseguem cuidar de si. Há cerca de dois anos atrás, li isto num jornal:

"Cara Abby:

"Sentado aqui no avião, li em sua coluna a carta do filho que não queria acolher o pai temporariamente, porque achava que a presença dele seria uma invasão de sua privacidade.

"O fato chamou-me a atenção, porque estou indo visitar meu filho em Omaha por duas semanas — por insistência dele. A princípio, relutei por achar que poderia atrapalhar suas atividades pessoais.

"Fico imaginando se o filho que escreveu a tal carta alguma vez pensou na privacidade de que seu pai talvez se privou, enquanto tinha o filho em casa?

"Houve momentos durante a criação de meus filhos em que desejei, se possível fora, alguma outra atividade. Mas agora, não me arrependo de um só minuto que passei com eles. Lamento apenas que não tenha podido ser mais. O tempo que estiveram em casa passou tão depressa!"

"Não vou mandar esta carta, é lógico, pois entendo que deve receber milhares de cartas mais interessantes sobre o assunto. Esta é somente minha maneira de..."

"Cara Abby: Meu pai faleceu repentinamente de um ataque cardíaco, e esta carta inacabada estava no bolso dele. Minha mulher e eu sentiremos muita falta dele. Assinado — 'Um filho que realmente queria que o pai viesse.' William Smzyk, Oma-



ha, Nebraska. (Abigail van Buren, *Deseret News,* 13 de dezembro de 1979, p. C7.)

Irmãos e irmãs, o que venho procurando ilustrar esta manhã é que, se quisermos seguir o Salvador, não poderemos fazê-lo sem sacrifício pessoal e sincero envolvimento; isto é raramente conveniente. Mas o amor vai além da conveniência para aqueles que se acostumaram a procurar oportunidades de servir. Creio que o Salvador estava preparado para cumprir sua missão não somente por causa de sua filiação, mas por causa dos trinta anos que levou desenvolvendo sua percepção e sensibilidade para com as necessidades de seus semelhantes.

Em Alma, capítulo sete, lemos:

"E sofrerá penas, angústias e tentações de toda espécie... para que se cumpra a palavra que diz que ele tomará sobre si as dores e enfermidades de seu povo.

"... e tomará sobre si suas enfermidades, para que suas entranhas se encham de misericórdia, segundo a carne, e para que possa conhecer, segundo a carne, como socorrer o seu povo." (Alma 7:11-12.)

Após uma recente conferência de estaca na qual falei sobre o papel da família na Igreja, fui abordado por uma boa senhora que me disse: — Bispo, sou viúva e apreciei muito tudo o que falou. Tenho uma família encantadora, mas também muitos problemas e preciso de ajuda. Meus líderes do sacerdócio têm família própria e uma porção de problemas e eu não quero aumentá-los. Assim, o que devo fazer?

— A irmã tem um bom mestre familiar que realmente se importa? — perguntei.

— Sim, tenho um mestre familiar que costuma aparecer mais ou menos de mês em mês; mas ele não se envolve muito com nossa família.

Então indaguei: — A irmã tem uma professora visitante que a visita e compreende?

— Sim, a Sociedade de Socorro aparece de vez em quando.

Neste ponto eu orava por uma resposta apropriada, quando uma simpática irmã que estava perto e ouvira nossa conversa, disse:

— Desculpe-me, mas eu também fui viúva; e embora me tenha casado de novo há pouco tempo, ainda sei como se sente e compreendo seus problemas. Por favor, permita-me visitá-la. Gostaria muito de conversar com a irmã.

O Dr. Tom Dooley oferece alguns fatos interessantes a respeito dos que conheceram dificuldades e agora são capazes de aliviar o fardo alheio. Passo a citá-lo:

"Um dos conceitos mais importantes do Dr. Albert Schweitzer era o da Fraternidade dos Que Têm A Marca da Dor... Quem são seus membros? Aqueles que por experiência própria sabem o que é dor física e angústia corporal. Essas pessoas, por todo o mundo, são ligadas por um elo secreto. Aquele que se livrou da dor não deve pensar que agora está... à vontade para continuar vivendo e esquecer seu mal. É uma pessoa cujos olhos foram abertos. Tem agora o dever de ajudar os outros em suas batalhas contra a dor e angústia. Deve ajudar a proporcionar aos outros a libertação que ele próprio conhece.

"Nessa Fraternidade estão incluídos não apenas os que já estiveram enfermos mas os relacionados a sofredores, e quem estará excluído disso?" (Thomas Dooley, "A World-

wide Fellowship", *Words of Wisdom*, ed. Thomas C. Jones, Chicago: J. B. Ferguson, 1966, p. 150.)

Volto a citar o livro do Dr. Sheldon:

"O discipulado cristão precisa dar ênfase à participação e envolvimento pessoal. 'Vã é a dádiva sem o doador.' O cristianismo que tenta (*somente*) sofrer vicariamente não é o cristianismo de Cristo. Toda pessoa cristã... precisa seguir *os passos dele* no caminho do sacrifício pessoal. Não existe uma trajetória diferente da dos tempos de Cristo, hoje. O caminho é o mesmo." (Sheldon, *In His Steps* p. 239; grifo nosso.)

Esta designação foi difícil para mim. Ao ponderar como a aplicação prática dos princípios de bem-estar nos leva a Cristo, examinei minha própria alma e cheguei à conclusão de que estou bastante longe do meu ideal — o Salvador. Em vista disso, reassumi o compromisso de alcançar a "natureza divina" de Cristo (vide 2 Pedro 1:4), estando mais atento a maneiras de abençoar os necessitados.

Presto-vos testemunho de que os serviços de bem-estar são acompanhados de um Espírito todo especial do Salvador. Eu sei que ele ama esta obra e os milhares de santos que dela participam. E como recomendou no Livro de Mórmon ao seu povo do convênio, ele nos recomenda hoje:

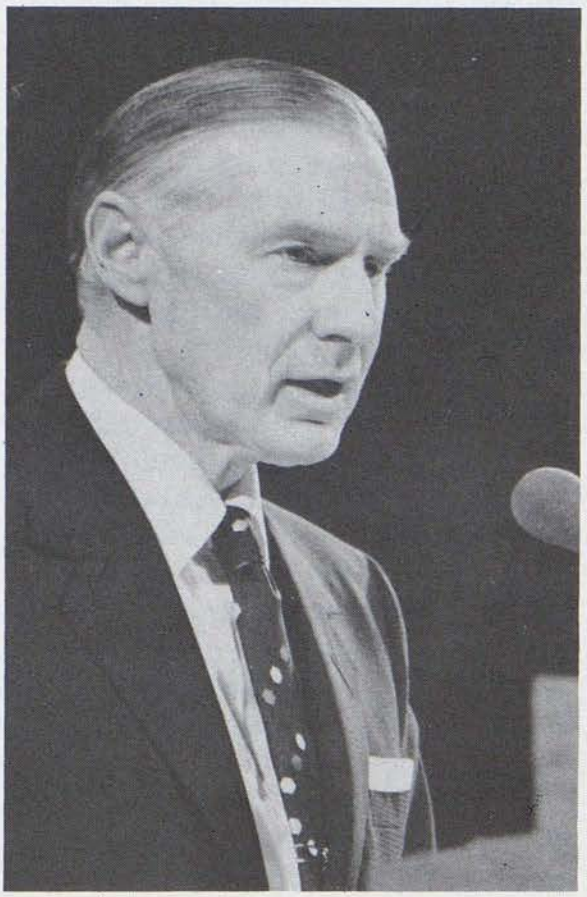
"Em verdade, em verdade vos digo que este é o meu evangelho; e sabeis o que deveis fazer em minha igreja, pois as obras que me vistes fazer, essas mesmas fareis...

"Portanto, se fizerdes essas coisas, bem-aventurados sereis, porque sereis levantados no último dia...

"Portanto, que classe de homens devereis ser? Em verdade vos digo que devereis ser como eu sou." (3 Néfi 27:21-22,27.)

Que possamos andar em seus passos e nos tornarmos como ele é, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.





Um Lugar Seguro Para o Casamento e a Família



Barbara B. Smith
Presidente geral da Sociedade de Socorro

"Para fortalecer nosso casamento e nossa família, precisamos aplicar amor, trabalho, consagração, serviço, mordomia ou responsabilidade e autoconfiança."

Meus caros irmãos e irmãs: Os princípios fundamentais do bem-estar — amor, consagração, trabalho, serviço, mordomia ou responsabilidade e autoconfiança — não são só importantes para nós como indivíduos operando sua própria salvação, mas, se aplicados no lar, fortalecem nosso casamento e nossa família. Posso explicar-vos por quê?

Algumas passagens de Provérbios 31 são bastante conhecidas por enumerarem as qualidades admiráveis da mulher virtuosa, cujo "valor muito excede o de rubis" (vers. 10). No versículo 11, porém, encontramos uma extraordinária descrição de casamento. Diz ele: "*O coração de seu marido está nela confiado.*" Esta memorável frase revela, primeiro, que o marido confiou seu coração à esposa, e segundo, que ela o salvaguarda. Eles parecem entender uma verdade importante — que todo homem e toda mulher que fazem convênio de estabelecer uma família precisam criar um lugar seguro para seu amor.

O coração humano muitas vezes anseia por alguém que tratará com carinho a devoção que ele tem para dar. Isto está expresso nos dizeres de um poema de William Butler Yeats (Poeta e dramaturgo irlandês, 1865-1939. N. do T.): O homem acaba de depor os anseios de seu coração aos pés de sua amada e a seguir implora: "Pisa manso pois estás pisando nos meus sonhos." ("He Wishes for the Cloths of Heaven", *The Oxford Dictionary of Quotations*, 3. ed., Nova Iorque: Oxford University Press, p. 585.)

Igualmente confiantes são os versos da poetisa puritana Anne Bradstreet, que, em sua poesia "Ao Meu Querido e Amado Esposo", confidencia:

Se alguma vez dois foram um, então sem dúvida o somos.

Se alguma vez um homem foi amado pela esposa, és tu.

(*The New Oxford Book of American Verse,* ed. Richard Ellman, Nova Iorque: Oxford University Press, 1976, p. 6.)

A confiança é para o relacionamento humano o que é a fé para a vivência do evangelho. É o ponto de partida, o alicerce sobre o qual se pode construir. Onde existe confiança, pode florescer o amor.

Então somai consagração ao amor, a dedicação de duas vidas a um propósito sagrado. Este tipo de compromisso é essencial para que o amor tenha um lugar seguro. Notai nessa passagem de Provérbios que o marido não entregou seu coração condicionalmente, não pela metade ou coisa parecida — mas por inteiro

ro. Consagrar significa dar tudo o que se tem. Quando um homem e uma mulher fazem os convênios do casamento no templo sagrado, estão dando início a uma nova e eterna unidade familiar com todas as bênçãos prometidas a Abraão, Isaque e Jacó. A união é dedicada aos sagrados propósitos do Senhor: "Proporcionar a imortalidade e vida eterna ao homem." (Moisés 1:39.)

A jovem noiva que deseja casar-se para ter um "lar todo seu", talvez não se dê conta do desprendimento requerido num casamento feliz — aquele amor que "não-busca-seus-interesses" (1 Cor. 13:5.) O marido cujos planos futuros se concentram em seu próprio sucesso, possui uma visão distorcida das responsabilidades que deve assumir numa família celestial.

Examinemos por uns momentos alguns dos benefícios do casamento baseado no amor e consagração:

1. Ambos, marido e mulher, dedicam-se a ajudar o outro a atingir o máximo desenvolvimento possível. Quão inspirador é ouvir o Élder David B. Haight contar como às vezes se encarregava do jantar para a esposa poder ir às aulas de castelhano. Quando marido e mulher desenvolvem o tipo de amor que permite o outro transformar seu potencial em perfeição e seu talento em testemunho, ambos crescem. Um casamento sólido requer indivíduos fortes igualmente comprometidos a suscitarem o melhor em si próprios como em seu parceiro eterno. O marido precisa apoiar a mulher para esta poder usar adequadamente os dotes recebidos de Deus. A esposa precisa apoiar o marido para este poder dirigir a família.

2. O casamento alicerçado no amor e na consagração pode permitir diversidade de opinião.

Para que marido e mulher se tornem um, é preciso acomodar ou resolver numerosas diferenças, grandes e pequenas. Num sólido relacionamento conjugal, as diferenças não precisam levar à discórdia. Elas podem ser debatidas abertamente até chegarem a uma solução satisfatória devido às premissas concordantes — tanto o marido como a mulher estão comprometidos a amarem-se mutuamente, edificarem o reino de Deus e estabelecerem uma unidade familiar eterna. Todas as considerações baseiam-se nestes três compromissos fundamentais. Enquanto estes continuam válidos, o casamento permanece intacto, ainda que o processo de resolução envolva considerável discussão.

Em visita ao lar de sua irmã mais moça, certa senhora presenciou uma discussão assim. A diferença de opinião foi solucionada numa discussão aberta e amável entre marido e mulher. Posteriormente, essa senhora confidenciou a alguém que uma discussão assim seria impossível no lar dela, "porque", dizia, "não podemos dar-nos ao luxo de discutir eventuais diferenças, pois mesmo um problema pequeno põe em risco o nosso relacionamento".

Certos relacionamentos conjugais não passam realmente de uma trégua amigável; porém, se tais casais lançassem a pedra fundamental do compromisso e confiança, da consagração e do amor, poderiam edificar um lugar seguro onde o indivíduo possa manifestar-se, onde o amor possa crescer, abranger e integrar pontos de vista diversos.

3. Toda criança tem o amor e interesse de ambos os pais.

Quando os filhos são tratados com imparcialidade, não existem motivos para o ciúme. Lendo o Livro de Mórmon, verificamos que, sempre que o povo estava realmente compromissado com o Senhor e tinha em seu meio o Espírito Santo, as condições descritas se assemelhavam. Em 4 Néfi, temos um exemplo desses: Todos os homens "procediam retamente uns para com os outros.

"E tinham todas as coisas em comum; portanto não havia ricos nem pobres... mas eram todos livres e participantes do dom celestial" do amor. (4 Néfi 1:2-3.)

4. Finalmente, o amor e a consagração lançam a base para a felicidade. Isto, também, está descrito em 4 Néfi: "E não havia contendas na terra, em virtude do amor a Deus que vivia no coração do povo.

"E não havia invejas, nem disputas, nem tumultos... e sem dúvida não poderia haver povo mais ditoso." (4 Néfi 1:15-16.)

Lembrai-vos — a família fundamentada no amor e consolidada pela consagração é mantida pelo trabalho e serviço. O lar se fortalece com o trabalho, quando quem trabalha é respeitado.

Muitas vezes, à mulher desanimada com sua sina nada falta além de um pouco de apreço daqueles a quem serve. É muito fácil a família acostumar-se ao ambiente aconchegante de um lar e esquecer-se do esforço e capacidade necessários para mantê-lo funcionando harmoniosamente. Talvez haja necessidade de demonstrar apreço à mãe que está dando tudo o que pode para manter o lar, mas ainda assim não consegue manter a ordem. Talvez, além do reconhecimento do que ela está conseguindo fazer, uma avaliação do que falta para se obter o resultado desejado levaria ao reconhecimento de que outros membros da família precisam colaborar — seja encarregando-se de determinados deveres ou modificando hábitos de vida para facilitar o trabalho doméstico.

Uma casa ordeira contribui para a felicidade. Porém, pôr as coisas em ordem e conservá-las assim deve ser preocupação da família inteira, ainda que a principal responsabilidade nesse sentido seja a da mãe. Quando a mãe é obrigada a trabalhar fora do lar, a cooperação da família inteira é muitas vezes essencial.

Às vezes acontece que um marido ou pai deixa de ser honrado pelo trabalho que faz. Como fica fora de casa e a família não o vê trabalhando, talvez não reconheçam a plena importância de sua contribuição. Seria proveitoso, então, dedicar uma noite familiar ao trabalho do pai, dando-lhe oportunidade de explicar tudo o que faz. Isto proverá não só conhecimento mas também uma visão mais clara de seus esforços. O salário ganho pelo homem é uma necessidade, mas o orgulho da família pelo que faz, pode ser muito mais importante para ele.

Os familiares jovens também podem aprender a dar importância ao trabalho pela execução de tarefas significativas pelas quais devem assumir inteira responsabilidade. O lar é um local seguro para as crianças aprenderem a trabalhar, pois seus erros podem ser corrigidos antes de se tornarem graves, e ser perdoados. Feliz a criança cujos pais lhe ensinam o valor de um trabalho bem feito.

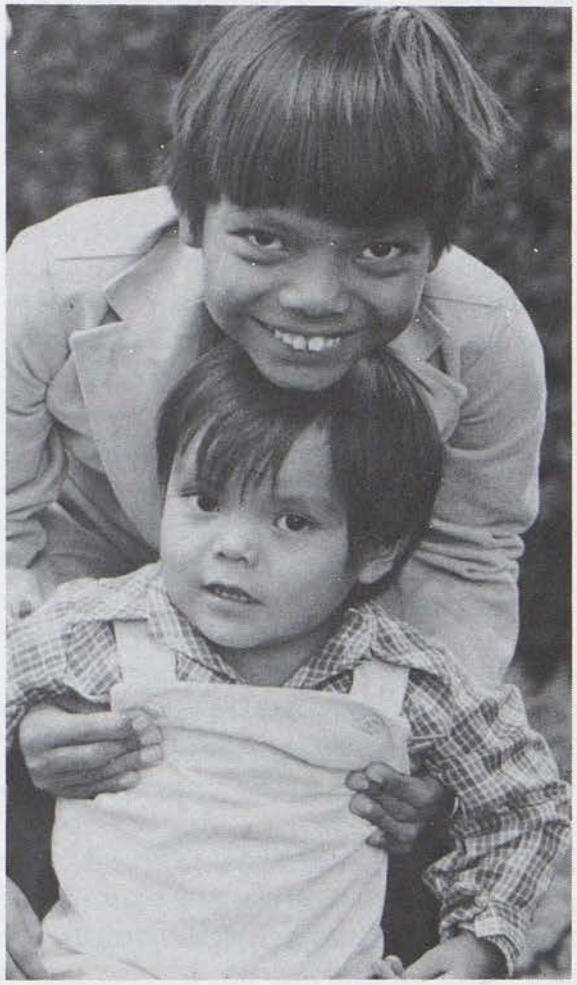
Embora não saibamos qual a profissão ou ofício que nossos filhos escolherão quando crescerem, podemos começar a prepará-los para terem sucesso. Sob a direção de pais afetuosos, podem aprender a ser responsáveis por ferramentas e equipamentos, a seguir instruções, a trabalhar com seriedade e disposição, e a persistir até terminar uma tarefa. Isto são os requisitos prévios para quase todos os programas de treinamento profissional.

O trabalho torna-se serviço quando é feito de boa vontade, muitas vezes voluntariamente e para satisfação de necessidades alheias. Sei que servir deve-se aprender no lar. E estou absolutamente convicta de que beneficia o lar em que existe.

Certa família se destaca em meus pensamentos. Minha amiga vinha sendo a beneficiária e observadora de gentis atos de bondade da parte de sua vizinha. Ela a via cuidar com carinho e eficiência dos doentes, notar os tímidos e dar ânimo aos acabrunhados.

Um dia, durante uma conferência, uma senhora sentada ao seu lado levantou-se apressada com um filho que passava mal. Quando foi ver se podia ser útil, encontrou outra senhora prestando-lhe assistência com tal calma e eficiência, sabendo exatamente o que fazer, que lhe recordou sua vizinha. Finalmente indagou se, por acaso, conhecia essa sua vizinha, descobrindo, surpresa tratar-se de sua irmã. Naquele lar haviam aprendido o que significa servir. Por seu caráter abnegado, o serviço no seio da família aumenta a espiritualidade e fortalece os laços afetivos.

A responsabilidade é uma condição necessária ao trabalho; proporciona sistema às atividades da família e ordem ao casamento. Definir responsabilidades e planejar um sistema de prestação de contas livra a família de discórdias, além de ser um excelente meio de desenvolver a disciplina pessoal.



Para que a responsabilidade seja uma experiência didática, deve ser levada a sério; até mesmo a criança pequena percebe quando seus esforços são apenas tolerados e não devidamente apreciados.

As preces pela manhã e à noite tornam-se relatórios, quando se compreende a responsabilidade. O debate de projetos planejados e executados, durante a reunião de noite familiar, permite a cada membro da

família sentir-se nela integrado e necessário. Não existe melhor maneira de preparar os familiares para o serviço na Igreja, no mundo do trabalho e, acima de tudo, para seu relacionamento com o Pai Celeste, do que dar-lhes responsabilidades significativas.

Os princípios fundamentais do bem-estar fortalecem e nos dão segurança. Através deles, o lar se torna uma fortaleza, uma proteção contra as ofensas da sociedade, um porto seguro nas horas de tempestade. A família parte de indivíduos — duas pessoas tornando-se uma; e mesmo quando a elas se somam filhos, na aritmética espiritual da unidade familiar, eles continuarão sendo um. Os pais podem prover um abrigo protetor, um lugar seguro, e os filhos se tornam fortes com o vínculo do seu amor.

Embora a unidade familiar faça parte de uma família mais ampla de tios, primos, avós etc., e participe da grande família da Igreja, como organização eterna ela precisa ser completa, auto-suficiente.

Entretanto, no fundo a família não está só. Quando se consagra à obra do Senhor, seu Espírito estará sempre ao seu lado. Se dificuldades exigirem que receba assistência temporária, ela sabe que isto pode ser uma bênção do Senhor e que possui capacidade para refazer seus recursos. E ainda que faleça um dos cônjuges, a família continuará forte e completa, pois o poder do Senhor as sustentará.

A auto-confiança resulta de um cumprimento tão perfeito dos princípios do evangelho, que cada indivíduo e família são acrescidos pelo poder do Senhor, tornando-os capazes de resistir aos golpes da adversidade e às mudanças decorrentes do tempo e progresso.

Certo marido e pai que profissionalmente fora diretor de faculdade, foi chamado como presidente de templo e depois presidente de missão. Ao ser desobrigado deste cargo, sofreu grave derrame cerebral. Em lugar de queixar-se, sentir autopiedade ou rejeição, sua esposa enfrentou esta última experiência recorrendo ao evangelho que sempre fez parte da vida deles, assegurando com amor: "Este é o tempo para o qual nos estivemos preparando. Nós temos o alicerce dos princípios do evangelho e vou fazer tudo o que puder para que esta seja a etapa mais feliz de nossa vida juntos."

O alívio é apenas temporário, mas o bem-estar é eterno. A vida mortal pode ser limitada no tempo e campo de ação, mas os princípios não têm fim. Possamos aplicar plenamente os princípios fundamentais do bem-estar — amor, trabalho, consagração, serviço, mordomia ou responsabilidade e auto-confiança — para fortalecer nosso casamento e nossa família nos lugares santos e seguros do coração, templo e lar, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

"As pessoas persistentes iniciam seu sucesso onde outros fracassam."

(Edward Eggleton)

Ser Feliz Servindo ao Próximo



JoAnn Randall

"Os projetos de serviço em família não precisam ser espetaculares, nem mesmo originais."

Meus queridos irmãos e irmãs: Estamos felizes de poder, como casal, falar-vos hoje sobre como os princípios de bem-estar influenciaram nossa família através da prestação de serviços.

Foi com assombro que nossos filhos ouviram pela primeira vez a história da família que doou seu Natal inteiro — árvore, jantar e presentes. Tudo começou quando a casa de um vizinho pegou fogo na manhã da véspera do Natal. Quando as crianças souberam da situação de seus amiguinhos, convocaram uma reunião de família e todos concordaram, unanimemente, que dividiriam seu Natal.

Os afazeres do dia logo se concentraram em mudar o nome em pacotes de presentes, embalar o jantar de Natal com peru e tudo. E no último minuto, levaram até a árvore! Voltando para casa depois de executar seu projeto em segredo, sentiram-se cheios de entusiasmo e amor. (Vide Leon R. Hartshorn, *Memorable Christmas Stories* p. 41.)

Espocaram as perguntas: "Não foi duro para a família dar tudo?" "Não foi difícil para a outra família aceitar?"

Pouco tempo depois, tivemos oportunidade de ser os recebedores. Depois de residir numa comunidade um mês apenas, fui obrigada a ficar de cama durante dois meses, enquanto esperava nosso oitavo filho. A primeira reação é que conseguiríamos dar conta da situação sozinhos. As crianças estavam acostumadas a ajudar e tinham tarefas caseiras específicas. Entretanto, em pouco tempo nos demos conta de que precisávamos de auxílio, a despeito de todo planejamento e divisão de responsabilidades.

Mesmo depois de anos de ensinar e ouvir lições sobre servir ao próximo e aceitar ser servido, descobrimos que na prática não é tão fácil assim. Porém, ao permitir que nos ajudassem, logo nos sentimos cheios de gratidão por seus cuidados.

Um casal aposentado veio buscar as crianças menores para um passeio. O bispo organizou uma reunião sacramental lá em casa. Diversas irmãs bastante ocupadas passavam regularmente lá em casa apenas para um bate-papo, pois sabiam que eu adorava conversar com adultos. Um casal preparou e trouxe um jantar que compartilhou conosco em sua noite de "namoro". Uma pilha de camisas brancas desapareceu e reapareceu passada e dobrada com esmero.

A frase "avise-se-precisar-de-alguma-coisa" assumiu um novo sentido. Verificamos que raramente se aceita tal oferta. Em lugar dela, aparecia gente perguntando: "Prefere que eu limpe a cozinha ou passe o aspirador na casa?" Muitos ilustraram na prática que não apenas ti-

nham boas idéias, mas as executavam.

Ocorreu-me mais uma coisa. Toda vez que nos prestavam algum serviço, provavelmente poderiam estar fazendo o mesmo em prol da própria família. Ainda assim, uma família numerosa nos trouxe uma lata de sorvete feito em casa. Uma senhora bondosa costurou o vestido de formatura de nossa filha. Uma boa amiga trazia todas as semanas braçadas de pão caseiro, insistindo em que estávamos acostumados a comer pão caseiro e não o comprado. Uma de nossas "vovós" deixou sua casa e veio ficar conosco por duas semanas.

Uma linha de meu diário diz: "Se apenas conseguir lembrar-me de fazer o mesmo aos outros, quando estiver bem." Servir tornara-se um princípio vivo e sentíamos o ardente desejo de poder fazê-lo aos outros também. Então poderíamos responder com sinceridade às perguntas de nossos filhos: "É difícil servir?" Sim. É preciso sacrificar algo de si. "É duro receber?" Sim. Porém nós amamos os que nos servem e aqueles a quem podemos servir.

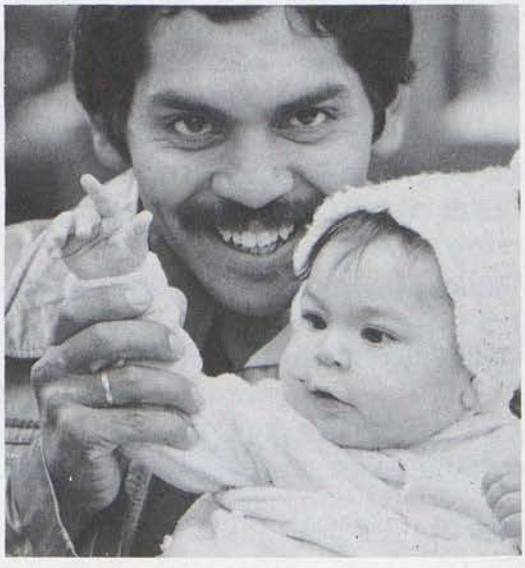
Talvez não conheçamos uma viúva cuja casa necessite de pintura ou um vizinho recém-chegado em nossa rua. Mas surgirão oportunidades de fazer alguma coisa de bom para alguém. Quando vivíamos em Idaho, adorávamos fazer pequenas coisas para o "Tio Joe", o pioneiro predileto da ala. Depois de mudarmos de lá, lembramo-nos dele ocasionalmente, achando que seria bom escrever uma carta para alegrar o dia do "Tio Joe". A idéia começou a tornar-se mais persistente e finalmente mandamos uma cartinha. Porém, tarde demais. Um dia depois, recebemos a notícia de que o "Tio Joe" falecera. Uma oportunidade de servir se perdera por termos ignorado o primeiro impulso.

Entre os nossos guardados, temos um bilhete de agradecimento de uma irmã de nossa antiga ala. Nossos garotos tinham somente três e quatro anos, quando seu pai seguiu o impulso de levá-los consigo quando foram reformar o telhado dessa irmã. Ela se deu ao trabalho de reconhecer a colaboração dos garotinhos e agradecer-lhes. Assim, puderam sentir a alegria de ajudar alguém necessitado.

O espírito se espalha, e quando nossa filha chegou em casa entusiasmada com o plano de deixar alguns mantimentos à porta de uma família necessitada, estávamos prontos para agir. Os projetos de serviço em família não precisam ser espetaculares, nem mesmo originais. Descobrimos que participar como família numa designação de trabalho em uma fazenda do bem-estar pode ser tão gostoso como qualquer outro programa recreativo.

Eis alguns projetos que poderiam fazer:

1. Buscar uma criança e levá-la à Primária. Logo nosso amiguinho sabia que íamos buscá-lo todos os domingos.



2. Mandar um bilhete de apreço aos professores da Primária, escola ou mestres familiares. Eles ficarão surpresos ao ver que alguém se importa com eles.

3. Cantar de boa vontade no coro da ala. O regente ficará grato e a gente estará servindo pela música.

4. Dividir os produtos de sua horta.

5. Convidar alguém que costuma estar só para o jantar.

6. Servir anonimamente. Achamos divertido preparar juntos alguma guloseima, colocá-la à porta de alguém, tocar a campainha e sair correndo.

7. Incentivar a filha a cuidar graciosamente de crianças, enquanto os pais vão ao templo.

8. Organizar um jantar-surpresa entre os vizinhos, para se conhecerem melhor. Não-membros podem ser influenciados por meio de tais serviços.

9. Planejar com antecedência. Iniciar uma caderneta de poupança para poder cumprir missão mais tarde.

10. Ser um bom exemplo na vivência do evangelho, para que outros fiquem incentivados.

Existe uma velha história da Sociedade de Socorro sobre a criança que, vendo a mãe decorando um bolo, perguntou: "Para quem é?" O pequeno incidente continua válido, pois mostra que, naquele lar, se costumava prestar serviço ao próximo.

Existem tantas maneiras de nossa família dar alegria a outros, dando um pouco de si. Sou muito grata pelo fortalecimento de nosso testemunho decorrente de prestar serviços, e digo isto em nome de Jesus Cristo. Amém.

Fortalecer-se Servindo



Nyle Randall

"Assim que começamos a viver os princípios do evangelho servindo ao próximo, aconteceu algo extraordinário."

No mês passado fez exatamente cinco anos que nossa família se envolveu numa situação um tanto inesperada na época, mas que a modificou completamente. Recebemos em nosso lar uma filha adotiva.

Lembro-me perfeitamente daquele dia. Foi uma daquelas emergências que acontecem, não havia ninguém mais que pudesse cuidar dela e ia chegar já no dia seguinte. Depois de nos oferecermos voluntariamente para recebê-la, começamos a ter dúvidas quanto ao acerto do compromisso assumido. Ficamos até um pouco transtornados. Sentimos que os nossos próprios filhos já eram quase mais do que conseguíamos manejar no momento. Eram cinco e parecia que todos eles se encontravam justamente numa idade em que costumavam dar uma trabalheira e tanto, sem ter responsabilidade suficiente para cuidar de suas coisas. E agora, lá vinha mais uma filha que nem era nossa.

Com tantas dúvidas, reunimo-nos com nossos filhos para fazer alguns

preparativos. Com a fé que somente as crianças têm, nossos filhos em pouco tempo estavam preparados para aceitar aquela "irmã mais velha".

Quando Jean chegou, estava muito mais assustada do que nós. Tinha dezessete anos e estava dois anos atrasada nos estudos. Como nenhum dos nossos filhos ainda chegara aos nove anos, sabíamos que era preciso aprender depressa. Foi provavelmente a única idéia certa que tivemos em toda a situação.

Imediatamente percebemos que tínhamos em mãos um novo problema. Tratava-se do banho. Poucos dias após sua chegada, resolvemos que devíamos tomar alguma providência. Finalmente, a matriarca resolveu que cabia ao patriarca resolver o problema — assim, tivemos uma conversa de pai para filha. Devo dizer que foi um êxito total. A partir do dia seguinte, não se conseguia mais água quente em casa; isso durou três meses.*

Agora costumamos recordar a curta temporada que tivemos Jean conosco — apenas uns poucos meses — e damo-nos conta de que aprendemos uma porção de coisas. Gastemos uns instantes para recapitular algumas delas.

Tanto minha mulher como eu, a princípio tivemos que esforçar-nos conscientemente para aceitar outra filha exatamente como os nossos. Aqueles primeiros dias foram uma verdadeira luta, pois éramos obrigados a nos esforçar para não dar primazia aos nossos próprios filhos. Foi uma lição inestimável para nós. Agora conseguimos aceitar qualquer pessoa quase que imediatamente. Poderíamos ter passado uma vida inteira sem aprender isso. Nossos filhos aprenderam-no também, e por isso seremos eternamente gratos.

A segunda coisa que aprendemos com Jean é que se pode aprender muitas coisas dos outros. Jean ensinou muito aos nossos filhos. Adorava trabalhar e sempre procurava fazer bem todo trabalho que assumia. Em seguida, ela ajudava os outros em suas tarefas. Ajudou nossos filhos a assimilar muitos princípios que procurávamos ensinar-lhes. Um dos maiores problemas que estávamos tendo com eles, na época, era fazê-los assumir uma tarefa e executá-la até o fim. Sempre faziam o mínimo possível, — ou menos ainda. Jean ensinou-lhes o contrário. Eles se opunham a nós, como as crianças costumavam fazer com os pais, mas dela o aceitavam.

Jean, por exemplo, gostava de lavar louça a mão. Nunca usava a lavadora automática. E até hoje, uma de nossas filhas gosta de lavar louça assim.

A terceira coisa que Jean nos ensinou foi como nos comunicar com nossos filhos. Sendo mais velha, depois que entendia uma situação, sentia-se basicamente como nós a respeito. Descobrimos que a principal questão era compreender. A princípio havia um problema de linguagem entre nós; ela fazia que "sim" com a cabeça o tempo todo, mas logo descobrimos que aprendera a fazê-lo sempre quando termina-

*(Ele se refere ao fato de que os banhos de Jean eram longos demais, esgotando a caixa d'água que alimentava o aquecedor. Assim, quando o restante da família ia tomar banho, só havia água na torneira fria, porque a outra caixa demorava para encher. N. do T.)

va uma sentença, mesmo não tendo entendido o que fora dito. Acabamos por nos dar conta de que nossos outros filhos mereciam a mesma consideração que estávamos dando a Jean. No processo cotidiano de criar filhos, passamos a esperar demais deles e achamos que devem entender automaticamente tudo o que está acontecendo na família. Às vezes tratamos os filhos do vizinho melhor que os nossos. Foi uma grande lição e somos gratos por tê-la aprendido.

A quarta coisa foi a primeira legítima experiência missionária que tivemos como família. Nós costumávamos chamar Jean de "esponja" — ela queria aprender tudo o que pudesse. Fazia perguntas sobre tudo — por que nos sentávamos juntos à mesa para comer, por que ajoelhávamos para orar, por que a gente deve ir à igreja todos os domingos, por que se devem variar as refeições. Em se tratando do evangelho, sentia uma atração especial e queria descobrir tudo o que fosse possível.

Recordo uma de nossas experiências com Jean, quando fomos acampar. Assim que brequei o carro, Jean saltou e se pôs a varrer o local do acampamento. Nossos filhos simplesmente não conseguiam acreditar no que viam, mas ela não desistiu até haver varrido a área toda, até ter juntado a terra solta e folhas secas num só monte. Mas não parou por ali; ajoelhando-se junto às crianças, fez-lhes uma preleção sobre o princípio do asseio — que, quando se acampa ou vive ao ar livre, o asseio se torna muito importante e, com um pouco de esforço, a gente consegue tornar a vida suportável. O mais assombroso é que eles prestaram atenção. Apenas ficamos contentes de estarmos nas Monta-



nhas Rochosas do Colorado e não no deserto do Novo México. Sempre fiquei imaginando até onde teria varrido.

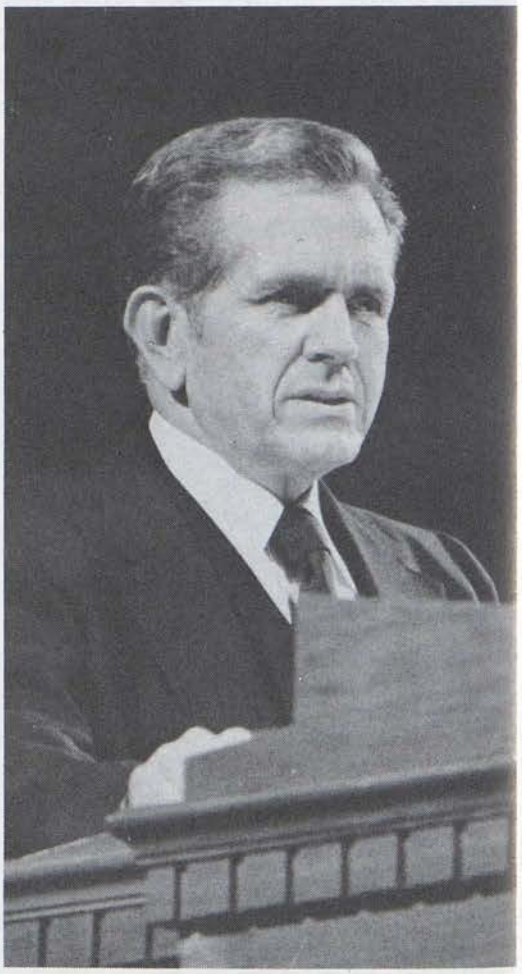
Faz apenas três semanas, Jean voltou a nossa casa por uns poucos dias com seus dois filhos. Ela quietamente estava querendo saber como poderia influenciar sua família e seus filhos.

Bem, estou certo de que, ouvindo-me falar assim, acham que a experiência toda foi gostosa e divertida. Posso garantir-lhes que não foi. É como qualquer serviço que se presta a outros; a gente precisa sacrificar alguma coisa para que aconteça. Não existe outra maneira de se obter o profundo senso de satisfação resultante do servir. Ele modifica as pessoas e as prepara para algo muito importante.

Somos eternamente gratos a Jean, não só por considerá-la nossa filha mais velha ou por causa da alegria que trouxe ao nosso lar. Somos gratos pela oportunidade que nos deu de sermos úteis ao próximo. Aprendemos como pais, que se pode gastar uma porção de tempo ensinando princípios do evangelho e aplicando-os na família, e ir em busca da perfeição. Às vezes parece que é esforço demais para o pouco impacto causado nos filhos. Entretanto, assim que começamos a viver os princípios do evangelho servindo ao próximo, aconteceu algo extraordinário. Nossos filhos começaram a entender os princípios que havíamos tentado ensinar-lhes.

Ao procurar, como família, servir o próximo, percebemos que fomos os maiores beneficiados. Que coisa maravilhosa! Ajudando alguém naquilo que não podia fazer sozinha, recebemos bênçãos que não poderíamos conseguir sozinhos. Isto é o evangelho de Jesus Cristo no verdadeiro sentido. À medida que a pessoa e a família se fortalecem servindo o próximo, eles são abençoados e o povo de Sião é preparado.

Eu sei que Jesus Cristo vive, que esta Igreja possui seu plano completo do evangelho, que os princípios do bem-estar são o evangelho em ação. Em nome de Jesus Cristo. Amém.



"Dar Com Sabedoria Para Que Possam Receber Com Dignidade"



Élder Marvin J. Ashton
do Quorum dos Doze Apóstolos

Recentemente, durante uma sessão departamental da Semana de Educação patrocinada pela Universidade de Brigham Young, a Irmã Leisel McBride, sábia professora e presidente da Sociedade de Socorro da estaca, projetou numa ampla tela a foto de um garoto de cabelos revoltos e braços cruzados, em profunda reflexão. Dizia a legenda: "Sei que sou alguém, porque Deus não faz refugo." E ela bem poderia servir de tema para os serviços de bem-estar.

Todo ser humano, independente de sua condição social ou econômica, necessita de ajuda para edificar seu respeito próprio e autoconfiança. Para serem realmente eficazes, os serviços de bem-estar precisam preocupar-se com o aprimoramento integral do indivíduo. A imagem que a pessoa faz de si mesma não é mais nem menos o que aprendeu por experiência e por sua interação com os semelhantes. É compensador perceber que alguém ajudou um garoto típico a desenvolver sua identidade pessoal. Alguém, talvez a mãe, uma professora da Primária, um vizinho ou até mesmo uma música como "Sou um Filho de Deus", fez o garotinho perceber que era alguém. Ele sabia que não era nenhum rebotalho, que tinha valor. Sabia que não era um caso perdido, que era um ser humano amado pelo Pai Celeste.

Em Eclesiastes 4:9-10, lemos: "Melhor serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho.

"Porque, se um cair, o outro levanta o seu companheiro; mas ai do que estiver só; pois, caindo, não haverá outro que o levante."

A aplicação adequada dos princípios dos serviços de bem-estar é simplesmente dar oportunidade a uma pessoa de trabalhar com outra para o aprimoramento mútuo de ambas.

Recentemente se comentou a respeito de um professor: "Ele não dá respostas para as questões da vida, mas, sim, dirige cada aluno a encontrar suas próprias respostas. Ele não faz a gente sentir-se idiota. Ele dá confiança à gente, incentiva, não pressiona."

O grande programa da Igreja do qual estamos falando hoje, destina-se a instilar em todos nós o sentimento de valor individual, ensinando e desenvolvendo a capacidade, auto-suficiência e o orgulho pessoal. Os serviços de bem-estar oferecem-nos a oportunidade de servir e aprender em caráter contínuo. Através dele, aprendemos a nunca desistir ou perder a fé em nós mesmos e em nossos semelhantes, ou nunca nos sentirmos vencidos por nossa situação.

A única vez que fracassamos nos serviços de bem-estar ou em casa é quando perdemos a fé uns nos outros. Paciência, longanimidade e verdadeiro amor se ensinam e aprendem melhor, quando estamos ansiosamente empenhados em procurar elevar todos os filhos de Deus.

Outro dia, após a aula da Escola Dominical, uma professora pediu-me que cumprimentasse com um aperto de mão determinada criança. Ao estender minha mão ao garoto, percebi que provavelmente a única coisa significativa que aquela criança poderia fazer era carregar os livros da professora para a classe. O que essa professora empática estava fazendo? Que ele carregasse os livros. Graças sejam a Deus por líderes que sabem ensinar autoconfiança num nível condizente com a capacidade daqueles que lideram.

Robert Louis Stevenson costumava dizer, recordando-nos esse fato: "Ser o que somos e tornarmo-nos o que somos capazes de nos tornar é o único fim da vida." (Bergen Evans, *Dictionary of Quotations,* Nova Iorque: Crown Publishers, p. 393.) Nosso Salvador o colocou assim: "Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós." (João 20:21.) Toda pessoa tem um motivo especial para viver. Alguns conseguem encontrá-lo sozinhos, porém muitos precisam de auxílio. Todos nós fazemos parte desse inspirado programa de bem-estar, ajudando-nos mutuamente a cumprir nosso propósito aqui na terra.

Satanás não poupará esforços para nos deter e fazer com que o desânimo impeça nosso progresso. Nas horas de tribulação, faríamos bem em recordar e repetir as famosas palavras de Sir Winston Churchill, o destemido líder inglês, durante os mais negros dias de sua pátria. Com seu caráter e vigor peculiar, ele disse: "Nunca se dêem por vencidos, *nunca, nunca, nunca, nunca.*" (Robert Rhodes James, ed., *Winston S. Churchill: His Complete Speeches,* 1897-1963, 8 vol., Nova Iorque: Chelsea House Publishers, 1974, 6:6, 499.) Esse poderoso estadista ecoava a sua própria maneira as palavras de outro líder sem igual: "Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis os meus discípulos;

"E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará." (João 8:31-32.)

Paul Harvey, escritor e comentarista, observa: "Espero algum dia ter bastante do que o mundo chama sucesso, para que alguém me pergunte: 'Qual é seu segredo?' Então direi simplesmente: 'Quando caio volto a me levantar.'"

Existem pessoas que gostariam de nos convencer de que os atuais princípios dos serviços de bem-estar estão ultrapassados, exagerados e inviáveis nas presentes condições mundiais. A estes respondemos que para alguns céticos, é mais fácil desistir do que aprender. Sem dúvida, é mais fácil criticar do que servir. Nos dias incertos de hoje e do futuro, os serviços de bem-estar continuarão sendo um farol para o mundo. Seu alicerce continua fundamentado na rocha de ajudar as pessoas a se ajudarem. Adequadamente aplicados, quase todas as necessidades humanas podem ser satisfeitas através desse importante programa da Igreja.

Os serviços de bem-estar são a maneira de agir de Deus. Precisamos crer e confiar nisto, se quisermos participar devidamente. Além

de materiais, utilidades, dinheiro, suprimentos, trabalho e conhecimentos, precisa haver fé — fé para ajudar, dirigir e obedecer à maneira do Senhor. Na importante e sempre citada escritura encontrada em Doutrina & Convênios, seção 104, versículos 14 e 16, encontraremos orientação e força: "Eu, o Senhor, estendi os céus e construi a terra, o trabalho de minhas próprias mãos; e todas as suas coisas são minhas.

"Mas é preciso que seja feito a meu modo; e eis que este é o modo que eu, o Senhor, decretei para prover pelos meus santos, que os pobres sejam exaltados no que os ricos são humilhados."

A autoconfiança desenvolve-se pelo devido equilíbrio de livre-arbítrio e responsabilidade. Ao viver, ensinar e compartilhar, desenvolvemos autoconfiança em nós e nos outros.

Para que os serviços de bem-estar tenham sucesso e sejam viáveis, todo membro da Igreja precisa ser devidamente envolvido. O modo do Senhor sempre exige a participação integrada do indivíduo, da família e da Igreja. É necessário que haja um forte elo entre os serviços de bem-estar e o lar. A compreensão humana, uma sábia preparação e orientação através da prece são ingredientes essenciais. Para que exista ordem e eficiência, toda a ação deve ser tomada pelos canais apropriados.

Não basta elaborar planos detalhados, instituir programas e pensar seriamente na preparação. Quase todos nós podemos fazer isso, mas muitos encontram bastante dificuldade em praticar os princípios nos quais acreditamos. Alguns de nós temos a tendência de fugir à luta.

Lembremo-nos mutuamente de que, quase sempre, a mais forte mão auxiliadora é a que se encontra mais perto de nós — a nossa própria mão. Conseguis considerar vossas opções de ajuda própria, quando surgem problemas? Ou ergueis os braços aos céus, dizendo: "Oh, não!" ou "Por que logo eu?" Conseguis sentar-vos calmamente, examinar os fatos e anotar todos os possíveis cursos de ação? A reflexão ponderada consegue resolver problemas mais ligeiramente do que os esforços frenéticos.

"O Presidente Marion G. Romney tem dito tantas vezes: 'Nenhum membro que tenha auto-respeito transferirá a responsabilidade de seu próprio sustento a outrem. Além disso, o homem não só tem a responsabilidade de cuidar de si próprio; ele tem também a responsabilidade de cuidar de sua família.'" ("Necessidade de Ensinar Preparação Pessoal e Familiar", *A Liahona,* agosto de 1981, p. 149.) Paulo, falando a respeito deste ponto, disse: "Mas, se alguém não tem cuidado dos seus, e principalmente dos de sua família, negou a fé, e é pior do que o infiel." (1 Tim. 5:8.)

O lar, que é o coração dos serviços de bem-estar, e seus membros devem sempre participar de tudo o que fazemos para que o respeito próprio seja preservado. Devemo-nos lembrar constantemente de que, para conseguir o bem-estar integral do indivíduo, todos os membros da família precisam participar. Os familiares geralmente é que se conhecem melhor, mutuamente. Trabalhando como equipe, conseguem ver os problemas de diferentes ângulos. Quando é possível realizar conselhos de família sem discussão destrutiva, poderão surgir novas e me-

lhores soluções para situações difíceis. A conjugação de esforços e recursos fornece aos familiares a oportunidade de colher recompensas em forma de confiança e segurança, ajudando-se mutuamente a resolver problemas e fazer progressos rumo à autoconfiança e responsabilidade.

Há ocasiões, é lógico, em que somos obrigados a recorrer aos recursos da Igreja. Que grande conforto saber-se que tais recursos existem, quando as necessidades não podem ser satisfeitas pelo indivíduo ou sua família. Neste caso, também, as providências devem seguir os devidos canais, que estão perfeitamente definidos. Nem emoção nem pânico determinam o caminho a seguir. Todas as coisas devem ser feitas à maneira própria do Senhor, conforme foi especificada por nossos profetas modernos.

Um dos mais compensadores projetos para o indivíduo e a família é evitar dívidas, sempre que possível. A dívida em si não é boa nem má. É um instrumento financeiro potencialmente benéfico ou maléfico. Nos negócios, a dívida pode ser usada para aumentar a produtividade ou facilitar a expansão. Entretanto, a maioria dos devedores são pessoas comuns, temporariamente sem controle financeiro. São vítimas de maus hábitos monetários e freqüentemente não têm a mínima idéia da importância de uma boa administração financeira. Abusam do crédito, particularmente dos cartões de crédito, e não vivem dentro de seu orçamento ou diretrizes operacionais sensatas. Para muitos de nós, o crédito representa o tapete mágico que nos leva aonde não conseguiríamos chegar sem ele. Na hora viajamos grátis, esquecendo-nos de que, depois, teremos de pagar a tal passagem mágica. Os juros exorbitantes somados ao valor inicial, acabarão



por nos deixar endividados.

As dívidas podem causar sérios conflitos familiares. Freqüentemente, casais obrigados a "espichar" o que ganham para saldar dívidas, acabam prejudicando seu relacionamento conjugal.

No comércio de hoje — sim, em nossas próprias comunidades, centros e cidades — hábeis e enganadoras promoções colocam ao alcance do comprador simplório toda sorte de ofertas ilusórias. Temos de admitir, infelizmente, que milhares dos nossos estão sendo ludibriados pela língua tentadora dos que fazem ofertas mirabolantes. "Oportunidade única na vida" e "Só para você" infelizmente já não são raridade. Tais ofertas e negócios devem ser evitados como praga.

Creio que o Senhor quer que nos alarmemos e preocupemos vendo pessoas ímpias e inescrupulosas, aproveitando-se desonestamente dos fracos e mal-informados. Nenhum santo dos últimos dias deve explorar a situação do próximo, manipular, mentir, roubar, enganar ou ludibriá-lo. Temos a responsabilidade de ajudar-nos reciprocamente a evitar cair em engodos capazes de pôr em perigo nosso bem-estar.

A prática da poupança não está ultrapassada. Precisamos disciplinar-nos a viver dentro de nosso orçamento, mesmo que signifique nos arranjarmos sem certas coisas. A pessoa sensata consegue distinguir entre necessidades básicas e desejos extravagantes. Algumas acham extremamente doloroso fazer um orçamento, mas asseguro-vos que jamais é fatal.

A dívida pode ser destrutiva, causando escravidão financeira, bancarrota e perda do respeito próprio. A família que sabe administrar bem seu dinheiro e elaborar um bom orçamento, incluindo dízimo e ofertas de jejum, está-se ajudando a si própria e aos outros também, à maneira própria do Senhor. Dívidas justas devem ser saldadas. Creio que o Senhor deseja que tenhamos sucesso em nossas profissões e ocupações honradas, e que usemos sabiamente nossos meios em benefício do indivíduo, família, Igreja e comunidade.

Jesus disse: "Apascenta as minhas ovelhas." (João 21:16.) Mas não é possível apascentá-las, se não soubermos onde estão. Não é possível apascentá-las, se tiverem motivos para resistir. Não é possível alimentá-las, se não houver comida. Não é possível apascentá-las, se não houver caridade. Não é possível apascentá-las, se não houver disposição para trabalhar e compartilhar.

Estejam onde estiverem as ovelhas perdidas, para ajudar é preciso haver necessariamente empatia. Empatia é a capacidade de entender os sentimentos do próximo, sentir o que ele sente. É impossível prestar um auxílio significativo sem empatia pelo destinatário. Isto requer ganhar a confiança da pessoa; ouvir com olhos, ouvidos e coração; procurar compreender como se sente; e depois fazê-la sentir, com nossa maneira de agir, que realmente a entendemos. Quem realmente compreende e aplica a empatia, não soluciona os problemas alheios, não argumenta, não rebate com outro problema pior, não faz acusações, nem procura tirar o livre arbítrio. Simplesmente ajuda a pessoa a criar autoconfiança e melhorar sua auto-imagem, a fim de que consiga encontrar sua própria solução.

Os necessitados de ajuda situam-

-se em todas as faixas etárias. Algumas ovelhas do Senhor são jovens, sentem-se sós e perdidas. Algumas estão desanimadas, aflitas, abatidas pela idade. Algumas se encontram na própria família, em nossa vizinhança ou em distantes recantos do mundo e que podemos socorrer com nossas ofertas de jejum. Algumas estão morrendo de fome. Outras sentem fome de amor e interesse.

Se dermos às ovelhas do Senhor motivos para nos resistir, torna-se difícil, senão impossível, apascentá-las. Ninguém consegue ensinar ou ajudar com sarcasmos ou pilhérias. Atitudes ditatoriais ou de "eu-estou-certo-você-está-errado" anularão quaisquer esforços para apascentar uma ovelha desgarrada. Ela erguerá uma muralha de resistência e ninguém será beneficiado.

Jamais devemos incentivar alguém a fazer algo que destrua seu orgulho, pois ele nos voltará as costas e nós perderemos a oportunidade de ajudá-lo. Devemos também ter sempre em mente que não estaremos realmente ajudando um filho de Deus, se não lhe permitirmos fazer jus ao que recebe. Toda pessoa na Igreja deve possuir senso de independência que a incite a trabalhar pelo que recebe. O melhor alimento para as ovelhas do Senhor é a caridade e a restauração de sua dignidade.

Com nossas ações, demonstramos nosso amor. Expressões de afeto são vãs sem as correspondentes ações. Todas as suas ovelhas necessitam do toque de um pastor que se importa com elas — que conduz o rebanho por caminhos retos dos quais possam enxergar o valor da obediência às leis de Deus e sentir a dignidade de buscar metas elevadas.

A caridade deve começar em nosso próprio lar. Muitos de nós oferecemos caridade a outros, quando é muito mais necessária dentro do círculo familiar. Conforme diz um antigo provérbio sérvio: "Bondade é o único serviço que o poder não pode ordenar nem o dinheiro comprar." A melhor maneira de demonstrarmos nosso amor é prová-lo com cuidado, interesse e bondade, hora por hora, dia a dia. O genuíno amor é eterno como a própria vida.

Durante estes últimos dias, enquanto o Presidente Kimball se está recuperando de sua recente cirurgia, tenho ouvido muitos de vós externarem seu amor e gratidão por ele. Muitos procuram meios de mostrar-lhe sua sincera gratidão por seus serviços e afeto abnegado. Por minha convivência inestimável e íntima com o Presidente Kimball, acho que vos posso dar umas indicações. Aprendei a amar, incondicionalmente, todos os filhos de Deus, independentemente de raça, credo ou cor, e procurai servi-los como ele serve. Este princípio é o alicerce dos Serviços de Bem-estar. Todos nós faríamos bem em lembrar-nos de Doutrina e Convênios 50:26: "Aquele que é ordenado de Deus e enviado, é designado para ser o maior; não obstante, ele é o menor e o servo de todos."

O Senhor se importa suficientemente conosco para nos ensinar a servir e dar-nos oportunidade de desenvolver autoconfiança. Seus princípios são consistentes e imutáveis. A maneira das coisas serem feitas poderá mudar de acordo com o que exigem as condições, mas os princípios do Senhor não mudam. O êxito dos serviços de bem-estar depende da obediência às leis fundamentais

do evangelho nas quais se baseia. Existe espaço para inovações e aplicação do livre arbítrio, quando buscamos meios de servir com sabedoria, contanto que nos conservemos dentro da estrutura do evangelho.

Gostaria, como conclusão, de sugerir algumas metas fundamentais ao participarmos dos serviços de bem-estar:

1. Edificar o respeito próprio, construindo a autoconfiança e independência.

2. Prestar ajuda e serviços à maneira própria do Senhor, que equilibra o livre arbítrio e a responsabilidade.

3. Reconhecer a seqüência correta das fontes de ajuda: (1) o indivíduo, (2) a família e (3) a Igreja.

4. Dar-se conta de que, para apascentar as ovelhas do Senhor, é preciso saber quem são e onde estão.

5. A ajuda apropriada requer amor, empatia e a restauração da dignidade.

6. Finalmente, os serviços de bem-estar exigem planejamento, obediência aos princípios básicos do evangelho e, acima de tudo, disposição de servir como o nosso profeta serve, com amor incondicional.

Que Deus nos ajude a darmos de nós com sabedoria, para que possa ser recebido com dignidade. Realmente, "Deus não faz refugo". Nós somos seus filhos. Ele nos ama e quer que tenhamos amor a nós mesmos, a nossos familiares e vizinhos. Estou satisfeito com este grande programa da Igreja. É um modo de vida inspirado. É a aplicação de princípios eternos em prol do bem-estar e benefício de toda a humanidade. Isto eu testifico, é meu testemunho e amor, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Princípios Ativos de Bem-Estar



Presidente Marion G. Romney
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

"A missão da Igreja nesta última dispensação é desenvolver um outro povo capaz de viver o evangelho em sua plenitude."

Cabe-me agora a responsabilidade de falar um pouco sobre os princípios ativos do bem-estar. Há mais de quarenta anos, venho estudando e ensinando os princípios do progama de bem-estar da Igreja. Eu amo esses princípios e sei que constituem o ápice de uma vida cristã. Aprecio o que foi dito pelos que acabaram de falar nesta manhã. Eles demonstraram os efeitos que os princípios ativos de bem-estar exercem sobre nós, individual e coletivamente.

Em 1936, dizia o Presidente J. Reuben Clark Jr: "O verdadeiro objetivo a longo prazo do plano de bem-estar é a edificação do caráter dos membros da Igreja, tanto dos que dão como dos que recebem. Destina-se a trazer à luz o que de melhor existe bem no íntimo dos homens, e a fazer florescer e frutificar a latente riqueza do espírito, que afinal de tudo é a missão, propósito e razão de ser dos membros desta

igreja.'' (Special Meeting of Stake Presidencies, 2 de outubro de 1936.)

Quase todos nós já experimentamos a alegria de ver alguém em necessidade receber ajuda e, conseqüentemente, tornar-se auto-suficiente. Muitos de nós somos testemunhas da verdade de que o pobre pode ser exaltado, quando é socorrido à maneira do Senhor.

Hoje, todavia, quero falar sobre os efeitos que os princípios ativos de bem-estar exercem sobre o que dá, ao contrário do que recebe. Repetindo a declaração do Presidente Clark, em 1936: ''O verdadeiro objetivo a longo prazo do plano de bem-estar é a edificação do caráter dos membros da Igreja, tanto dos que dão como dos que recebem.'' Na verdade, o Senhor não precisa de nós para cuidar dos pobres. Poderia muito bem cuidar deles sozinho, se fosse este seu propósito. Diz ele: ''Eu, o Senhor, estendi os céus e construí a terra, o trabalho de minhas próprias mãos; e todas as coisas são minhas.

''E é minha intenção prover pelos meus santos, pois todas as coisas são minhas.'' (D&C 104:14-15.)

Seria coisa fácil para o Senhor revelar ao Presidente Kimball onde se encontram os depósitos de petróleo e minerais preciosos. Então poderíamos contratar alguém para extraí-los e nadar em dinheiro — e nadaríamos em dinheiro diretamente para o Hades*. Não, o Senhor não precisa de nós para cuidar dos pobres; *nós* é que precisamos dessa experiência. Pois é somente aprendendo a cuidar de outros que desenvolvemos em nós aquele amor e vontade de cristãos necessários para nos qualificarmos para voltar à presença de Deus.

Que é impossível ser um verdadeiro discípulo de Cristo sem dar significativamente de si é ressaltado de maneira dramática na revelação recebida pelo Profeta Joseph Smith, em Kirtland, a 7 de junho de 1831. Nesta revelação, o Senhor ordena a vinte e oito élderes que viajem dois a dois de Kirtland para o Condado de Jackson, no Missouri. Eles deviam seguir rotas diferentes, pregando o evangelho pelo caminho. Como sabeis, naqueles dias eles eram destituídos de recursos e tinham que viajar por território agreste. Joseph Smith e seus companheiros imediatos ''viajaram de carroça e diligência, e ocasionalmente, de barco fluvial até Cincinnati, Ohio'', depois para Louisville, Kentucky, e dali para St. Louis, Misssouri, de vapor. ''Partindo desta cidade, às margens do Mississipi, o Profeta de Deus cruzou todo o Estado de Missouri a pé até Independence, Condado de Jackson, um trajeto de aproximadamente quatrocentos e oitenta quilômetros.'' (George Q. Cannon, *Life of Joseph Smith, the Prophet,* Salt Lake City: Deseret Book Company, 1958, p. 117.) Chamo vossa atenção para esses fatos, a fim de que vos lembreis das condições deles quando o Senhor disse àqueles homens ao partirem: ''E em todas as coisas lembrai-vos dos pobres e necessitados, dos doentes e aflitos, pois aquele que não faz essas coisas, o mesmo não é meu discípulo.'' (D&C 52:40.) Podeis imaginar coisa igual! Aqueles élderes eram praticamente indigentes e o Senhor dizia: ''Lembrai-vos dos pobres e necessitados.''

* Inferno, na mitologia grega. NT.

Que o mandamento de dar é dirigido a todas as pessoas foi enfatizado pelo Rei Benjamim, quando disse aos pobres: "E agora digo aos pobres, a vós que não tendes e, ainda assim, tendes o suficiente para passar de um dia para o outro; refiro-me a vós que negais ao mendigo porque não tendes; quisera que dissésseis em vossos corações: Não dou porque não tenho, mas, se tivesse, daria.

"Se isso disserdes em vossos corações, permanecereis sem culpa; do contrário, sereis condenados; e vossa condenação será justa, pois que cobiçais aquilo que não haveis recebido." (Mosiah 4:24-25.)

Uma vez convencidos de que temos obrigação de dar, precisamos aprender que servir com o devido espírito é de primordial importância. Diz Mórmon, falando aos que dão por motivos errados: "Porque, se oferecer uma dádiva ou uma oração a Deus e esta não for feita com real intento, nada lhe aproveitará.

"Porque não lhe é imputada por justiça.

"Pois eis que, se um homem mau oferece uma dádiva, fá-lo de má vontade; portanto, será considerado como se não tivesse feito a dádiva; conseqüentemente, é contado como mau perante Deus." (Morôni 7:6-8.)

Só dando voluntariamente, por genuíno amor ao seu próximo, pode-se desenvolver aquela caridade definida por Mórmon como "o puro amor de Cristo". (Morôni 7:47.) Em Mosiah, lemos: "E... ordenou Alma que o povo da igreja desse de seus bens, cada um de acordo com o que tivesse; quem tivesse com mais abundância, deveria dar com mais abundância; daquele que tivesse pouco, pouco seria requerido: e quem nada tivesse, a esse seria dado.

"E assim deviam dar de seus bens, *por sua livre vontade e bons desejos para com Deus.*" (Mosiah 18:27-28; grifo nosso.)

Alguém poderia perguntar: "E como consigo esse sentimento justo ao dar? Como me livrarei de dar com má vontade? Como chegarei a ter '*o puro amor de Cristo*'?" A esse alguém, eu respondo: "Vivendo fielmente todos os mandamentos; dando de si, cuidando da própria família, servindo na igreja, fazendo a obra missionária, pagando dízimo e ofertas, estudando as escrituras — e a lista continua. Perdendo-se nesse



serviço, o Senhor tocará e abrandará seu coração e gradualmente o conduzirá aos sentimentos com que abençoou o povo nos tempos do Rei Benjamim, o que os levou a dizer: 'Sim, acreditamos em todas as palavras que nos disseste, e também sabemos que são certas e verdadeiras, porque o Espírito do Senhor Onipotente efetuou em nós, ou em nossos corações, uma grande mudança, de modo que não temos mais vontade de praticar o mal, mas de fazer o bem constantemente.' (Mosiah 5:2.)"

Esta caridade é demonstrada em sua perfeição pelo Senhor em tudo que ele faz. O Senhor revelou a Moisés os numerosos mundos que foram criados e disse: "Porque eis que há muitos mundos que pela palavra do meu poder deixaram de existir. E há muitos que hoje existem e são incontáveis para o homem;...

"E assim como deixará de existir uma terra com seus céus, assim também aparecerão outras; e não têm fim as minhas obras, nem tampouco as minhas palavras." (Moisés 1:35,38.)

Depois de revelar a Moisés a imensidão de suas criações, o Senhor explicou-lhe a razão disso tudo, dizendo: "Pois eis que esta é minha obra e minha glória: proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem." Isto nos revela a total ausência de egoísmo em nosso Pai Celeste. Toda sua obra e glória é proporcionar vida eterna e felicidade a seus filhos. Conseqüentemente, nosso supremo propósito na vida não deveria ser servir-nos retamente uns aos outros? Do contrário, como poderemos ser jamais como ele é? Ao nos tornarmos cheios, individualmente, do "puro amor de Cristo" (Mor. 7:47), coletivamente evoluímos para uma igreja "pura de coração". (D&C 97:21.) Portanto, nós somos capazes de nos tornar iguais ao povo de Enoque, do qual se dizia: "O Senhor abençoou a terra e... chamou a seu povo Sião, porque era uno de coração e vontade e vivia em justiça; e não havia pobres entre eles." (Moisés 7:17-18.)

A respeito dos nefitas que sobreviveram ao cataclismo que acompanhou a crucificação de Jesus e que passaram a viver o evangelho, dizem os anais: "E aconteceu que... o povo inteiro foi convertido ao Senhor... e não havia contendas nem disputas entre eles, e procediam retamente uns com os outros.

"E tinham todas as coisas em comum; portanto, não havia ricos nem pobres, escravos nem livres, mas eram todos livres e participantes do dom celestial... e sem dúvida, não poderia haver povo mais ditoso entre todos os povos criados pela mão de Deus." (4 Néfi 1:2,3,16.)

Por que esse povo era tão feliz? Porque se havia libertado dos grilhões do egoísmo e aprendido o que o Senhor sabe — que a suprema alegria só se alcança pelo serviço.

Tornar-se um povo coletivamente puro de coração não é um sonho impossível nem meta idealista. Sabemos disso, porque o Senhor mandou que nos tornássemos assim, e ele "nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas". (1 Néfi 3:7.)

Quando atingimos o estado de sentir o "puro amor de Cristo", nosso desejo de nos servir mutua-

mente terá chegado ao ponto de vivermos plenamente a lei da consagração. Viver a lei da consagração exalta o pobre e humilha o rico, processo no qual ambos são santificados. O pobre, liberto dos grilhões e limitações humilhantes da pobreza, torna-se capaz, como homem livre, de alcançar seu pleno potencial, tanto temporal como espiritualmente. O rico, consagrando e compartilhando o que lhe sobra com os pobres, não obrigado, mas *voluntariamente exercendo seu livre arbítrio*, demonstra aquela caridade definida por Mórmon como "o puro amor de Cristo". (Morôni 7:47.) Isto reunirá tanto quem dá como quem recebe numa mesma área em que podem ser encontrados pelo Espírito de Deus.

A missão da Igreja nesta última dispensação é desenvolver um outro povo capaz de viver o evangelho em sua plenitude. Este povo há de tornar-se "puro de coração" e florescerá e será abençoado sobre as montanhas e nos lugares altos. Será o povo do Senhor. Andarão com Deus, porque serão unos de coração e pensamento, e habitarão em justiça e não haverá pobres entre eles.

Tenhamos sempre estas coisas em mente e levemos avante esse grande programa. Os princípios de bem-estar são eternos. O programa de bem-estar está edificado sobre os princípios da lei da consagração. Eu sei, por experiência própria, que esta é a obra do Senhor, e que se destina a nos preparar para nos tornarmos iguais a Cristo. Lembrando-vos do mais santo e sagrado lugar em que já pisastes, recordareis que o requisito final para todos é sermos capazes e estarmos dispostos a consagrar tudo o que possuímos à edificação do reino de Deus — o que inclui cuidar de nossos semelhantes. Assim fazendo, estaremos apressando o advento do Milênio. Conceda Deus que não falhemos, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.



Discursos da Conferência Correlacionados Com o Currículo da Igreja

Visando ajudar pais, professores e membros da Igreja em seu estudo do evangelho, apresentamos esta tabela que coordena os discursos da conferência de outubro de 1981 com os currículos estabelecidos para jovens e adultos.

GUIA DE ESTUDO PESSOAL DO SACERDÓCIO DE MELQUISEDEQUE - 1982

Lição	Autoridade Geral
2	Richards, L.
5	Tanner, N.E.; Hinckley, G.B. (sessão matutina de sábado); McConkie, B.R.
6	Didier, C.
8	Dunn, P.H.
9	Romney, M.G. (Bem-Estar e Sacerdócio)
14	Monson, T.S.
16	Peterson, H.B.
20	Hinckley, G.B. (sessão matutina de sábado); Hunter, H.W.; Larsen, D.L.
21	Monson, T.S.
23	Abrea, A.
24	Hanks, M.D.
25	Hinckley, G.B. (Sacerdócio); Packer, B.K.
26	Benson, E.T.; Faust, J.E.
29	Maxwell, N.A.
30	Romney, M.G. (sessão matutina de sábado); Bradford, W.R.; Kikuchi, Y.
32	Ashton, M.J.; Perry, L.T.; Hanks, M.D.
33	McConkie, B.R.

NOITE FAMILIAR 1982

Lição	Autoridade Geral
1	McConkie, B.R.
5	Scott, R.G.; Abrea, A.
6	Asay, C.E.; Didier, C.
8	Clarke, J.R.
9	Kikuchi, Y; Smith, B.B.
10	Haight, D.B.
14	Hanks, M.D.; Komatsu, A.Y.
17	Maxwell, N.A.
20	Abrea, A.
24	Hinckley, G.B. (Sacerdócio); Dunn, P.H
32	Romney, M.G. (Sacerdócio)
33	Perry, L.T.
34	Petersen, M.E.; Hales, R.D.

DOUTRINA DO EVANGELHO

Lição	Autoridade Geral
1	Tanner, N.E.; McConkie, B.R.
2	Hinckley, G.B. (sessão matutina de sábado); Monson, T.S.
3	Hales, R.D.; Scott, R.G.
4	Kikuchi, Y.
5	Romney, M.G. (Bem-estar); Hinckley, G.B. (Sacerdócio)
6	Romney, M.G. (Sacerdócio); Smith, B.B.
7	Dunn, P.H.; Bradford, W.R.
8	Komatsu, A.Y.; Didier, C.
9	Kikuchi, Y.
10	Peterson, H.B.
11	Peterson, H.B.
12	Perry, L.T.; Hanks, M.D.
13	Ashton, M.J.; Clarke, J.R.
14	Haight, D.B.; Hanks, M.D.
15	Petersen, M.E.; Asay, C.E.
16	Larsen, D.L.
17	Romney, M.G. (sessão matutina de sábado); Richards, L.
18	Packer, B.K.; Abrea, A.
19	Maxwell, N.A.
20	Hunter, H.W.; Haight, D.B.
21	Benson, E.T.; Faust, J.E.; Hanks, M.D.
22	Maxwell, N.A.

ESCOLA DOMINICAL — CURSO 14

Lição	Autoridade Geral
1	Petersen, M.E.
2	Maxwell, N.A.
3	Petersen, M.E.; Hales, R.D.
4	Larsen, D.L.
5	Benson, E.T.; Faust, J.E.
9	Packer, B.K.
19	Hales, R.D.
24	Clarke, J.R.

ESCOLA DOMINICAL — CURSO 16

Unidade	Lição	Autoridade Geral
1	1	Asay, C.E.
	2	Larsen, D.L.; Didier, C.; Scott, R.G.
	3	Peterson, H.B.
2	1	Romney, M.G. (sessão matutina de sábado)
	2	Tanner, N.E.; Benson, E.T.; Hales, R.D.
	3	Petersen, M.E.
3	1	Richards. L.
	2	Ashton, M.J.
	3	Hinckley, G.B. (Sacerdócio)
	4	Hinckley, G.B. (Sacerdócio)
	5	Hinckley, G.B. (Sessão matutina de sábado)
	6	Faust, J.E.
	7	Romney, M.G. (Sacerdócio); Dunn, P.H.; Abrea, A.
	11	Romney, M.G. (Bem-Estar); Haight, D.B.
	13	Bradford, W.R.; Kikuchi, Y.
	14	Dunn, P.H.

ESCOLA DOMINICAL — CURSO 17

Lição	Autoridade Geral
1	Petersen, M.E.; Hunter, H.W.
2	Scott, R.G.
3	Romney, M.G. (Sacerdócio); Larsen, D.L.
4	Romney, M.G. (Sacerdócio).
6	Hinckley, G.B. (Sacerdócio).
7	Komatsu, A.Y.
11	Smith, B.B.
14	Monson, T.S.
15	Peterson, H.B.; Packer, B.K.
17	Richards, L; McConkie, B.R.; Perry, L.T.

TÓPICOS PARA LIÇÕES ADICIONAIS PARA OS CURSOS 16 e 17

1. Jesus Cristo, nosso Redentor	Maxwell, N.A.
2. Misericórdia e Justiça	Hanks, M.D.
3. O Sacerdócio Aarônico	Packer, B.K.
4. Princípios dos Serviços de Bem-Estar	Clarke, J.R.
5. Amor aos Semelhantes	Haight, D.B.

Os discursos da conferência correlacionados às seções do *Manual do Programa de Bem-Estar* ajudarão a liderança do sacerdócio e da Sociedade de Socorro no ensino e implementação dos princípios e diretrizes do programa.

MANUAL DO PROGRAMA DE BEM-ESTAR (Edição de 1980)

Seção	Título	Autoridade Geral/Outro Líder
1.	"Princípios Básicos dos Serviços de Bem-estar."	Romney, M.G. (Sessão de Bem-estar, sacerdócio); Hinckley, G.B. (Sessão matutina de sábado e do sacerdócio); Monson, T.S.; Ashton, M.J.; Perry, L.T.; Haight, D.B.; Maxwell, N.A.; Hanks, M.D.; Hales, R.D.; Bradford, W.R.; Clarke, J.R.; Smith, B.B.; Randall, N.; Randall. J.
2.	"Organização e Deveres"	
3.	"Viver Previdente e Prevenção através da Preparação Pessoal e Familiar."	Ashton, M.J.: Perry, L.T.; Didier, C.; Clarke, J.R.; Smith, B.B.; Randall. J.
4.	"Prestação e Aceitação de Assistência."	Benson, E.T.; Ashton, M.J; Randall, N.
5.	"Sistema de Recursos e Armazéns"	
6.	"Membros com Necessidades Especiais"	Hanks, M.D.; Peterson, H.B.
7.	"Planejamento e Treinamento"	

* Os comitês e conselhos dos serviços de bem-estar são incentivados a dedicar pelo menos dez minutos de cada reunião à instrução. Os conselhos dados nos discursos acima indicados fornecem excelente material para a instrução nos próximos seis meses.

SOCIEDADE DE SOCORRO 1982

Lição	Mensagem Prof. Visitantes	Viver Espiritual	Educação Maternal	Relações Sociais
1	Haight, D.B.			Dunn, P.H.
2				McConkie, B.R. Maxwell, N.A.
3		Scott, R.G.	Dunn, P.H.	Romney, M.G. (Sacerdócio) Larsen, D.L.
4	Richards, L. McConkie, B.R.		Clarke, J.R.	McConkie, B.R. Maxwell, N.A.
5		Asay, C.E.		Hales, R.D.
6	Petersen, M.E. Abrea, A			
8	Tanner, N.E.			



Reunião Geral da Sociedade de Socorro — 26 de setembro de 1981.

"A Caridade Nunca Falha"



Presidente Gordon B. Hinckley
Conselheiro na Primeira Presidência

"Falo igualmente de um outro aspecto da caridade. Se houver entre vós quem venha sentindo rancor, permitiu-se acalentar ódio, peço-vos que façais o esforço para voltar atrás."

Minhas queridas irmãs, falo-vos umas poucas palavras por designação do Presidente Tanner, Presidente Romney e Presidente Smith. Sou grato por este tema, o lema da Sociedade de Socorro: "A caridade nunca falha." (1 Cor. 13:8.)

Numa noite dessas, precisei pesquisar um pouco sobre as companhias de carros de mão de Willie e Martin, de 1856. Essas companhias reuniam mais de mil convertidos à Igreja, provenientes dos países escandinavos e Ilhas Britânicas. Eles já chegaram atrasados nos Estados Unidos e mais atrasados ainda ao partirem da Cidade de Iowa para a longa jornada até este vale. Em Wyoming, foram surpreendidos pelas nevascas que lhes não permitiam prosseguir viagem. Felizmente, foram alcançados por diversos missionários que retornavam da Inglaterra e que, vendo a situação aflitiva em que se encontravam, continuaram apressadamente sua jornada até aqui, a fim de informar o Presidente Brigham Young. Isto se deu no sábado da conferência de outubro de 1856. Na manhã seguinte, domingo, postado diante do povo no velho tabernáculo que se erguia nesta praça, o Presidente disse à congregação:

"Darei agora a este povo o assunto e tema para os élderes que falarão hoje e durante a conferência", anunciou. "É este... Muitos de nossos irmãos e irmãs encontram-se nas planícies com carros de mão, e provavelmente boa parte deles estão a mais de mil e cem quilômetros daqui. Eles precisam ser trazidos para cá, nós temos de ajudá-los. O tema será 'trazê-los para cá'...

"Esta é a minha religião; este é o ditame do Espírito Santo para mim. É salvar o povo."

Ele solicitou parelhas de mulas, carroções e carroceiros, e disse:

"Quero que as irmãs tenham o privilégio de providenciar cobertores, roupas, meias, sapatos etc. para os homens, mulheres e crianças que se encontram nessas companhias de carro de mão... toucas, gorros de inverno, meias, saias, roupas de baixo e quaisquer outras peças de roupa."

Isto foi no domingo. Na terça pela manhã, dois dias mais tarde, puseram-se a caminho dezesseis carroções carregados de mantimentos e suprimentos, conduzidos por vinte e sete moços, e puxados, cada um, por duas parelhas de fortes mulas.

Isto foi apenas o começo; outros carroções carregados seguiram à medida que os homens se apresentavam com seus carroções e animais de tração, contribuindo as mulheres

com mantimentos, roupas, cobertores e outras utilidades tiradas de suas próprias escassas reservas. (Vide LeRoy R. Hafen, *Handcarts to Zion,* Glendale, California: Arthur H. Clark Company, 1960, pp. 119-26.)

Não existe episódio mais heróico em toda nossa história. Todos esses pobres coitados, muitos deles com pés e mãos seriamente congelados, alguns mais mortos que vivos, chegaram a este vale; as mulheres daqui franquearam-lhes suas casas, deram-lhes de comer, pensaram suas feridas, incentivaram e abençoaram-nos durante o longo e duro inverno.

"Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse caridade, seria como o metal que soa ou como o sino que tine." (1 Cor. 13:1.)

Deus abençoe as mulheres da Sociedade de Socorro que agora como naquela época, têm socorrido os necessitados, confortado os solitários, alimentado os famintos e cuidado dos enfermos. "Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes." (Mat. 25:40.), diz o Senhor.

Agora gostaria de dizer uma palavra a respeito de um tipo diferente de caridade.

Falo da caridade no sentido de perdoar, de tolerar as falhas alheias, de reprimir os sentimentos de ciúmes e desamor para com as pessoas com quem convivemos.

Lembro o caso de duas mulheres, antes amigas íntimas. Uma delas, em virtude de um acidente do qual não foi culpada, teve parte na morte de um filho da outra. É difícil dizer qual das duas sofreu mais com a morte daquela criança. A que não era a mãe, mas esteve envolvida no acidente que provocou a fatalidade, vem sofrendo e chorando estes anos todos, não só pela criança que morreu e sua participação no trágico acidente, mas talvez mais ainda pelo espírito implacável da mãe que perdeu o filho. É compreensível que a mãe ficasse amargurada com a morte da criança. Porém, há muito deveria ter-se dado conta de que sua amiga não teve culpa, que ela também chorou e que merecia carinho e amor, em lugar de recriminações acerbas. A ausência de caridade vem corroendo a alma dessa mulher, destruiu sua felicidade, trouxe somente miséria aos seus dias e sofrimento a suas noites.

Morôni ensinou que "a caridade é o puro amor de Cristo". (Morôni 7:47.) Foi o Salvador em seu tormento na cruz do Calvário quem, olhando para aqueles que o haviam tão brutalmente torturado, disse: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem." (Lucas 23:34.)

Se houvesse alguém ao alcance de minha voz que venha sentindo rancor, que se permitiu acalentar ódio contra outros em seu coração, peço-lhe que faça o esforço para voltar atrás. O ódio sempre falha e a amargura sempre destrói, mas "a caridade nunca falha". (1 Cor. 13:8.)

Existe ainda outra faceta da questão. O criticismo anda solto entre nós. Talvez faça parte da época em que vivemos. Estamos continuamente expostos ao que dizem os colunistas dos jornais e opiniões dos comentaristas do rádio e televisão. O principal objetivos deles, aparentemente, é encontrar falhas. Costumam criticar, às vezes viciosamente. Criticam as figuras políticas; criticam os líderes eclesiásticos. Nin-

guém é perfeito; todos nós erramos de quando em vez. Só houve um único indivíduo perfeito na terra. Homens e mulheres que arcam com pesadas responsabilidades, precisam de incentivo, não de críticas. A gente pode discordar de certa política sem atacar quem a fez.

Gostaria de solicitar a vós, mulheres, jovens e idosas, que refreeis vossa língua na crítica ao próximo. É tão fácil encontrar faltas. E tão mais nobre falar construtivamente.

Posso mencionar mais outro ponto a vós, mães? Desapontou-me ler recentemente num jornal, que uma pesquisa feita há pouco tempo entre alunos de quatorze a dezoito anos, numa comunidade predominantemente mórmon, indicou certo espírito de discriminação e hostilidade para com os não-membros. Desconheço se a pesquisa merece ou não confiança. Se o resultado é correto, estou embaraçado. Espero que em vossas noites familiares ensineis a vossos filhos a importância da benevolência, da tolerância, da necessidade de termos consideração mesmo para com aqueles de quem discordamos, numa atitude de amor, bondade e solidariedade.

Concluindo, gostaria de dizer uma ou duas palavras sobre alguém que é um exemplo para todos nós. Falo da Irmã Camilla Eyring Kimball. Nestas últimas semanas, tenho-a visto freqüentemente, sempre ao lado do esposo, dia e noite, durante toda a enfermidade que o acometeu. Sua lealdade para com ele, a prova de seu amor infalível, o carinho com que dele cuida são como fios de uma linda tapeçaria. Suas preces em seu favor, seus rogos ao Senhor são os de uma mulher forte e humilde, sabedora que todo dia de vida é uma dádiva de Deus, nosso Pai Eterno.



E em seu caráter há ainda outra faceta que deveria ser um exemplo para todos nós, e desejo destacá-la principalmente a vós, mulheres jovens. Ela vem de uma família muito numerosa, e foi a primeira a sair de casa para poder estudar. Tinha sede de conhecimento e conseguiu obtê-lo. Depois de formada na carreira escolhida, usou parte de seus ganhos para ajudar a financiar os estudos dos irmãos e irmãs. Essa família produziu homens e mulheres de renome mundial.



A Irmã Kimball nunca perdeu sua fome de conhecimento. Ler é a própria essência de sua vida. Ela se deleitava com a leitura quando jovem, e agora, mais avançada em idade, dá-lhe conforto e força. Para as mulheres de toda a parte, ela é um fulgurante exemplo da necessidade de crescer continuamente, de alargar a mente, ampliar o horizonte, nutrir-se com os pensamentos de grandes homens e mulheres de todas as épocas.

Ela é o epítome da bondade e consideração. Conheceu a pobreza quando jovem, embora a não reconhecesse como tal. Entretanto, devido ao senso de valores cultivado naqueles anos distantes, ela se devota a socorrer os aflitos com amor e simpatia.

Recomendo-vos o seu exemplo. Invoco as bênçãos do Senhor sobre ela e seu amado esposo. Invoco bênçãos sobre vós, jovens mulheres, cuja vida está repleta de esperanças e sonhos de boas coisas; que vossos sonhos se realizem; sobre vós, jovens mães, que desempenhais um papel tão importante, criando e ensinando vossos filhos; e sobre vós, irmãs mais idosas, que já vistes muita coisa na vida e aprendestes a apreciar suas belezas e reconhecer suas aflições.

"A caridade nunca falha." Ela "é o puro amor de Cristo e permanece para sempre." (Morôni 7:46-47.)

Que Deus vos abençoe a todas, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

Reunião Geral da Sociedade de Socorro

A Sociedade de Socorro em Épocas de Transição



Barbara B. Smith
Presidente geral da Sociedade de Socorro

"Todos nós temos de enfrentar transições angustiantes, como doenças graves, a morte, o fato de que talvez não nos casemos nesta vida, divórcio, falta de filhos, mudança de residência e assim por diante."

Recentemente, ao voltar com meu marido para nossa casa situada numa colina sobranceira do Vale do Lago Salgado, vimos que o bairro inteiro estava às escuras, sem energia elétrica. Parando o carro junto à casa, apareceu correndo um garoto vizinho e nos ofereceu sua lanterna de pilha, dizendo: "Temos outra em casa. Podem ficar com esta, enquanto precisarem."

Fiquei impressionada com a preocupação do garotinho. Tinha uma luz que estava disposto a compartilhar; ele realmente se importava conosco e estava preparado para ajudar-nos num momento de necessidade.

Nos dias seguintes, refleti bastante sobre o menino. Ele mostrara-se tão prestimoso, alegre e disposto a compartilhar sua luz. Seu modo de agir representa para mim, a mensagem fundamental do evangelho de Jesus Cristo e o lema da Sociedade de Socorro: "A caridade nunca falha." Primeiro, porque nosso amiguinho estava preparado. Ele e seus familiares dispunham de uma fonte de luz para aclarar a escuridão quando a fonte principal falhou temporariamente.

Todos nós deveríamos levar a sério a recomendação de nos prepararmos. Lembrem-se da parábola das dez virgens, que "tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do esposo.

"E cinco delas eram prudentes e cinco loucas.

"As loucas, tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo.

"Mas as prudentes levaram azeite em suas vasilhas, com as suas lâmpadas." Chegando o esposo, estavam preparadas e "entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta". (Mat. 25:1-10.)

Devemos ter a sabedoria de nos prepararmos pessoalmente, compreendendo a verdade e vivendo-a integralmente, a fim de sermos discípulos dignos de Cristo. Então, tendo o Senhor como centro de nossa vida, podemos desenvolver as qualidades cristãs que nos tornarão merecedores da exaltação. Ganharemos mais força e maior capacidade de amor; aprimoraremos nossa habilidade de dar amor, para estarmos preparados em momentos de necessidade.

Meu amiguinho também se importou o suficiente para reparar numa necessidade. Ele veio correndo

na escuridão, trazendo uma luz para iluminar nosso caminho. Jesus mandou-nos fazer o mesmo em tocantes parábolas, dizendo:

"Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me;

"Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me." (Mat. 25:35-36.)

Ele deixa claro que devemos importar-nos o bastante para, voluntariamente, preenchermos as necessidades físicas e espirituais dos que nos cercam. Isto é caridade, o início do puro amor de Cristo.

Recentemente, ouvi uma jovem mãe falando numa reunião de ala da Sociedade de Socorro. Contou-nos que estava perdendo a visão e externou seu agradecimento às irmãs que vinham lendo para ela, acompanhando-a quando tinha de sair e a outra irmã que a estava ensinando a tocar piano. Com seus atos de bondade, as irmãs da Sociedade de Socorro haviam-lhe oferecido de sua luz e procurado minorar seu temor nessa sua dificílima época de transição para um mundo de trevas.

Todos nós temos de enfrentar transições angustiantes e perturbadoras, e que são diferentes para cada um. Doença grave ou incapacidade permanente é uma delas. Ou então a morte de um ente querido; dar-se conta de que talvez não nos casemos nesta vida; divórcio; retorno da missão; casamento sem filhos; casamento do último filho; passar da disciplina militar para a vida civil; passagem do programa das Moças para a Sociedade de Socorro, ou do segundo grau para a faculdade; mudar-se para outra cidade e assim por diante.

Cada uma dessas condições exige certa adaptação e novo ajustamento a uma forma de viver diferente que pode ser desafiadora ou penosa. São tais momentos críticos que tornam velhos padrões de comportamento inadequados ou desapropriados.

É preciso nos prepararmos constantemente para enfrentar novos desafios e ajudarmos com disposição e alegria nosso próximo em suas horas de necessidade. A Sociedade de Socorro deve ser uma luz para as irmãs nessas fases de transição. As oficiais, professoras e membros devem preocupar-se sistematicamente com as pressões e problemas que nossas irmãs enfrentam.

Uma irmã que ficara viúva havia pouco tempo e que sempre obtivera satisfação auxiliando os outros, achou muito difícil pedir ajuda. Todavia, forçou-se sabiamente a fazê-lo, porque achava que, agindo assim, poderia ser útil para os outros. Além disso, tinha fé suficiente para saber que, reconquistando sua autosuficiência, poderia voltar a ajudar seu próximo.

A moça que sai da vida totalmente disciplinada de missionária, continua motivada a converter o mundo. Porém, conforme disse: "Preciso aprender a encarar a realidade e estabelecer prioridades neste meu novo meio-ambiente, ainda que me sinta pouco à vontade nadando ou namorando, ou até mesmo lendo um romance."

Numa conferência para membros solteiros da Igreja, uma irmã falou-me da terrível realidade de seu recente divórcio, depois de vinte anos de casada. "Ninguém sabe a coragem que significa para mim simplesmente entrar naquele salão cheio de pessoas não casadas, sabendo que

agora faço parte delas. Não consigo nem descrever quão duro é."

Será que conseguimos realmente entender o sofrimento alheio? Provavelmente não, mas aprendemos algumas coisas importantes a respeito de transições penosas que podem ajudar-nos a entender melhor o próprio "eu" ou nosso semelhante nessas horas difíceis:

1. Uma transição pode significar uma oportunidade de desenvolvimento espiritual, físico, intelectual e psicológico — ou então tornar-se uma época de séria deterioração. O caminho é novo e muitas vezes difícil. Fazer da transição uma época de desenvolvimento requer bastante coragem e às vezes o apoio de outras pessoas.

2. Nossa capacidade de ajustamento em épocas de transição não é afetada tanto pelas eventuais experiências traumáticas da infância, como pela qualidade de nossas relações duradouras com outras pessoas. Relacionamentos positivos, amparadores e contínuos são um valioso apoio nas horas difíceis da vida.

3. Não é a transição em si que representa o aspecto mais importante num ajustamento, mas sim as condições da pessoa na época dessa transição. Cada um reagirá diferente, porque as pessoas são diferentes, ainda que a crise possa parecer idêntica.

4. Uma época de transição implica freqüentemente em certa desorganização, mas a adaptação se dá com maior rapidez e segurança, quando existe um apoio firme dos amigos e companheiros.

Começam a compreender agora a importância da fraternidade na Sociedade de Socorro? Sólidas amizades e fé possibilitam transições positivas. Elas estavam presentes quando a viúva pediu ajuda, a irmã di-



vorciada foi animada, a ex-missionária adaptou-se ao novo modo de vida, a jovem mãe ajustou-se à iminente cegueira.

Quando começamos a entender as inúmeras transições que podem afetar nossa vida, reconhecemos igualmente que elas possivelmente se intensificarão e aumentarão em número com as mudanças de nossa sociedade tão complexa.

O que podemos fazer como membros da Sociedade de Socorro?

Talvez precisemos preencher o lugar da família para muitas mulheres — ser parte daquele círculo seguro de amizades duradouras tão necessárias para fornecer apoio, quando a força da própria pessoa está fraca.

Podemos intensificar nossa sensibilidade para com as necessidades de nosso próximo, aumentando, assim, nossa capacidade de servir. E talvez haja necessidade de pormos um pouco de lado outras preocupações menos merecedoras de nossa atenção.

Podemos desenvolver atitudes de amor e atenção, lembrando-nos de nosso compromisso cristão de perdoar, de bondade e gentileza. Podemos promover boa vontade entre o povo que anunciou o nascimento do Salvador e incentivar um apelo profundamente pessoal ao Pai Celeste, rogando paz e força em face da adversidade.

Contudo, até mesmo uma boa vontade sem limites é capaz de fazer-nos atingir todas as irmãs, assegurando que nenhuma delas seja esquecida. Para isso é preciso um programa, e este nós o temos. É isto o objetivo fundamental da Sociedade de Socorro. Por ocasião de uma das primeiras reuniões da Sociedade de Socorro de Nauvoo, Lucy Mack Smith afirmou: "Esta é uma boa instituição... Precisamos querer bem uma à outra, velar uma pela outra, confortar-nos mutuamente e obter instrução." (Minutes of the Female Relief Society of Nauvoo, 17 de março de 1842, em *History of Relief Society 1842-1966*, publicado pela junta Geral da Sociedade de Socorro, 1966, p. 20.)

O programa da Sociedade de Socorro pode ajudar-nos até mesmo a preencher necessidades cuja existência desconhecemos. Eu soube de uma professora visitante que, numa atitude de carinho, enviou um cartão de Natal às irmãs que visitava. Comparecendo à reunião de preparação, a líder das professoras visitantes pediu que mandassem um cartão de Natal a todas as irmãs que visitam, incluindo uma nota pessoal.

A professora visitante ficou perplexa. Ela já havia enviado os cartões, porém sem a mensagem pessoal. Depois de arrazoar consigo mesma, finalmente resolveu mandar outro cartão, desta vez com a mensagem pessoal.

Ao fazer suas visitas de janeiro, foi primeiro à casa de uma irmã inativa. Entrando na sala, reparou que todos os enfeites de Natal já haviam sido retirados — exceto um cartão que continuava exposto sobre uma pequena mesa — o seu cartão com a mensagem. A irmã explicou que deixara o cartão ali para mostrar aos amigos não-membros que os membros da Igreja realmente andam a segunda milha. Disse que já falara nisso antes, mas que agora tinha uma prova tangível para mostrar-lhes.

No mês seguinte, a casa estava arrumada, os móveis espanados, mas

o cartão continuava lá. No outro mês, a mesma coisa — e também no outro e mais outro.

A professora visitante não se dera conta de que aquela irmã inativa precisava de uma manifestação positiva de interesse. Aprendeu ainda a importância de até mesmo pequeninos atos de bondade.

No desempenho de um chamado da Sociedade de Socorro, as irmãs aprofundam sua compreensão dos semelhantes. Aprendem a importar-se, talvez ajudando outra irmã na difícil transição da inatividade para a participação plena. Todo cargo na Sociedade de Socorro deve ajudar uma irmã não apenas a servir, como também a crescer — a progredir nas metas que estabeleceu para sua vida, a fortalecer-se, fortalecer sua família e relações sociais ao desenvolver seus atributos divinos. Toda aula a que comparece na Sociedade de Socorro deveria ajudá-la a compreender um princípio do evangelho — sua essência, sua aplicação na vida e como poderá servir melhor o próximo por causa dele.

Uma miniclasse de economia doméstica deve ir além do ensino de uma técnica. Precisa gerar atitudes de abnegação no emprego proveitoso dessa técnica.

A grande preocupação da Sociedade de Socorro hoje é alcançar toda jovem na fase em que ela assume o trabalho mais importante de sua vida, e ajudá-la a entender as oportunidades sem limites da mulher na Igreja. Ao liderarem e servirem essas jovens irmãs da Sociedade de Socorro, não subestimem sua capacidade, dotes, desejo e disposição para compartilhar as responsabilidades da Sociedade. Sua maturidade física é muitas vezes ultrapassada pela preparação espiritual e a força e acuidade de sua percepção intelectual. Incluam-nas. Ensinem-nas. Aprendam delas.

E vocês, jovens irmãs da Sociedade de Socorro, nós bem sabemos que a Sociedade de Socorro é mais forte por causa de suas contribuições. Estão igualmente dispostas a permitir que a Sociedade de Socorro lhes ensine a enfrentar os desafios da idade adulta com mais confiança e visão?

Agora, não nos esqueçamos da transição para a terceira idade. As estatísticas mostram que aumentará ainda mais o número de mulheres viúvas. Grande parte das mulheres alcançará uma idade que seria extraordinária uma geração atrás. A terceira idade pode ser uma época de compensadoras realizações, ou então de frustração.

Meu coração confrangeu-se, quando me contaram que certa presidente de Sociedade de Socorro chamou a filha de uma irmã idosa e lhe disse: "Sua mãe prestou longos anos de serviço em nossa ala. Mas agora está idosa e se quiser que freqüente as reuniões e encontros sociais, deve encarregar-se de trazê-la. Nós não poderemos fazê-lo."

A conduta da Sociedade de Socorro para as irmãs idosas iguais a ela, deve levar em conta as deficiências físicas que muitas vezes acompanham o processo de envelhecimento, e decidir como contorná-las. Devemos ajudar essas irmãs com alegria e bom ânimo. A solidão que

sentem pode ser tão debilitante quanto a doença, e seu isolamento parecer uma prisão da qual não há como escapar. Muitas irmãs idosas acham que já não valem mais grande coisa ou que atrapalham. Temos a responsalidade de incluí-las e maior oportunidade ainda de aprender com elas.

A Sociedade de Socorro dispõe de uma prática rede de comunição que impede que irmã alguma, jovem ou idosa, seja negligenciada ou esquecida. Professoras visitantes, eu lhes imploro que levem o espírito da Sociedade de Socorro a cada lar que visitem. Cuidem das irmãs que estão sós. Estejam ao pé da cama das doentes. Compartilhem a luz do evangelho neste mundo tão sombrio.

Dizia o poeta escocês James Thomson: "Luz! Manto resplendente da natureza; sem ela toda beleza estaria envolta em sombras." (*The New Dictionary of Thought* orig. comp. por Tryon Edwards, D.D., USA: Standard Book Co., 1961, p. 363.)

Ajudem a dispersar as sombras. Espalhem a luz da verdade. Façam-no com seus sentidos, com sua razão e, acima de tudo, por meio do Espírito. Não importa quem são ou o que atualmente fazem com sua vida. A luz da verdade está esperando ser descoberta e, depois de descoberta, esperando iluminar a vida de cada filho de Deus.

Em épocas de transição e, muitas vezes, de grande transformação social as pessoas tendem a deixar-se paralisar pelo desânimo, em vez de procurar a iluminação do Espírito. É por isso que precisam de nós e que lhe levemos a luz do evangelho. Isto deve ser a resolução do coração de toda irmã.

Na peça *Winterset,* o personagem Mio diz: "Cheguei aqui buscando luz na escuridão, fugindo do alvorecer e tropecei na manhã." Quero que todas vocês se preparem e dêem de sua luz, mesmo nas horas mais negras de sua vida, para que igualmente tropecem numa linda manhã. Lembrem-se do convênio que fizeram no batismo conforme está exposto em Mosiah, quando Alma indaga se estamos dispostos a carregar mutuamente o peso de nossas cargas, para que sejam aliviadas; e estamos dispostos a chorar com os que choram; confortar os que necessitam de conforto e servir de testemunhas de Deus em qualquer tempo, em todas as coisas e em qualquer lugar. (Ver Mosiah 18:8-9.)

Esta passagem ilustra maravilhosamente o papel que devemos assumir como mulheres na Igreja e como irmãs na Sociedade de Socorro que se ajudam mutuamente nas épocas de transição, pois fala do compromisso de dar-se compassivamente, compreender com simpatia e interesse genuíno.

Que tenhamos a sabedoria de fazer nossa luz brilhar e nosso amor expandir-se até que nós próprias sejamos iluminadas e acalentadas pela caridade que nunca falha, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

Uma Oportunidade de Aprendizagem Constante



Shirley W. Thomas
Segunda conselheira na presidência geral da Sociedade de Socorro.

"Os cursos da Sociedade de Socorro contêm princípios do evangelho que os tornam significativos para nosso esforço diário em seguir o Salvador."

O pequeno Estêvão estava para iniciar a terceira série do primeiro grau. Não era tão alto quanto os outros garotos e quando a mãe ia dobrar a barra das calças novas, ele pediu que deixasse uma bainha de uns doze centímetros, "porque", dizia, "vou crescer muito este ano".

Talvez nós não estejamos tão preocupadas quanto ele em somar centímetros a nossa altura, mas será que pensamos no futuro e decidimos deliberadamente o quanto vamos progredir nos próximos meses?

Certo líder dos primórdios da Igreja asseverou que "neste mundo de mundanças em que nos é requerido avançar, temos de incrementar nossa inteligência. Não existe parada para um homem (ou mulher) de Deus". (Orson Hyde, *Journal of Doscourses* 7:151.) Em vista dessa necessidade, somos gratas ao pai amante que nos deu na Sociedade de Socorro, um programa de aprendizagem contínua.

Nossos cursos beneficiam toda mulher SUD. No primeiro domingo, temos que Viver Espiritual e no segundo, Educação Maternal. Pode parecer estranho que quase a quarta parte de nossas aulas sejam dedicadas à Educação Maternal, quando nem todas as mulheres da Sociedade de Socorro têm filhos.

Na Igreja, as mulheres estão familiarizadas com os termos *patriarca* e *ordem patriarcal*. Nós os associamos às coisas eternas e ao trabalho do sacerdócio em nosso lar e na Igreja. Mas não falamos muito de matriarcas; preferimos chamá-las de mães. A mãe é a companheira do patriarca de um lar. Desempenhar as funções de mãe é igualmente um trabalho eterno, fundamental. Diz respeito a dar vida e amor, e precisa ser aprendido em grande parte.

Algumas estudantes universitárias aprenderam-no visitando semanalmente, como membros da Sociedade de Socorro, irmãs idosas numa casa de repouso local. Nas primeiras semanas, encontraram muitas das mulheres num estado resignado, até mesmo letárgico. Tinham praticamente desistido de fazer alguma coisa com sua vida; estavam simplesmente esperando o fim. As moças, porém, prosseguiram com as visitas, algumas apresentando curtos programas de música, outras lendo ou ajudando-as a escrever cartas. Pau-

latinamente, as mulheres começaram a aguardar essas visitas semanais e depois, um pouco da vitalidade dessas jovens irmãs da Sociedade de Socorro parecia permanecer com elas durante a semana. As moças procuravam incentivar qualquer centelha de interesse. Quando descobriram que muitas delas sabiam fazer acolchoados, providenciaram o necessário material e equipamento. Em pouco tempo, tinham terminado um acolchoado e estavam prontas para começar o segundo. Algumas escolheram outros projetos trazidos pelas moças. A história continua — essas universitárias deram nova vida e amor; foram "mães" para essas irmãs idosas.

As aulas de Educação Maternal não tratam do processo físico de dar vida, mas ensinam a desenvolver qualidades capazes de ajudar cada filho de Deus a viver na luz. Como focalizamos princípios do evangelho e adaptamos as lições às necessidades presentes das irmãs, o curso de Educação Maternal é não somente apropriado, mas enriquecedor para todos os membros da Sociedade de Socorro.

Em Moisés 4:26, lemos que Adão chamou sua mulher de Eva, porque era a mãe de todos os viventes. Nós somos todas filhas de Eva. Lembro-me de uma irmã que exerce um cargo de muita responsabilidade na Sociedade de Socorro. Embora sendo solteira e sem filhos, ela faz um importante trabalho tocando o intelecto bem como o coração dos jovens; aproveita plenamente seus talentos e conhecimentos; dá amor e luz à vida de seus semelhantes. Acredito que seu papel é dirigido e aceito pelo Senhor exatamente como o de minha vizinha, mãe de oito filhos. As funções maternais diferem e podem assumir outras dimensões, mas todas nós podemos aprender a aplicar os princípios relacionados à maternidade.

A jovem mãe obrigada a cuidar constantemente das necessidades de seus filhos e ao mesmo tempo servir de exemplo para estes pautarem sua vida tem uma responsabilidade capaz de desafiar até mesmo as mais capazes. Ela tem de aprender e praticar paciência, ensinar e persuadir com amor, corrigir sem coagir; em suma, desenvolver todos os atributos maternais.

Porém, todas nós precisamos aprender e conservar essas qualidades, pois, como Eva, estaremos sempre exercendo o chamado de mãe.

As aulas de Relações Sociais, Refinamento Cultural e Administração do Lar, contêm princípios do evangelho que as tornam significativas para nosso esforço diário em seguir o Salvador. Nossas aulas têm-nos ajudado a aprimorar nossos conhecimentos de artes e povos, reforçando com isso o apreço por nossa Igreja de âmbito mundial.

O reforço positivo é igualmente efetivo em nossos relacionamentos de supervisão. Por exemplo, o encontro mensal de cada professora com a conselheira educacional da ala ajudá-la-á a aprender com as aulas. Esse contato pessoal será muito produtivo, se os comentários da conselheira educacional sobre as aulas forem positivos e específicos.

A professora quase sempre sabe o que foi mau numa aula, e embora possa querer falar a respeito, provavelmente não há necessidade de chamar sua atenção para os pontos negativos. Por outro lado, talvez não se dê conta das partes mais efetivas e ficaria grata com um elogio; entretanto, se a professora é simplesmente elogiada por uma aula bonita ou maravilhosa, pode não perceber quais foram os aspectos positivos e assim reforçar seus pontos fortes. Se a conselheira educacional, porém, aprende a prestar atenção a elementos específicos, tal como uma introdução interessante, a habilidade em tratar os comentários em classe, ela será capaz de ajudar a professora com reforços positivos.

Finalmente, as oportunidades de aprendizagem na Sociedade de Socorro serão produtivas na vida das irmãs, à medida que o aprender e ensinar se processe pelo Espírito. Gostaria de falar-lhes de uma irmã que me ajudou a apreciar o ensino pelo Espírito.

Era uma mulher idosa, uma das numerosas imigrantes que não conseguira ir além de Nova Iorque em seu caminho para Sião. Não tivera grandes oportunidades de estudo e estava encontrando dificuldades em se adaptar a uma nova cultura. Estávamos só as duas, certa noite, em nosso departamento da reunião de liderança da estaca.

A líder da junta da estaca pediu-nos que descrevêsemos como costumávamos preparar nossas aulas. Como eu era professora formada, sabia alguma coisa sobre plano e objetivos de aula; mas essa encantadora irmã falou hesitante, num idioma ainda novo para ela, de como estudava a lição e depois se ajoelhava para perguntar ao Senhor o que deveria ressaltar para as irmãs da ala, e acrescentou: "Ele sempre me dirige." Ouvindo-a falar e sentindo a docilidade de seu espírito, soube com certeza que era assim, pois ela me ensinou o que eu precisava aprender. Embora se tenham passado muitos anos desde aquela noite em Nova Iorque, jamais esqueci essa irmã e sua mensagem.

Continuando a aprender guiadas pelo Espírito do Senhor, nós nos preparamos para sua vinda. O Senhor declarou que, quando vier de novo, ninguém terá de dizer ao seu vizinho que ele é o Cristo, pois todos o saberão. Que possamos crescer em conhecimento e inteligência, e estar preparadas para esse glorioso evento, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.



A Sociedade de Socorro no Bem-estar



Marian R. Boyer

Primeira conselheira na presidência geral da Sociedade de Socorro.

"Por toda parte existem pessoas necessitadas: refugiados, desabrigados, idosos, desempregados, doentes, aflitos, pobres de espírito com problemas pessoais."

Desde sua fundação, a Sociedade de Socorro tem a ver com o bem-estar, pois já em sua primeira reunião, o Profeta Joseph Smith admoestava as irmãs a *procurar* os carentes e *cuidar* de suas necessidades.

Todo o ânimo com que aceitaram essa responsabilidade está ilustrado num relatório do "Comitê de Necessidades" de Nauvoo, datado de 5 de agosto de 1843:

"A Irmã Jones, Irmã Mecham e eu visitamos nossa ala — fomos de casa em casa, *encontramos* muitos doentes... *Encontramos* a Irmã Miller, uma senhora de idade, doente sem cama, cobertores, roupa de cama, nem muda de roupa. *Encontramos* a Irmã Broomley gravemente enferma, sem nada para comer." (Amy Brown Lyman, comp., Atas da Junta Geral da Sociedade de Socorro, 1842-1892, p. 72.)

Uma a uma, as irmãs se levantaram e ofereceram as doações necessárias. A Irmã Woolley doou "uma jarda de musselina fina, uma anágua de flanela..., 60 centavos...", a Irmã German, "um conjunto de roupas (para) a velha (Irmã) Miller". (Ibid)

A Irmã Ellen Douglas, viúva ainda jovem com vários filhos, permitiu-nos um vislumbre das ministrações da Sociedade de Socorro naqueles tempos, numa carta a seus pais residentes na Inglaterra, datada de 14 de abril de 1844:

"Fiquei muito doente... Às vezes pensava que ia morrer e me lembrava de minhas pobres crianças. Orei que pudesse viver em benefício delas. Não orei sozinha, pois muitos de meus irmãos e irmãs oraram comigo, e nossas preces foram atendidas." (Kate B. Carter, comp., *Our Pioneer Heritage*, Salt Lake City: Daughters of Utah Pioneers, 1960, 3: 159.)

Depois de recuperada, a Irmã Douglas visitou uma amiga que lhe sugeriu "solicitar à Sociedade de Socorro algumas roupas de que necessitava para mim e minha família... Concordei (relutantemente) e fomos procurar uma das irmãs (da Sociedade)... Contei-lhe que, enquanto eu estava doente, meus filhos acabaram com suas roupas, porque não tinha condições de remendá-las; ela disse que faria o que pudesse por mim... Em poucos dias... trouxeram uma carroça e deram-me tantos presentes como jamais recebi no mundo inteiro". (Ibid)

No Vale do Lago Salgado, as irmãs continuaram suas ministrações

— às vezes dramáticas — conforme a Irmã Lucy Meserve Smith, esposa do Élder George A. Smith, recorda em suas reminiscências. O Presidente Brigham Young teve notícias da aproximação de uma companhia de carros de mão, enquanto dirigia a conferência de outubro no velho Tabernáculo. Diz ela:

"O Presidente Young e outros ficaram tão animados e ansiosos, com medo de que aquelas companhias ficassem presas na neve nas montanhas, que não conseguiram prosseguir com a conferência. O presidente pediu homens, parelhas de animais, roupas e provisões... As irmãs desfizeram-se de suas anáguas, meias e tudo o que pudessem dispensar, ali mesmo... e as empilharam nos carrocões que iam socorrer os santos nas montanhas." (Reminiscences of Lucy Meserve Smith, MS, 1886; Historical Department, The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, Salt Lake City.)

Outros tempos e condições diferentes na Igreja criaram outros desafios e reações, e *novas* fronteiras para a Sociedade de Socorro na obra do bem-estar. *Hoje é um desses tempos.*

Continuamos tendo pobres entre nós. Há refugiados, pessoas sem lar, um número crescente de idosos. Existem os desempregados, doentes, aflitos, os pobres de espírito, pessoas com problemas pessoais e fardos que os acabrunham. Mesmo em nossa sociedade urbana, mais e mais pessoas vêm sofrendo com a sensação de isolamento. Não existe mal social que nos não haja afetado de alguma forma, criando a necessidade de socorro e prevenção.

Então qual é ou deveria ser a resposta da Sociedade de Socorro como organização? Como sua liderança? Como seus membros?

Ainda que os problemas de hoje sejam enormes, dispomos de excelentes recursos para resolvê-los. Além do milhão e meio de mulheres que tem como membros — e que é seu maior patrimônio — a organização em si é um dos mais importantes recursos de bem-estar da Igreja. *Primeiro*, porque seus principais objetivos sempre estiveram voltados para o bem-estar. *Segundo*, porque ensina em seus cursos princípios de bem-estar e permite às irmãs oportunidades de pô-los em prática, treinando-as, assim, na preparação pessoal e familiar, nas responsabilidades para com os filhos e na administração doméstica. *Terceiro*, porque é através de sua estruturação que se realiza o programa prescrito de bem-estar da Igreja. *Quarto*, porque é um meio rápido e efetivo de fornecer voluntárias para os serviços de bem-estar.

Só para ilustrar, após o colapso do governo sul-vietnamita em 1975, muitos refugiados foram enviados aos Estados Unidos.

"Assim que o primeiro grupo chegou à base militar em São Francisco (Presidio Army Base), as irmãs da Sociedade de Socorro daquela região foram convocadas durante a noite para irem à base e ajudarem a dar banho, vestir e alimentar as crianças. As irmãs começaram a chegar às 4 horas da madrugada e trabalharam o dia inteiro, aplicando vacinas." (*Cursos de Estudo da Sociedade de Socorro 1980-1981*, p.42.) Essas irmãs trataram de infecções, confortando e cuidando dessas crianças desamparadas.

Como organização, a Sociedade de Socorro fornece uma rede de co-

municação que permite contatar rapidamente *todas* as irmãs em épocas de desastre. Por ocasião do rompimento da barragem da Represa Teton, em Idaho, 1976, o pedido de voluntárias partiu das presidentes de Sociedade de Socorro das estacas da área para as presidentes de ala, passando destas para as líderes de professoras visitantes, e destas para as irmãs. Assim, em pouco tempo, foi possível recrutar o auxílio necessário.

Quando a presidente da Sociedade de Socorro e suas conselheiras participam das reuniões do comitê de serviços de bem-estar e fazem sugestões significativas, quando observam as necessidades dos membros e levam essas informações às citadas reuniões, quando ajudam na aplicação prática das providências desses comitês, elas *estão* concretizando os objetivos assistenciais da Sociedade. A presidente de Sociedade de Socorro de ala, que, a pedido do bispo, visita uma família para avaliar suas necessidades, *está* ministrando aos necessitados. A presidente que solicita às professoras visitantes que procurem os pobres e necessitados, *está* seguindo as instruções do Profeta.

Freqüentemente, certas necessidades permanecem ocultas por não serem facilmente observáveis. Por isso, as presidentes de Sociedade de Socorro devem ensinar às professoras visitantes como reconhecer sinais de depressão, solidão e carências físicas.

Uma dupla de professoras visitantes perspicazes visitou a família de um dentista recém-formado. Com muito sacrifício e trabalho, eles haviam vencido os duros anos de estudo do chefe da casa. Durante a visita, as irmãs observaram o solado totalmente gasto do calçado das crianças. O fato foi comunicado confidencialmente à presidente da Sociedade de Socorro, e o casal foi persuadido a aceitar uma pequena ajuda, até que o marido começasse a ganhar o bastante para manter adequadamente a família.

De todas as maneiras que a Sociedade de Socorro promove a causa do bem-estar, a mais proveitosa é ajudar as irmãs, *individualmente*, a prever e satisfazer suas *próprias* necessidades, pois é muito mais fácil resolver problemas de bem-estar *antes* de se tornarem problemas. Por isso, quando as irmãs, como membros individuais, colocam em prática no cotidiano os princípios de bem-estar, estão reduzindo *pessoalmente* os problemas do mundo. Quando aumentarem seu armazenamento doméstico, particularmente com produtos feitos por suas próprias mãos, na horta e no pomar, com suas agulhas ou na cozinha, estão satisfazendo da melhor maneira as necessidades de bem-estar. Quando se empenham em prevenir doenças, fornecer uma alimentação sadia e praticar uma boa administração financeira, o sistema de bem-estar *está* funcionando como deve. Quando ensinam seus filhos a trabalhar — quando vocês, como membros, e seus filhos se instruem e se dedicam a uma profissão apropriada — os problemas futuros serão evitados.

O apoio e força emocional que as irmãs da Sociedade de Socorro podem dar umas às outras é tão importante ou mais ainda, do que alimento e abrigo. Recentemente o marido de uma irmã perdeu o emprego. Falando do caso, ela disse que a família estava mais ou menos preparada

financeiramente, pois dispunha de armazenamento doméstico e algum dinheiro. Contudo, *não* estava preparada para o choque emocional do desemprego. A irmã contou que a maior ajuda individual que a família recebeu para ajudá-la a superar o trauma dessa experiência foi o carinho e simpatia demonstrados pelas irmãs da Sociedade de Socorro.

Numa das lições passadas de Viver Espiritual é-nos dito: "O receio de não termos bastante energia, dinheiro ou outros meios pode impedir-nos de dar amor." Talvez pensemos: "Não podemos alimentar todos os famintos, alojar todos os destituídos, nem confortar todos os que sofrem... portanto não ajudo ninguém." (Ibid.) Alma, porém nos diz que "é por meio das coisas pequenas e simples que as grandes se realizarão". (Alma 37:6.)

Cem cruzeiros dados como oferta de bem-estar ou de jejum, um dia de trabalho voluntário, uma visita (mesmo que seja sem uma forma de pão), multiplicados por um milhão e meio de membros consegue aliviar muito sofrimento.

Assim, embora hoje as fronteiras das necessidades de bem-estar sejam bastante diversas das de 1842, mesmo que parecidas, o desafio da Sociedade de Socorro continua o mesmo: *Buscar* os pobres, *satisfazer* suas necessidades, *prevenir* problemas aprendendo, ensinando, praticando os princípios de bem-estar. O Senhor falou claramente, quando disse a Joseph Smith:

"E em todas as coisas lembrai-vos dos pobres e necessitados, dos doentes e aflitos, pois aquele que não faz essas coisas, o mesmo não é meu discípulo. "(D&C 52:40.)

Em nome de Jesus Cristo. Amém.

O Lugar Honroso da Mulher



Ezra Taft Benson
Presidente do Quorum dos Doze Apóstolos

"Nenhuma realização transcende a edificação do caráter de um filho ou filha de Deus."

Esta é um visão inspiradora e gloriosa. Estou sumamente honrado e enaltecido de estar em vossa presença.

Falo-vos esta noite não necessariamente como membros da grande organização da Sociedade de Socorro, mas como mulheres escolhidas — filhas de nosso Pai Celeste.

Em abril deste ano, tive o privilégio de falar aos irmãos do sacerdócio a respeito da responsabilidade paterna. Hoje vos falo, irmãs, sobre o lugar honroso da mulher no plano eterno de nosso Pai Celestial.

Bons princípios e verdades eternas precisam ser repetidos freqüentemente, a fim de que nos não esqueçamos de aplicá-los nem nos deixemos dissuadir de fazê-lo por outros argumentos.

O mundo está crescendo em iniqüidade. As tentações são piores do que jamais foram em nossa memória. Em face dessas condições — e elas ainda vão piorar — disse o Presidente Spencer W. Kimball,

dirigindo-se aos representantes regionais:

"As líderes e professoras da Sociedade de Socorro devem perguntar: como podemos ajudar a esposa e mãe a compreender a dignidade e o valor de seu papel no processo divino da maternidade? Como podemos ajudá-la a tornar seu lar um local de amor e aprendizado, um lugar de refúgio e refinamento?" (A Liahona, outubro de 1978 pp. 167-68.)

Devemos ter sempre em mente que o desígnio de Satanás é frustrar o plano eterno de Deus. Seu plano é destruir a juventude da Igreja — a "nova geração" como a chama o Livro de Mórmon (vide Alma 5:49) — e destruir a unidade familiar.

No princípio, Deus colocou a mulher como companheira do sacerdócio, dizendo "que não era bom que o homem estivesse só; por conseguinte, lhe daria uma adjutora própria para ele". (Moisés 3:18.)

A mulher foi dada ao homem como adjutora. Esta relação complementar é idealmente ilustrada pelo casamento eterno de nossos primeiros pais — Adão e Eva. Eles trabalhavam juntos; tiveram filhos juntos; oravam juntos, e juntos ensinaram o evangelho aos filhos. Este é o modelo que Deus gostaria de que fosse imitado por todos os homens e mulheres justos.

A função e o papel da mulher foram prescritos nos conselhos celestes antes da criação do mundo. Vós fostes eleitas por Deus para ser esposas e mães em Sião. A exaltação no reino celestial está condicionada a vossa fidelidade nesse chamado.

Desde o princípio, o primordial e mais importante papel da mulher tem sido trazer ao mundo mortal filhos e filhas espirituais de nosso Pai que está nos céus.

Desde o princípio, sua tarefa tem sido ensinar os princípios do evangelho eterno aos seus filhos. Ela tem o dever de proporcionar aos filhos um refúgio de segurança e afeto — não importa a simplicidade de suas condições.

No princípio, Adão foi incumbido de ganhar o pão com o suor de seu rosto — não Eva. Ao contrário do que manda a sabedoria mundana, o lugar da mãe é em casa!

Reconheço que, em nosso meio, existem vozes que gostariam de convencer-vos de que essas verdades não se aplicam às condições de nossos dias. Se lhes derdes ouvidos, elas vos induzirão a abandonar vossa principal obrigação.

Vozes enganadoras apregoam no mundo "estilos de vida alternativos" para a mulher, alegando que certas mulheres têm mais pendor para a vida profissional que para a do casamento e maternidade. Essas pessoas divulgam seu descontentamento através da propaganda de que há outras funções mais emocionantes e compensadoras para a mulher que as de dona-de-casa. Algumas tiveram mesmo a ousadia de sugerir que a Igreja abandonasse "o modelo estereotipado da mulher mórmon". Dizem ainda que convém limitar o número de filhos para se ter mais tempo para os objetivos e realização pessoal.

Dou-me conta de que muitas de vós nem sempre vos encontrais em condições ideais. Sei disso por haver conversado com muitas de vós que

sois obrigadas, por necessidade, a trabalhar e deixar os filhos na guarda de terceiros — embora vosso coração esteja no lar. A vós estendo meu afeto e simpatia por essa atual e, espero, temporária situação, e oro que sejais abençoadas pelo Pai Celeste para compensar essa circunstância não desejada.

Reconheço que algumas irmãs são viúvas ou divorciadas e meu coração está com elas nessas condições. As autoridades oram por vós e sentimos a grande obrigação de fazer com que vossas necessidades sejam satisfeitas. Confiai no Senhor. Estai certas de que ele vos ama e nós também. Resisti à amargura e ao cinismo.

Reconheço igualmente que nem todas as mulheres da Igreja terão oportunidade de casar-se e serem mães na mortalidade. Mas se fordes dignas e perseverardes até o fim, asseguro-vos que recebereis todas as bênçãos de um Pai Celeste bondoso e amante — e repito, *todas* as bênçãos.

As soluções para vós que sois minoria não são as mesmas que para a maioria das mulheres na Igreja que podem e deveriam estar cumprindo sua função de esposa e mãe.

É errado pensar que a mulher deve sair de casa, deixando marido e filhos, a fim de preparar-se profissional e financeiramente para uma eventualidade imprevista. Muitas vezes, temo, até mesmo as mulheres da Igreja usam o mundo como padrão para seu sucesso e autovalorização.

O Presidente Kimball disse certa vez que os santos dos últimos dias necessitam de "um estilo próprio" na maneira de trajar-se. Temos de ter igualmente "um estilo próprio" com respeito ao sucesso e auto-imagem.

Certos santos são induzidos a pensar que mais posses e melhores condições sociais melhorarão sua auto-imagem. Uma boa auto-imagem tem pouco a ver com coisas materiais. Maria, a mãe de nosso Salvador, era de condição muito modesta; ainda assim, conhecia sua responsabilidade e nela se regozijava. Lembrai-vos de sua humilde exclamação, ao encontrar sua prima Isabel: "Porque atentou *na baixeza* de sua serva; pois eis que desde agora todas as gerações me chamarão bem-aventurada." (Lucas 1:48; grifo nosso). Sua força vinha do íntimo, não das coisas materiais.

É uma verdade fundamental que as responsabilidades da maternidade não podem ser delegadas com sucesso. Não, nem para creches, escolas ou babás. Enamoramo-nos com teorias humanas, como a instrução pré-escolar fora do lar para crianças pequenas. Isto não só sobrecarrega ainda mais o orçamento, como afasta as crianças da influência materna.

Muitas vezes a pressão social faz a mãe pensar que deve trabalhar fora para satisfazer as necessidades dos filhos, principalmente na adolescência, quando o fardo financeiro decorrente é demais para o pai. Essa decisão pode ser pouco sensata. É justamente a influência materna durante os anos críticos de formação que modela o caráter básico dos filhos. É no lar que a criança aprende a ter fé, sente o amor, e pelo exemplo da mãe, aprende a escolher a retidão.

A influência e ensinamentos da mãe no lar são vitais — e sua falta é fácil de se observar!

Não quero magoar ninguém, mas todos nós conhecemos casos de famílias SUD ativas que estão tendo dificuldades com os filhos, porque a mãe não está onde deveria estar — em casa.

Uma revista norte-americana divulgou recentemente estes dados alarmantes: "Mais de 14 milhões de crianças, de 6 a 13 anos, têm mães que trabalham fora de casa, e estima-se que um terço delas fica sem supervisão durante grande parte do dia." (*U.S. News and World Report,* 14 de setembro de 1981, p. 42.)

Quando a mãe trabalha fora do lar, muitas vezes surgem problemas com os filhos, e lançam-se as sementes do divórcio. Vós, mães, deveis calcular cuidadosamente o preço antes de decidir-vos a dividir o encargo de ganha-pão com vosso marido. É uma verdade evidente que as crianças precisam muito mais da mãe que de dinheiro.

Dizia o Presidente Joseph F. Smith que "os pais em Sião serão responsáveis pelos atos dos filhos, não apenas até que completem oito anos de idade, mas, se negligenciarem seus deveres paternos, enquanto os filhos estavam sob seu cuidado e orientação, serão eternamente responsáveis." (*Doutrina do Evangelho,* p. 260.)

O Livro de Mórmon conta um dos mais emocionantes sucessos das escrituras falando das mulheres lamanitas que ensinaram o evangelho a seus filhos no lar. Esses dois mil jovens aprenderam a ter fé em Deus junto ao regaço materno. Mais tarde, exibiram grande fé e coragem ao irem para a luta. Seu líder, Helamã, dizia deles: "Sim, eles tinham sido ensinados por suas mães que, se não duvidassem, Deus os livraria." (Alma 56:47.)

Eis a chave — "tinham sido ensinados por suas mães"!

Anos atrás, certo filho escreveu à mãe, indagando como conseguira criar tão bem todos os filhos — todos os dezenove! Ela escreveu em resposta:

"Não me agrada nada escrever sobre como eduquei meus filhos. Penso que não teria utilidade para ninguém saber como eu, que levei uma vida tão retirada por tantos anos, costumava empregar meu tempo e cuidados na criação de meus filhos. Ninguém poderá, sem renunciar literalmente ao mundo, seguir meus métodos; e existem poucos, se é que os há, *dispostos a dedicar inteiramente mais de vinte anos na plenitude da vida à esperança de salvar a alma de seus filhos,* que acham que pode ser salva sem tanta trabalheira; pois este era meu principal intento, por mais inepta e mal sucedida que tenha sido." (Franklin Wilder, *Immortal Mother,* New York: Vantage Press, 1966, p. 43; grifo nosso.)

Essa mãe chamava-se Susannah Wesley, e o filho que lhe escreveu foi John Wesley, teólogo e evangelista inglês, e um dos grandes reformadores. Vinte anos do vigor da mocidade dedicados à esperança de salvar a alma de seus filhos! Tal tarefa exige habilidade, competência, coragem, inteligência e engenhosidade muito acima de qualquer profissão.



Quereis um princípio de sucesso na maternidade? *Arranjai tempo* para ensinar o evangelho e os princípios de sua vivência a vossos filhos, enquanto eles são pequenos. Talvez seja preciso que também "renuncieis ao mundo" e dediqueis "mais de vinte anos na plenitude da vida à esperança de salvar a alma de (vossos) filhos".

Nenhuma realização transcende a edificação do caráter de um filho ou filha de Deus.

Ao preparar estes meus comentários, solicitei a diversas esposas e mães que me enviassem suas sugestões sobre como solucionar os problemas enfrentados pelas mulheres SUD. Gostaria de que ouvísseis essas bem sucedidas donas de casa — mulheres inteligentes, fiéis — que compreendem seu chamado nesta vida.

Diz uma esposa e mãe: "Sinto-me realmente feliz em meu papel de dona-de-casa, esposa e mãe. Minha querida mãe ensinou-me a encontrar prazer nos afazeres domésticos. Sempre senti que minha mãe era feliz como dona-de-casa. Jamais houve menção à liberação da mulher moderna, pois, para nós, uma boa esposa e mãe era a síntese da feminilidade."

Outra escreveu: "Ser esposa e mãe me dá mais prazer que qualquer outra coisa. Gosto realmente de sê-lo." Depois, aconselha as irmãs: "Se não apreciam naturalmente os afazeres domésticos, peçam ao Senhor que as ajude a gostar deles e Ele o fará. Tenham fé no Senhor. Não confiem no braço da carne. Conservem uma perspectiva eterna, particularmente quando acharem que as fraldas e noites sem sono jamais terão fim. Vocês estão fazendo o que

o Senhor quer que façam, e por isso serão abençoadas."

Depois, prossegue: "Tenham orgulho de ser esposa e mãe. Não procurem desculpar-se. Afastem-se das influências que procuram degradar sua função, como as novelas da TV, artigos de revistas, palestras de pretensos entendidos no assunto."

Outra jovem mãe escreveu: "Ser esposa e mãe e criar uma família é minha principal prioridade. Isto é mais importante que um diploma universitário, emprego, desenvolvimento de talentos e outra coisa qualquer! Que outra ocupação na vida poderia ser mais importante do que moldar o caráter de outro ser humano?"

E eis a solução — desta mãe — para os problemas que afligem as irmãs: "A força de uma boa mulher — uma mulher SUD, se quiserem — é seu testemunho pessoal do Salvador e sua fé nos porta-vozes dele, o profeta e os apóstolos de Jesus Cristo. Seguindo-os, ela terá o semblante de Cristo por beleza, a paz de Cristo para sustê-la emocionalmente, o exemplo do Salvador para resolver seus problemas e fortalecê-la, e o amor de Cristo como fonte de amor a si própria, a sua família e seus semelhantes. Ela estará então segura de si mesma como esposa e mãe, e encontrará alegria e realização em seu papel no lar."

Endosso este bom conselho para todas as irmãs.

Outra irmã encantadora escreveu: "Continue louvando as mães de Sião que tanto se esforçam; e continue amando-nos e orando por nós, pois acreditamos nos conselhos das autoridades gerais e prezamos as suas palavras."

Encorajado por esse pedido e valendo-me das proveitosas sugestões da Irmã Benson, compartilho convosco estas idéias.

Irradiai um espírito de contentamento e alegria com os afazeres domésticos. Com vossa atitude, estareis ensinando pelo exemplo. Vossa atitude dirá a vossos filhos: "Sou apenas dona-de-casa" ou então: "Cuidar do lar é a mais nobre e importante profissão a que a mulher pode aspirar." Dai a vossas filhas oportunidades de desenvolver-se nesse sentido, permitindo-lhes cozinhar, costurar e cuidar do próprio quarto.

Orai diariamente em família. Orando juntos pela manhã e à noite, ensinareis vossos filhos a dependerem do Senhor. Em todo lar, ler as escrituras deveria ser um hábito.

Sob a direção de vosso marido, realizai semanalmente a noite familiar e estudo regular das escrituras, particularmente no dia do Senhor. Santificai o dia do Senhor estudando as escrituras, comparecendo às reuniões e outras atividades apropriadas.

Promovei somente a boa literatura e boa música no lar. Introduzi vossos filhos ao melhor nas artes, música, literatura e entretenimentos.

Dai mais louvor a vossos filhos que repreensões. Louvai até mesmo suas menores realizações. Encarregai os filhos de tarefas regulares. Permiti que participem de projetos familiares na horta, jardim, limpeza etc.

Tornai vosso lar o centro cultural e social da família. Isto inclui piqueniques, reuniões de noite familiar,

programas musicais e jogos ao ar livre. Fazei de vosso lar um local em que os filhos queiram passar suas horas livres.

Incentivai vossos filhos a aconselhar-se convosco, expondo-vos seus problemas e dúvidas, dando-lhes atenção todos os dias. Debatei com eles assuntos importantes como namoro, sexo e outras questões que afetem seu desenvolvimento e progresso, e fazei-o em tempo, para que não recebam tais informações de fontes impróprias.

Tratai vossos filhos com respeito e bondade — exatamente como na presença de visitas. Afinal, eles são mais importantes que quaisquer visitas. Ensinai-lhes a nunca falarem mal dos familiares diante de outros. Sede leais entre vós.

Incuti-lhes o desejo de servir ao próximo. Ensinai-lhes a terem consideração para com os idosos, doentes e pessoas sós. Ajudai-os, desde cedo, a fazerem planos para uma missão, a fim de poderem abençoar os que não conhecem ainda o evangelho.

Guardai-vos da tentação de buscar coisas materiais; da constante mania de querer parecer mais jovens e mundanas; de limitar o tamanho de vossa família, desde que não ponha em perigo a saúde da mãe e do filho; e do egoísmo pessoal que vos privará do prazer de ajudar vossos semelhantes. Todos esses problemas contribuem para a ingratidão, inclemência e instabilidade emocional.

Apoiai, incentivai e fortalecei vosso marido em suas responsabilidades de patriarca do lar. Vós sois a parceira dele. A função da mulher na vida do homem é edificá-lo, ajudá-lo a manter padrões elevados e preparar-se, por meio de uma vida justa, para ser sua rainha por toda a eternidade.

Lar é amor, compreensão, confiança, boa acolhida e senso de pertencer. Se vós, esposas, mães, filhas, cuidais devidamente de vós mesmas, vossos familiares, vossa casa, e fordes unidas como irmãs na Sociedade de Socorro, sereis poupadas de grande parte dos problemas que hoje afligem filhos e pais.

Dizia o Presidente McKay: "O lar é o melhor e mais eficiente local para as crianças aprenderem as lições da vida: verdade, honra, virtude, autodomínio; o valor da educação, do trabalho honesto e o propósito e privilégio da vida. Nada pode preencher a posição do lar na criação e ensino dos filhos, e nenhum outro sucesso pode compensar o fracasso no lar." (*A Liahona,* maio de 1971, p. 22.)

Percebeis agora por que Satanás quer destruir o lar, fazendo a mãe deixar os filhos ao cuidado de outras pessoas? E ele está tendo sucesso em muitos lares.

Protegei vossa família desse perigo, da mesma forma que instintivamente a protegereis de danos físicos.

Tomai como objetivo, familiar, junto com vosso cônjuge, estarem algum dia todos reunidos no reino celestial. Procurai fazer de vosso lar um pedacinho do céu na terra, para que, quando esta vida terminar, possais dizer:

Estamos todos aqui!
Pai, mãe, irmã, irmão
Todos os que se querem bem.
Não falta ninguém —
Estamos todos em casa...
Estamos todos - todos aqui.
(Charles Sprague, *The Writings of Charles Sprague,* New York: Charles S. Francis, 1841, p. 73.)

Reconheço agradecido a devoção, otimismo, fé e lealdade de minha companheira eterna, Flora. Ela tem sido uma constante fonte de discernimento e inspiração para a família. Com sua boa índole, fino senso de humor e interesse por meu trabalho, tornou-se uma companheira agradável, e sua ilimitada paciência e inteligente discernimento fizeram dela uma devotada mãe. Perdendo-se prazerosamente no serviço ao marido e filho, tem demostrado corajosa determinação de magnificar o que sabe ser seu divino e glorioso chamado — ser valorosa esposa e mãe.

Contemplando-vos esta noite, sinto-me induzido a dizer: "Que espíritos escolhidos deveis ser, para serdes escolhidas como esposas e mães em Sião nesta hora crítica!" Sois membros da única verdadeira Igreja de Jesus Cristo na terra, e por meio de vossa fidelidade para com vosso companheiro, podereis vir a ser herdeiras da vida eterna no reino celestial. Esta é a vossa garantia!

Testifico-vos, queridas irmãs, da veracidade e natureza eterna de vosso honroso lugar como mulher.

Que Deus vos abençoe e coroe todas com alegria e felicidade nesta vida e por toda a eternidade. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

VAI MUDAR-SE?

Informe-nos... *antes*

Não deixe de receber sua revista mensal da Igreja quando se mudar.
Para ter certeza de não perder nenhum número de A Liahona, é necessário que nos informe dois (2) meses antes, para que a remessa da revista não seja interrompida.

Para mudar seu endereço

1. Preencha as informações no espaço apropriado.

_____
Nome

_____
Antigo endereço

_____
Bairro Cidade Estado

_____
CEP

2. *Escreva* com clareza seu novo endereço aqui. Obrigado!

_____
Nome

_____
Novo endereço

_____
Bairro Cidade Estado

_____
CEP

NOTA: Se preferir não usar este formulário, dê-nos a informação solicitada numa folha separada.

Envie para —
Caixa Postal, 26023
01000 — São Paulo — SP













